



RUY AFRÂNIO PEIXOTO

IMAGENS IGUAÇUANAS



Do bom
amor go
segredo, oferece
administração e
Pauzinhos Pintos.

IMAGENS IGUAÇUANAS

RUY AFRÂNIO PEIXOTO

Dedicatória

O EXEMPLO DE UM IDEALISTA

Faz muitos anos já. O féretro deixara a Igreja de Santo Antônio onde o padre João, na encomenda, não pudera dizer muito daquele morto quase desconhecido.

Eramos poucos a levá-lo à sua última morada.

De volta do cemitério, contemplei a cidade que se agitava descuidada, indiferente àque-la vida se extinguira. E, no entanto, a terra acabava de cobrir um idealista, um professor anônimo de Nova Iguaçu, um pelejador desinteressado.

Tive ímpetos de ir ao «Correio da Lavou-ra» e publicar, propalando aos quatro ventos, a grande e silenciosa obra daquele Mestre.

Acudiu-me, então, uma frase sua: "É preciso que a obra de um idealista, apesar de grande, seja tão despretenhosa que o traga no esquecimento"...

Sim, Mestre, esta é a verdadeira Glória: desdenhar, no trabalho sadio e desinteressado, a própria Posteridade,

E eu, silenciando para a Glória do idealista que tu foste, dedico-te este livro, Mestre anônimo!

Um trem que parte

LONGE, ainda longe, na curva de Mesquita, já se ouvia o apitar do trem.

Movimentava-se a Estação. Era o "Fumaça" que ia chegar, como já anunciara o sinozinho do Agente.

Garotos, a postos, preparavam seus sacos de laranjas, suas cestinhas de biscoitos, doces de leite e roletes de cana.

As janelas abriam-se curiosas e das chácaras de laranjeiras que se debruçavam até a linha férrea, saíam espectadores ansiosos.

O trem ia chegar...

Se bem que diário, era um acontecimento festivo, contudo, para essa pacata Maxambomba, sem grandes preocupações.

Os trilhos já gargarejavam à aproximação da máquina ofegante, rumorosa, na sua majestade de civilização.

Da rua, onde pacientes burros tropeiros pisoteavam a lama, surgiam, ronceiramente, os retardatários.

O trem esperava...

O ar se impregnava de carvão e a máquina, exalando um ofegante suspiro, parava finalmente.

Começava o movimento.

Fisionomias eufóricas, sorrisos, amabilidades, trocas de cortesias.

Eram conhecidos os que chegavam, porque só os conhecidos chegavam.

Com um plangente apito, que se perdia no eco das serras, partia, vagarosamente, o trem.

E o tempo passou...

* * *

Centenas de pessoas, acotovelando-se, comprimindo-se, esperam, na extensa faixa de cimento, o trem que não tarda.

E ele chega, o elétrico, rápido, como rápido estanca sua imensidão metálica, rangendo nos trilhos suas rodas freadas a ar comprimido.

A um só tempo, mais de uma dezena de portas se abre para uma avalanche humana que se choca com outra comprimida, cá fora, que vai afoguetando, para dentro do trem, homens socoados.

São fisionomias suarentas, cansadas, esgotadas do trabalho.

Empurrões, impropérios, palavrões.

Ainda há centenas de pessoas na estação, enquanto já outras centenas cascadeiam-se pelas escadas, aos atropelos, para se arremessarem aos ônibus e lotações que se agitam, impacientes, no seus motores de explosão.

Uma busina curta, despótica, anuncia, a um tempo, o cerrar das portas e a partida do trem, instantânea, como uma veloz lacraia metálica do progresso.

Progresso...

Ó Nova Iguaçu, porque não ficaste sempre Maxambomba?

Qual o mais antigo Ilustre Iguaquano?

No livro 1.^o tomo 7 fls. 74 da Sé está o seguinte assento:

"7 de junho de 1746 casa-se o Ten-Cel. Martim Corrêa de Sá, filho legítimo de Salvador Corrêa de Sá e de D. Joana Maria de Souza, natural e batizado na freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, com Isabel Corrêa de Sá, filha legítima do Tenente-General Martinho Corrêa de Sá e de D. Teresa de Jesus, natural e batizada na freguesia da Sé."

Através dos registos da Sé e de algumas igrejas organizadas desta primeira metade do século XVIII é que se pode verificar o local de nascimento de diversos indivíduos tidos como nascidos no Rio.

Assim, Martim Corrêa de Sá é dado, nos livros de nossa história, como carioca.

Mas lá está, na Sé, a comprovação...

Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga havia, claro, uma apenas.

Esta Iguaquana.

Reclama-se, pois a origem de um dos indivíduos chamados Martim Corrêa de Sá.

Pois, é em grande parte, a este Martim Corrêa de Sá, iguaquano portanto, que se deve a vitória dos portugueses sobre os franceses de Du Clerc.

Vamos à época:

No dia 19 de setembro de 1710 a expedição francesa do capitão de fragata Jean François Du Clerc penetrou na cidade do Rio de Janeiro.

Conta o Barão do Rio Branco que "possuía o Rio a este tempo 12.000 habitantes e ocupava o espaço compreendido entre o mar, os morros do Castelo e São Bento, e um fôssco, chamado Vala, que ia da lagôa ao campo de Santo Antônio (hoje Largo da Carioca) até a Prainha. Corria este fôssco pelo local onde depois se formou a rua da Vala, hoje rua Uruguaiana. Na extremidade da rua Antônio Vaz Viçoso (depois S. Pedro, a atual Presidente Vargas), mudava a direção para chegar ao mar passando entre o morro de S. Bento e da Conceição. A rua Direita ou da Cruz (hoje 1.^o de Março) era a única que se estendia do Castelo a S. Bento e onde ficava a casa do Governador, em frente à rua do Palácio (hoje rua da Alfândega). As Igrejas do Rosário e de São Domingos e a chácara do Fogo local onde hoje é a rua dos Andradas ficavam fora dos limites da cidade numa planície entrecortada de pântanos e chamado do Campo do Rosário.

O Governador Francisco de Castro Morais tendo guarnecido as fortalezas, esperava o inimigo pelo lado do Campo do Rosário tendo reuni-

do atrás do fôssco 2.000 homens de tropa regular, milicianos, voluntários porém, Du Clerc, tendo desembarcado em Guaratiba com 1.000 homens veio pelo caminho do Destêrro (hoje Evaristo da Veiga) passou junto ao morro do Destêrro (hoje Santa Teresa) seguindo pelo caminho de Mata Cavalos (atual rua do Riachuelo) entrando na cidade sendo canhoneado pela artilharia do forte de São Sebastião, no Castelo. Rumaram em seguida, os franceses, para a casa do Governador onde encontraram uma companhia de estudantes comandada pelo capitão Bento do Amaral Coutinho. Assim que o Governador teve notícias da entrada dos franceses na cidade destacou duas forças uma delas do capitão Francisco Xavier de Castro e que foi comandada pelo Sargento-Mór Martim Corrêa de Sá que segundo assentamento que pode ser visto na Sé, nasceu em Santo Antônio de Jacutinga, portanto iguaquano. Quando Martim Corrêa de Sá chegou a rua Direita (hoje 1.^o de março) encontrou ainda a desesperada resistência dos estudantes e passou a atacar tão vigorosamente os franceses que os mesmos debandaram para a praia refugiando-se no trapiche. Martim Corrêa, avançando, tomou de assalto este trapiche tendo neste combate perdido a vida entre muitos o mestre de campo Gregório de Morais. Depois de renhida luta tendo os franceses 280 mortos entre os quais 11 oficiais, renderam-se em número de 650.

Estava vitorioso o possivelmente mais antigo ilustre iguaquano

Entre os prisioneiros havia 41 oficiais sendo grande parte de origem fidalga. Tivemos 200 feridos e 70 mortos que segundo um relatório de cura da Sé nesta época, incluíam-se "quinze ou desesseis negros, uns que pelejavam, outros que quizeram ver, cuidando que era festa."

Um Romance Iguaçuano

Charles Expilly, publicou em 1863, em Paris, uma obra sobre "Mulheres e Costumes do Brasil" que alcançou sucesso.

Neste livro é contada a história, passada na Vila de Iguaçu, da escrava Calixta, que assim se resume:

No ano de 1855 vivia em Iguaçu, uma família composta de marido, mulher e dois filhos.

Os filhos, José e Casemiro, com 25 e 23 anos impressionaram-se com a extraordinária beleza da escrava Calixta, mulata de 19 anos.

Calixta fôra criada por sua mãe, a preta Constança, com verdadeira revolta ao fazendeiro Soares que lhe prometera e não cumprira dar liberdade à ambas.

Calixta jurou então obter esta liberdade. Finge a cada um dos irmãos os entregar-se à paixão do outro.

Estabelecida a rivalidade declara a ambos que seu amor será de quem lhe der a liberdade. Eles, que nada possuem resolvem que a sorte aponte qual deles deverá vencer Calixta pela força.

Na presença de Calixta, uma moeda de prata favorece a José. A escrava, ardilosa, pede proteção a Casemiro, que deveria descer o rio Iguaçu naquela noite para receber no Rio de Janeiro o pagamento da última colheita de café, planeja uma fuga.

Convida Calixta para segui-lo e, com o dinheiro recebido, faria sua alforria.

A noite, ao caminharem ao rio, na hora da maré alta, são detidos por um tiro de José que os espreitava.

Injuriam-se e atacam-se, os dois irmãos.

Ao tropel, que vem da fazenda, apartam-se, embarcando apressadamente Casemiro.

O Sr. Soares recrimina ásperamente José e manda aplicar à Calixta vinte chibatadas.

Dois dias depois, coecidindo com a chegada de Casemiro, Calixta é vendida a um traficante de negros.

Casemiro e José juntam-se, então, para arrebatam Calixta do Sr. Soares que se vê obrigado a mandar seus escravos subjugar seus filhos rebeldes.

Calixta, vendida, lança um olhar a Casemiro e diz-lhe: — Senhor, não o esquecerei nunca...

A fazenda transforma-se num inferno. O Sr. Soares, já não respeitado pelos filhos passa a se fazer temer pela violência. A Sra. Soares, desesperada com as cenas da Gasa Grande, vai residir com Casemiro na casa de seu pae no Rio de Janeiro.

Antes de embarcar, Casemiro, é visto em longa palestra com a escrava Constança, mãe de Calixta.

Tempos depois uma desgraça acontece na fazenda: o fazendeiro Soares e José morrem envenenados.

Casemiro na posse da herança paterna, como primeiro ato, liberta a escrava Constança e vai à procura do mercador de Calixta. Sabe de sua venda na cidade imperial de S. Paulo. Lá encontra uma família em profunda desolação.

O senhor do engenho e seu filho tinham-se igualmente apaixonado por Calixta!

Este falsificara uma letra do pae, conseguindo o resgate da escrava que seguira para Santos à espera de seu libertador. Casemiro, cego de paixão, ali procura a mulata sabendo então ter Calixta partido para Europa com um negociante luso, por ela loucamente apaixonado.

Constança que em vão esperara a filha, desatinou, repetindo em risos ninistros o nome do velho senhor e de José. Propalou-se, na Vila, que Constança contava terríveis histórias...

A Justiça, alertada pelo clamor público faz uma busca na casa dos Soares e chega para presenciar os sofrimentos de Constança que morre envenenada, acusando Casemiro de a ter impedido ao assassinio de seu pai e irmão.

Aberto o inquerito contra Casemiro a Sra. Soares morre de vergonha.

Sem testemunha para depor contra Casemiro, por que a finada Constança foi dada como uma velha de enfraquecida razão, foi este absolvido.

Liberto, perde Casemiro nesse dia o juízo sendo internado no manicômio de Botafogo do Rio de Janeiro.

A tristeza de um homem Justo

Em 1646 casava-se com D. Brites de Lemos, que recebera como dote de seu pai o engenho de S. Diogo em Marapicu, Agostinho Barbalho Bezerra, filho do antigo governador do Rio de Janeiro Luiz Barbalho Bezerra.

Agostinho dedicou-se desde logo ao cultivo da terra iguaçuana tendo dirigido com sabedoria o engenho de S. Diogo onde era respeitado e querido.

Formou, com outros senhores de engenho do município, uma das mais antigas rodas sociais desta terra.

Era particular amigo dos Correia Vasques senhores de Maxambomba, trocando com eles numerosas visitas.

Gozava de grande prestígio como homem bom e correto que era, bem como seu irmão Jerônimo Barbalho, filhos do grande Luiz Barbalho que, com 170 homens enfrentou 1250 soldados de von Schkoppe, e que se cobriu de glória no assalto à Vila Goiana, dominada pelos holandeses. Este bravo e leal Luiz Barbalho parece ter legado a bravura a Jerônimo e a lealdade a Agostinho.

A coragem de Jerônimo valia por um destacamento. A palavra de Agostinho Barbalho valia por um documento.

Em 1660 era governador da Capitania do Rio de Janeiro, Salvador Correia de Sá e Benevides. Tendo ido a São Paulo, o governador deixou em seu lugar Tomé Correia de Alvarenga, que não gosava de prestígio da Câmara Municipal.

O povo insuflado pela Câmara que não via com bons olhos o governador amigo dos índios, promoveu uma revolução em 8 de novembro de 1660 que teve à frente Jerônimo Barbalho Bezerra, depondo Tomé Correia de Alvarenga.

Para dirigir a cidade precisavam os revoltosos de um homem de prestígio que inspirasse confiança. Lembram-se de Agostinho Barbalho Bezerra, o proprietário de terras iguaçuanas.

Sabedor do fato e por ser amigo de Salvador Correia de Sá e Benevides, Agostinho negou-se a governar a cidade revoltada e, mais ainda, porque os revoltosos pediam a prisão de Martim Correia Vasques, pai do Senhor de engenho de Maxambomba que deu origem a esta cidade.

Agostinho apesar das insistências de seu irmão Jerônimo declarou que não trairia seus amigos.

Tal era o prestígio do nome de Agostinho que os revoltosos compreendendo que a insistente recusa de Agostinho faria falir a revolução, ameaçaram-no de morte se não governasse o Rio de Janeiro.

Agostinho coagido e ao mesmo tempo temendo que fôsse para o governo da cidade algum desmandado, que, entre outras coisas, poderia mandar enforcar o pai do Senhor de Maxambomba, concordou sob condição de ter o apóio do próprio general Salvador Correia de Sá e Benevides.

Logo que pôde mandou a São Paulo um emissário pedindo a Be-

nevides a aprovação de sua governança.

Salvador Correia, que apreciava a lealdade de Agostinho, respondeu que o mesmo estava autorizado a assumir o governo em lugar de Tomé Correia de Alvarenga.

Sabendo a Câmara que o revolucionário governador tinha autorização de Benevides, o que vinha tirar todo prestígio da revolução cuja maior pretensão era desmoralizar o mesmo Benevides, depôs o próprio Agostinho Barbalho em 8 de fevereiro de 1661.

Informado do ocorrido Benevides marcha para o Rio de Janeiro com homens armados e índios, tomando em 10 de abril de 1661 a Torre da Pólvora no Forte de São Sebastião (que ficava no Castelo) e logo depois o Forte Santiago (que ficava onde é hoje o Arsenal de Guerra.)

Foi Benevides auxiliado pelo general Manoel Freire de Andrade que acabava de chegar do Reino com uma esquadra e que, desembarcando infantaria e marinheiros, tomou conta da cidade.

Formou-se então uma junta de guerra constituída pelo governador Benevides, pelo general Manoel Freire de Andrade, pelo imediato Francisco Freire de Andrade, e pelo ouvidor Sebastião Cardoso Sampaio.

Esta junta entre outros atos condenou o capitão Jerônimo Barbalho Bezerra a morrer no pelourinho, sendo a sentença executada no mesmo dia.

Agostinho Barbalho, desgostoso, viajou para as matas do Espírito Santo, nunca mais se tendo notícias.

Anchieta e os Frades Brancos

Machado de Assis e Vieira Fazenda consideraram os "frades Brancos" citados por José de Anchieta como monges cistercienses.

Eis o trecho de Anchieta:

"daquêles 7 ou 8 frades brancos franceses que mandados por Villegaignon, em 1560 ou 1561, fizeram entre os Tamoiros o seu estabelecimento, e ensinaram alguns meninos dos gentios os quais se apresentavam vestidos com os seus hábitos."

Os historiadores franceses, os beneditinos Mabillon e Calmet, de São Mauro, demonstram que era costume dos frades beneditinos vestirem "os meninos do gentio" havendo mesmo uma recomendação da Abadia de Cluny para que "se vestissem os meninos como monges."

Equivocaram-se Machado de Assis e Vieira Fazenda com estes "frades brancos" que se localizaram no rio Iguaçu, próximo à tribo de Jacutinga.

Os "frades de branco" mencionados por José de Anchieta (Cartas Jesuíticas III, Joseph Anchieta) eram os beneditinos, que em regiões tropicais usavam batinas brancas, como ainda hoje as usam no território do Rio Branco.

Não ficou vestígio da visita que José de Anchieta fez ao fundo da Baía de Guanabara, salvo uma lenda popular mageense que se propala com respeito:

Estando orando à Virgem Maria, rogando pelo povo de Magepe (atual Magé) que passava uma época de seca, percebeu Anchieta que seu bastão, no qual se apoiava, afundava-se, rapidamente, na areia surgindo, do furo assim acasionado, um jato de água.

Anchieta, sabedor que aquela região não apresentava água potável, provou-a, verificando ser bebível, caindo em oração de agradecimento à Virgem Maria.

Ainda hoje, em Piedade, próximo a Magé, os populares mostram, com respeito, o poço bento do Padre Anchieta, de água potável, numa região onde toda água é salobra.

A reconstrução de um caminho revitaliza a Vila de Iguaçu

Conrado Jacob Niemeyer foi encarregado da reconstrução do caminho que partindo da "planície de Iguaçu, passava por Santa Ana das Palmeiras, ganhava a serra do Tinguá, e seguia pelo rio Santa Ana, águas acima, em direção de Ubá, internando-se pelas terras situadas entre o Paraíba."

Media este caminho dez léguas de extensão, da Vila de Iguaçu à margem do Paraíba. Seu desenvolvimento na serra do Tinguá era de 6.336 mts. vencendo uma diferença de nível de 704 mts.

No percurso da serra havia um trecho calçado a pedra, na extensão de 1.870 mts. e várias grandes muralhas de extensão. Contavam-se 25 pontes e 44 pontilhões.

A estrada partia da Vila de Iguaçu e alcançava a primeira légua antes da ponte sobre o rio Otum. Seguia mais ou menos, o curso do Otum, cortando os ribeirões Cachoeira de Baixo, Cachoeira Grande, Cachoeira Brava e outros, chegando com três léguas ao alto da serra do Tinguá; atravessava os ribeirões da Grota, Posse, Galinhas, Bastos e cortava o rio S. Pedro mais ou menos nas proximidades do rancho de Antonio Ferrador. Depois de atravessar o Ribeirão do Quilombo, marcavam-se três léguas e meia antes de cortar a serra assinalada com a denominação de Santa Ana. Adiante da ponte sobre o ribeirão das Palmeiras (afluente do Santa Ana) contavam-se quatro léguas. A cerca de dois quilômetros mais ou menos da ponte sobre o Santa Ana, assinalavam-se quatro e meia léguas. Pouco adiante indicavam-se à direita a "travessia para a estrada do Wernick," e, à esquerda, o caminho para Vassouras. Adiante, assinalava-se o "alto da serra da Viúva ou serra Geral", além da qual contavam-se cinco léguas. Atravessava o ribeirão das Pedras Brancas.

Esta estrada fôra construída por sugestão da Real Junta do Comércio.

Coube a Conrado Jacob Niemeyer, ilustre engenheiro, na seção de obras públicas da Província do Rio de Janeiro, a reconstrução das 10 leguas da Estrada do Comércio.

O restabelecimento do Caminho trouxe, a Iguaçu, um rejuvenescimento, temporário, contudo.

Niemeyer, velho engenheiro militar, remodelador das fortalezas da baía de Guanabara, inspetor do grande canal da Pavuna, em terras, iguaçuanas, reconstrutor do Caminho do Comércio, acusado pela política, havia de proporcionar ao iguaçuano Conselheiro Pereira da Silva, belas páginas em sua defesa.

Niemeyer, que se internara, com a família na serra do Tinguá, na construção do caminho havia de dar aos iguaçuanos um ilusório neto: Conrado Jacob Niemeyer Neto — fundador do Clube de Engenharia, construtor da Avenida Niemeyer, construtor da Capela de S. Conrado, no bairro do Rio que hoje tem o seu nome. Um de seus descendentes construiu Brasília.

Um punhado de Bravos

Em 1840, quando Antonio da Silva Caldeira (16 anos antes do visconde de Mauá, inaugurar a primeira Estrada de Ferro no Brasil) pretendeu construir uma linha férrea, propalando nos prospectos da que devia ser a Estrada de Ferro Pedro II: "A Vila Iguaçu, a mais opulenta da Província do Rio de Janeiro, exporta diariamente cinco mil arrobas de café e importa grande quantidade de gêneros para o consumo do país," etc. estava o povo de Iguaçu longe de supor que "a mais opulenta vila da Província" seria, muito em breve, apenas um fantasma no território iguaçuano!

A confiança na Vila era tal que o próprio Pedro II, entusiasta de seu progresso, subscrevia, da projetada Estrada, cem ações de cem mil réis cada uma, verdadeira fortuna, na época!

Mas o tempo passou... E não se concretizou o sonho de Caldeira... Os novos portos de Pilar e Estrêla já dividiam com Iguaçu a produção de Minas que, pela encosta da Serra do Mar, com destino ao Rio, pelo Caminho do Comércio, agigantava, até então, a Vila de Iguaçu!

A 30 de abril de 1854 Irineu Evangelista de Sousa inaugurava a primeira estrada de ferro no Brasil, com seus quatorze quilômetros, suficientes, no entanto, para canalizar a produção mineira...

Glória por o Brasil, golpe de morte para a Vila de Iguaçu!

É chegado setembro de 1855. Os grandes casarões de sobrados, os armazéns alpendrados, o colorido das casas já não são palco do rebuliço, da agitação nervosa, do extonteante comércio de Iguaçu... Tudo é sossego, tudo é tristeza... Tarde de 10 de setembro. O abastado Bento Rodrigues Viana é procurado, às pressas, para assistir um seu escravo que se contorce em dores com os olhos esbugalhados.

De 11 a 24 de setembro, atacados de cólera-morbo, morrem 41 escravos.

Alarma-se a Vila.

Os primeiros socorros são prestados pelos incansáveis drs. Luiz Alves de Sousa Lôbo e João Antonio de Sousa Gomes.

Emissários são mandados, pelas autoridades locais, à capital com pedidos de auxílios. A peste alastra-se. Domina as freguesias de Meriti e Jacutinga.

Nas fazendas de Cachoeira e São Mateus, ambas de propriedade do Visconde de Bomfim, o acadêmico de medicina Luiz de Queiróz Matoso Maia luta, superando suas próprias forças, para debelar o mal!

Em Iguaçu o comércio paraliza-se. Surge a fome! O Governo Imperial remete grande quantidade de víveres que logo se consome.

Chega à Vila de Iguaçu o acadêmico Francisco Portela e três dedicadas irmãs da Congregação do Santíssimo Coração de Maria.

Há lágrimas de dôr por toda parte. O dr. Sousa Lobo transforma em hospital a sua residência!

Chega a Iguaçu o presidente da Junta de Higiene Pública dr. Paula Candido.

Em 15 dias são atendidos trezentos e trinta e oito coléricos, dos quais cento e vinte um vêm a falecer.

O Comendador Sousa Amaral, custeia toda a despesa de enfermagem.

Toda população, comandada pelo presidente da Câmara, Inácio de Sousa Amaral, se movimenta na desinfecção de casas.

O quadro é dantesco!

O farmacêutico Joaquim José Coutinho, abre sua farmácia e distribui, gratuitamente, medicamentos.

Finalmente, pelo trabalho de um punhado de bravos, a peste vai lentamente desaparecendo, mas, com ela, lenta e tristemente, também, desaparece a gloriosa Iguaçu, a "mais opulenta vila da Província do Rio de Janeiro"...

Iguaçu, a Vila mais Próspera

Daniel Kidder, o pastor americano que escreveu o primeiro livro sobre o Brasil aparecido nos E.E. U.U., assim se expressa sobre a Vila de Iguaçu em viagem que fez em 1838:

Os portos principais da baía são Magé, Piedade, Porto da Estrêla e Iguaçu. Nêsses pontos as tropas procedentes do interior descarregam grande quantidade de mercadorias que seguem para a capital em pequenas embarcações.

Com grande dispêndio de dinheiro construíram uma estrada macadamizada que, partindo do Pôrto da Estrêla, galga a serra e vai ter à província de Minas Gerais. Iguaçu é atualmente a localidade mais próspera do Recôncavo — ou seja o círculo de montanhas que circunda a baía. Está situada a cerca de dez milhas da foz do rio de igual nome que a serve. Este rio vai até à Serra dos Órgãos, e apesar de muito sinuoso é navegável por lanchas grandes até à vila. Há vinte anos passados êsse lugar era insignificante e não contava mais que trinta casas. Aos poucos, porém, os fazendeiros do interior fôram se convencendo de que para êles era mais interessante descarregar em Iguaçu o café, o feijão, a farinha de mandioca, o toucinho e o algodão; daí era mais econômico mandar as mercadorias para o mercado por via marítima que por terra. Por outro lado os negociantes estabeleceram aí depósitos de sal, produtos manufaturados, fazendas e vinhos, para mais facilmente servir os lavradores. Assim é que o lugar se foi desenvolvendo rapidamente e agora é considerado como a vila mais próspera da província do Rio de Janeiro, com uma população de cerca de mil e duzentos habitantes.

As palavras do austero Daniel Parrish Kidder, missionário metodista, valem pela honestidade de seu autor.

Quando, nesta época, alguns pontos da antiga Província do Rio de Janeiro, como, Estrêla e Magé, proclamavam-se as mais adiantadas povoações, Kidder atribui esta característica a Iguaçu.

O livro aparecido simultaneamente em Filadelfia e Londres causou profunda impressão sobretudo nos Estados Unidos, de vez que não havia do Brasil quaisquer notícias, em livro, na América.

Forasteiros do 1.º Reinado e a Neve em Terras Iguaçuanas...

Foi no segundo reinado que Iguaçu começou a fazer parte da cogitação de ilustres visitantes do Brasil.

Como se percebe, pela página anterior, ainda ao início do primeiro reinado, Iguaçu apresentava pouco mais de vinte casas.

Nêste tempo era, aliás, difficilimo ao forasteiro visitar o Brasil. Para viajar pelo país era necessário ao estrangeiro, munir-se de um passaporte no qual se indicava, explicitamente, o lugar em que se permitia a visita.

Este passaporte demandava tempo para ser conseguido, as vês, mais longos do que o da permanência das fragatas no porto, nas quais viajavam os interessados em conhecer as proximidades do Rio.

Além dos passaportes, fornecia o govêrno do primeiro reinado, uma Portaria que permitia ao seu possuidor viajar por todo o Brasil, menos pelo distrito diamantífero. Esta era, naturalmente, de mais difícil obtenção.

Por êstes motivos as terras iguaçuanas, nesta época, foram conhecidas por meia dúzia de estudiosos estrangeiros, entre êles destacando-se Augusto de Saint-Hilaire que, na Serra dos Orgãos, disse ter a mais bela vista do mundo.

Ilustres dissertadores do Brasil, como Freycinet, Maria Graham, Duperrey, La Place, Darwin (que mal disse os brasileiros...) La Salle, Abel du Petit-Thouars, Bougainville e outros, silenciaram sobre as plagas iguaçuanas.

Alguns viram-na de longe, do alto do Corcovado, cuja estrada havia sido mandada abrir por D. Pedro I, e descreveram suas terras de maneira extravagante como, por exemplo, Abel du Petit-Thouars, capitão da fragata Venus:

"Ao norte, ao longe, à distância de quinze a vinte léguas, mostravam-se também os Orgãos, montanhas de cumes afilados, que fazem parte da Cordilheira; seu aspeto chumbado só se faz ver por tempo claro; elas estão, às vezes, cobertas de neve".

Ou a descrição, também feita do Corcovado, por Fisquet:

"...e mais longe, servindo de caixilho ao quadro, a serra dos Orgãos com seus cumes cobertos de neve e suas geleiras, onde se refletiam os raios do sol dos trópicos."

Consôlo para os iguaçuanos...: Ladeando suas abraçadas terras, neve e geleiras...

Nobiliarquias

Os bons biógrafos do iguaçuano Duque de Caxias cronologam seus títulos nobiliárquicos: Barão, Visconde, Conde, Marquês e Duque.

É um erro que se vem repetindo. Verdade é que Caxias nunca foi visconde... Há diversos braços, que ilustram as plagas Iguaçuanas, esquecidos pela história da terra.

Entre os que mais se destacaram podem ser citados:

— Barão de Pilar, nascido em 1822 e falecido em 23 de agosto de 1894 e cujos restos se acham no cemitério de Catumbi, foi um grande filantropo e amigo da terra. Sua mulher, D. Maria José de Araujo, filha dos viscondes Pirassinunga, e que faleceu aos 91 anos em 1917, recordava os belos gestos do barão.

— Barão de Palmeiras, também nascido na Freguesia de Pilar de Iguaçu e falecido em sua fazenda de Palmeiras, em terras iguaçuanas.

Deixou aquele filantropo uma fortuna que ultrapassava os 927:000\$000, a maior da época no Brasil.

— Barão do Guandú, Inácio Antônio de Sousa Amaral, muitas vezes Presidente da Câmara da Vila de Iguaçu, sua terra natal.

— Conde de Iguaçu, Pedro Caldeira Brant. Depois de enviudar da iguaçuana D. Cecília Rosa Araujo Vahia, filha dos condes de Sarapu, nascida em Merití a 8 de novembro de 1820, casou-se com D. Maria Isabel de Bragança, condessa de Iguaçu, filha da marquesa de Santos e de D. Pedro I. Proprietário da Fazenda Japeçaba (Morro Agudo).

— Conde de Mesquita (1.º barão, visconde). Jerônimo José de Mesquita. Casou-se com D. Elisa Maria do Amorim, cuja morte aos 31 anos o consternou para sempre. Foi grande filantropo.

— Marquês de Bonfim (1.º barão, visconde, conde). Irmão do precedente. Fazendeiro em Merití e Pavuna.

— 2.º barão de Bonfim, filho do conde de Mesquita. Fazendeiro em Jacutinga.

— 2.º Barão de Mesquita, irmão do precedente, falecido em 1.º de abril de 1927, casado com D. Elisa Zenha, falecida em 1938, filha do barão de Salgado Zenha. Foi, este Barão de Mesquita, deputado à Assembléia do nascente Estado do Rio de Janeiro. Ainda se notam obras suas em Mesquita.

— Marquês de São João Marcos, Pedro Dias Pais Leme. Suas terras iguaçuanas foram vendidas ao governo para abastecimento d'água do Rio.

— Visconde de Gericinó, Ildefonso de Oliveira Caldeira Brant. Fazendeiro em Merití.

— Conde de Sarapu. Cafeicultor em Iguaçu e Merití, casado com uma filha do Pedro I.

— 2.º visconde de Santo Amaro. Canavieiro em Jacutinga.

— 2.º Barão de Tinguá, nascido na Vila em 8 de Janeiro de 1818. Diversas vezes Presidente da Câmara Municipal. Fazendeiro de café e trigo em Iguaçu.

— Barão de Paty. Cafeicultor em Iguaçu.

— Marquês de Itanhaém. Iguaçuano. Honrado tutor de Pedro II.

— Barão de Ubá. Membro da Junta do Comércio, a quem se deve a construção da Estrada de Iguaçu a Minas.

Foi o primeiro inspetor do gigantesco canal de Pavuna, neste Município.

— Conde de Aljezur. Com o título português de nobreza. Veador de D. Amélia, Imperatriz do Brasil. Camarista de Pedro II, a quem acompanhou ao exílio.

A vida e a ação da gente abrazonada, em terras iguaçuanas, daria assunto para um livro à parte onde, naturalmente, haveria de sobressair-se um capítulo sobre "O caso das terras iguaçuanas que influenciaram a política do 2.º reinado".

Eis um campo da história esperando pesquisadores.

Nossa Senhora de Iguaçu

As terras de São Bento foram doadas em 1565 e 67 por Mem de Sá à Cristóvão Monteiro. A viuva de Cristóvão, D. Marquesa Ferreira, deixou-as para Jorge Ferreira que, em 1591, as vendeu ao Mosteiro do Rio de Janeiro da Ordem de São Bento do Brasil.

De 1593 em diante o Mosteiro adquire, progressivamente, em mais de vinte escrituras, consideráveis áreas margeando, por ambos os lados, o rio Iguaçu.

A Ordem lavrou a terra e promoveu várias construções. Entre estas um imenso engenho de açúcar de grande produção (uma das maiores partidas para o reino foi aprisionada por corsário holandês,) um engenho de farinha, uma grande olaria, muitas edificações e uma magestosa igreja, construída em 1645 por frei José Mauro das Chagas e que se chamou Nossa Senhora de Iguaçu.

Em 1711, quando o Rio de Janeiro foi invadido pelos franceses, a Fazenda de São Bento de Iguaçu "concorreu com todo o mantimento de carne, farinha e feijão para o sustento das três companhias da armada da Junta do Comércio e todos os paisanos ocupados nos três redutos da Ilha das Cobras." (Dietário. pag. 62 — Mosteiro de São Bento).

Tendo fugido da cidade o governador Francisco de Castro Morais, foi a Fazenda de Iguaçu que lhe garantiu, e a sua comitiva, o sustento.

Nesta fazenda hospedaram-se e alimentaram-se milhares de soldados que vieram de Minas Gerais para socorrer o Rio de Janeiro.

O quartel levantado no Campo de Santana, no Governo de D. João VI, foi todo construído com tijolos e telhas vindo da Fazenda.

Na Igreja havia uma imagem de Nossa Senhora de Iguaçu, escultura trabalhada em bloco de imbúia com 1,45 cm. de altura, executada conforme modelo de barro por frei Agostinho de Jesus, da Bahia, em 1642.

Aos pés dessa imagem, o governador Francisco de Castro Morais rezou, pedindo à Nossa Senhora de Iguaçu, pela cidade do Rio de Janeiro!

Em 1920, antes da desapropriação da Fazenda de São Bento, foi ela removida para o Mosteiro do Rio de Janeiro.

Em 1941 o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional retirou as diversas camadas de tinta que a cobriam, deixando-a na cor de sua madeira.

Desde o dia 8 de dezembro de 1941 a Imagem de Nossa Senhora de Iguaçu ocupa um altar no Mosteiro de São Bento, do Rio de Janeiro.

Em 1959, o presidente da Sociedade Iguaçuana de Tiro ao Alvo, fundador do Grupo de Escoteiros e da tropa de Bandeirantes, querendo reviver o culto da santa, em terras iguaçuanas, denominou aos Bandeirantes de "Companhia de Nossa Senhora de Iguaçu."

Senhores Frades Beneditinos!

Senhores Diretores do Patrimônio Histórico Nacional!

Senhores Católicos Iguaçuanos!

Nossa Senhora de Iguaçu deve voltar ao Município a que, durante 278 anos, protegeu e abençoou!!!

Inauguração da Central do Brasil

Às 9 horas chegou do dia 29 de março de 1858 à estação da Aclamação o capelão do império D. Pedro Maria de Lacerda, entrando com ele o povo, que dispôs em alas, aguardando a presença de S. M. o Imperador, o que se verificou às 10 horas, acompanhado pela Imperatriz e todo o cortejo real. Foi logo celebrada a missa por D. Pedro Maria tendo, após, usado da palavra o presidente da Estrada, Cristiano Benedito Otoni, que num belo discurso saudou os imperadores o que ensejou D. Pedro a agradecer e conceder-lhe o título de Comendador e a Ordem de Cristo a todos os diretores. Houve logo após, salva de artilharia e infantaria. Às dez horas e trinta minutos, precisamente, partiu o primeiro trem. O segundo, que deveria sair quinze minutos após, só se movimentou às onze e trinta, devido a um imprevisto, inaugurando assim a Central que então se chamava Estrada de Ferro D. Pedro II, a célebre série secular dos seus atrozos...

Partiu o Imperador no trem das doze e quinze, fazendo todo o percurso entre o povo, que se acotovelava à margem da Estrada e prorrompia em vivas ao Imperador. Toda a sua longa extensão estava ornada de arcos de folhagem e engalanada de flores. Durou o percurso, até Queimados, uma hora e quarenta minutos, que passou a ser feito depois em uma hora, tempo que se não consegue hoje devido ao grande número de estações, que não havia naquela época.

Em Queimados, o município de Iguaçu fez-se representar oficialmente pelo presidente da Câmara Municipal, Joaquim Inácio do Nascimento Faria, que pronunciou o seguinte discurso.

Senhor!

Cumprindo a Câmara Municipal de Iguaçu o indeclinável mas grato dever de, nesta ocasião, comparecer ante Vossa Magestade Imperial e ante S. M. a Imperatriz, para em seu nome, e no seus munícipes ter a subida honra de saudar a V. V. M. M. Imperiais, não pode ela olvidar-se de também felicitar ao Seu Imperador pelo grande acontecimento que ora se efetua: a inauguração do tráfego de primeira seção da via férrea que tem o augusto nome de V. M. I. por isso que ela marcará distintamente os fatos brasileiros e começo de nova era de prosperidade e de crescente e rápida futura grandeza de nossa bela pátria. Digne-se pois V. M. I. de acolher com a benignidade com que costuma as saudações e felicitações da Câmara Municipal e de permitir a graça que ela solicita, de beijar as augustas dextas de V. M. I. e da nossa ótima magnânima e assaz querida Imperatriz.

Verificou-se em 20 de fevereiro de 1859, o primeiro desastre da Estrada de Ferro Pedro II, atual Central do Brasil, no trecho entre Maxambomba (Nova Iguaçu) e Queimados. Quando o Inspetor Geral do Tráfego, cap. Horácio da Gama Moret, percorria a linha neste trecho em companhia de Isaac Howard, cidadão inglês que pretendia construir casa para empregados da linha férrea, descarrilhando e tombando a máquina, veio ele com seu companheiro a falecer. Ficaram gravemente feridos os trabalhadores: Antonio de Freitas e Basílio José Gomes e levemente o maquinista, o foguista e um garoto, cunhado do cap. Moret.

Guarda Nacional em Iguaçu em 1861

Criada a 18 de agosto de 1831, a Guarda Nacional prestou relevantes serviços à Patria, quer na ordem pública, quer nas guerras de 1851 a 52 e de 1864 a 70. Em Iguaçu, onde foi prestimosa, reuniu o melhor, em valor, da sociedade local. Eis os seus quadros em 1861:

7.º Corpo da Cavalaria da Província

Comandante, Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho - Quartel-mestre, tenente Joaquim Pedro de Andrade - cirurgião, tenente Dr. Joaquim de Oliveira - secretário, alferes José Bernardino Corrêa Vasquez - porta-estandarte do 1.º Esquadrão - Antonio Ribeiro Filho. **1.ª Companhia** - (freguesia da Vila) capitão Francisco de Paula e Silva - tenente Antonio Francisco do Canto - alferes Luis Pinto Duarte. Alf. do 2.º Esquadrão, José Gonçalves Junior. **2.ª Companhia**: (freguesia da Vila e de Marapicu), capitão Francisco de Paula e Silva, tenente José Timótheo Pereira, alferes Cândido Luiz Teles e Macedo. **3.ª Companhia**: (freguesia de Marapicu), comandante major do extinto corpo de cavalaria João Pereira Ramos de Azevedo Coutinho, tenente João da Costa Nunes, alferes Luiz da Costa Nunes. **4.ª Companhia**: capitão Bento Pereira de Bulhões Carvalho, tenente Francisco de P. da Costa Barros Saião, alferes Felício Antonio da Silveira Filho.

24.º Batalhão de Infantaria do Serviço Ativo

Comandante - Tenente-coronel Francisco Pereira de Bulhões Carvalho, quartel-mestre tenente Domingos C. de Carvalho, cirurgião, tenente Luiz Alvez de Souza Lôbo, secretário, alferes Antonio Joaquim P. de Almeida, porta-bandeira alferes Luiz Pereira Barbosa. **1.ª Companhia** (freguesia da Vila): capitão Francisco Xavier de Moura, tenente Clarindo V. de Azevedo Coutinho, alferes José E. da Assunção e F. Xavier do M. Filho. **2.ª Companhia**: (freguesia da Vila), capitão Francisco J. S. Filho, tenente Manoel A. de Moura, alferes Manoel de J. Coutinho. **3.ª Companhia**: (freguesia de Marapicu), capitão José C. da Silva Pinto, tenente Dionísio J. da C. Filho, alferes Laurindo J. da Silva. **4.ª Companhia**: (freguesia de Marapicu), capitão Domingos J. Claro, tenente Antonio D. Teixeira, alferes, Lino da S. Braga. **5.ª Companhia**: (freguesia de Jacutinga), capitão Jacinto J. Cabral, tenente Manoel A. da Costa, alferes Antonio A. Diniz e José D. de Melo. **6.ª Companhia**: (Freg. de Meriti), cap. Manoel P. Silveira, ten. João A. dos Santos, alf. José R. Fortes. **7.ª Companhia**: cap. Miguel de S. Moura, ten. João da C. Pereira, alf. Miguel da Silva. **8.ª Companhia**: cap. Miguel Anastácio da C. B. Saião, ten. Esperidião P. Barroso, alf. Azarias Pereira da Silva Durão.

9.º Batalhão da Reserva

Comandante — Ten-coronel João M. P. Camargo, cirurgião ten. Antonio J. P. da Costa, ten. José M. G. Câmara, secretário alf. José M. dos Santos, porta-band. alf. Manoel G. Bastos. **1.ª Companhia**: (Freg. da Vila), cap. Joaquim Inácio do N. Faria, ten. Antonio M. Alves de Moura, alf. Pedro G. Gonçalves. **2.ª Companhia**: (Freg. de Marapicu), cap. José G. Cruz, ten. Joaquim L. de Alarcão, alf. Bernardo J. Soares. **3.ª Companhia**: (Freg. da Vila de Jacutinga), cap. João M. P. Camargo, ten. João A. da Costa, alf. Manoel P. de Melo. **4.ª Companhia**: (Freg. de Jacutinga e Meriti), cap. José P. da Silveira, ten. Antonio Dias T. Pimenta, alf. Pedro P. da Silveira.

Pedro II Reconhecido

Quando o estudante passa, em sua aprendizagem, do reinado de Pedro II à praclamação da República, estaca, atônito, com a expulsão de Pedro II, estarrecido com a ingratidão de um povo que possuiu monarca tão bom.

Tudo se tem tentado negar a Pedro II — sua sabedoria, seu tino administrativo, tudo, mas não se tem negado sua bondade.

À Itanhaen, o iguaçuano que lhe ordenou a educação, foi sempre muito reconhecida.

Ao estouvado filho do marquês, Dr. Manoel Inácio de Andrade Souto Maior, Pedro II, havia de socorrer algumas vezes.

É o que prova a carta do Conde de Aljezur, senhor de engenho em Marapicu, ao reconhecido monarca, que pode ser encontrada nos arquivos da família imperial, no museu de Petrópolis:

" Senhor !

Meu augusto amo e Senhor :

Beijo respeitosamente as mãos de Vossa Majestade e de Sua Magestade a Imperatriz minha Augusta Ama e Senhora, desejando à Vossa Majestade a continuação de Suas preciosas saúdes, como hei mister.

Digne-se Vossa Magestade permitir que ouse voltar hoje, por meio desta, a Sua Presença para, com tôda a gratidão de que é capaz meu coração e na expansão de meus mais entranhados sentimentos de vivo reconhecimento, agradecer a Vossa Majestade, pela minha parte o valiosíssimo donativo com que novamente dignou-se Vossa Majestade vir em auxílio do meu primo Dr. Manoel Inácio d'Andrade Souto Maior, para o pagamento do que êle ainda estiver devendo na Europa.

Do Mordomo da Casa de Vossa Majestade recebi para o indicado fim, uma letra de Fr. 8.742.95 c. e, a cuja importância darei devida aplicação, cumprindo ordens de Vossa Majestade, Pedindo a Deus que Guarde a Pessoa de Vossa Majestade, sou com mais profundo acabamento.

De Vossa Magestade

Reverente Súdito e Criado

Conde de Aljezur

Lisbôa, 5 de março de 1883."

Professores do Século Passado

"Daqui a cem anos não importará muito a quanto subiu a sua conta bancária, em que classe de casa viveu ou que tipo de automóvel você guiou.

Porém o mundo poderá ser muito diferente se você logrou influenciar para o bem, em seu devido tempo, a vida de uma criança."

O Município de Nova Iguaçu, terra do Reformador da Instrução em Portugal e Reorganizador de uma das maiores universidades do mundo. D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, terra do Marquês de Itanhaen tutor de um ilustre aluno: D. Pedro II não poderia deixar de ter tradição no ensino. A primeira escola organizada de Iguaçu funcionou em 1837, porém, é sobreuado a partir de 1850 que deixam nome, como educadores, os primeiros professores.

De muitos ficaram, de sua abnegada profissão, apenas o prenome. É exemplo o professor de Português e Latim, chamado Diogo, que impressionou a Daniel Kidder, que diz em seu livro publicado em 1864:

"No momento de tomarmos a embarcação para a volta, lá estavam os rapazes, prontos para tomar o lugar que lhes havíamos cedido. Eram irmãos, portugueses natos, e, na ocasião, residiam em Iguaçu. O mais velho, senhor Diogo, residia há oito anos no Brasil. Tinha estudado para padre, mas, não tendo vocação para sacerdócio, tornou-se mestre-escola e estava ensinando Português e Latim. Era alto e vivo, loquaz ao extremo e bastante liberal quanto às suas idéias políticas e religiosas. O sr. Diogo, da mesma forma que nós, estava aproveitando os feriados.

Tinha estado em visita a amigos e sua bagagem consistia em apenas um par de botinas e uma espingarda de caça que mais tarde proporcionou grande alívio aos nossos negros. O irmão mais novo, Manoel, estava em visita ao país e pretendia regressar a Portugal."

Dentre os mais notáveis mestres-escola, para mencionar apenas os do século passado, podemos anotar:

Luiz Antonio de Souza, D. Francisca de Paula, Adelaide de Moura Antonio José Américo, Antonio Rafael de Silva, José Caetano de Almeida e Silva, José Tomaz da Cruz Pereira, Antonio Pimenta de Sampaio Moraes, Francisco Manoel da Costa e Sá, Luiz João da Fonseca, Luiz Lôbo de Alarcão, Augusto da Costa Barreto, Antonio Carlos Caldas de Alvarenga, D. Maria Amália de Paula Rodrigues, Domingos Lourenço da Cruz Penedo, Herculanô Máximo Marinho, D. Engrácia Flávia de Macedo Oliveira Dias, D. Maria Augusta da Costa e Almeida Barreto, Gabriel Ferreira Branco, D. Maria Leopoldina Thompson, Alfredo Alves da Cunha Corrêa, D. Virginia Maria da Silva, Antonio Joaquim da Silva Fontes, D. Miquelina Rosa da Silva, Januário da Costa Côrtes, Napoleão José da Costa Baldy, D. Maria Isabel Pimenta de Sampaio, Oliverio Pereira Monteiro, Narico Jarbas Xavier, Maria Rita Monteiro Paris, D. Amália do Couto Braga, Garcia Mascarenhas dos Santos Silva, Maria Gertrudes Vieira Leal, Estevão dos Santos Fasciotti, D. Claudina Custódia Ribeiro, João Antonio de Barros, e José Targino das Chagas.

Caxias cerca Escravos em Iguaçu

Três municípios disputam a glória do berço de Caxias: Duque de Caxias, Magé e Nova Iguaçu.

Em verdade, Caxias nasceu na fazenda de S. Paulo, no Paguarú, perto de Estrêla. Quem consultar um mapa e, verificando que Estrêla (depois Imbariê) fica no atual município de Duque de Caxias, concluirá, erradamente, ser aquele o município em que nasceu o patrono do Exército.

De fato, Caxias nasceu próximo a Estrêla, mas a antiga Estrêla, a desaparecida Vila de Estrêla que ficava à margem do rio Inhomirim e portanto, hoje no município de Magé.

Acresce, porém, que quando Caxias nasceu, a 25 de agosto de 1808, o município de Magé, (foi Vila em 12 de junho de 1789) não possuía aquelas terras que foram iguaçuanas com a criação do município de Iguaçu em 15 de janeiro de 1833. A freguesia de Inhomirim (região que abrangia o berço de Caxias,) fazia nesta data, parte do Têrmo da Vila de Iguaçu. (Veja pagina 31.)

Estrêla, que fazia parte da freguesia de Inhomirim, desmembrou-se de Iguaçu, em 1846 para tornar-se Vila. Nesta data o Barão de Caxias, iguaçuano até então, estava com 42 anos e já famoso, condecorado com as Ordens de São Bento de Aviz, da Rosa, do Cruzeiro e possuindo o Grau máximo da Maçonaria.

Quando foi extinta a Vila de Estrêla, mais uma vez vieram-lhe ser iguaçuanas suas terras. Hoje o território da antiga Vila de Estrêla achase distribuído entre Duque de Caxias e Magé, estando neste último município o berço de Luiz Alves de Lima e Silva.

Caxias, iguaçuano, não teve, contudo, história em sua terra.

Das poucas vezes que veio a Iguaçu, uma delas foi para prender escravos.

Diz o Jornal do Comércio de 16 de novembro de 1838:

"O Sr. Luiz Alvez de Lima, comandante geral dos permanentes, que, como já dissemos, saiu da capital na noite de 12, com um forte piquete do seu corpo, para auxiliar a captura dos escravos que fugiram da fazenda do Capitão-Mor do Paty, chegou às 7 horas da manhã do dia 13 à Iguaçu, e, depois de avistar-se com o juiz da paz daquela vila, seguiu com a força que levava para Paty, pela Estrada do Comércio. Uma carta que recebemos ontem de Iguaçu de pessoa que merece todo o conceito, assegura-nos que os escravos, no ato de evadirem-se, nenhum excesso cometeram, que o seu número se diz ser de 180, e que iam bem armados.

Anteontem não constava em Iguaçu a direção que levavam, mas, sabia-se que o chefe da legião e o juiz de paz de Paty iam em seu seguimento com grande força da Guarda Nacional e que estavam tomados os pontos por onde poderiam passar.

É natural que a esta hora estejam todos capturados."

Foi talvez sua missão militar menos nobre porém diz o ditado que ninguém é profeta em sua terra...

Imprensa Iguaçuana

O primeiro periódico iguaçuano foi "O Libertador", órgão surgido na Vila de Iguaçu em 1887, fundado pelo juiz de Direito Dr. Antonio de Barros Junior.

Homem de extraordinária independência, Barros Junior, juiz do império, era republicano e fazia aberta propaganda de seus ideais.

Vivendo em um município que dependia do braço do escravo, como região de cultura de cana e café, Barros Junior era anti-esclavagista.

O Libertador cujo programa já vinha no próprio título, foi um batismo de ouro para a imprensa iguaçuana.

Surgiram, posteriormente, outros jornais, todos, ou quasi todos, efêmeros que sem um objetivo duradouro, como jornais políticos que foram, não deixaram traço marcante na história da imprensa iguaçuana.

Entre os atuais jornais, de maior circulação no município, destacam-se:

O "Correio da Lavoura", decano da imprensa local, que mantém uma linha de imparcialidade, o "Correio de Maxambomba" noticioso e combativo, o "Mesquitense", informativo local e o "Difusor Esportivo" dedicado ao esporte iguaçuano.

Os periódicos iguaçuanos, de todas as épocas, vão abaixo em ordem alfabética, como subsídio para futuras pesquisas.

Acadêmico, O; A. C. I. N. I.; Alvorecer, O; B. I. C. A. P.; Centenário, O; Comarca de Iguaçu, A; Correio de Iguaçu; Correio da Lavoura; Correio de Maxambomba; Correio de Meriti; Correio de Nilópolis; Crítica, A; Diretriz Esportiva; Debate, O; Difusor Esportivo; Divisa; Época, A; Estrêla Fluminense; Garôta, A; Gazeta dos Municípios; Imparcial, O; ???, O; Infantil, O; Liberal, O; Lidador, O; Luta, A; Luta Fluminense, A; Mesquitense, O; Mosquito; Município de Iguaçu, Nilópolis — jornal, Nilópolis — revista; Opinião, A; Oposição, A; Pequenino, O; Povo, O; Progresso, O; 14 de dezembro; Queimadense, O; Reação; Riso, O; Rua A; Tribuna Estudantil; Tribuna Iguaçuana; Tribuna Imparcial; Tribuna do Povo; Vigilante, O; Voz da Juventude, A.

Deus nos livre da politica de Iguaçu, e das febres de Macacu

Era o dizer do século passado que, pelo menos sem sua primeira parte, ainda pode ser justamente usado hoje.

É cedo para se escrever da politica atual. Cedo e perigoso. Já no princípio do século dizia o eminente Dr. José Pereira Rodrigues Porto Sobrinho, referindo-se a Camara Municipal de Iguaçu, da qual era o Presidente:

Inveterado e pernicioso costume esse de arrastar ao pelourinho da critica insensata e leviana o nome e os atos daqueles que teem hombridade bastante para afrontar os obstáculos mais insuperaveis em prol da felicidade pública, — e quão louvavel seria que os nossos adversarios, quer aqueles creados pela imparcialidade e altivez da nossa conduta, como administradores, quer os que de nós se afastam unicamente pela diversidade de credo partidário, se convencessem de quem nem todas as armas são licitas na luta pela conquista do ideal politico, por que a verdadeira opposição, nobre e leal, patriótica e fecunda, é aquela que terça tão somente as armas da verdade e da lei, da moral e da justiça e não desce ao subterraneo da traição, da perfídia e da intriga, para solapar a reputação alheia e desvalorisar o sacrificio dos obreiros do engrandecimento da Patria e da República.

Município de Barões-fazendeiros, de senhores de engenhos, de agricultores de café mal-letrados havia de legar, como terrível herança, a a violenta politica.

O decano dos advogados de Nova Iguaçu. Dr. João Barbosa Ribeiro, no seu discurso de posse na Arcádia Iguaçuana de Letras, bem retratou a politica iguaçuana:

"A politica da Vila de Iguaçu, tornou-se famosa, devido à virulência das lutas em que se empenhavam os dois únicos partidos então existentes: o Liberal e o Conservador. As contendas partidárias eram violentas. Havia ali uma particularidade interessante. O Chefe do Partido Conservador era o Comendador Francisco José Soares e o do Liberal, seu filho, o Coronel Francisco José Soares Filho, pai de França Soares. Este filiou-se ao partido chefiado por seu progenitor. Dêle ouvimos narrativa reverente ao ardor das lutas politicas em Iguaçu, e nos recordamos da citação de que, entre o povo, corria o refrão: Deus nos livre da politica de Iguaçu, e das febres de Macacu...

Aliás, posteriormente, já em pleno periodo republicano, as paixões, não eram inferiores em intencidade e violência. Tivemos noticia da ocorrência que revela o clima de intolerância que preponderava naquela época... Uma das facções politicas de Nova Iguaçu, obedecia à orientação do Coronel França e Leite, que derrotado em eleição foi compelido a forragir-se num vagão de transporte de gado, e por fim, a retirar-se do Município. Posteriormente, como tivemos ocasião de assistir, partidários exaltados, divertiam-se a dirigir foguetes para a residência de adversários que haviam sido derrotados. França Soares interveio para impedir a continuação desse violência."

Faça-se ideia do que promete a politica iguaçuana, agora, que Nova Iguaçu, ultrapassando Campos, é o 2.º eleitorado fluminense, com 73.515 eleitores!...

O Vilar dos Teles

Uma das maiores e prósperas fazenda iguaçuana localizava-se em terras hoje dos Municípios de S. João de Meriti e Duque de Caxias. Foi a fazenda dos Teles cuja sede, de majestosa construção, era conhecida como o Vilar dos Teles.

Considerado o mais imponente solar da Baixada Fluminense, foi o palácio dos Teles construído pelo Comendador Pedro Antonio Teles Barreto de Menezes, nascido em terras de Meriti em 1816 e falecido em 1895 e que possuía uma característica "boca de lobo."

O casal Comendador Pedro Antonio Teles Barreto de Menezes - Francisca Justiniana de Freitas Teles (por curiosidade diga-se que D. Francisca, de uma família do Rio Grande do Sul, é aparentada de Luiz Carlos Prestes) teve os seguintes filhos: Pedro, Francisco, Manoel, Antonio e Luiz; e as filhas: Joaquina, Francisca e Ana, a primeira casada com o Prof. Rocha Faria, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Distrito Federal

Com a morte do Comendador fêz-se em 1908 a divisão amigável de suas propriedades, cabendo às três moças prédios no antigo Largo do Paço (hoje Praça 15 de Novembro) como o Arco do Teles, o edifício do Taquara, o edifício da atual farmácia Silva Araujo etc., e aos homens partes da fazenda dos Teles. Divergiram, no entanto, os irmãos quanto ao destino do velho solar, e, de tal sorte foram as discussões e os estrebecimentos que resolveram deixar o Vilar em condomínio.

Com o falecimento de Pedro Teles Barreto de Menezes ocorrido em 1919, ficou o velho solar totalmente abandonado e alvo de constantes e sucessivos assaltos e depredações.

Nenhum dos irmãos, no entanto, resolveu, temeroso de ser mal compreendido pelos demais, tomar qualquer iniciativa para preservar aquele patrimônio.

Por volta de 1925 desabou umas das paredes do Vilar e, frente ao matagal ao palácio abandonado e caídos do assoalho do primeiro andar que se inclinara, amontoaram-se diversos móveis repletos de porcelanas e cristais espatifados, quadros a óleo de pintores europeus, pratarias, etc., esmagados por um grande piano. Continuaram os irmãos sem tomar qualquer providência, sendo aquelas riquezas levadas pelos transeuntes que ainda invadiam a casa rapinando o que dentro dela ficara.

Apenas algumas palmeiras imperiais, falam hoje do que foi o imenso, o luxuoso, o belíssimo Vilar dos Teles...

A Vila era uma "cidade" diferente...

Era. Pelo menos dessa nossa Nova Iguaçu.

Quanta coisa não se podia fazer na Vila de Iguaçu que hoje se faz aqui...

Tudo era previsto no Código de Posturas que os exigentes e bigodudos inspetores de quarteirão, de colête e grossas correntes, fiscalizavam.

Ai de quem infringisse o Código de Posturas...

Grades, pão e água.

Hoje, Nova Iguaçu é uma cidade onde as ruas têm qualquer largura, as casas qualquer altura, os passeios qualquer buraco, os telhados qualquer cobertura.

Bem, isto pode ser exagero, mas há depósitos de pólvora no centro da cidade; dão-se tiros a qualquer hora da noite; andam soltos nas ruas gado cavalar, suínos e principalmente vacum; há lixeiras no fundo dos quintais; dizem, os vadios, impropérios; os pasquins atacam à gente honrada; usam-se centenas de armas sob a égide dos cartões de guardas florestais; há jogo de bicho livre, oficializado e oficial em centenas de casinholas lotéricas.

Mas, já nas Posturas de 1887 da Vila Iguaçu, previa-se que "as ruas terão 13 m. de largo; as praças 60 m. em quadro ou 60 x 45 m.; as casas 4,40 m. de altura se de um andar e mais 3,96 m. para o segundo andar; o passeio em frente da casa, de cantaria ou alvenaria, será de 1,10 m. de largura e 0,11 m. de altura; as estradas ou caminhos municipais terão a largura de 8,80 m.; no açougue deverá a carne estar dependurada em postes ou em paredes, havendo entre estas e a carne panos grossos de linho ou algodão, tudo muito limpo.

É proibido na Vila: cobrir casa com sapê; a construção de meias-águas para terrenos alheios; ter as casas com portas ou janelas abrindo para rua; fabricar ou ter em depósito pólvora e fôgos de artifício; dar tiros com arma de fogo, inclusive ronqueiras, disparar foguetes busca-pés; ter solto na rua animais: vacum, cavalar, muar, lanígero, cabrum, ou suíno, bem como cães; correr a cavalo na Vila; andar a cavalo no passeio da rua; ter em quintais ou chácaras depósitos de substâncias deletereas; ter o negociante medidas de cobre para líquido; ofender por qualquer modo o decôro público; fazer pasquim e prega-lo em qualquer lugar ou mesmo largá-lo em lugar que possa ser achado e lido, contra vida privada, embora seja com relação a uma só pessoa; pescar com dinamite ou timbó; usar facas de ponta executando-se os tropeiros, carreiros, lenhadores e oficiais de justiça; tomar banho nos rios sem roupas próprias; jogar parada em vendas e tavernas; reunirem-se doze ou mais pessoas em tavernas desde que nada tenham a vender ou comprar."

Ó a Vila era uma "cidade" diferente!

Lavradores Versus Criadores

Tem sido uma velha rixa em Iguaçu. Desde os princípios de nossa colonização as animosidades entre lavradores e criadores, levadas, não raras vezes ao campo da política, tem perturbado a paz entre iguaçuanos.

São lavradores queixando-se do gado solto em suas propriedades, fatos que a história regista ao tempo do estio.

São criadores queixando-se do envenenamento de suas criações, sobretudo ao tempo das safras.

As animosidades passavam a ser questões de família:

— Filha de lavrador não casa com filho de criador!

Quando na Câmara surgia, e quando em vez surgia, uma dessas questões entre criadores e lavradores, era certo os ânimos axaltarem-se.

Um dos muitos exemplos encontra-se na ata da sessão da Câmara de 22 de setembro de 1882 onde o criador de gado alferes João Antônio Soares queixa-se do fazendeiro José Gonçalves dos Santos Viana.

Este Viana, que a há muito vinha se queixando de Soares, pelo gado em suas propriedades, "construiu uma fábrica de tapioca de mandioca na Estrada do Riachão a qual fábrica contaminava as águas do rio ocasionando a morte do seu gado"

Tôda a vez que se ia tratar do assunto surgia uma proposição de urgência, e a Câmara adia a questão.

A esta época a Câmara reunia-se muito espaçadamente, e o assunto ganhava tempo.

Viana continuava queixando-se e ameaçando.

Finalmente em 22 de setembro foi a questão tratada. Mal iniciada, o vereador Lopes Trant observa ao Presidente que estavam presentes apenas cinco edis...

Alguns vereadores (agricultores) haviam se retirado, para negar número...

Enérgico, o Presidente que tanto protelara, resolveu cuidar da questão. Lopes Trant absteve-se de votar.

— Não póde Sr. Presidente, é ilegal uma votação com apenas tres vereadores!

— Póde, Sr. Vereador, póde, pela nova lei!

— Isto é uma tratantada!

Mas não é TRANTantada, para que não haja número na votação.

— O Sr. está mas é...

Lopes Trant protestou veemente, mantendo forte discussão e retirando-se colérico.

Resolveu o Presidente suspender a sessão, tudo fazendo no entanto registrar em ata.

As sessões de 23 de outubro, 22 de novembro e 22 de dezembro não se realizaram por falta de número.

Depois... Depois, tratou-se do orçamento, das comissões, das eleições...

E, até hoje, brigam ainda os "Vianas" e os "Soares" á espera de solução da Câmara...

A Catedral de S. Antônio de Jacutinga

Muita gente passa, contrita, olhando para o chão, pisando a soleira da velha catedral de Santo Antônio de Jacutinga.

O nome não é bem dela, que Santo Antônio de Jacutinga, era mesmo na localidade de Jacutinga até 5 julho de 1862 quando resolveram os piedosos iguaçuanos que a igreja ficava muito distante de Maxambomba e promoveram, para brevidades das penitências, sua transferência para este, povoado mais adiantado.

Mais tarde, e isto foi em 25 de março de 1863, em terreno cedido pelo Dr. João Fernando da Costa Thibáu, o vigário haveria, em grande festa, de abençoar a pedra fundamental da nova Igreja de Santo Antônio de Jacutinga lavrando uma ata, encerrando na soleira da hoje catedral de Santo Antônio de Jacutinga, onde tanta gente passa, contrita, olhando para o chão, sem desconfiar que sob os seus pés acha-se um pergaminho que diz:

"Aos 25 dias do mês de março do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo em 1863, nesta povoação de Maxambomba, desta Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga do Termo da Vila de Iguaçu, Província do Rio de Janeiro, sob a presidência do Ilmo. Revmo. Cônego Vigário Geral José Joaquim Pereira da Silva. Por comissão de S. Exma Revma. Bispo Conde de Irajá, Mel. Rodrigues de Araujo sendo pároco desta Freguesia o Revmo. Padre D. Antonio de S. M. Madalena e na presença de lúcido consenso de paroquianos entre eles se contavam o respectivo Juiz de Paz Capitão Bento Pereira Bulhões Carvalho, Comendador Francisco José Soares, Comendador Venâncio José de Melo, dr. Fernandes da Costa Tibáu, dr. Bento Pinto Pereira de Sampaio, dr. José P. R. Pereira de Sampaio, capitão Francisco José Soares Filho, tenente Dionísio José da Costa e José Dias de Melo, procedeu-se na forma do ritual romano à solenidade da Bênção da pedra fundamental da nova Igreja Matriz que por lei da Assembléia datada dêste ano foi mandada transferir para o arraial de nome Maxambomba, à margem da via férrea e foi colocada no alicerce da porta principal e logo se seguiu a missa conventuada a qual foi celebrada pelo Revmo. Vigário da Freguesia em altar para este fim recentemente preparado no lugar onde tem de levantar-se a capela-mor de novo templo. Tocando durante todo o tempo uma banda de música e diversas girândolas subiam ao ar no meio de um religioso contentamento.

E para constar lavrei o presente termo. Padre Antônio de Santa Maria de Madalena."

Em paciente pesquisa, nos livros rendilhados pelas traças da Catedral, poder-se-á levantar as seguintes datas das primeiras missas, ali rezadas pelos padres como seus vigários.

25 de março de 1863	—	Padre Antônio de Santa Maria Madalena
10 de fevereiro de 1884	—	" Vicente Maria Sansone
5 de setembro de 1885	—	" José Bernardes Mendes
5 de outubro de 1885	—	" Vicente Maria de Sansone
18 de julho de 1886	—	" José Bernardes Mendes
22 de julho de 1888	—	" Elizeu Augusto Adauges
1.º de setembro de 1891	—	" Victor Leonardo de Soledade
18 de setembro de 1904	—	" Luiz Vilola
14 de janeiro de 1904	—	" Antônio Teixeira dos Santos
11 de janeiro de 1909	—	" Luiz Viola
23 de maio de 1914	—	" Paulo Stamile
13 de dezembro de 1914	—	" Luiz Viola
1.º de janeiro de 1916	—	" Alfredo da Silva Bastos
14 de março de 1920	—	" Manuel da Silva Pôrto
2 de agosto de 1920	—	" Paulo A. de Santis
18 de julho de 1926	—	" Alfredo Barbosa da Silva
8 de março de 1929	—	" Antônio Carmello
28 de dezembro de 1929	—	" João Munch

de 3/3
ata 25-12-29

Fundador ou Restaurador?

A O iniciar o estudo da história de Iguaçu despertou-se-me uma curiosidade:

— Por que o fundador do Município não fôra o primeiro presidente da Assembléia Municipal?

Ora, a primeira sessão da Câmara de Iguaçu verificou-se a 27 de junho de 1833 e nela tomaram parte, sob a presidência do primeiro, os seguintes vereadores: Inácio Antônio do Amaral, Antônio Ferreira Neves, Feliciano José de Carvalho, Francisco Martins Viana e Domingos Francisco Ramos, não tendo comparecido os vereadores Carlos José Moreira Barbosa e Antônio Moreira Dias.

— Por que nem ao menos na primeira Assembléia Municipal fôra o comendador Francisco José Soares vereador?

Soares foi homem de grande prestígio — eleito para Câmara nos períodos de 1853 a 56, de 1861 a 64 e de 1869 a 72, mais não tendo sido pelo fato de, a conselho de seus médicos, ter seguido para a Europa.

Em 1865 não sendo edil iniciava, com Barão de Tinguá, a criação da Sociedade Popular Iguaçuana, que arregimentou na Vila mais de cem homens que foram combater no Paraguai.

Como se verifica nas atas da Câmara, seu prestígio político é a partir de 1853.

O Município fôra fundado em 1833...

Falecido, o notável homem que foi o Comendador Soares, a 20 de julho de 1873 foram feitas duas publicações sobre sua vida — uma no próprio ano de 73 e outra logo após, em 1874, com o título: Traços Biográficos do Comendador Francisco José Soares.

É curioso observar que muito embora sejam laudatórios de seus atos, não se encontra nelas a referência da fundação do Município pelo homenageado.

Ambas dizem, no entanto, de seu trabalho na restauração d'este. Transcrevendo:

"A freguesia de N. S. da Piedade de Iguaçu, elevada à categoria de Vila e Têrmo em 1833, foi em 1835 exautorada daquêles foros, fato êste que pôs em sobressalto pundonoroso os filhos do local.

O Comendador Francisco José Soares, já de nome feito e prestigioso, foi neste momento angustioso para seus concidadãos o baluarte de defesa de sua dignidade e autonomia. Recorreram a êle, que pronto e satisfeito por essa confiança não poupou esforços pessoais, valimentos de altas relações que entretinha, sacrifícios pecuniários e à frente do povo, solidário em suas pretensões e queixumes, representou pedindo restauração da Vila. E por decreto de 10 de dezembro de 1837, ela foi

reintegrada a aprazimento unânime de seus munícipes, que desde então votaram-lhe respeito, simpatia e gratidão que o acompanharam até o túmulo, sendo eleito presidente da Câmara Municipal de 1837 a 1840, servindo sem interrupção de boa vontade e com zelo durante êste quartênio".

Daí compreende-se que:

1.º — Se o comendador Soares fôsse o fundador do Município, em 33, viria expresso, como vieram todos seus importantes atos nestes livros; 2.º — "...em 1835, já de nome feito e prestigioso", é expressão de pouco significado para um recente fundador de um Município, 3.º — "recorreram a ele que pronto e satisfeito por esta confiança" e não "recorreram ao fundador," "iniciador" ou outro qualificativo que livros de traços biográficos não emitiriam; 4.º — "e por decreto de 10 de dezembro foi ela reintegrada a aprazimento unânime de seus munícipes, que desde então votaram-lhe simpatia, respeito e gratidão que o acompanharam até o túmulo." Se os respeitos, simpatia e gratidão foram-lhe votados «desde então» (1837), isto é, com seu trabalho de restauração da Vila, claro está que Soares não foi o fundador (1833).

O grande Soares foi restaurador, não o fundador.

A criação do Município cabe à Regência e eis parte do decreto de 15 de janeiro de 1833:

"A Regência em nome do Imperador Senhor D. Pedro II, tendo em vista o artigo 3.º do Código Processo Criminal, Decreta:

* * *

Artigo 7.º — A povoação de Iguaçu fica ereta em Vila, compreendendo no seu Têrmo as Freguesias de Iguaçu, Inhomerim, Pilar, Santo Antônio de Jacutinga e São João de Meriti, e a parte da Freguesia de Marapicu que fica à margem direita do Guandú e Ribeirão das Lages.

* * *

Art. 10 — Do Têrmo da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro fica desanexado todo o território que lhe pertencia e que na forma dos artigos 7.º e 8.º passa a pertencer às Vilas de Itaguaí e Iguaçu.

a) "Nicolau Pereira de Campos Vergueiro".

A Restauração

Francisco José Soares foi o restaurador e não o fundador do município de Iguaçu.

Nota-se que restaurar o município foi uma obra muito mais agitada que fundá-lo.

Nicolau de Campos Vergueiro o criador do Município por força de lei de um código é, para a história do município, pessoa de pequena importância, o que não se dá com o restaurador: Comendador Francisco José Soares. E a história é assim:

Em 13 de abril de 1835, sob alegação de que a Câmara de Iguaçu não cumpria com suas atribuições a Assembléia Legislativa da Província extinguiu a Vila pela sua Lei n.º 14.

Na Biblioteca Nacional há um pequeno impresso que conta toda a tragédia da extinção da Vila e que tem por título:

"Exposição franca e verdadeira das funções da Câmara Municipal da Vila de Iguaçu, do ano de 1833 em que foi encerrada, até agosto de 1835, acompanhada de algumas notas e reflexões sobre as faltas cometidas nesse exercício, e d'outras que servem de clarecer a justiça com que é extinto esse Município. Oferecida aos habitantes do Município d'Iguaçu por um amigo da instituição das Câmaras Municipais, da Refôrma da Constituição e da Justiça,"

Por este impresso verifica-se que foram três os principais motivos que levaram a extinção da Vila: A incompatibilidade entre o Juiz de Paz e a Câmara; a tomada do porto que a Câmara executou contra sua proprietária e a utilização, sem autorização do proprietário, de uma casa para alojamento de uma comissão Sanitarista chegada em Iguaçu.

Bem, esses foram os motivos "oficiais" da extinção da Vila, porém encontramos na obra de J. O. R. Milliet de Saint-Adolpho, Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil, a seguinte notícia do termo Inhomirim:

"Inhomirim é originariamente Anhu-Mirim, de anhu, palavra índia que quer dizer campo, e mirim, pequeno, de que, por corrupção se fez Inhomirim,"

"Quando a povoação de Iguaçu, foi elevada em 1833 à categoria de Vila o povo de Inhomirim pediu ao Governador que não o anexasse ao distrito de nova vila, e em virtude dessa reclamação ficou esta povoação anexa ao antigo distrito de Magé, a que dantes pertencia: descontentes com isso insistiram em suas pretensões os habitantes de Inhomirim e tanto trabalharam que alcançaram da primeira assembléia legislativa provincial a extinção da vila que lhes motivava inveja; mas a mesma assembléia por lei ulterior revogou a pri-

meira e tornou a restituir a Iguaçu o título de vila, ficando-lhe anexa a freguezia de Inhomirim."

Foi Francisco José Soares que se poz a campo e enfrentou a maledicência, a inveja, a intriga, a calúnia...

Foi ele quem conseguiu o movimento popular que, redigido pelo Dr. João José de Noronha, levou à Câmara de Iguaçu a seguinte petição que se vê no arquivo da Biblioteca Nacional:

Ilmo. Srs. Membros da Câmara Municipal. Os povos desta Vila em seu Têrmo pela pessoa do seu procurador e advogado João José de Noronha, levam à presença de V. V. S. S., as suas representações que junto oferecem assinadas pelos representantes, para que V. V. S. S. como órgão da Augusta e Digníssima Câmara Geral Legislativa os sentimentos com que se queixam os representantes que tudo constam das ditas Representações para serem deliberadas com a merecida justiça. Declaram ser esta apresentação ao Governo de S. M. I.

E. R. M. e como procurador e advogado João José de Noronha.

(Firma reconhecida pelo tabelião Ubelino Borges Monteiro).

Este documento foi assinado pela população alfabetizada da Vila de Iguaçu.

Foi ele quem pressionou a Câmara pela agitação popular, para a mensagem de 18 de maio de 1835 ao Imperador.

Quando a Câmara dos Deputados em ofício de 8 de julho de 1835 assinado por Bernardo Belizario Soares de Souza devolveu ao Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza a reclamação da Câmara de Iguaçu, foi ainda Francisco José Soares quem não permitiu o esmorecimento e se poz à campo valendo-se de seu conhecimento de comerciante com Paulino José Soares de Souza — o futuro Visconde do Uruguay — para pedir e conseguir justiça da Assembléia Legislativa da Província.

Glória pois, ao Comendador Soares, muito mais que fundador — o restaurador do município de Iguaçu!

A festa de Santo Antônio

Mal o negro da noite se azula na madrugada, a cidade se sacode, com estouros que reboam ao longe.

Espaçadamente voltam os estampidos, trovejantes, estremecendo tudo e acordando a todos. É a festa que começa. A música, fugidia com o vento que traz o frio para as janelas recém-abertas, dá, no compasso dos bumbos e baixos, um entusiasmo contagiante.

É a festa de Santo Antônio.

A igreja rompe seus sinos e bem cedo a cidade se agita para a missa, com a revoada de pombos, o páu de cêbo e a "Furiosa" tocando no corêto. Sobem salvas que ecoam na serra de Madureira. Vem o leilão da manhã, Zé Peroba e Raia inflamam a jugular no "quem dá mais." Moços e moças saem e entram pela porta da igreja. Roupas novas, ares eufóricos, olhares divagantes.

Depois, missa solene, cantada no sólo mavioso de D. Irene e no acompanhamento dos maestros Bruno e Juventino.

Padre João Munch, de cabeça branca, está com a salva recolhendo os óbulos para obra da igreja e prometendo o céu aos caridosos...

Um bando de moças ataca rapazes para a venda das fitinhas, outro interrompe os carros pregando Santo Antônio no para-brizas.

Música. Duelo de duas ou três bandas: a "Furiosa" desafia o Orfeão Português para exitação da colônia lusa:

"Aquilo sim que é banda!"

Não fôsse Santo Antônio português...

Mais tarde é a procissão, com o pesado Santo Antônio de bronze que o Comandador Soares trouxe de Portugal, há quase cem anos... Sai o andor e as moças balbuciam pedidos... Padre João lá está, dando ordens.

— Moços para cá, moças para lá, tudo separado...

E lá vai, na piedosa e compassada música que precede os fogueteiros, o pesado santo nos ombros dos festeiros que se revezam. Rua Marechal Floriano, cancela do K-11, Rua Bernardino de Melo, tudo ao passo lento das ladainhas das Filhas de Maria. Volta à igreja na apoteose de todas as bandas. Vibram os pratos, trovejam os bumbos no retôrno do glorioso Santo Antônio ao seu altar. Repicam todos os sinos. Agora é a passeata da tarde. Gente que vai, gente que vem, gente que olha, gente que sorri... Música e leilão. Mistura de cadenciadas marchas com o "quem dá mais" dos leiloeiros. Vem a noite e a queima de fogos. Explosões coloridas iluminam o céu para delírio da multidão. É a apoteose. Durante horas o céu é uma festa de côres. Finalmente, em tumultuadas descargas, tôda Nova Iguaçu estremece. O céu parece romper-se aos estouros. E vem o silêncio geral. Terminou a festa de Santo Antônio em Nova Iguaçu...

A primeira festa de Santo Antônio

A mais antiga festa de Santo Antônio que se tem notícia, em Nova Iguaçu, foi a realizada nesta Maxambomba em 1863...

Naqueles tempos circunspectos, onde a alegria era ainda vestida de piedoso contentamento, deveria, a festa, ser bem diferente das de hoje muito embora as promessas, simpatias e sortilégios de folclore do santo casamenteiro fossem mais ou menos as mesmas, e, antes de tudo, eram os mesmos anseios da alma humana...

Quem sabe, poder-se-á descobrir, na leitura da descrição da primeira festa de Santo Antônio, em Nova Iguaçu, alguma coisa velada nas suas intenções...

Aos 13 dias do mês de junho do ano do Nascimento de N. S. Jesus Cristo em 1863, reunindo numeroso concurso de paroquianos no lugar denominado Jacutinga, onde estava a igreja Matriz dêsse nome, receberam vestidos, piedosamente, muitas imagens, que em número de sete se achavam cada uma em seu andor, decentemente orando em procissão precedida de pálio, seguira para a povoação de Maxambomba acompanhando o batalhão da Guarda Nacional com uma banda de música comandada pelo capitão Miguel de Souza Moura às 6,30 horas da tarde entrava na povoação êsse brilhante prêstito dirigindo-se para uma capela que se havia edificado para provisoriamente servir de Matriz até o acabamento da igreja que se estava construindo.

No dia 14 do mês de junho celebrou-se uma missa cantada de três padres com SS. Sacramento exposto e sermão. À tarde houve Te Deum também com sermão e às 9 horas ardeu um fogo artificial. Assim se concluiu tôdo êste festejo em honra e louvor ao glorioso Santo Antônio que com as demais imagens, veio para a nova sedede sua Freguesia no meio do maior contentamento."

Os Azeredos Coutinho

Uma das famílias mais ilustres do Brasil foram os Azeredos Coutinhos de Marapicú.

Pela importância dos cargos que ocuparam, pela influência que tiveram na sociedade da época, pelo trabalho no desenvolvimento do município, merecem o estudo genealógico que se segue:

Um dos ramos ascendentes dos Azeredos Coutinho é Marcos de Azeredo Coutinho casado com D. Maria Coutinho de Melo, que foi dos primeiros colonizadores da capitania de São Vicente.

Filhos deste casal é Domingos de Azeredo Coutinho que se casou com D. Antonia Tenreiro da Cunha filha do célebre Crispin da Cunha Tenreiro.

Filhos de Domingos e D. Antonia foram:

1—1 Crispin da Cunha Tenreiro que se casou com D. Barbara da Silva.

1—2 Domingos de Azeredo Coutinho casado com D. Maria Coelho

1—3 Marcos de Azeredo Coutinho casado com D. Paula Rangel de Macêdo filha de João Gomes da Silva e de D. Maria de Marins que era filha de Diogo Marins Loureiro, (irmão do célebre padre Antônio Marins de Loureiro) e de D. Paula Rangel de Macêdo.

Marcos de Azeredo Coutinho e D. Paula foram os pais.

2—1 Paula Rangel de Macêdo casada com Domingos José Pereira da Silva que era filho de Domingos Fernandes Pereira e Maria Francisca da Silva.

Domingos José e Paula Rangel foram os pais de:

3—1 Clemente de Azeredo Coutinho, Senhor de Itaúna casado com Helena de Andrade Souto Maior. Tiveram este casal os seguintes filhos:

4—1 Helena de Andrade Souto Maior, casada com o Capitão-mór Manoel Pereira Ramos, nascido no Rio de Janeiro, vereador da Câmara "e Senhor dos engenhos de Marapicú, Cabucú, Itaúna, do Gama, etc., filho de Tomé Álvares do Couto Moreira e sua mulher D. Micaela Pereira de Faria e Lemos, neto pela parte paterna de Tomé Álvares Moreira de Couto, que havendo nascido na Vila de Moreira, bispado do Porto, na quinta da Azenha que era de seus pais, casou em Lessá donde passou ao Brasil por uma morte que fez; e de sua ascendência se acham memórias nos túmulos de Coutos Moreiras, do Porto; e pela parte que toca à sua mãe, neto de Francisco de Lemos de Faria, natural da ilha do Faial, donde passou ao Rio de Janeiro e de sua mulher D. Izabel Pereira de Carvalho, filha de Gaspar Pereira de Carvalho e Jardim, Senhor do engenho de Pinditiba, o qual Francisco de Lemos era legítimo descendente das famílias dos Lemos e Farias, bem conhecida no Faial." (Pedro Taques).

O Capitão-mór de um dos distritos do Rio de Janeiro, Manoel Pereira Ramos e D. Helena de Andrade de Souto Maior tiveram os seguintes filhos:

5—1 João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Cavaleiro da Ordem de Cristo e Opositor em Cânones na Universidade de Coimbra, ca-

sado com D. Maria do Cardal Ramalho de Oliveira.

5—2 Micaela Joaquina Pereira de Faria e Lemos nascida em Marapicú onde foi batizada a 22 de março de 1726, tendo entrado para o convento em 1746 tomando o nome de Sórora Micaela Joaquina Arcângela de Santana.

5—3 Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria, Cavaleiro da Ordem de Cristo, nascido em Marapicú onde se batizou a 16 de julho de 1728.

5—4 Helena Josefa de Andrade Souto Maior Coutinho nascida em Marapicú onde se batizou a 12 de novembro de 1729 tendo entrado para o convento de Narvila, com sua irmã Micaela, com o nome de Sórora Helena Josefa Angélica da Glória.

5—5 Clemente Pereira de Azeredo Coutinho e Melo, doutorado em direito pela Universidade de Coimbra, professor do Colégio Militar de Portugal e desembargador da Casa de Suplicação.

5—6 Inácio de Andrade Souto Maior, nascido em Marapicú, onde se batizou em 10 de agosto de 1733, foi distinguido naturalista. Casou-se com D. Antonia Joaquina Luiza Ataíde Portugal.

5—7 Francisco de Lemos de Faria Pereira de Azeredo Coutinho, nascido em Marapicú onde se batizou em 22 de abril de 1735, bispo de Coimbra, Conde de Arganil, reitor da Universidade de Coimbra, etc.

5—8 Tomé Alves Pereira de Couto Moreira, morreu de poucos dias.

5—9 Ana Rosaura Rita de Alarcão e Luna, batizada na freguesia de N. S. da Candelária do Rio de Janeiro a 10 de junho de 1737.

5—10 Maria de Melo Coutinho e Azeredo, nascida em Marapicú onde se batizou a 18 de junho de 1739.

5—11 José Rondon de Luna Quebêdo Alarcão nascido em Marapicú e batizado em 20 de junho de 1743.

A avó dos irmãos Azeredos Coutinho (João, Micaela, Manoel, Helena, Clemente, etc.) Helena de Andrade Souto Maior (3-1) era neta da célebre Viúva da Pedra, Helena de Souto Maior casada com Inácio de Andrade Machado e filha de Belchior Ponte Maciel.

Essa Viúva da Pedra;

1—1 Helena de Souto Maior teve como filho o

2—1 Capitão Inácio de Andrade Souto Maior que se casou com Ana de Alarcão e Luna, filha de João de Mateus Rondon, (que na cidade de São Paulo levantou uma companhia de infantaria à sua custa para a restauração de Pernambuco invadido pelos holandeses) e de D. Maria Bueno da Ribeira que era filha do grande Amador Bueno.

O casal Capitão Inácio de Andrade Souto Maior (2-1) - D. Ana de Alarcão e Luna teve os seguintes filhos:

3—1 Helena de Andrade Souto Maior, avó dos mencionados irmãos Azeredos Coutinho.

3—2 João.

3—3 José de Andrade Souto Maior, Senhor do Jericimó que se casou com D. Ana de Araujo e Andrade, filha de Francisco de Araujo e Andrade e D. Maria de Souto. O casal José de Andrade (3-3) e D. Ana de Araujo e Andrade teve os seguintes filhos:

4—1 Inácio de Andrade Souto Maior

4—2 Maria de Andrade Souto Maior que se casou com Matias de Castro Moraes, fidalgo da Casa Real e filho de Gregório de Castro Moraes, (Mestre de Campo do Rio de Janeiro, que morreu combatendo com os franceses no Rio de Janeiro).

4—3 Ana de Alcarão e Luna que se casou com Francisco Fernando Carmelo Pinto de Miranda

4—4 Josefa,

4—5 Luiza e

4—6 Francisco de Araujo e Andrade.

Dos irmãos Azeredos Coutinho, que estão sendo tratados, deve-se dizer que o casal João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho (5—1) — D. Maria do Cardal Ramalho de Oliveira teve os filhos:

6—1 Teodora Higina Arnaut Rivo Ramalho,

6—2 Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (segundo do nome) que se casou com D. Maria Carolina Pinto Coelho da Cunha, filha de Antônio Pinto Coelho da Cunha e Ana Casemira Furtado de Mendonça. O casal Desembargador Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (2.º do nome), (6—2) — D. Maria Carolina Pinto Coelho teve um filho ilustre, que foi;

7—1 Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (3.º do nome), Conde de Aljezur que muito impulso deu à lavoura iguaçuana.

Cite-se ainda, como filho do casal Brigadeiro Inácio de Andrade Souto Maior (5—6 — D. Antonia Joaquina Ataíde Portugal, que foi Manoel Inácio de Andrade Pinto Coelho, Marquês de Itanhaem, tutor de D. Pedro II.

Inimigos franceses promovem o povoamento de Iguaçu no século XVIII

Quase que se pode afirmar que a colonização em terras iguaçuanas é devida, em grande parte, aos inimigos franceses na Guanabara.

Com a chegada de Villegaignon, resolveram os portugueses colonizar o Rio e, conseqüentemente, expandir-se para a região iguaçuana.

Como prêmio a Cristovão de Barros que combateu os franceses, Mem de Sá, daria em 16 de outubro de 1567 uma légua de terra "desde o salgado pelo rio acima e meia de largo para cada parte do rio Iguaçu, ficando este no meio." Esta doação, Mem de Sá confirmaria em 5 de setembro deste mesmo ano.

Quando os franceses de Du-Clerc ameaçaram o Rio, diversos fugitivos ganharam as terras iguaçuanas.

Nesta luta contra Du-Clerc, um iguaçuano havia de ter um importante papel (veja páginas 4 e 5).

Para vingar a derrota Duguay Trouin, com mais de 5.700 homens invade o Rio de Janeiro em 1711 e a cidade é abandonada a 20 de setembro pelo governador Castro Moraes.

"As 11 horas o governador mandou ordens reiteradas aos comandantes para que largassem seus postos e o acompanhassem para o interior. Até então o bombardeamento só tinha produzido uns 20 mortos, entre os quais o Sargento-Mór Martim Correia Vasques, da família Correia de Sá. Desde esse momento tudo foi confusão na cidade: a população, vendo-se abandonada da tropa, entrou a emigrar. «E toda a gente», diz uma testemunha ocular, «se foi metendo por esses caminhos e matos, onde, se houvesse de se individuar os desarranjos, fomes, mortes de crianças, desamparo de mulheres, e toda a qualidade de misérias, fôra um nunca acabar... ajuntando-se à mais terrível noite de chuva e escuro que se pode considerar, que pôs os caminhos de sorte que em algumas partes se passava com água pelos peitos, e pareciam os passageiros o espetáculo de um naufrágio."

E as terras iguaçuanas receberam, mais uma vez os fugitivos. (Veja, por exemplo página 61.)

Três dias depois da invasão chegaram a Iguaçu, sob o comando do governador de Minas, Antônio de Albuquerque 6.000 homens em armas.

Mas o convênio do resgate da cidade foi respeitado e estes homens foram abrigados e alimentados pela fazenda de S. Bento de Iguaçu.

Albuquerque, atendendo ao pedido do Conselho Municipal e dos habitantes do Rio ficou à frente do governo enquanto que o infeliz Castro Moraes terminou seus dias numa fortaleza da Índia, com seus bens confiscados.

Muitos destes soldados que compunham "a melhor gente das Minas Gerais" ficaram em terras iguaçuanas como Iguaçu (que mais tarde seria Vila), S. Bento (na fazenda dos padres) e no Brejo (que mais tarde seria Belford Roxo).

Inácio de Andrade Souto Maior o saneador de Marapicú

Quando Sá e Menezes, pela escritura de 23 de janeiro de 1706, adquiriu mais 750 braças e 800 de fundo, ficou com a primeira légua da sesmaria de Marapicú.

Morrendo Sá e Menezes, o seu herdeiro universal, o Marquês de Abrantes à cuja casa haviam passado os brasões de Marquês da Fonte, obteve mais 3.500 braças próximas a que lhe legara Sá e Menezes. Desiludido, talvez, do valor das terras autorizou o governador Ayres de Saldanha Coutinho Matos de Noronha a vendê-las. Adquiriu-as Manoel Pereira Ramos, em cujas terras, na grandeza de sua Casa, titulou-se o Marquês de Itanhaen.

Um dos filhos de Manoel Pereira e D. Helena de Andrade Souto Maior foi Inácio de Andrade Souta Maior.

Inácio era irmão de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho; desembargador da Relação do Pôrto, deputado à Real Mesa Consórcia, Procurador da Corôa, secretário da princesa real, etc; de D. Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho, Juiz das Ordens dos Militares, reitor da Universidade de Coimbra, Conselheiro da Corôa, bispo de Coimbra, conde de Arganil, etc; de Clemente Pereira de Azeredo Coutinho, Capitão dos Dragões, Juiz, Professor do Colégio Militar de Portugal, Governador da Capitania do Maranhão, etc; foi, como seus irmãos uma glória de Iguaçu e do Brasil.

Fez seus preparatórios no Brasil indo, como Francisco e Clemente estudar na Universidade de Coimbra.

Voltou ao Brasil, em 1754, para administrar as extensas propriedades de seu pai que eram as terras e engenhos de Marapicú, Cabucú, Itau-na, Paués e Guandú.

No governo de Gomes Freire de Andrade, conde de Bombadela, sustentou, às suas expensas, a companhia de cavalaria que comandou durante dezesseis anos.

Pacificou o gentio das freguesias de Paraiba do Sul, Sacra Família e Paty do Alferes, onde ficou sendo conhecido como homem de vigorosa energia e elevada justiça.

Promoveu a abertura de estradas, ao enxugue dos pântanos insalubres e grande aterros como medida de proteção à lavoura, o que muito desenvolveu a região, dando razão, mais tarde para que fizessem parte do município de Iguaçu.

Faleceu em 6 de julho de 1815.

Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Marquês de Itanhaen

Manoel Inácio de Andrade Souto Maior — Marquês de Itanhaen nasceu neste município a 5 de maio de 1782 na Freguesia de Marapicú.

Muito cedo foi estudar em Lisboa completando lá o Curso de Humanidades. Desejando matricular-se na Universidade de Coimbra que era dirigida pelos seus tios paternos, o desembargador do Paço, João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho e o bispo de Coimbra e Conde de Arganil D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, foi impedido, no entanto, pelo Decreto do Príncipe Regente que obrigava a todos os primogênitos a assentar praça no exército logo que terminassem os estudos preparatórios.

Serviu no Regimento Freire de Andrade até 21 de dezembro de 1800 indo como capitão para o Rio de Janeiro onde ficou até 1805. Voltou a Portugal de onde veio coronel do Regimento de Guaratiba, comandando o Distrito de Irajá.

Pelos seus serviços e elogios que lhe fez o Vice-Rei Conde de Rezende, D. João VI concedeu-lhe a Comenda da Ordem da Conceição e, em 3 de maio de 1819, o título de Barão de Itanhaen.

Logo após a independência, D. Pedro I, a 1.º de dezembro de 1822, nomeou-o gentil-homem de Sua Imperial Câmara, a 12 de dezembro do mesmo ano as honras de grandeza para, em 12 de outubro de 1826, elevar-lhe ao título de Marquês de Itanhaen.

Após a abdicação de Pedro I, o Marquês foi nomeado mordomo-mór interino, pela Regência Provisória com a recomendação de guarda e vigilância de D. Pedro II e suas irmãs.

Com a destituição de José Bonifácio de Andrada e Silva da tutela Imperial foi o Marquês de Itanhaen, pelo seu reconhecido caráter, nomeado por Decreto de 15 de dezembro de 1833 tutor de Pedro II.

Curiosa coincidência: no mesmo ano em que o Município de Iguaçu constituía sua independência, um de seus filhos ilustres era nomeado tutor de Pedro II.

A época da maioridade de Pedro II, quando se degladiavam os partidos políticos, ficou incólume o nome de Itanhaen!

Foi Itanhaen um homem feliz, afastado da política, cumprindo apenas o seu dever.

Casara-se quatro vezes. A primeira em Portugal, com sua prima D. Teodora Higinia Arnalt do Rivo Ramalho, filha do desembargador João Pereira Ramos; a segunda, com D. Francisca Matilde Pinto Ribeiro, moça da melhor sociedade de Iguaçu; a terceira, com D. Joana Severina Pinto Ribeiro irmã da precedente, também de Iguaçu, e a quarta vez com D. Maria Angelina Beltrão, açafta da corte de Pedro I.

Bom marido deixou tão profundamente consternada sua esposa com sua morte, que esta veio a falecer menos de trinta dias após o Marquês.

D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho - Conde de Arganil - Bispo de Coimbra

Nasceu D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho em Marapicú a 5 de abril de 1735. Estudou os preparatórios no Rio, com os jesuítas seguindo para Portugal aos 14 anos, onde terminou os estudos formando-se em Cânones em 1754, sendo professor do Colégio das Ordens Militares e posteriormente seu reitor em 1764.

O desejo de D. Francisco era vir ao Brasil e, neste sentido, requereu o lugar de Deão da Catedral do Rio de Janeiro.

O Marquês de Pombal, que conhecia o valor de D. Francisco não permitiu que ele deixasse Portugal, fazendo-o em 1761 Juiz Geral das Ordens Militares.

Em 1770 é Reitor da Universidade de Coimbra e Reformador da mesma Universidade.

Com a invasão francesa em Portugal, foi dos que conferenciou com Napoleão sobre o destino deste país.

Napoleão respeitou-o pelo seu saber, cuja fama corria a Europa.

Em 1811 reformou todas as escolas de Coimbra, onde voltou a ser seu reitor, erigindo os admiráveis edifícios do Museu de História Natural, do Gabinete de Física Experimental, do Laboratório Anatômico, do Dispensário Farmacêutico.

Organizou as oficinas tipográficas, fundou o Jardim Botânico, refundiu a Legislação Literária, regulamentou a Polícia Acadêmica.

D. Francisco Pereira Coutinho organizou todo o Ensino Público de Portugal, criou as cadeiras de Metalurgia, Hidráulica e Astronomia, promovendo, para os bons alunos, viagens e expedições científicas. Com estas expedições foi contemplado seu jovem patricio José Bonifácio de Andrada e Silva.

Deu máquinas e instrumentos ao Observatório e organizou as Efemérides Astronômicas.

Dêle disse o português Monteiro da Rocha: "A opulenta região do Brasil se jacta menos do seu ouro e diamantes do que de haver produzido varão tão singular e ilustre, gênio tão vasto, profundo, cheio de qualidades as mais sublimes, sábio, chefe e protetor dos sábios, grande benfeitor de Portugal, homem extraordinário, que tantos conhecimentos difundiu e tanto adiantou a civilização".

Foi bispo de Coimbra e Conde de Arganil em Portugal, este iguaçuano.

Faleceu a 16 de abril de 1822, aos 86 anos de idade.

Igrejas iguaçuanas do passado

José Matoso Maia Forte descreve, com bastante precisão, baseado nas Memórias Históricas de Monsenhor Pizarro, a que junta outras informações, as antigas igrejas iguaçuanas.

A mais antiga é tida como a de N. S. do Pilar que existiu desde 1612, construída em terrenos doados por Domingos Nunes Sardinha e sua mulher Maria da Cunha. Nesta freguesia aparece antes de 1647, a capela curada de N. S. das Neves.

Em S. João de Meriti a mais antiga igreja parece ser a criada em 1647 pelo padre Antonio Marins Loureiro, que tem descendência nos Azeredos Coutinho de Marapicú (veja página 36).

Monsenhor Pizarro relacionou os capelas nesta ordem:

1.a a de N. S. das Neves que serviu para a criação da freguesia de N. S. do Pilar.

2.a a de N. S. do Rosario, construída antes de 1730 nas proximidades do rio Saracuruna;

3.a a de Santa Rita de Cássia, construída em 1766 pelos Gomes Ribeiro e Ribeiro de Avellar, fazendeiros em Páu Grande, freguesia da Roça do Alferes, em Serra acima, e também proprietários de um porto e fazenda na região do Inhomirim.

Na freguesias de S. João de Meriti:

1.a a de S. Matheus, fundada por João Alvares Pereira, em 1637;

2.a a de N. S. da Conceição, fundada no porto, em 1708, por João Corrêa Ximenes;

3.a a de N. S. da Conceição de Sarapu, antes de N. do Livramento, fundada por frei Bartholomeu dos Serafins;

4.a de N. S. da Ajuda, construída pelo capitão Luiz de Barcellos Machado ou Thomé Corrêa de Sá, em 1700.

Na freguesia de Santo Antonio de Jacutinga:

1.a — a de N. S. do Rosario, na fazenda que pertenceu à Ordem de S. Bento, fundada depois de 1600;

2. — a de N. S. da Conceição de Sarapu, construída por Affonso de Gaya;

3.a — a de N. S. do Livramento, construída por João Ferreira;

4.a — a de N. S. da Conceição, da Cachoeira, fundada antes de 1731 por Manoel Corrêa Vasques, em substituição da que Manoel de Marins fundara na fazenda de Maxambomba.

5.a — a de N. S. da Madre de Deus, construída antes de 1743 por João de Verra Ferreira na fazenda da Posse;

6.a — a de N. S. da Conceição do Pantanal, fundada por Antonio Ferreira Quintanilha antes de 1753.

Na freguesia da Piedade de Iguaçu:

a de Santo Antonio, fundada antes de 1742 pelo padre Antonio da Motta Leite, em local não indicado por monsenhor Pizarro.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho

Américo Vespúcio de Barros Souza e Melo, em seu livro Galeria Fluminense, diz ser João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho nascido no Município de Iguaçu e, baseado nesta informação, a Arcádia Iguaçuana de Letras o tomou para seu patrono, que são todos iguaçuanos natos. Encontramos, no entanto, no beneditino livro de pesquisas de Francisco Klórs Werneck, História e Genealogia Fluminense, que foi aos livros de registo de batismo de diversas igrejas inclusive as de Marapicú onde encontrou o registo dos Azeredos Coutinho, a seguinte afirmação:

"Manoel Pereira Ramos e D. Helena de Andrade Souto Maior se casaram na Sé no Rio de Janeiro em 16-8-1721 onde nasceu o primeiro filho João Ramos de Azeredo Coutinho em 2-7-1722".

Muito embora nascido no Rio, João Ramos não é contudo, menos iguaçuano que seus irmãos nascidos em Marapicú.

De tenra idade veio a Marapicú, adquirida por seu pae, e aí passou sua infância...

Aos 12 anos vai a Portugal onde se destaca como o primeiro estudante de suas turmas. Bacharela-se em Direito em 1744 mantendo sempre o primeiro lugar, em Coimbra, e aperfeiçoa-se em linguas dominando, com facilidade, o italiano, o espanhol, o francês, o latim, o grego e o inglês, sendo das raras pessoas que, na Europa, conhecia o guarany.

Tomou parte na Junta da Reforma da Universidade de Coimbra.

Casou-se em 1772 com D. Maria do Cardal.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho deve ser considerado iguaçuano, embora tenha nascido no Rio, pois que iguaçuano se dizia em Portugal. Em Lisboa, foi o primeiro brasileiro a fazer propaganda de Marapicú, mais tarde município de Iguaçu, tendo mandado diversos portugueses para a região iguaçuana trabalhar em terras de seu pae. Diversos troncos de famílias iguaçuanas surgiram com a propaganda de João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho, Iguaçuano de coração.

O historiador português Fortunato Boaventura, tratando de João Ramos e seus irmãos diz:

"Eles nunca se pejaram de terem nascido em Iguaçu brasileiro, antes sempre se gloriaram de serem teus cidadãos. Nunca falaram de ti, Brasil, sem um alvoroço, um entusiasmo extraordinário, que se transfundia logo aos seus ouvintes".

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (3.º do nome) Conde de Aljezur

Nascido em 1820 o filho do Desembargador Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho (2.º do nome) e de D. Maria Carolina Pinto Coelho da Cunha, o terceiro de nome Francisco de Lemos teve importante papel no desenvolvimento dos primeiros anos do município de Iguaçu.

Era Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho tenente-coronel de milícias, deixando ilustre nome nessa carreira.

Indo a Portugal, casou-se com D. Maria Rita de Noronha "primeira viscondessa de Aljezur, filha natural, nascida em 21 de janeiro de 1826 reconhecida no ato de batismo de seu pai, o 6.º Marquês de Angeja, 8.º conde da Vila Verde, legitimada por alvará de 28 de maio de 1845" (Matoso Maia).

Pelo casamento, Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, passou a fazer uso do título de visconde e, posteriormente, a de Conde feita esta concessão por D. Pedro V, em 1858.

Foi Francisco de Lemos, Veador de D. Amélia, 2.ª imperatriz do Brasil, Camarista de D. Pedro II a quem acompanhou no exílio.

Casou, em segundas núpcias, com D. Ana Carolina de Saldanha da Gama. Teve grande influência nos destinos políticos de Iguaçu, muito embora, por diversas vezes a Câmara promoveu desapropriações de suas terras para supostos usos de utilidade pública.

Equilibrado, de grande visão, estimulou, sobretudo em Marapicú, o estabelecimento de agricultores.

Frequentava constantemente a Vila de Iguaçu, tratando sempre, junto ao governo de Pedro II, de quem era amigo particular, dos interesses do Município.

Comandou o 7.º Corpo de Cavalaria da Província do Rio de Janeiro sediada na Vila de Iguaçu. Recomendava aos seus subordinados diretos: Capitão Francisco de Paula e Silva, capitão Bento Pereira de Bulhões Carvalho e tenente Antonio Francisco do Couto que a Cavalaria de Iguaçu devia ser o modelo de garbo e disciplina na Província do Rio de Janeiro.

Faleceu aos 89 anos, em abril de 1909.

Manoel Pereira Ramos

Filho de Tomé Alvares do Couto Moreira e de D. Micaela Pereira de Faria e Lemos, o Capitão-mór Manoel Pereira Ramos de Faria e Lemos é um dos homens a quem muito deve o município de Nova Iguaçu.

Possuidor das terras dos engenhos de Marapicú, Cabuçu, Itaúna, Paués e Pantanaís do Rio Guandú, Pereira Ramos realizou tal trabalho de saneamento e lavoura que tornou produtiva vasta região do futuro município. Casado com D. Helena de Andrade Souto Maior, teve 12 filhos, sendo onze iguaçuanos de Marapicú, e quase todos ilustres.

No início do século XVIII, quando Manoel Pereira Ramos comprou grandes áreas em Marapicú, não se podia supor que os alagadiços fossem transformados em regiões produtoras.

Manoel Pereira Ramos, capitão-mór de um dos distritos da cidade do Rio, homem de extraordinária força de vontade e de larga visão, estudou as condições das caudais que em época de chuvas transbordavam a tudo inundando e planejou disciplinar a força das torrentes.

O Guandú — de Gua-Nhandu, o que corre aos saltos com estrépitos — é um rio formado por dois outros que correm em sentidos opostos: o Ribeirão das Lages e o Santana (também conhecidos por Guandú Sapê e Guandú do Sena).

Pereira Ramos pôs em obra um imenso canal que ligou o rio Guandú ao Itaguaí, fazendo com que este, passando a receber as águas desviadas daquele que, agora, sem a violência da corredeira "os saltos com estrépitos" tornou-se navegável por pequenos barcos até Sepetiba, ao passo que desapareciam também as inundações que roubaram grandes áreas à agricultura.

Conseguia Pereira Ramos fazer escoar os produtos de suas fazendas por novo caminho — Sepetiba — e aproveitar muitos hectares de terra.

Até hoje, este gigantesco trabalho admira aos homens, que agora possuem potentes máquinas.

Pereira Ramos tornou habitável grande parte do município, construiu imensa fortuna e foi o tronco da gloriosa família dos Azeredos Coutinho, em Iguaçu.

Seus trabalhos de saneamento foram continuados por Inácio de Andrade Souto Maior.

Fazendeiros iguaçuanos dos séculos XVIII e XIX

A Revista do Instituto Histórico, na 1.^a parte do tomo 76 relaciona as fazendas (engenhos) iguaçuanos do século XVIII que eram:

Engenho do Porto, de Manoel Mis dos Santos, N. S. da Ajuda, de Francisco Mis - Covanca, de Marcelino Barbosa da Costa Barros - Barbosa, do capitão Domingos Barbosa - N. S. do Desterro da Pavuna, do capitão Inácio Rodrigues da Silva - São Mateus, Alferes Ambrosio de Souza Bananal, capitão Ayres Pinto - Gericinô, D. Maria Andrade - Cabral, capitão Miguel Cabral - Lemos, capitão João Pereira Lemos - Rosa, capitão Antonio da Rocha Rosa - Gomes, capitão Luciano Gomes - Madureira, Manoel Luiz de Oliveira - Posse, capitão Francisco de Veras Nascente - Maxambomba, Sargento-mór Martim Corrêa Vasques - Brejo, capitão Apolinário Maciel e do padre Antonio Maciel - Cachoeira, capitão Manoel Corrêa Vasques - Santo Antonio do Mato, mestre de campo Inácio de Andrade - Conceição, Inácio Gomes - Tipuera, Alferes José Felipe - Marapicú a Cabuçu dos Azeredos Coutinho (morgadio do Ramos) - Piranga, tenente Antonio Marinho de Moura - Mato Grosso, mestre de campo Inácio de Andrade Souto Maior Rendon - Barbosa, capitão Luiz Barbosa e de D. Luiza Maria.

Relacionamos, no século XIX as principais fazendas iguaçuanas, apenas as de grande produção que foram:

Conceição, tenente-coronel Francisco Pinto Duarte - Cabuçu, Conde de Aljezur - Posse, Coronel Ernesto França Soares - Morro Agudo, Comendador Francisco José Soares - Boa Vista, alferes João Antonio Soares - Thibau, Dr. João Fernandes da Costa Thibau - S. José, Comendador Joaquim José Soares - Souza, Joaquim José Tinoco de Souza - Riachão, José Machado Veríssimo e Andrade da Silva - Tinguá, Comendador Antonio José Soares - Madureira, Coronel Francisco José Soares - Cambará, Antonio Gomes do Monte - Santa Helena, Dr. Cassiano Augusto de Melo - Piranga, tenente Azarias Pereira da Silva Durão - Mato Grosso, tenente coronel Francisco de Paula Bulhões Sayão - Boa Esperança, Inácio Luiz Sá Freire - São Joaquim, Joaquim Antonio da Silva Camarinha - São José, Dr. Joaquim José de Oliveira - Bemfica, coronel Miguel Atanásio da Costa Barros Sayão - Paraíso, Tomás Ferreira Monteiro - Vigário, Padre José Cardoso Fraga - Livramento, Antonio Fernandes Pereira Santa Branca, Luiz Antonio da Silva Costa - Monte Belo, alferes Antonio Pinto Duarte - Conceição, alferes Delfim Pinto Duarte - Tinguá, Francisco Pereira Jorge - Monte Arará, Guilherme Mentzingen - Japeçaba, Conde de Iguaçu.

Jacutinga

Hoje, apenas uma localidade, parada da linha auxiliar.
No passado, um nome que representou muito na história iguaçuana.

Milliet de Sainte-Adolphe diz, em 1845:

"Jacutinga, antiga povoação da Província do Rio de Janeiro, 8 léguas pouco mais ou menos ao noroeste da cidade deste nome.

Havia antigamente nesta povoação uma mesquinha igreja dedicada a Santo Antonio, que fazia as vezes de Paróquia desde o ano de 1657, a qual, achando-se de todo arruinada, foi transferida a pia batismal para uma igreja nova que se havia construído nas adjacências do ribeiro chamado de Santo Antonio, a qual com o decurso do tempo veio a ser substituída por outra feita de pedra, no ano de 1733, que alcançou o título de paróquia em 1755, posto passassem 40 anos antes que lhe fossem concedidas as prerrogativas.

É ao pé desta igreja matriz que se acha assentada a povoação cujas casas são telhadas, e onde se vêm alguns mercadores de retalho.

Seu termo se acha com desigualdade encravado de todas as partes, e pega, ao norte, com os do Pilar e de Iguaçu; ao poente, com o de Marapicú; ao sul, com o de Meriti; e ao nascente, limita-o a baía do Rio de Janeiro; encerra 3.600 habitantes lavradores de cana, mandioca, milho e café, vários fornos de telhas e de tijolo, 11 engenhos ou fábricas de destilar aguardente, e é regado pelo rio Iguaçu, que dá navegação a barcos, e pelos ribeiros Taipú, Novo de São Pedro, que se navegam somente de canoas. A esta freguesia, pertencem as povoações de Porto dos Saveiros, Sarapuí, Livramento, Cachoeira e Pantanal, cada qual com sua igreja. Depende a freguesia de Jacutinga por tudo quanto diz respeito às causas criminais da cidade do Rio de Janeiro, por virtude d'um decreto de 14 de novembro de 1831".

Santo Antonio de Jacutinga nunca esteve, contudo, ao nível das demais freguesias iguaçuanas, muito embora, lá vivessem homens de tal valor como o paroco Joaquim da Serra Gomes, que em 1755 serviu de curato a Sé e foi protonotário apostólico, e que instituiu em Jacutinga a 23 de dezembro de 1721, uma irmandade para adoração perpétua do SS. Sacramento da Eucaristia. Quando a Estrada de Ferro passou por Maxambomba, o arraial de Jacutinga foi cedendo, lentamente, em progresso, para aquele arraial, o que promoveu a transferência da sede da freguesia para Maxambomba, com a lei 1.267 de 29 de novembro de 1862.

Em consequência, a 25 de março de 1863 (veja página 29) a igreja de Jacutinga foi transferida para Maxambomba, localidade nascida em torno do engenho deste nome, de Martim Correa Vasques, já existente em 1710.

É interessante notar que à época da transferência da sede de Jacutinga para Maxambomba o Juiz de Paz da Região, descendente do fundador do engenho, era José Bernardino Correa Vasques.

Esta ilustre família possuiu numerosos membros nascidos na freguesia de Jacutinga.

Maxambomba

Desde o pequeno arraial criado a partir de 1710, em torno do engenho de Martim Corrêa Vasques, até a mudança de nome para Nova Iguaçu, que se verificou em 1916, por iniciativa de Manoel Reis, esta localidade teve pequenos assuntos, apenas, para a sua história.

Foi, Maxambomba, contudo, berço de diversos homens que se ilustraram, sobretudo na família do antigo senhor do engenho, como os Corrêas de Sá, os Corrêas Vasques e os Corrêas Vasqueanes.

O mais ilustre deles foi o Tenente-coronel Martim Corrêa de Sá (veja página 4).

A importância muito relativa de Maxambomba, no século XVIII, não lhe deu destaque nos assentamentos geográficos, onde geralmente não figurava.

Mesmo o famoso Dicionário de Saint-Adolphe, já em 1845, não figura o arraial. A Estrada de Ferro Pedro II criou, contudo uma parada em Maxambomba, cujo nome foi, na segunda metade do século XIX, ridicularizado como lugarejo atrasado. Em 1862, apesar de seu vagaroso crescimento, apresentava, no entanto, maior desenvolvimento que Jacutinga, a quem tomou o privilégio de sede de Freguesia. Em 1866, apareceu a primeira escola pública dentro de Maxambomba (outras havia na Freguesia, como em Jacutinga e Brejo, atual Belford Roxo) e que foi regida por D. Maria Virginia da Silva, aparecendo, em 1875, a do tenente Augusto Monteiro Paris, que foi a primeira escola particular de Maxambomba. Em 1885 surgiu a escola do tenente Olivério Pereira Monteiro. Nesta época, fazia grande propaganda do desenvolvimento do arraial o negociante Antonio dos Santos Barbosa.

O Governo Municipal, contudo, só se preocupou com Maxambomba quando para aí foi transferida a sede do município, até 1891 em Iguaçu.

Em 1893, Pedro Teles Barreto de Menezes, dividia a renda do município entre obras em Meriti e Maxambomba, cabendo a esta pouco mais. Já no ano seguinte, Pedro Teles esquecia a sede para gastar a renda em Marapicú e na decadente Iguaçu.

Joaquim Tavares Guerra, em 1896, também esquecia a sede para cuidar de Meriti, Pilar e Brejo, para em 97 lembrar-se de Maxambomba, menos que a Meriti, mas mais que à Iguaçu, Marapicú, Pilar e Palmeiras. O enérgico Porto Sobrinho cuidou em 1900 mais de Meriti, mas, em 1902, voltou-se mais para Maxambomba que para Marapicú e Pilar.

Alfredo Cezar Soares, fez em 1904 e 1905 mais obras em Marapicú que em Maxambomba. O progresso era lento até que Bernardino de Melo, em 1907 aplicou quase toda a renda em Maxambomba, deixando pouco para as sempre aquinhoadas Marapicú e Meriti.

Após 1914, Maxambomba começa o período de loteamentos. Em 1916 é crismada com o nome de Nova Iguaçu, esta cidade gigante, de desenvolvimento ciclópico, e que teve tão prolongada e enfêrma infância como Maxambomba...

Morro Agudo

Apesar de Nava Iguaçu (Maxambomba) e Queimados terem suas estações de viação férrea inauguradas em março de 1858, Morro Agudo, primitiva Japeaçaba antiga Bonfim do Riachão e atual Comendador Soares, somente em 1897 viu os trens pararem em sua localidade.

As localidades próximas de Nova Iguaçu e Queimados como Mesquita e Austim tiveram ainda, antes de Morro Agudo, suas estações inauguradas respectivamente em 1884 e 1896.

Japeaçaba, a enorme fazenda do conde de Iguaçu, sofreu grandes retalhamentos, ao morrer seu proprietário, em 1881.

Passou a região a ser conhecida como Bonfim do Riachão, para, pouco mais tarde, ser denominado Morro Agudo, nome da fazenda do comendador Francisco José Soares, que era apontada no segundo reinado, como modelo das propriedades rurais da Província do Rio de Janeiro.

O nome, de tal sorte assentou na localidade que, quando mais tarde a Central do Brasil pretendeu retornar ao nome de Japeaçaba, a população, em protesto arrancava as placas com este nome.

Bem mais tarde, a Central, e também a Câmara Municipal, havia de denominar a localidade de Comendador Soares, homenagem ao ilustre varão. No entanto, o povo havia de continuar a chamar-lhe de Morro Agudo.

Aí, poder-se-ia parodiar a anedota do inglês que reclamava ser o português a língua mais difícil de se pronunciar:

"—Escreve-se Comendador Soares mas 'lê Morro Agudo'".

Com a doação que fez Francisco Luiz Soares, das suas fazendas, à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em seu testamento (morceu em 24 de agosto de 1916), a localidade passou a se arrastar letamente para o progresso.

Apesar de possuir boas estradas, ligando às demais regiões iguaçuanas (a estrada de Morro Agudo - Austin ou Riachão foi reformada em 1931; a Morro Agudo - Santa Rita remodelada em 1932; e a Morro Agudo - Cabuçu aberta em 1933 e neste ano retificada a Morro Agudo - Nova Iguaçu) a localidade, encravada na propriedade da Santa Casa, não apresentava progresso.

Finalmente com a venda das terras promovida pela Casa de Misericórdia, Morro Agudo progride rapidamente, com seus inúmeros loteamentos.

Os primeiros melhoramentos urbanos dignos de nota vem de 1931, quando foi aberta, até a estação, a rua Tomás Fonseca.

Em 51 e 52 foram pavimentadas esta rua e a Praça da Matriz.

Pela rua Marechal Floriano Peixoto, Morro Agudo já se acha ligado, em construções, à Nova Iguaçu.

1960, deverá ser, no futuro, considerado o ano do início da época áurea de Comendador Soares.

José Bulhões

A localidade de José Bulhões, anteriormente Cava, apesar de ser das mais antigas de Iguaçu tem tido lento desenvolvimento.

Nos últimos anos, sobretudo devido à condução rodoviária, que vem aumentando sensivelmente, tem havido nesta região maior progresso e que em pouco, sem dúvida, será das mais adiantadas no Município.

A região é o início da antiga fazenda de Cava.

Circundada por grandes propriedades que lhe impediram o desenvolvimento, só recentemente, com alguns loteamentos, tem Cava progredido no aumento de construções residenciais.

Esta região, em meados do século passado, apresentou uma época áurea e tão promissor era seu futuro que Antonio Guedes Chaves abria em Cava uma hospedaria, fazendo concorrência às três da Vila de Iguaçu.

Houve época em que Cava ditava moda para a Vila onde era conhecido, como grande alfaiate, José Ferreira da Silva.

Em 1919, atendendo aos reclamos da população, foram feitos grandes trabalhos de desobstrução do rio Paiol, o que veio permitir um bom saneamento da região.

O grande melhoramento de José Bulhões foi a luz elétrica, que valorizou muito suas terras chegando à região por força de um contrato entre a Prefeitura e a Sociedade Anônima Vera Cruz, com sede em Paty do Alferes. Por este contrato, firmado em 14 de setembro de 1932 a Companhia Vera Cruz teve permissão de "estender suas redes de energia elétrica no município de Iguaçu para fornecimento de luz e força a particulares nas diversas localidades do município ainda desprovidas deste serviço".

Neste documento a nova empresa, em troca da concessão, tinha a "obrigação de instalar e manter gratuitamente 8 lâmpadas de 60 velas para a iluminação pública de José Bulhões".

Esta irrisória imposição deu, contudo, ressureição à velha Cava, que será, em pouco, um adiantado lugar.

Em 1933 a estrada de José Bulhões a Heliópolis foi toda remodelada.

Na Prefeitura Luiz Guimarães, foi construído o Grupo Escolar Nilo Peçanha, em 1954, com o qual muito se beneficiou a localidade.

Queimados

Marapicú e Queimados estiveram durante longo período disputando a sede do distrito.

Figuras de prestígio na história iguaçuana empenharam-se no progresso dessas localidades como: os Azeredos Coutinhos, nos séculos XVIII e XIX, João Manoel Marques de Oliveira Filho, Major José Carlos da Silva Pinto, José Rafael de Souza Pereira, Joaquim Antonio da Silva Camarinha, capitão Domingos José Claro, Alferes Antonio Dias Teixeira, José Mendes de Figueiredo, Alferes Antonio Ribeiro Junior, Alferes Bernardo José Soares, José Justino Pereira, Miguel Joaquim de Almeida, Conde Modesto Leal e a muitos outros devem estas localidades seu progresso.

Personalidade interessante em Queimados, foi Joaquim Antonio da Silva Camarinha que deixou nome na Estrada do Camarinha.

Este Camarinha possuía, entre açougues e tantas lojas de comércio, um hotel e uma padaria, além de animais para o transporte em diligências.

Quando a Estrada de Ferro Pedro II foi inaugurada até Queimados (veja página 19), esta localidade tomou grande impulso.

Camarinha possuía a diligência que continuava, por Belém, o futuro caminho da ferrovia. Mas, possuía também um hotel (que fazia concorrência ao de José Mendes Figueira) e que ficava junto à padaria de sua propriedade.

Naturalmente, quando o trem atrasava um pouco, a diligência não esperava, tendo os passageiros de pernoitar no hotel do Camarinha que também possuía uns jogozinhos para distrair os hóspedes que não conseguiam dormir com o barulho da padaria do mesmo Camarinha.

A veracidade desta história, sem dúvida original, assenta na tradição, tão somente.

No fim do século passado, Queimados apresentava um meio social que muito não devia ao da Vila de Iguaçu, onde pontificavam os professores Januário da Costa Côrtes e Napoleão Adriano Baldy, os doutores Joaquim José de Oliveira, Geraldo Luiz da Mota, Antonio de Oliveira Moraes o capitão José Gonçalves Cruz e os hospedeiros Clementino José Grandão e Luiz José Ramos Drumond.

Havia ainda em Queimados um conceituado colégio para meninas: Nossa Senhora da Conceição.

Queimados, que tanto impulso teve ao inaugurar-se a Estrada de Ferro (havia nesta ocasião três hotéis. Hoje: nenhum), declinou após o avanço dos trilhos.

Em 1917, depois de reclamações dos moradores, foram feitos alguns melhoramentos, comemorados quando ficou pronta a ponte de cimento armado "de balaustradas e cabeceiras do mesmo material", construída pelo Major Antonio de Souza Antunes.

Depois de 1930 algumas obras de importância foram feitas como a retificação do rio Abel, a reforma da Estrada do Passa Vinte, a remodelação da Praça Peregrino de Azevedo etc.

Inhomirim

Afastada da Vila de Iguaçu, com difícil comunicação para o resto do município, Inhomirim sempre foi um grande problema para Iguaçu.

Causadora mesmo do desaparecimento temporário do município (veja página de 30 a 32) ligava-se mais a Magé.

Inhomirim hoje faz parte integrante do município de Duque de Caxias, mas, como curiosidade, vamos demonstrar que Inhomirim é legalmente iguaçuana de vez que nunca foi, neste aspecto desmembrada de Iguaçu.

Eis como se pode historiar:

Em 1835, apesar de estar em pleno funcionamento a Câmara de Iguaçu, a Assembléia Legislativa da Província, em sua primeira legislatura, extinguiu, com a lei n.º 14 de 13 de abril, a vila de Iguaçu sendo o território Iguaçuano dividido entre os municípios de Vassouras e Magé.

Em 1836, com a lei n.º 40 de 7 de maio a Assembléia Legislativa da Província determinou que as Freguesias de Iguaçu, Marapicú, Jacutinga e Pilar ficassem fazendo parte do Termo de Niterói.

Neste mesmo ano o Presidente da Assembleia Provincial, Paulino José Soares de Souza, futuro Visconde do Uruguai, dizia a seus pares:

"Não duvido assegurar-vos que a população e o comércio da povoação de Iguaçu lhe dão direito a esperar de nossa justiça e imparcialidade a sua integração de Vila".

A Assembléia restabeleceu, pela lei n.º 57 de 10 de novembro de 1836, a Vila de Iguaçu para que "ficassem subsistindo nos mesmos preciosos termos do decreto de sua criação".

No entanto, a freguesia de Inhomirim foi, com a lei n.º 397 de 20 de maio de 1846 "desmembrada do município de Magé", quando da criação da Vila Estrêla!

Como poderia ter sido "desmembrada do município de Magé", quando pela lei 57 voltou a pertencer ao município de Iguaçu, não tendo havido outro instrumento legal que a desligasse deste município?

Naturalmente que hoje, não interessaria a Nova Iguaçu esta região de vez que a mesma estaria separada por terras de Duque de Caxias, como um "corredor polonês".

Mas legalmente, Inhomirim é iguaçuana pois que lei alguma desde 10 de novembro de 1836 a desmembrou de onde poderia, isto é, "do município de Nova Iguaçu".

Belford Roxo

Já ao tempo da Vila de Iguaçu era o antigo Brejo uma das localidades mais importantes do Município. Prova isto a concessão obtida pelo Visconde de Barbacena em 8 de outubro de 1848.

Segundo esta concessão pedida àquele ilustre Visconde, que tanto se interessou pelo desenvolvimento do Município de Iguaçu, construir-se ia uma estrada de ferro que ligasse as margens do Guandú à Vila de Iguaçu podendo estender um ramal até o Brejo.

Isto prova a grande visão de Barbacena procurando estabelecer a comunicação entre os dois rios, Iguaçu e Guandú, escoadouros fluviais de quasi toda a produção da Vila, provando ainda a importância do Brejo naquela época quando Jacutinga e Maxambomba ainda não apresentavam relêvo social.

Muitas das residências do Rio de Janeiro foram construídas com tijolos fabricados no Brejo pela firma Carvalho Junior & Cia. que anunciava (em 1855): "Carvalho Junior & Cia. estabelecidos no Porto do Brejo, recebem cafés a embarcar para o Rio de Janeiro e o compram, tem grandes sortimentos de fazendas de todas as qualidades, ferragens e molhados e um grande estabelecimento de olaria, tijolos etc".

Em seu passado destacam-se os membros das famílias Maciel, Carvalho, Rocha, Jarbas Xavier e Costa Braga.

Belford Roxo, que hoje compõe o 4.º Distrito, é uma das mais populosas e adiantadas localidades iguaçuanas.

Sobressaem-se atualmente, entre tantos batalhadores de seu progresso os Srs. José Haddad e Casemiro Meireles.

Belford Roxo, o antigo Brejo, muitíssimo prosperou nos últimos anos.

As rivalidades políticas, que quasi sempre são funestas em todos os lugares fizeram, no entanto, o grande desenvolvimento de Belford Roxo.

Os líderes, cada um apoiado por homens de recursos do lugar, procurar (e ainda procuram) dotar a região de melhoramentos para conseguir a supremacia política.

Belford Roxo refartesse nestas preferências o que lhe faz ganhar qualquer que seja o partido governante.

Tem sido escolhido para sede de grandes indústrias (sendo as últimas a Dyrce Industrial e a Química Bayer) o que lhe deu uma grande população.

O calçamento entre Belford Roxo e Nova Iguaçu contribuiu muito também para o progresso desta região, das mais adiantadas do município.

Mesquita

Um dos grandes fazendeiros do Município de Iguaçu foi Jerônimo José de Mesquita. Além de comerciante fortemente estabelecido na praça do Rio de Janeiro, era o primeiro Barão de Mesquita vereador da Câmara daquela cidade e diretor do Banco do Brasil.

Homem de fortuna, distribuía largamente suas esmolas com a pobreza do Rio de Janeiro, além de subvencionar regamente uma grande quantidade de Institutos de Beneficência, ordens religiosas e igrejas das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

O primeiro Barão de Mesquita era irmão do Conde de Bonfim, Francisco José de Mesquita, também grande proprietário das terras da Fazenda de Jacutinga.

Herdeiro da fazenda de seu pai, foi o 2.º Barão de Mesquita deputado da província do Rio de Janeiro na ocasião da primeira Constituinte Fluminense, sob o governo de Portela.

Os Mesquitas promoveram obras de saneamento na região em que hoje guarda o seu nome.

A localidade de Mesquita chamava-se anteriormente Mutambó e constituiu uma parada de trem com este nome em 1882, quando nela desembarcou D. Pedro II para uma visita à Vila Iguaçu.

De Mutambó, D. Pedro II seguiu de deligência para a fazenda de São Bernardino, onde pernoitou, indo no dia seguinte hospedar-se na propriedade agrícola de Francisco Pinto Duarte, que recebeu neste ano o título de Barão de Tinguá (2.º).

Mesquita é uma das localidades mais bem traçadas do Município. Suas ruas largas, seus quarteirões geométricos, suas belas residências, emprestam-lhe aspecto alegre. Há numerosas fábricas, olarias e intenso comércio, que denotam grande progresso.

Muitos anos, no entanto, ficou relegada ao abandono da administração municipal.

Até 1930, suas vias de comunicação eram péssimas, mesmo a estrada, que ligava Nova Iguaçu ao Rio, andava mal cuidada.

No Relatório do Coronel Alberto Soares de Souza e Melo, prefeito para o triênio de 1929 a 1932 (que não chegou a completar por causa da Revolução), vê-se uma referência a Mesquita que diz:

"De Nova Iguaçu até Mesquita, se a estrada não está em ótimas condições dá, contudo, passagem perfeitamente a qualquer veículo.

De Mesquita até Nilópolis, está pior, porém aí está sendo atacado o serviço, esperando que dentro de mais alguns dias estará tão boa como a outra parte."

Em 1932 a Prefeitura Arruda Negreiros fazia os estudos para a abertura das estradas entre Mesquita e Chatuba e entre Mesquita e a estrada do Guimbú.

Estas estradas deram grande desenvolvimento a Mesquita, que se acentuou com o calçamento desta região a Nova Iguaçu, a quem já se acha praticamente unida.

Palmeiras

Palmeiras localizava-se numa plataforma no meio da serra de Tinguá, no antigo Caminho do Comércio que ligava Minas Gerais a Iguaçu.

Era um povoado progressista onde foram grandes proprietários o marquês de S. João Marcos, Pedro Dias Pais Leme e o barão de Paty do Alferes, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck.

Em 6 de outubro de 1855, com o empenho do Barão do Paty, foi criada a Freguesia de Santana das Palmeiras com terras desmembradas da Vila de Vassouras e incorporadas à Vila Iguaçu.

Cresceu o povoado que gozava, graças à sua localização serrana, de agradável clima.

Veio então a Estrada de Ferro em 1858, ligando a Côte à Queimados.

Aquela estação progredia assustadoramente, era o melhor caminho para Minas, como ponto final que era da Estrada de Ferro D. Pedro II, atual Central do Brasil.

Queimados agigantava-se, imediatamente surgiram três hotéis: Hotel Guimarães, Hotel Magalhães e Hotel Joaquim Antonio da Silva Camarinha.

Falou-se então em um caminho que seria ampliado de uma picada existente pelo Rio D'Ouro de Palmeiras até Queimados.

O caminho porém, não veio...

Em 1862 quando já existiam as estradas da União e Indústria e de Mangaratiba, a famosa Estrada do Comércio, que Paulino de Souza dizia, em sua época, "a única filha da arte em seu traçado", era apontada nos relatórios oficiais como "mal delineada".

Os povos de Valença e Vassouras, que a utilizavam no caminho de Minas a Iguaçu reclamavam um outro traçado que passasse do Rodeio à Sacra Família do Tinguá e desta a Paty de Alferes, pois a do Comércio que se dirigia "ao quase extinto mercado de Iguaçu, com ásperas rampas e declives", era nefasta ao comércio de ambos os municípios.

A este tempo, a Vila de Iguaçu, estava em franca decadência; o abandono da Estrada do Comércio que se fez gradativamente (a princípio pelo desenvolvimento dos portos de Pilar e Estrêla, promovendo concorrência com Iguaçu; continuando pela inauguração da Estrada de Ferro do Barão de Mauá, que veio desviar mais ainda o comércio da Vila: prosseguindo pela inauguração da Estrada de Ferro Pedro II para finalmente completar com a nova estrada de Rodeio-Paty) foi, naturalmente a causa para o desaparecimento da promissora localidade serrana de Palmeiras.

Chamamos a atenção do governo do Município, neste modesto trabalho, que se poderia reviver Palmeiras dado o seu esplêndido clima, o melhor do município, em bela localidade de fim de semana para iguaçuanos e caxienses. Esta região nada deveria a Barão de Javari, Arcozelo ou Paty de Alferes em situação e clima. Ao contrário, além do clima daquelas localidades poderiam ser construídos Belvédères de onde, em diversos pontos, descortina-se a Baía de Guanabara e toda a maravilhosa paisagem da cidade do Rio de Janeiro.

Nilópolis

São Mateus de propriedade de Domingos Machado Homem e sua mulher D. Joana Barcelos e posteriormente do filho dêste, o padre Mateus Machado Homem, foi em 1637 de João Alves Pereira, que mandou construir a capela de São Mateus, passando em 1779 para o alferes Ambrósio de Souza para ser em 1786, de propriedade de Jerônimo de Mesquita, primeiro Barão de Mesquita.

Os produtos da fazenda escoavam-se pela estrada de São Mateus até a Pavuna, em carros de boi, e daí, em chatas até o rio.

Junto ao engenho, formou-se o povoado que é hoje a cidade de Nilópolis, com a divisão do latifúndio do Barão de Mesquita.

Seu desenvolvimento data da primeira guerra mundial, com loteamento sem planejamento urbanístico.

O povoado sem sistema de esgoto sofre certa ocasião, forte inundação, de oito dias, onde pereceram muitas pessoas.

Formou-se então, sob o comando do capitão Francisco José da Silva, e de um certo "baiano", uma campanha de protesto contra o proprietário da área loteada que, para sua defesa, contratou capangas dos moradores da Favela e da Saúde.

O capitão Francisco José da Silva processado por injúria, e "baiano, constantemente prêso na cadeia de Nova Iguaçu acabaram por abandonar a cidade.

Em 1915, surgiu a companhia Ferro Carril Melhoramentos de Iguaçu, assentando trilhos que fizeram voltar fé nos loteamentos.

Em 1919, o Dr. Otávio Ribeiro Faria Braga loteava o lado direito da linha férrea e em 1921 o Rufino Gonçalves Ferreira completava outro loteamento.

Assim crescia Nilópolis. Ernesto Cardoso em seu livro é precioso nos relatos desta bela região que foi tantos anos iguaçuana:

A primeira escola, Externato Nilo Peçanha, surgiu em 13 de junho de 1914 com o Prof. Franklin Cordeiro de Carvalho; a primeira festa em louvor a São Mateus em 21 de setembro de 1914 sendo a estação inaugurada, como também o busto de Frontin, em 8 de novembro de 14.

No ato inaugural da estação que se chamou Engenheiro Neiva falou pelo povo o Dr. Adolfo Gomes de Albuquerque e no descerramento do busto, o coronel Júlio de Abreu estavam presentes, além das autoridades iguaçuanas, os Drs. Arrojado Lisboa, Paulo de Frontin e Soares Neiva.

Em 1916, a Companhia de Carril Melhoramentos de Iguaçu fazia trafegar o primeiro bonde puxado a burros. Nele trafegou o Dr. Nilo Peçanha quando visitou pela primeira vez esta cidade, época em que foi inaugurada a luz elétrica.

A Companhia Carril Melhoramentos de Iguaçu era vendida mais tarde, em hasta pública, por sete contos de réis.

Em 21 de março de 1917, através do empenho do Dr. Manoel Réis, o estado inaugura uma escola pública e a 1.º de outubro de 1917 é inaugurada a Agência do Correio.

A água potável vem a 13 de novembro de 1918, conseguida por crédito no Congresso pedido pelos Drs. Paulo de Frontin e Fernando Mendes de Almeida.

A revista "Nilópolis" aparecia em 15 de novembro de 1918 e a cidade, muito embora fôsse conhecida há muito tempo por Nilópolis, só tomaria oficialmente esse nome em 26 de outubro de 1921, por intervenção de Manoel Réis.

Duque de Caxias

Caxias foi, juntamente com São João de Meriti, das primeiras terras iguaçuanas a preocupar os colonizadores da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Assim, é que em 16 de outubro de 1567, Mem de Sá dá a Cristovão de Barros uma légua de terra "desde o salgado pelo rio acima, meia de largo para cada parte do Rio Iguaçu, ficando este no meio".

Em 1568 vem doações a Braz Cubas que, não se apossando das terras, foram cedidas a Antonio Vaz em 1577.

Em 1591 Jorge Ferreira doa uma ilha no Rio Iguaçu e mais trezentas braças ao largo do mesmo ao mosteiro de S. Bento o qual, ainda em 91, compraria dele mais uma légua de terra.

Dona Marqueza Ferreira deixa meia légua de terra ao Mosteiro, "que começa onde quebra o salgado", pelo rio Iguaçu.

Segue-se sucessivas compras pelo Mosteiro: em 1602 "mil braças do comprido pelo sertão acima" a Estevão de Araujo e sua mulher Catarina Bittencourt; em 1603 cem braças a Jerônimo Monteiro; ainda em 1603 quinhentas braças, "ficando Iguaçu no meio", a Diogo de Montarroyo e sua mulher Brites de Lucena; em 1606 cinquenta braças de comprido e setecentas e cinquenta de ambos os lados do rio a Estevão de Araujo e sua mulher Catarina Bittencourt pelo preço de seis mil réis. Outras compras vão sendo feitas pelos Beneditinos de Iguaçu e outros agricultores.

Em 1612 Domingos Nunes Sardinha grande fazendeiro desta região iguaçuana faz doação de terra para construção da ermida de N. S. de Pilar, em torno da qual surgia o arraial do Pilar.

Em 1613 Frei Bernardino de Oliveira inaugurava o Engenho Iguaçu cuja produção foi aumentando até que de 1620 a 1625 era considerável a exportação de açúcar para Portugal. Frei Francisco de Madalena em 1652, com grande número de escravos promove o plantio de canavial em enormes extensões, cujas safras deram, no entanto, prejuízos. Os padres fazendeiros de Iguaçu que mais se destacam foram:

De 1613 até 1640 — Frei Bernardino de Oliveira e Frei Miguel dos Anjos. — 1660 até 1643 — Frei Baltazar dos Reis — 1644 até 1653 — Frei Francisco de Jesus — 1653 até 1669 — Frei Plácido dos Reis — 1669 até 1673 — Frei Leandro de São Bento.

Em 1650 Simão Botelho, único possuidor de uma sesmaria à margem do Inhomirim, funda uma igreja dedicada a N. S. da Estrêla, núcleo da futura Vila de Estrêla.

A 1730 é construída a capela de N. S. do Rosário na Freguesia de N. S. do Pilar.

Em 1766 as famílias Gomes Ribeiro e Ribeiro de Avelar, que possuíam um Pôrto e Fazenda em Inhomirim, constroem no Pilar a Capela Sta. Rita de Cássia.

Em 30 de abril de 1854 Irineu Evangelista de Souza inaugurava, no território caxiense, a primeira Estrada de Ferro do Brasil.

Assunto para historiadores de Caxias: "O Carnaval de Caxias", "Os Caçadores da Montanha"; "O Esporte Clube A Nega é Boa"; "The Rio de Janeiro Northern Railway em 1888" "As festas sociais do Mimoso Beija-Flor" etc.

São João de Meriti

A Freguesia de São João Batista de Trairaponga foi, das terras iguaçuanas, dada a sua proximidade ao Rio, uma das que mais se desenvolveu no princípio da colonização.

À princípio, abrangendo terras hoje de Nilópolis e Caxias, a freguesia teve famosos engenhos como os do Pôrto de Manoel dos Santos; de N. Sra. da Ajuda, de Francisco Mis; da Covanca, de Marcelino Costa Barros (que avançava em terras hoje do Estado da Guanabara) e que depois foi do Conselheiro Alves Carneiro; do Barbosa, do Capitão Domingos Viana, vendida depois, em 1864, ao Comendador Teles, o de N. Sra. do Desterro da Pavuna, do capitão Inácio Rodrigues da Silva e depois do Visconde de Bonfim; o de S. Mateus, do Alferes Ambrósio de Souza; do Bananal, do capitão Ayres Pinto; o de Gericinó de D. Maria de Andrade, que foi depois do Visconde de Barbacena; do capitão Miguel Cabral; de João Pereira Lemos e de Antonio da Rocha Rosa.

O engenho de Barbacena, no Gericinó, fica hoje, por usurpação, (Veja Iguaçu versus Ex-Distrito Federal) no Estado da Guanabara.

Senhores de engenho mantinham grandes mansões em terras iguaçuanas (Veja, por exemplo pagina 26).

Alguma confusão fazem os que estudam a história dos municípios de Nova Iguaçu, Caxias, Nilópolis ou São João quanto a algumas denominações e suas localizações. Esquecem que Duque de Caxias, chamou-se estação Meriti, que São João confundia-se com o chamado arraial da Pavuna e localizam erradamente as regiões de São Mateus e Trairaponga.

A história de São João de Meriti é iguaçuana até que esta grande região, inicialmente toda chamada de Trairaponga, se vai dividindo e perdendo a supremacia para a Estação Meriti que se transforma em Município de Duque de Caxias arrastando a Vila Meriti, para seu 2.º Distrito. São João iria se emancipar de Caxias e não de Iguaçu.

Como região iguaçuana, São João teve grande impulso em 1893 quando o presidente da Câmara de Iguaçu, Pedro Teles Barreto de Menezes, gastou quasi a metade da renda municipal naquela região. Logo após, Joaquim Tavares Guerra, em 1896 e em 1897 fez bons melhoramentos, sendo que, neste ultimo ano gastou-se mais em São João que em qualquer outra região iguaçuana, o que veio a ser feito ainda em 1900 pelo presidente da Câmara, Dr. José Pereira Rodrigues Porto Sobrinho.

Mas, os grandes melhoramentos de São João, como grandes aterros, água e luz, são devidos ao Prefeito Sebastião de Arruda Negreiros.

São João possui assuntos ainda não explorados pelos historiadores iguaçuanos que aqui são apenas mencionados: As "atas do Cartório de Inácio de Souza Pimenta em 1832"; "A compra da fazenda do Brejo por Manoel Coelho da Rocha em 1850" "A inauguração da Charanga do Maestro Antônio Laranjeira, em 1929", "O que foi a Bica da Mulata", "A Promessa de José do Patrocínio" e outras histórias pitorescas de São João Batista de Trairaponga, como região iguaçuana.

Estrêla

Pelo pouco espaço que pertenceu a Iguaçu, Estrêla foi um bólido luminoso no Município.

A magnitude do seu esplendor conferiu-lhe grandeza de Vila e desmembrou um torrão iguaçuano para formar um novo município mais tarde reintegrado e outra vez desmembrado.

Em 1835 aparecia ao mesmo tempo em francês e em alemão, em Paris, a obra de João Maurício Ruguendas, "Viagem Pitoresca Através do Brasil", na qual havia uma referência à Estrêla que dizia:

"Na vizinhança do Rio, a primeira aldeia de alguma importância é a do Pôrto da Estrêla, à margem do Inhomirim que se joga na baía do Rio. As mercadorias destinadas às províncias do interior, como Minas Gerais, Minas Nova, Goiás, etc., são primeiramente conduzidas, da mesma forma que os viajantes, em pequenas embarcações, do Rio ao Pôrto da Estrêla, afastado de sete léguas. Aí são elas confiadas a tropas de mulas que, por seu lado, trazem, de volta, carga para os navios no Rio de Janeiro. Nêsse sentido existe curiosa analogia entre o comércio do Pôrto da Estrêla com o Rio de Janeiro, e o de Aldeia Galega com Lisboa. Sabe-se que Aldeia Galega se encontra no fundo da baía de Lisboa e que tôdas as mercadorias e viajantes, vindo de Alentejo e da Espanha, chegam também a dorso de mula para serem carregados em pequenos navios e levados para Lisboa através da baía, ou vice-versa. Essa analogia de situação entre a antiga capital da metrópole e a nova capital das colônias, essa semelhança que se verifica em muitos pontos, deve ter impressionado fortemente os primeiros portugueses que aqui se estabeleceram.

A estrada que vai de Pôrto da Estrêla a Minas passa diante de belas plantações, atrás das quais se percebem, ao longe, as pontas angulosas da Serra dos Órgãos, erguendo-se por cima da Serra da Estrêla cujas escarpas constituem o espantinho dos tropeiros e o tormento das mulas, embora uma estrada larga, construída e pavimentada com grande sacrifício, tenha sido aberta. Em mais de um lugar ela se assemelha mesmo a uma imensa muralha de dez pés de largo.

Diante dessa situação não é de espantar que Pôrto da Estrêla seja a um tempo muito animada e muito industrial. Os estrangeiros e principalmente os pintores devem visitá-la; mesmo se não estiver no seu caminho. É um lugar de reunião para homens de tôdas as províncias do interior; aí se encontra gente de tôdas as condições sociais e podem-se observar suas vestimentas originais e sua atividade barulhenta. Aí se organizam as caravanas que partem para o interior e somente aí o europeu depara com os verdadeiros costumes do Brasil; aí deve êle despedir-se, não raro por muito tempo, de tôdas as facilidades e comodidades da vida européia e de todos os seus preconceitos.

Pilar

Domingos Nunes Sardinha abastado agricultor da região Iguaçuana doou, em 1612, terras para construção da ermida de N. S. do Pilar.

O rio Pilar afluente do Iguaçu, serviu de transporte às mercadorias vindas do interior da Província e de Minas Gerais. Pilar foi um grande pôrto, mais tarde, tendo feito sombra, juntamente com o Estrêla, ao de Iguaçu.

Próximo à capela que mandou construir Domingos Nunes Sardinha, formou-se o arraial de casas bem edificadas e que fez, mais tarde, Saint Hilaire, sempre severo em suas observações, dizer: "só tem uma rua que finda na Igreja, mas tem bonitas casas e lojas bem sortidas."

Foi no Pilar que constituiu fortuna o fazendeiro Mota Saião, Barão do Pilar. Era tal o amor que o Barão dedicava a Pilar que preferiu empobrecer no lugar onde possuiu fortuna, fama e título à deixá-lo, ao tempo de sua decadência.

Muito embora tendo sido um dos primeiros proprietários de Petrópolis, onde construiu o rico palacete vendido ao Conde D'Eu, deixou-se ficar em Pilar onde empobreceu e morreu.

Uma das grandes famílias brasileiras: os Wernecks, iniciou-se em Pilar.

O tronco Werneck no Brasil, começa com João dos Santos Werneck, nascido em Viana Portugal em 1680.

Vindo para o Rio de Janeiro, onde se casou com D. Isabel de Souza, João Werneck, abandona o Rio com a invasão dos franceses em 1711, indo se refugiar, com numerosas outras famílias, no Pilar de Iguaçu.

Em território iguaçuano nasceram o 4.º 5.º 6.º e 7.º filhos, respectivamente:

Lourenço em 5 de junho de 1712, Angela em 1714, Antônia em 15 de agosto de 1716, Plácido em 29 de outubro de 1718. (Livro I fls. 122; Livro I; Livro II fls. 18 e Livro II fls. 28 da freguesia de N. S. do Pilar de Iguaçu).

Estes iguaçuanos, e os mais velhos João, Inácio e Francisco, cariocas, foram os primeiros Wernecks brasileiros.

Angela deixou Pilar, solteira, para acompanhar sua irmã Antonia e seu cunhado Manoel de Azevedo Matos à freguesia de Borda do Campo (atual Barbacena).

Casando por duas vezes, Angela é, como sua irmã Antonia, o início da notável família Werneck de Minas.

Um dos filhos desta iguaçuana Angela foi o Sargento-mor Inácio de Souza Werneck que com seu pai estabeleceu-se na freguesia de S. Pedro e S. Paulo da Paraíba, tendo prestado grandes serviços na construção da Estrada do Comércio que ia de Iguaçu a Minas Gerais, em 1843 (Veja página 11).

Fato curioso na vida deste Inácio, é ter êle, de pois de viuvo e velho, ordenando-se padre dizer missa ajudado pelos filhos netos.

A quinta filha de Inácio, Ana Matilde Werneck, casada com o capitão Francisco Peixoto de Lacerda, foi mãe de Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Paty, influente fazendeiro e político na Vila de Iguaçu.

(Veja página 64).

Nova Iguaçu - Cidade Ciclópica

A antiga Maxambomba, criada em torno deste nome, de Martim Corrêa Vasquez, desenvolveu-se a princípio lentamente, cercada que estava de latifúndios.

Nem mesmo a passagem da estrada de Ferro Pedro II lhe deu um grande desenvolvimento, como se costuma pensar, dedicada que estava, aos grandes plantios de cana de açúcar.

Contudo, prosperou pouco mais que Jacutinga, relegada para plano secundário quando a sede da Freguesia passou de lá para Maxambomba. Em 1891, transformada em Vila, logo em seguida em cidade, era Maxambomba a Sede do Município, para tiro de misericórdia da Vila de Iguaçu. Para atender interesses, o governador Dr. Francisco Portela, que nenhuma prática administrativa possuía, criou vários municípios e elegera cidades atendendo aos pedidos de populações.

Maxambomba que a este tempo tinha apenas um prédio de sobrado, sem uma rua calçada, sem água encanada, foi promovida, a pedido da população, em Vila. Vindo a Maxambomba, pouco dias após, foi recebida com festas e, tendo-lhe sido feita nova solicitação, a que atendeu imediatamente, elevou Maxambomba à categoria de cidade.

Em dois meses Maxambomba tinha uma promoção ciclópica.

Foi a Guerra Mundial a principal causa da procura de suas terras, então retalhadas.

Quando o impaludismo era o espantinho desta terra, a Fundação Rockefeller estabelecia, com o Governo do Estado, um contrato pelo qual far-se-ia neste município, um dos mais notáveis sistemas de esgotos da América.

Cioso da fiscalização deste Serviço o Estado nomeia prefeito em 1919, o Dr. Mario Pinotti. Note-se que a este tempo o poder executivo era exercido pelo presidente da Câmara Municipal, que era então o coronel Ernesto França Soares.

Com a nomeação do Dr. Mario Pinotti a 3 de dezembro de 1919, para regozijo do Conde Modesto Leal, Ernesto França Soares presidente Câmara que o recebeu cavalheirescamente impetra habeas-corpus através de seu advogado Henrique Castrioto de Figueiredo e Melo. Venceu.

Perdia, no entanto, o município, um dos maiores sistemas de esgotos.

Ficaram, apenas, imensos canos abandonados pelas ruas, numa época em que dominava a malária...

E, dizia-se, injuriando um pouco esta antiga Maxambomba, que até os postes eram atacados de impaludismo...

Mas, as planícies e morros iguaçuanos cobriram-se de laranjeiras trazendo perfume, poesia e fortuna a esta terra...

Voltava o município, a ser expressão econômica depois das abandonadas culturas de cana de açúcar e do café.

A Rodovia Presidente Dutra, valorizando extraordinariamente as terras de grande parte do município, promoveu inúmeros loteamentos que vieram transformar a base econômica de Nova Iguaçu, com o surgimento de mais variada indústria, dando-lhe, não na promoção legal, mas, verdadeiramente, um desenvolvimento ciclópico.

Maxambomba ou Machambomba?

A propósito da discussão da grafia do nome, ainda controvertida, eis o que se encontra nas páginas 238 e 239 do livro "Meios de Transporte do Rio de Janeiro", 1.º volume, de Noronha Santos — edição de 1934:

"MAXAMBOMBA OU MACHAMBOMBA.

A grafia certa parece ser machambomba embora o usual seja maxambomba.

O Prof. Antenor Nascentes do Colégio Pedro II, e um dos cultores da boa linguagem portuguesa, escreve Machambomba (linguajar carioca de 1922), indicando-lhe o significado popular — antigo veículo para passeiros.

Em "Geringonça Carioca — verbetes para um dicionário de gíria," anota Raul Perdeneiras — Maxambomba, veículo velho ou toco... caminho de ferro.

Machambomba — chamavam-se os carros da estrada de ferro ou ao veículo de passageiros de mais de um pavimento e — Machimbomba ao ascensor mecânico em Lisboa, para conduzir passageiros nas ladeiras muito íngremes.

O emprêgo do vocábulo em relação às bombas da Companhia de Carris da Tijuca, parece provir de velhas máquinas da Estrada de Ferro Pedro II que trafegam até a povoação da antiga Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, em Iguaçu, onde, em 1710, existia o engenho de Martim Corrêa Vasquez, denominado Maxambomba que é, hoje a cidade de Nova Iguaçu. Não seriam, de certa, maxambombas os carros semelhantes a ônibus que projetaram levar até aquela localidade e a Vila de Iguaçu e dos quais trata o decreto de 24 de outubro de 1850, concedendo privilégio a Honório Francisco Caldas.?"

Como se viu, tão rapidamente cresceu Maxambomba, passando de povoado a Vila e de Vila a Cidade que nem bem lhe guardaram o nome de batismo...

Também, este não durou muito, que a saudade da Vila crismou-lhe com o nome de Nova Iguaçu.

Dois Barões e uma vigorosa Carta

O fazendeiro em Iguaçu, Barão da Paty, foi uma forte personalidade. Embora sua história possa ser melhor contada nas memórias sobre Paty, Vassouras, Arcozelo, Avelar, Miguel Pereira e tantas regiões onde seu pulso se fez sentir, teve, na vila de Iguaçu, importantíssima influência.

É a ele, por exemplo, que Iguaçu deve a região de Sant'Anna de Palmeiras que, pela lei n.º 813 de 6 de outubro de 1855, foi creada como freguesia iguaçuana de terras desmembradas das freguesias de N. S. da Conceição de Paty do Alferes e Sacra Família do Tinguá, ambas do município de Vassouras.

Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, Barão de Paty, possuía terras nesta região no lado de Vassouras que, pelo seu trabalho passou a ser região iguaçuana, unidas a outras terras também suas em Iguaçu.

Paty era vigoroso e, nas épocas de eleições em Iguaçu, firmava-se em posição imutável.

O Barão de Guandú, comendador Inácio Antônio de Souza Amaral — heróico presidente da Câmara de Iguaçu na época da Cólera-morbo e a quem tanto o município deve — foi outro político de corpo e alma, geralmente tendo como adversário o Comendador Francisco José Soares que, com ele, revejava os destinos do município.

Paty e Guandú davam-se muito bem, porém Paty não admitia que suas amizades fossem atingidas nem mesmo por ele Guandú, seu amigo.

É o que bem espelha esta carta de Paty a Guandú:

Ilmo. Exmo. Sr. Barão de Guandú:

Tenho presente a carta de V. Excia. cobrindo uma lista para vereadores da Câmara de Iguaçu.

Apreciando, como devo, a carta de V. Excia. custa-me a declarar-lhe que sendo desde a infância amigo de Francisco José Soares, com quem sempre entretive as mais estreitas relações, seria impossível apresentar-me contra esse representante Brasileiro, que conheço desde antes da Independência de nossa Pátria e o considero como verdadeiro patriota. E há de V. Excia. permitir que lhe diga o meio de Nacionalidade de que V. Excia. lança mão para guerrear esse cidadão é, além de ridículo, sobremaneira injusta, porquanto em todas as crises por que a nossa pátria tem passado vi sempre esse homem ao lado da boa ordem, como seja a glória que teve em 1842, quando marchou desse lugar de Iguaçu, à frente de uma força, a unir-se a mim, que me achava à testa de uma coluna no Rio Preto, em Minas, em apêlo de força que se achava em apuros contra uma rebelião forte e ousada. Nessa ocasião foram inúmeros os serviços prestados por esse amigo, tal como conduzir à sua custa a artilharia por parte do governo, até encontrar o grosso das tropas. No entanto que V. Excia. estava em perfeito ócio em sua casa, apesar de ser Brasileiro, filho do País. Muitas outras cousas poderia eu citar em abono desse prestante patriota, mas o tempo urge, porque o seu próprio quer partir. Peço pois, a V. Excia. desculpas se nesta vez não posso a unir à sua vontade, não deixando de ser sempre de V. Excia. amigo muito venerador e Crº.

Barão do Paty

1930, ano das estradas iguaçuanas

Muitos anos esteve o município com as estradas abertas no Império, estacionado em seu desenvolvimento. Um impulso nos loteamentos verificados na época da guerra de 18, não logrou o povoamento do interior de seu território. Foi, com a Revolução de 30, que se rasgou o território iguaçuano de estradas. Arruda Negreiros, prefeito da época, dá idéia deste trabalho em seu relatório.

Estrada Nova Iguaçu-Anchieta

Liga a cidade de Nova Iguaçu ao Distrito Federal, com a extensão de 9 km. a contar da ponte de Anchieta até o início da estrada de Madureira passando por Mesquita e Nilópolis. Foi aterrada e alargada em grande extensão, revestida de saibro e areia. Não foi ainda possível substituir as estreitas pontes nela existentes por outras de maior largura, cujo serviço é de necessidade. Foi construída uma ponte sobre o rio Cachoeira, obra perfeita e sólida, 7 mt. de largura, fundação de alvenaria e piso de cimento armado. É a estrada de maior importância e de tráfego muito intenso, motivo pelo qual se torna necessário aumentar a largura de 6 para 8 metros, e modificar o traçado de modo a suprimir as duas passagens de nível existentes sobre os trilhos da Central do Brasil.

Estrada Madureira-Cabuçu

Parte da cidade de Nova Iguaçu e termina na fazenda Normandia, em Cabuçu, com a extensão de 10 km., atravessando os laranjais mais importantes do município.

Sofreu reformas radicais em todo seu leito e acha-se atualmente escrupulosamente conservada. Esta rodovia tem grande trânsito, principalmente na época de exportação de laranjas.

Estrada do Ypiranga.

É a continuação da estrada Madureira — Cabuçu. Parte da Fazenda Normandia e termina no km. 35 da rodovia Rio-São Paulo, com 9 km. de extensão, passando pela velha e tradicional povoação de Marapicú, antiga sede do 2.º distrito.

Esta estrada estava abandonada há longos anos e inteiramente imprésta-vel para o tráfego de veículos devido aos imensos atoleiros que se formaram em seu leito. Reconhecendo a grande utilidade da restauração dessa estrada que corta uma região fertilíssima e estabelece fácil acesso à rodovia Rio-São Paulo, iniciei as obras de reconstrução em maio último.

Foram feitos grandes aterros, abriram-se extensas valas para escoamento das águas estagnadas e construídos diversos drenos com manilhas de cimento armado. Os trabalhos estão concluídos e assim ficou estabelecida fácil comunicação com a Rio-São Paulo, de grande vantagem para o município e de grande utilidade para o transporte dos produtos agrícolas da região. Por ela transita grande quantidade de laranjas de Campo Grande, Santa Cruz, Bangú, etc. em demanda dos PACKINGHOUSES do município de Iguaçu para aí receberem o beneficiamento exigido para a sua exportação. O trecho desta estrada compreendido entre Marapicú e a Rio-São Paulo foi construído pela Companhia Expansão Territorial.

Estrada Dr. Plínio Casado

Esta estrada começa na cidade de Nova Iguaçu e termina na povoação de Belford-Roxo, à margem da E. F. Rio D'ouro.

Atravessa uma região onde a fruticultura se acha muito desenvolvida, passa na estação de Prata, da Linha Auxiliar, indo terminar no antigo povoado de Belford-Roxo. Tem 7 mts. de largura em toda sua extensão que é de 6 km. Foram feitos alguns cortes de vulto, grande aterro nos trechos alagadigos, muitos drenos com manilhas de cimento e 2 pontilhões. Devido a rigorosa conserva que tem recebido acha-se perfeitamente consolidada, oferecendo grande facilidade de trânsito, que é muito intenso.

Estrada do Guimbú

Acha-se abandonada desde o tempo do Império. Teve outrora grande trânsito, pois era a passagem obrigatória das tropas que, do interior, demandavam a Capital do país.

Posteriormente, com a construção da Central do Brasil, foi abandonada, sendo o seu leito, em muitos pontos, invadido pelos encanamentos e pelos trilhos da Rio d'Ouro. A sua reconstrução foi constantemente reclamada há longos anos pelos moradores das diversas povoações situadas à sua margem, as quais não tinham outro meio de transporte para a Capital Federal, senão os trens da Rio d'Ouro. Reconhecendo a grande utilidade dessa rodovia, resolvi fazer a sua restauração. Em uma extensão de mil metros foi preciso fazer aterro de 1 mt. e 50 de altura por 9 mt. de largura para prevenir contra as enchentes do rio Guimbú que, por ocasião das grandes chuvas, inundam os terrenos marginais. Nesse trecho foram reconstruídas 5 pontes e feitos muitos drenos para escoamento das águas. Foi geralmente alargada e aterrada nas partes baixas onde existiam grandes atoleiros, sendo depois revestida de grossa camada de saibro e areia, achando-se hoje perfeitamente consolidada. Termina na ponte de Pavuna, no limite com o Distrito Federal. Serve as povoações de Belford Roxo, Coêlho da Rocha, Coqueiros, Vila Rosali e São João de Meriti, estabelecendo rápida e cômoda comunicação entre a sede do Município e o 4.º distrito, cujo trajeto é hoje feito em 15 minutos. A extensão total da estrada é de 6 quilômetros.

Estrada de Santa Rita

Estabelece comunicação entre a cidade de Nova Iguaçu e a estação de Santa Rita, da Linha Auxiliar, cortando uma zona de grande futuro onde se desenvolve extraordinariamente a plantação de laranjais. Para a construção desta estrada aproveitou-se o traçado do antigo caminho existente para aquela estação, tendo sido feitos muitos cortes, longos aterros e diversos pontilhões. Excelente estrada de penetração, deverá prolongar-se até a povoação de José Bulhões, sede do 3.º distrito e daí à velha Iguaçu, antiga sede do município outrora centro agrícola da maior importância. Tem 8 km. de extensão desde Nova Iguaçu até Santa Rita. O trecho que acaba de ser construído, de Três Corações a Santa Rita é de 4 km.

Estrada de Morro Agudo a Austin

A antiga estrada que ligava estas duas estações, margeando o leito da E. F. Central do Brasil, tinha apenas a largura de 2 metros e por ela era impossível o tráfego de veículos, devido ao grande número de atoleiros. E no entanto, uma estrada de real utilidade pois é o único escoadouro dos vastíssimos pomares plantados nas suas imediações, cujo produto se destina à exportação, pelas estações de Morro Agudo e Austin. Foi totalmente reconstruída, com a largura de 6 metros, construídos os pontilhões e drenos necessários. No lugar denominado Morro das Moenda, foi feito um grande corte nas rampas laterais, serviço que ainda não está terminado. Entretanto, com a abertura dessa estrada, já é livre o trânsito pelo seu leito.

Foi prolongada até o Parque Nova Iguaçu. A sua extensão é de 8 quilômetros.

Estrada de São Bento

Destina-se a fazer ligação da cidade de Nova Iguaçu à rodovia Rio-Petropolis. Parte da Praça Dr. Getúlio Vargas, na estação de Belford Roxo, segue pelo leito do antigo caminho de São Bento até encontrar a estrada Automóvel Club, hoje abandonada e em péssimas condições de conservação. Segue por estrada até encontrar a rodovia Rio-Petropolis nas proximidades da estação de Sarapuí, da Leopoldina Railway. Estão já construídos 8 km., com 6 mts. de largura, devendo atingir a Rio-Petropolis dentro de 90 dias. O trecho construído recentemente está perfeitamente consolidado.

Terminada essa estrada, ficará a sede do município ligada diretamente aos 6.º, 8.º e 9.º.

Estrada de São João de Meriti a Caxias

Esta estrada foi construída às expensas do governo do Estado em 1928. Encontrei-a em péssimas condições de conservação devido ao abandono em que se achava e principalmente pelos defeitos de construção, pois a sua largura não excedia de 3 metros e não havia o necessário drenamento dos terrenos marginais. Foi alargada em toda sua extensão para 5 metros, com abertura das valas necessárias para escoamento das águas.

Acha-se atualmente em perfeito estado de conservação. É de grande valor econômico, ligando São João de Meriti a Caxias. Tem 7 quilômetros de extensão.

Estrada São João de Meriti a Nilópolis

Antigamente denominada estrada de S. Matheus, liga as cidades de São João de Meriti e Nilópolis, passando pelas povoações de Belford, São Matheus e Thomazinho, importantes centros comerciais do 4.º distrito. No trecho compreendido entre São João de Meriti e Thomazinho foram feitos muitos serviços necessários à comodidade do trânsito e acha-se em perfeito estado de conservação. O trecho compreendido entre Thomazinho e Nilópolis é conservado pela Empresa de Auto-onibus de Nilópolis tem 5 quilômetros e 530 metros.

Estrada de Actura

Liga a Estação de Actura, da Leopoldina Railway à rodovia Rio-Petropolis nas proximidades da povoação de Pilar, sede 6.º distrito. Foi inteiramente reformada em toda sua extensão que é de 1 quilômetro e 500, e está em bom estado de conservação.

Estrada Rio-Petropolis - Magé

Atendendo à necessidade de ligar a estação de Estrêla, da Leopoldina Railway, sede do 9.º distrito à rodovia Rio-Petropolis e desejando atender ao apelo que me foi feito pelo prefeito de Magé que está construindo uma rodovia ligando esse Município à Capital Federal, resolvi construir esta importante estrada que vai favorecer a uma vastíssima região dos municípios de Iguassú e Magé, até hoje desprovida de vias de comunicação. Foi aproveitado um trecho de 5 km. da estrada Automóvel Club, onde foram feitos grandes aterros, aberturas de valas e preparo do solo, cujo serviço foi depois melhorado pelo Ministério da Viação que se encarregou de fazer o revestimento a macadame para atender as necessidades de tráfego para a Fábrica de Polvora da Estrêla. Da Automóvel Club dirige-se a estrada diretamente à estação de Estrêla e daí às divisas do município de Magé. A extensão dessa estrada é de 10 quilômetros. Está em ótimo estado de conservação.

Estrada do Xerém

Esta estrada começa na rodovia Rio-Petropolis e dirige-se à estação de Xerém, da E. F. Rio d'Ouro. Toda a vasta região do Xerém é excessivamente montanhosa e coberta de imensas florestas onde se encontram, em grandes abundância, as melhores madeiras de Lei cujo aproveitamento é quase impossível devido à falta de meios de transportes. As terras são ubérrima e prestam-se admiravelmente para todas as espécies de cultura. No entanto, estão inteiramente abandonadas, pelo mesmo motivo. Para incentivar o desenvolvimento dessa região, resolvi abrir uma estrada que pudesse servir de escoadouro para os seus productos. Os trabalhos foram iniciados à margem da Rio-Petropolis e já atingiram o leito da E. F. Rio d'Ouro, na extensão de cerca de 4 km. O leito da nova estrada não se acha ainda devidamente preparado, e ainda não se acham concluídas as pontes, de modo que não foi ainda possível entregá-la ao trânsito.

Estrada Santa Branca a Bomfim

Esta estrada foi reformada na extensão de 3 km. 500 sendo construída uma ponte sobre o Rio Sant'Ana com 10 metros de vão.

A gripe espanhola em Nova Iguaçu

Em Relatório de 12 de junho de 1919, Ernesto França Soares remete a Câmara Municipal a seguinte exposição:

«Em Outubro do mesmo ano (1918) foi todo o Município assolado pela gripe que atacou violentamente todos os Distritos. Foi preciso enfrenta-la com medidas rápidas, afim de socorrer a população. Estabeleci um Posto Médico, no edifício da Câmara, dirigido pelo Dr. Sales Teixeira, que foi incansável no cumprimento do seu dever. Neste foram atendidas muitas pessoas, do Município até o dia 4 de Novembro, em que o Senador Conde Modesto Leal inaugurou aqui um hospital para esse fim.

Verificando o estado de pobreza de muitas pessoas falhas completamente de recursos, tomei a deliberação de além do posto médico com bastantes medicamentos fornecidos pelas farmácias Werneck e Santo Antônio, ordenar ainda aos Srs. farmacêuticos José Lopes de Castro, Sebastião Herculano de Matos e Gouvêa Matos & Companhia o fornecimento de medicamentos á todas as pessoas que necessitassem, ordenando também socorros médicos.

Autorizei também o fornecimento de alimentação aos indigentes do quarto e quinto Distrito.

Ao sr. Carlos Risso Neto autorizei o fornecimento de gêneros aos indigentes do quinto Distrito.

Houve necessidade de contratar pessoas estranhas ao serviço para abrir sepulturas nos Cemitérios, afim de evitar que os corpos ficassem insepultos. Felizmente o serviço de enterramento correu com muita regularidade, sendo todos os cadáveres inhumados dentro das 24 horas determinados por lei».

O número de óbitos ocorridos no Município em 1918 atingiu o elevado número de 1267 pessoas sendo no 1.º Distrito, nesta cidade, 410.

Paty do Alferes, criada com população iguaçuana

O fundador de Paty Alferes foi o capitão Francisco Tavares, português, nascido no Alentejo em 1665 e que se casou com Isabel Corrêa de Oliveira, natural do Pilar de Iguaçu.

Francisco Tavares veio da Colônia do Sacramento por motivo da tomada desta, com mulher e três filhos fundando a Roça do Alferes, pois que alferes era a este tempo. Desta Roça do Alferes, saiu Garcia Rodrigues Paes, antes de 1700, abrindo o Caminho Novo das Minas para o Rio de Janeiro.

Em 1711 o Alferes Tavares acompanharia o Governador Antônio de Albuquerque, descendo a serra até Iguaçu, por este Caminho, com 6.000 homens para combater Duguy - Troin. Sua esposa o acompanhou e, no Rio nasceram dois outros filhos em 1711 e 1712.

Tavares, nomeado capitão em 17 de fevereiro de 1709, e Isabel Corrêa, frequentavam assiduamente Pilar de Iguaçu. Seu sétimo filho, Inácio Corrêa Tavares, casou-se com Maria Inácia de Jesus, natural e batizada na freguesia de Pilar de Iguaçu, iniciando um sem número de casamentos com gente iguaçuana, como era sua mãe. Em Pilar de Iguaçu morreria o 5.º filho Francisco Tavares, Antônio Inácio de Oliveira.

Quase toda a família Tavares foi buscar casamento em terras iguaçuanas. Assim, Manoel dos Santos Rodrigues, neto de Tavares, filho de Sebastiana Corrêa de Oliveira, casou-se com Luiza Maria das Virgens, natural de Pilar de Iguaçu.

Maria Agueda Corrêa, neta de Francisco, filha de João Corrêa de Oliveira casou-se com Tomé Gonçalves, natural e batizado em Pilar de Iguaçu. Ana Maria Pedrosa de Moraes, também neta de Francisco, e também filha de João, casou-se com Francisco Gonçalves de Gouvêa, natural de Pilar de Iguaçu. Antonio Vicente Ferreira, igualmente neto de Francisco, filho do mesmo João, casou-se com Rita Maria da Conceição, natural de Inhomirim.

De Pilar de Iguaçu à Paty de Alferes, que se ligavam pela Estrada das Minas foi uma corrente humana povoar as províncias do Rio e das Minas. Um exame nos livros de casamento da freguesia de N. S. da Conceição de Alferes vem comprovar este fato marcante: Paty de Alferes foi formada com gente iguaçuana!

Exemplos, no espaço de 50 anos:

Em 14-5-1788, João Teixeira casa-se com Ana Maria do Espírito Santo. ele Nat. bat. na Freguesia de de pilar, Bisp. do Rio de Janeiro; filho Antônio Teixeira Gomes e Ana Inácio de Jesus.

Em 16-6-1793, Tomé Cardoso Netto casa-se com Pepétua Maria de Jesus. ele Nat. da freguesia de Inhomirim.

Em 29-5-1795, Joaquim Alves Pinto, casa-se com Tereza Maria de Jesus, ele filho de Quitério da Silva Campelo, nat. de Pilar de Iguaçu.

Em 6-11-1796, José Pinheiro de Souza casa-se com Maria do Carmo Werneck, ele filho de Paulo Pereira Monteiro, nat. Pilar de Iguaçu.

Em 10-5-1799, Manoel Vieira dos Anjos casa-se com Florencia Maria da Solidade, ele filho Arcangela dos Serafins, nat. de Pilar de Iguaçu.

Em 19-8-1800, José Maria de Guadalupe casa-se com Maria Luiza de Oliveira ela filha de Inácia Maria de Jesus nat. e bat. na freguesia de N. S. de Iguaçu.

Em 24-10-1810, Joaquim Silveira Duarte casa-se com Rosa Maria de Jesus ele nat. e bat. na freguesia de N. S. de Pilar de Iguaçu.

A Bruxa de Itinga

Os antigos moradores da hoje localidade de Eden (atual região de São João de Meriti) apresentaram-se, um dia, a Paulo de Frontin, solicitando, para a região, uma parada de trem, a qual só estacionava a muitos quilômetros.

Frontin mandou construí-la, comparecendo ao local no ato da inauguração.

A população dirigiu-se, então, novamente a Frontin, solicitando uma denominação para o lugarejo, ainda sem nome de batismo.

Inspirando-se em um cristalino riacho que por perto passava sobre a areia muito alva, Frontin, denominou-o de ITINGA (água branca).

O progresso da região, contudo, continuou se fazendo lento, muito embora o trem esfumasse por lá uma vez por dia.

Tempos decorridos, surgiu em Itinga um repórter de um novo jornal, A Noite, com certas idéias sensacionalistas...

Reuniu ele os loteadores de Itinga e convenceu-os de que a região só progrediria com propaganda...

Mas, que poderia haver de sensacional na pacata Itinga?

Descobriu-se, no meio do mato, um arruinado casebre onde residia horrenda velha. E estava planejada a sensação jornalística!...

Pela madrugada, com o auxílio de uma garrafa, o repórter marcava, na areia, as pegadas da bruxa de Itinga, que tinha parte com o «tinhoso» e que pisava com casco de mula...

Fotografou-se a mulher à janela e suas supostas pegadas, que ilustraram as manchetes de A Noite.

Pessoas do Rio chegavam para ver a Bruxa de Itinga, sempre vigiada pelos auxiliares do reporter, que não os deixavam aproximar-se da «perigosa feiticeira».

Mas, a venda dos lotes, apesar de toda propaganda, não aumentava, ao contrário, diminuía...

Outros jornalistas, e a polícia, foram então chamadas para desvendar o mistério!

Com o nome do lugar desmoralizado, os habitantes procuraram mudá-lo: primeiro para «Arruda Negreiros», prefeito que não aceitou, depois para «Ary Parreiras», interventor federal, que também declinou da honraria.

Foi escolhido então, pelos moradores, a denominação de «Paraíso». Porém, como houvesse outra estação «Paraíso» na mesma linha férrea, Arruda Negreiros, prefeito na ocasião, sugeriu um sinônimo: «Eden».

E assim, das bruxarias dos infernos, a população passou a viver tranquilamente nos jardins de Eden!

Bernardino José de Souza e Melo Jr.

Filho do Comendador Bernardino José de Souza e Melo e de D. Cipriana Maria Soares de Melo, nasceu Bernardino José de Souza e Melo Jr. na Vila de Iguaçu a 20 de outubro de 1867.

Iniciou seus estudos na Vila terminando no Rio, onde cursou o Universitário Fluminense.

Casou-se com D. Joaquina Amélia Oliveira de Barros, filha do Juiz de Iguaçu dr. João Antônio de Barros Jr., fundador do primeiro jornal iguaçuense.

Bernardino de Melo ocupou diversos cargos como: Inspetor de Ensino, Delegado, Vereador, Presidente da Câmara. Juiz Substituto e Deputado Provincial.

Foi conhecido como homem de absoluta probidade tendo sido maçom de elevado grau.

Como Presidente da Câmara urbanizou Maxambomba alinhando ruas mal traçadas, construiu a sede da Prefeitura, abriu estradas, drenou rios, inaugurou a luz elétrica, abriu valas de saneamento combatendo focos de impaludismo.

Foi brilhante advogado, devendo-se a ele o restabelecimento da Comarca, que havia sido extinta.

Todos os serviços municipais foram feitos sem majoração de impostos.

Bernardino de Melo foi um político dos mais prestigiados que teve o município, tal o grande número de seus admiradores e defensores de sua obra.

Habilidoso, não deixou criar problemas para o seu governo.

Morreu, em 26 de junho de 1912, pobre, tendo-se verificado, em seus papéis, que muito beneficiava a pobreza sem fazer disto alarde.

E' um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Francisco Pinto Duarte, Barão de Tinguá

Francisco Pinto Duarte, nascido em Iguaçu a 8 de janeiro de 1818, desde cedo sentiu a responsabilidade da vida, ao de assumir, aos 18 anos, os negócios de seu pai, Capitão Antonio Pinto Duarte, dono de uma casa comercial e de um trapiche no rio Iguaçu.

Por ocasião da Guerra do Paraguai Francisco Pinto Duarte já ocupava lugar de destaque no município, o que lhe possibilitou enviar um contingente de cem homens para o campo de luta.

Com os bravos iguaçuanos seguiu a bandeira brasileira, além de 50 contos em dinheiro (que na época representava grande soma), graças ao impulso do eminente patriota.

De regresso da guerra, coberta de lauréis, essa bandeira foi ofertada ao Museu Nacional.

Como político, foi Francisco Pinto Duarte presidente da Câmara e por várias vezes vereador.

Em 1833 doou ao Governo da União os mananciais denominados Serra Velha, Boa Esperança e Bacurubu, nascentes oriundas das Fazendas Conceição, Taboreiro e Provedor, que até hoje abastecem o Estado da Guanabara (ex-Distrito Federal), Município Neutro na época.

Muito embora sendo brasileiro, foi nomeado agente consular e vice-consul português em Iguaçu, sendo agraciado, tempos depois, com a medalha de Mérito, Tôrre, Espada e de Aviz, além do título honorífico de Barão de Tinguá.

Levado ao baronato, e alguma vez condecorado, sentia-se, acima de tudo, agricultor.

Quando outros barões do café faziam fidalguia na Côrte, ele permanecia na vila de Iguaçu, fazendeiro.

A êle referiu-se Alberto Lamego:

"Era essa a mentalidade fluminense, então exclusivamente agrária e que poderíamos sintetizar na ufanía com que o 2.º Barão de Tinguá Francisco Pinto Duarte, desprezando estrêlas e caduceus, quinas e castelos, esferas armilares e cunha de goles, unicórnios e leões rompentes, vieiras de ouro e cruces floridas, asnas, besantes, águias, flôres de lis, tôda série enfim de milenares e clássicos motivos heráldicos, bronzeava-se com rústicos e plebeus instrumentos da lavoura".

Parece-nos que o 2.º Barão de Tinguá possuía o braço mais original do Brasil.

Eis a descrição do seu escudo como se pode ver no Anuário Genealógico Brasileiro, volume III pag. 48:

"Partido em contrabanda: na primeira, em campo vermelho um arado, uma foice, uma enxada, um ancinho, uma pá e uma espiga de trigo. Na segunda uma paisagem vendo-se no primeiro plano um campo de sua côr, e, ao fundo sob um céu azul um grupo de montanhas".

Faleceu em sua propriedade, à 26 de junho de 1894.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

João Manoel Pereira da Silva

Nasceu a 30 de agosto de 1819, na Vila de Iguaçu.

Já seu pai, português de nascimento mas brasileiro de coração, era um apaixonado da política, tendo aderido à causa da independência do Brasil e exercido importantes cargos, como o de Juiz de Paz de Almotacé.

Muito cedo foi Pereira da Silva fazer seus estudos na Europa, onde se bacharelou em direito, com brilhantismo, na Faculdade de Direito de Paris, contando apenas 22 anos.

Muito embora a França lhe oferecesse grandes oportunidades, voltou ao Brasil estabelecendo-se no Rio de Janeiro com escritório de advocacia.

Em pouco tempo era um dos mais afamados advogados criminalistas, gozando de grande reputação como orador.

Alistando-se no Partido Conservador foi eleito em 1840 para a Assembleia Provincial do Rio.

Foi à Câmara dos Deputados em 43 até a dissolução em maio de 44, pelo Ministério Macaé e Alves Branco, voltando a deputado geral em 47, em oposição ao governo liberal até a queda dêste no governo.

Depois de dissolvida a Câmara em 48, pelo ministério Marquês de Monte Alegre, foi reeleito seguidamente, ocupando uma cadeira no senado.

Em 50 encerrou sua carreira de advogado.

Seu nome era conhecido não só na imprensa do Brasil, como no O Jornal dos Debates, O Cronista, A Revista Niteroiense, Revista Nacional Estrangeira como também nos periódicos de Portugal, França, Inglaterra, Italia, etc, onde projetou grandemente o nome do Brasil.

Governou a Província do Rio, tendo sido o primeiro iguaçuano a ocupar esta alta administração.

Promoveu cursos de história e literatura clássica, demonstrado erudição e excepcional talento.

Quando a Europa ignorava o progresso pelo qual passava o Brasil sob o reinado de D. Pedro II e onde se acreditava ser um dos países mais atrasados do mundo, Pereira da Silva publicou na Revue de Deux Mondes de 15 de abril de 1858 um artigo intitulado "Le Brésil en 1858 sous l'empereur de D. Pedro II", que despertou extraordinário interesse.

Este artigo, traduzido em diversas línguas, correu tôda a Europa dando ao Brasil a merecida posição de respeito e estimulando grandemente a emigração.

Foi um dos fundadores da Sociedade dos Homens Intelectuais do Brasil, de duração efêmera, e da Academia Brasileira de Letras.

Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Real de Ciências de Lisboa, do Instituto Histórico Geográfico de França e da Sociedade de Geografia e dos Economistas de Paris.

Possuiu a grande dignatária da Ordem da Rosa, da qual era conselheiro, a comenda da Ordem de Cristo, a Ordem de N. S. da Conceição de Vila Viçosa e a comenda de São Bento de Aviz de Portugal.

Escreveu numerosas obras que vão relacionadas no capítulo: Autores Iguaçuanos. Faleceu em Paris, em 14 de junho de 1898.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Francisco Luiz Soares de Souza e Melo.

Francisco Luiz Soares nasceu a 7 de setembro de 1856, na Vila de Iguaçu, quando esta ainda se abalava com a tragédia do colera-morbo.

Filho do Comendador Manoel José de Souza e Melo e de D. Luiza Angélica Soares, neto materno do Comendador Francisco José Soares, restaurador do município de Iguaçu, foi Francisco Luiz uma criança muito mimada.

Sua mãe, que ao seu nascimento temia "o contágio do colera que impregnava a atmosfera" de Iguaçu, como se acreditava então, prometera a Nossa Senhora da Piedade dar ao filho o tratamento dos "meninos de ouro".

Seu avô, pensou em dar-lhe uma educação cuidada, confiando-o a um seu afilhado, iguaçuano também, Francisco Rangel Pestana, que tinha, no entanto, ideias muito avançadas...

Indo ao Rio, concluiu os estudos fundamentais, passando-se a São Paulo onde se formou em Direito.

De maneiras fidalgas, obteve de D. Carlos, Carta de Brazão de Armas, como descendente que foi de D. Afonso III de Portugal.

Espírito correto, nomeado Promotor Público em Juiz de Fôra, logo se exonerou por não se sujeitar a manobras políticas.

Estudioso, falava corretamente alemão, espanhol, italiano, inglês, francês, latim, sendo profundo conhecedor de história universal.

Viajou muito, conhecendo bem paizes como Russia, Turquia, Persia, Egito, India, China e Japão.

Possuía casa em París, fazendo sua vida mundana aí na "bela época".

Acompanhou com outro iguaçuano, o Conde de Aljezur, D. Pedro II ao exílio.

Faleceu a 24 de agosto de 1916, solteiro, em Fontaineblau, legando à Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro suas quatro fazendas iguaçuanas — Madureira, Morro Agudo, São José e Tinguá.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Joaquim Eloi dos Santos Andrade

Nasceu na Vila de Iguaçu em 18 de agosto de 1842.

Filho do Comendador Manoel dos Santos Andrade, capitão de Marinha, e de D. Jesuína Gertrudes de Andrade.

Teve sua juventude em Iguaçu, onde estudou com a Professora Francisca de Paula Adelaide de Moura.

Estudou Medicina formando-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com muito sacrifício, tendo tido necessidade de lecionar para concluir o curso.

Devotado a Abolição dos escravos libertou todos os seus no dia de sua formatura.

Foi assistente na Faculdade de Medicina tendo escrito obras de valor para a Medicina: "Função glicogenética do fígado", "Tísica pulmonar", "A tuberculose é curável" e "Profilaxia social da lepra no Brasil".

Dedicando-se a agricultura organizou a sua fazenda de Almargem, tendo escrito belas páginas sobre a vida rural que publicou com o título de "Serões de Almargem".

Demonstrou grande visão nos problemas administrativos do Estado em seu livro "Grandeza e decadência da Província do Rio de Janeiro".

Fino observador dos problemas sociais e das convulsões políticas, deixou preciosas páginas em suas obras "Parelelo entre a revolução Francesa e a Inglesa" e "A escravidão".

Estilista, publicou "Lucia Vergueira" e "O Caçador de dotes".

De espírito inquieto, refletiu seu temperamento nestas obras, onde demonstra a profundidade de observações e fértil imaginação.

Joaquim Eloi dos Santos Andrade foi estudioso da História deixou belas interpretações nas obras "O primeiro Imperador", "A filha de Luiz XVI" e "O Império".

Faleceu em 6 de dezembro de 1924 em sua fazenda de Almargem.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

*filho de José Inácio dos Reis e
Maria Alves de Sousa*

Manoel Reis

Uma Voz Iguaçuana na Revolução de 1930.

Manoel Reis nasceu em Maxambomba a 24 de dezembro de 1877.

Fez seus primeiros estudos com os professores Olivério Pereira Monteiro e Augusto Paris.

Em 1911 formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

Político, foi em diversas legislaturas deputado estadual e federal.

Entre inúmeros benefícios que trouxe para o Município e o Estado do Rio contam-se: o aumento de trens da Rio D'ouro; a estação telegráfica de Nova Iguaçu; a oficialização da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio; o abastecimento d'água de São João de Meriti, São Mateus e Tomazinho; a construção da estrada de rodagem entre Anchieta e Nova Iguaçu; a Agência Postal de Nilópolis e de Retiro; a criação de escolas públicas; a filial do Banco do Brasil em Nova Iguaçu; a mudança do nome de Maxambomba para Nova Iguaçu; a de São Mateus para Nilópolis, a construção da linha telegráfica em Goiás e a redução do débito do município com a Light.

Governou o Município de 1916 a 1917, sem aumentar ou criar novos impostos.

Derrubou velhos pardieiros, abriu valas e combateu aos mosquitos; fez reparos no edifício da Municipalidade, criou as escolas: Comendador Castilho, Barão do Pilar e Barão de Tinguá e aumentou a renda municipal através de uma severa fiscalização.

Sua influência sobre o chefe de Estado Dr. Getúlio Vargas era enorme, sendo constantemente ouvido por este, nos problemas nacionais.

Getúlio Vargas disse:

"Nova Iguaçu deve orgulhar-se de ter um amigo e um filho como o Dr. Manoel Reis, que é o fator principal de seu constante progresso".

Faleceu a 21 de Janeiro de 1940.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

esta é a data da morte do prof. Paris

Manoel Reis faleceu a 21-2-1940

Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio

Um Iguaçuano na Independência do Brasil.

Nasceu em Iguaçu em agosto de 1778. Tomou o hábito na Ordem Franciscana em 1793 tendo sido um dos maiores pregadores do seu tempo.

Professor de Teologia e Eloquência criou tal nome que foi nomeado Pregador Régio de D. João VI.

Suas orações sacras eram de uma beleza empolgante. Teve voz decisiva em muitos fatos de política da independência, apoiando José Bonifácio pela imprensa e usando do púlpito, nas suas pregações, para a Independência do Brasil.

Soube utilizar, na missa mandada rezar pelos baianos em sinal de luto pelos acontecimentos do Brigadeiro Madeira, de sua eloquência para inflamar os ânimos nacionalistas de D. Pedro que a assistira com a Princesa Real, vestindo luto.

Frei Sampaio foi o autor da célebre representação ao Príncipe D. Pedro a qual continha oito mil assinaturas e que se iniciava: "A partida de S. A. seria o decreto que teria de sancionar a Independência do Brasil".

Nos episódios da Independência, foi Sampaio que fez a presença iguaçuana que se verificou em todos os grandes episódios da História do Brasil.

Fez parte da Academia de Belas Letras de Munich, da Alemanha. Era Maçon de elevado grau, quando faleceu a 13 de setembro de 1830.

É um dos patronos da Arcádia Iguaçuana de Letras.

Começo de Século com pé direito

O relatório apresentado em 1900, pelo Presidente da Câmara Dr. José Rodrigues Porto Sobrinho foi, talvez, o mais enérgico e contundente de quantos foram apresentados pelos prefeitos de Nova Iguaçu.

Veja-se, sem comentários, alguns de seus tópicos:

"Por falta de execução no cumprimento de seus deveres foi suspenso o Administrador do Cemitério de Marapicú, Francisco Guariento, por oito dias; e pela mesma razão, foram advertidos com censura o Administrador do Cemitério de Jacutinga Manoel Sabino da Silva e o Depositário Municipal do mesmo distrito Luiz de Souza Soares".

"Manda, entretanto, a verdade declarar que neste ponto me refiro ao tempo em que esse pessoal tem servido sob as minhas ordens; porquanto, ao assumir eu a administração municipal, a maioria dos serviços confiados a esses funcionários se achava em completo abandono, vendo-me eu na contingência de chamá-los enérgicamente à órbita de seus deveres, dentro da qual tive o prazer de vê-los entrar pronta e solícitamente".

"Entre as providências tomadas com resultado apreciável, criei o "Livro de Ponto" para pessoal interno, no intuito de conhecer a frequência deste e fazê-la efetiva".

"Acredito que dentro em breve, com instruções repetidas, observações proveitosas e experiência, se tornarão todos eles funcionários dignos, corretos e esclarecidos, capazes de ombrear com os que mais o sejam".

"A Biblioteca não tem existência real, porque, exceção de alguns volumes de legislação e folhetos que a urbanidade particular espontaneamente ofertava à Câmara, nada mais se encontra que faça, sequer supor a existência de tal repartição, incontestavelmente de utilidade prática importante".

"O arquivo não se achava também em condições diversas, e era tal o seu estado de confusão, que difícil, sinão impossível, se fazia a consulta de qualquer papel, como inúmeras vezes tive ocasião de observar, quando, por necessidade do serviço público, procurava o paradeiro de qualquer documento.

"Noto, porém, a falta de um protocolo de registro dos requerimentos e demais papéis das partes — medida que muito contribuirá para ordenar o movimento dos mesmos, prevenir descaminho e apurar responsabilidades, quando porventura este fato se dê".

"Manda, entretanto, a justiça e a verdade dizer que, aparte o exagero desse murmúrio havia nele um certo fundo de realidade porque sinão o crime, mas o desleixo a anarquia imperavam em toda a sua plenitude e hediondez, ocasionando juízos temerários".

"Basta notar, como fato capital, que não existia escrituração alguma, porque tal não pôde ser considerada aquela que se fazia em uma folha de papel avulsa, quasi impossível de manusear-se, por causa do seu tamanho descomunal. Era nesses mapas cognominados "balancetes" que se costumavam sujeitar à aprovação da Câmara que se resumia a escrituração da receita e despesa municipal. Notáveis pela sua obscuridade, que fazia deles verdadeiros enigmas, tudo encerravam em si; falta de clareza e precisão nas verbas e contas, parcelas, somas e transportes errados, uns favoráveis, outros desfavoráveis à Caixa; e acima de tudo, o sistema pelo qual eram esses balancetes confeccionados que, além de impossibilitar a verificação rápida e imediata dos saldos, se divorciava absolutamente dos princípios que regem as escriturações mais simples e rudimentares.

"Os livros indispensáveis à escrituração municipal, como sejam "o da Receita e Despesas, o Caixa e outros auxiliares", não existiam; apenas encontrei em estado regular, o de "Lançamentos de Impostos", e os de arrecadação, com folhas esparsas, uns, e outros até com falta destas.

Os balancetes mensais, recomendados pela lei, jamais foram extraídos e apresentados, ao menos pelo que consta no arquivo da Câmara".

"A verificação da despesas era impraticável, não só pela falta do livro respectivo, como porque alguns documentos comprobatórios dela careciam de requisitos legais. Assim é que os pagamentos, ao invés de serem feitos mediante guias com as formalidades precisas, ou portarias assinadas pelo executivo, realizavam-se por todos os modos: as vezes simples pedaços de papel, sem os esclarecimentos necessários, meros recibos particulares, não selados devidamente, com assinaturas a rogo, sem valor jurídico, figuravam como descargas de quantias não pequenas, outras vezes guias de pagamento, sem as fórmulas legais, ou por falta da assinatura do Presidente, ou por falta de indicação do respectivo parágrafo da Lei de Orçamento, apareciam nesse amálgama abonando verbas da despesa".

"Além disso, havia pagamentos feitos por compra de obras, algumas iniciadas e outras concluídas, que não constavam sinão de simples resalvas em poder do Procurador, e não se achavam contempladas na despesa, por dependerem de legalização. Outras omissões encontrei de suma importância, mas a enumeração delas se faz dispensável, porque terá de ser objeto de relatório especial, em tempo oportuno, de acordo com a deliberação que tomardes".

"Por seu turno, a verificação da receita não oferecia menor dificuldade, já pela ausência do livro respectivo, já pelo estado dos livros de arrecadação, a que me referi pouco acima.

Outros fatos ainda faziam avultar mais essa dificuldade: umas vezes parceladas em duplicatas, outras vezes verbas que, figurando como recebidas nos balancetes, não o haviam sido realmente, e finalmente talões viciados e até suprimidos.

A arrecadação era indistintamente feita por todos os funcionários, e não tive base para conhecer si esse fato era determinado por impedimento temporário do Procurador, nem para discriminar a responsabilidade de cada um deles: em primeiro lugar, porque não existia o "livro de ponto", nem as folhas de pagamento acusavam desconto em vencimentos e em segundo; por falta do "livro de quitações", indispensável para descarga, dos funcionários entre si. Verbas haviam, finalmente, na receita, cuja origem, não constando dos livros de arrecadação, era impossível descobrir, por falta de documento comprobatório delas".

"Divorciados inteiramente da acepção rigorosa do vocábulo, esses balancetes pareciam uma escrita lançada em folhas avulsas".

"Tenho vago conhecimento de que alguns administradores costumam queimar as guias de enterramento, e trato de coligar as indagações precisas, para, no caso de se verificar a exatidão desse fato, promover, de acordo com a gravidade da falta, a punição dos culpados e impedir que tais abusos se reproduzam mais".

"Poucos foram os funcionários e esses mesmos não o fizeram de modo satisfatório, que se desempenharam da sua obrigação relativa à remessa de mapas recomendados por lei, e só a carestia de tempo me impediu de chamá-los ao cumprimento desse dever, o que farei tão brevemente quanto me seja possível, estudando a reforma a fazer no sistema de confecção desses mapas".

Quadro Social do Município de Iguaçu em 1855 Época do Cólera-Morbo

Câmara Municipal.

- 1.º Presidente Inácio Antonio de Souza Amaral
- 2.º " Francisco José Soares.
- 3.º " Francisco Pereira de Bulhões Carvalho.
- 4.º " Dr. José Frutuoso Rangel.
- 5.º " João Manoel Marques de Oliveira.
- 6.º " José Joaquim de Azeredo Coutinho.
- 7.º " José Francisco de Oliveira.

Secretário.

João Jacinto Pestana.

Procurador.

Clarindo Vargas de Azeredo Coutinho.

Porteiro.

Cândido José dos Santos

Contínuo.

Antonio Joaquim Barbosa.

Estafeta.

Severino Francisco do Rego.

Fiscais:

Freguesia de Iguaçu - José Maciel Gago da Câmara.
Marapicú - João Manoel Marques de Oliveira Filho.
Jacutinga - José das Chagas Ribeiro.
Meriti - Augusto da Costa Barreto.

Guardas-Fiscais.

Freguesia de Iguaçu - Antonio José Caetano da Silva.
Jacutinga - José Joaquim Dias.
Marapicú - Antonio Rafael.
Meriti - Hermogênio Dias de Carvalho.

Juiz Municipal de Orfãos.

Dr. João de Andrade Pinto, Moço fidalgo com exercício na Casa Imperial.

Substitutos.

- 1.º Joaquim Inácio do Nascimento Faria.
- 2.º Manoel Antonio Alves de Brito.
- 3.º Francisco Martins Viana.

Delegado de Policia.

Joaquim Inácio do Nascimento Faria.

Tabeliães e Escrivães do Juizo Municipal de Orfãos, Capelas e Resíduos.

- 1.º Joaquim Alves Meireles.
- 2.º José Manoel Caetano dos Santos.
- 3.º Umbelino Borges Monteiro.

Escrivão do Juri e Execução de Crimes.

Francisco José Bernardo da Silva Gil.

Partidores de Orfãos.

João Jacinto Pestana.
Vitor José Duarte Lisboa.

Contador o Distribuidor.

João Jacinto Pestana.

Solicitador de Capelas e Resíduos.

Amando Machado Dias.

Coletor.

José Joaquim de Almeida.

Escrivão.

Joaquim Teodoro da Silva Campos.

Advogado.

Dr. José Frutuoso Rangel.

Solicitador Geral e Curador Geral de Orfãos,

Manoel Joaquim Gonçalves Viana.

Solicitador dos Auditórios.

Antonio Pereira de Oliveira.
Antonio José de Castilhos.
Amando Machado Dias.
Luiz José da Costa Matos.

Procuradores.

Amando Machado Dias.
Antonio José de Castilhos.
Joaquim Pereira do Nascimento.
Joaquim Coelho Marinho.
Luiz José da Costa Matos.
Miguel Ferreira Lopes Trant.
Manoel Francisco Vieira.

Maximiano da Silva Campos Fluminense.
Pedro Antonio de Moraes.

Oficiais de Justiça do Juízo Municipal.

Antonio Joaquim Barbosa.
Antonio Dias de Moura.
João José Flôres.
Joaquim Francisco de Oliveira.
Joaquim José dos Santos.
Modesto Ezequiel do Nascimento.

Carcereiro.

Manoel José Caetano Jorge.

Agente do Correio.

João Jacinto Pestana.

Cirurgião Vacinador e do Partido da Câmara.

Dr. Luiz Alves de Souza Lôbo.

Juizes de Paz.

- 1.º Joaquim Inácio do Nascimento Faria.
- 2.º Manoel Antonio Alves de Brito.
- 3.º Francisco Pinto Duarte.
- 4.º José Frutuoso Rangel.

Escrivão do Juízo de Paz e da Subdelegacia.

Francisco José Bernardes da Silva Gil.

Subdelegado.

Francisco Pinto Duarte.

Substituto.

Dr. Antonio Joaquim Augusto Soares.

Médicos e Cirurgiões.

Dr. Luiz Alves de Souza Lôbo, Vila.
Lauriano Pinto da Silva.
João Manoel Marques de Oliveira Moreira.
Dr. Manoel Rodrigues de Miranda, Vila.
Dr. Antonio Joaquim Augusto Soares.

Boticários.

Antonio Ribeiro de Oliveira, Vila.
Antonio José Martins.
Joaquim Coutinho da Silva.

Professor Público de Primeiras Letras.

Luiz Antonio de Souza.

Professôra Pública.

D. Francisca de Paula Adelaide de Moura.

Vigário Colado.

Francisco Lopes Barbosa.

Coadjutor.

Francisco de Moraes da Silva Bueno, Largo da Freguezia.

Negociantes.

Amorim & Bastos.
Arnaldo Monteiro da Silva.
Antonio José Vieira Bastos.
Antonio da Silva Santos.
Antonio Cardoso Pires.
Antonio Pinto Cabral de Vasconcelos.
Antonio Guedes Chaves.
Augusto Francisco Alves Ribeiro.
Andrade & Filhos.
Antonio de Araujo Guimarães.
Antonio Teixeira Duarte.
Álvaro José de Freitas.
Bastos & Rabelo.
Camilo José de Souza.
Clarindo Vargas de Azeredo Coutinho.
Cardoso & Santos.
Canto & Pires.
Domingos Ribeiro de Carvalho.
Domingos Vitorino do Amaral Sobré.
Gomes & Irmão.
Francisco da Costa Rodrigues.
Francisco Demetriano de Castro e Souza.
França & Irmão.
Feliciano José dos Santos Barbosa.*
Jerônimo Rodrigues Gomes & Irmão.
Joaquim Antonio Pereira Gonçalves.
José Joaquim Gonçalves.
João Antonio da Costa Ribeiro.
José Cardoso Mesquitela.
Joaquim Monteiro Gomes.
José da Costa Cruz.
João Ferreira Morão.
José Correia Porto Sobrinho.
João José de Souza.
José Estanisláu da Assunção.
José Pereira de Loureiro & Cia.
José Antonio Teixeira Guimarães.
João Martins Cruz.
Lourenço José Pereira Junior.
Luiz Correia.
Melo & Irmão.
Manoel José Ferreira.
Manoel Alvares dos Santos Pessoa.
Manoel Antonio de Araujo.

Mello & Souza.
Mota & Rabelo.
Manoel Antonio Barbosa de Freitas.
Marcelino José das Chagas.
Manoel Antonio Rodrigues Carneiro.
Manoel Tomas do Couto.
Miguel Francisco Correia.
Novaes & Souza.
Neves & Guimarães.
Souza Amaral & Faria.
Soares & Melo.
Pedro Dias Seabra.
Teodoro José Joaquim Braga.
Tomé Rodrigues de Macedo.
Viuva Machado & Baptista.
Viana & Figueiredo.

Portos de Receber Carga, Frete e Comissão.

Augusto Francisco Alves Sobrinho.
Bento Domingues Viana.
Cardo & Santos.
Canto & Pires.
José Pereira de Loureiro & Cia.
José Cardoso Mesquitela.
Miguel Francisco Correia.
Manoel Joaquim Moreira.
Neves & Guimarães.
Souza Amaral & Faria.
Soares & Melo.
Viuva Machado & Baptista.

Hospedarias.

Antonio Guedes Chaves, na Cava.
Camilo José de Souza, Serra do Comércio.
Felipe de Almeida Campos, Vila.
Joaquim Jospe Caetano, Vila.

Proprietários.

Francisco Pinto Duarte.
D. Gracinda de Jesus Alves.
Joaquim Gonçalves Bastos.
Jacinto Manoel de Souza Melo.
João Moreira de Aguiar.
José Joaquim Gonçalves.
Manoel Alvares dos Santos Pessoa.

Artistas e Ofícios com casa aberta.

Alfaiates:

Antonio Ferreira de Souza Lima, Vila.
Francisco Alves Guimarães.
João Jospe Ferreira da Silva, Vila.
José Ferreira da Silva, Cava.

Bilhar:

Francisco Dometriano de Castro Souza, Vila.

Charuteiros:

Amador Pedro de Alcântara.
Lourenço Máximo.

Espingardeiro:

Manoel Alves Carneiro.

Fogueteiros:

Diogênio José da Silva.
Manoel Gonçalves de Carvalho.

Funileiro:

João Marques de Faria.

Ferrador:

Antonio Ribeiro Maia.

Ferrarias:

Desidério da Silva Santos.
Miguel Francisco Correia.
Joaquim Gonçalves Bastos.

Marceneiro:

Luiz José Gonçalves.

Ourives:

Antonio de Castro.
José Joaquim da Cunha Leal.
Joaquim Fernandes da Costa.
Joaquim Francisco da Costa.

Padarias:

Carlos José da Silva, Rio Douro.
José Manoel de Sá Siqueira, Vila.
Soares & Melo.

Sapateiros:

Custodio Joaquim Rodrigues.
José Joaquim da Cunha Leal.
Isaias José de Moura.
Manoel José Gonçalves Viana.
Manoel de Souza Espíndola.

Seleiros:

Heliodoro de Lima Pereira.
João Dantas da Costa, Vila.

Tanoarias:

Joaquim Pinto de Medeiros.
Marques & Oliveira.

Neves & Guimarães, Vila.

Arrematantes das Barreiras.

Souza & Bastos

Ponto do Onibus:

Joaquim Gonçalves Bastos.

Venda dos bilhetes dos Onibus:

Soares & Melo.

Fazendeiros de Moer Cana.

Antonio José Pereira da Costa.

Bento Antonio Móreira Dias.

Damasceno & Irmão.

Francisco Machado.

Joaquim José da Silveira.

Inácio Antonio de Souza Amaral.

Capitão Luiz Antonio de Souza.

D. Maria José de Paiva Andrade.

D. Páscoa Maria de Oliveira Moura.

Principais Fazendeiros e Lavradores da Café e Mandiôca.

Antonio de Sá.

Bento Luiz Coutinho de Oliveira Braga, Comendador.

Bento Pereira dos Santos.

Clarindo Vargas de Azeredo Coutinho.

Carlos Dantas de Vasconcelos.

Francisco de Pádua Silva.

Francisco Maia Viana.

Francisco da Costa Rodrigues.

Garcia Rodrigues Paes Leme.

José de Mendonça Drumond de Vasconcelos.

Joaquim Cardoso da Silva.

José Gonçalves Bastos.

Joaquim José do Amaral.

Inácio Pereira Ramos.

João Manoel de Almeida.

José Luiz Machado Sobrinho.

Jacinto Manoel de Souza Melo.

Luiz José Alves de Jacutinga, Pai.

Luiz José Alves Jacutinga, Filho.

Manoel Francisco Ramos.

D. Maria Luiza de Santana e Silva.

Manoel Antonio Alves de Brito.

Lavradores.

Antonio Pereira de Macedo.

Antonio José de Castilho Xavier.

Antonio Martins Lopes.

Antonio José Fernandes

Alexandre da Silva Santos.

Fortunato José Pereira.

João Caetano de Matos.

Joaquim José Machado.

José Maria Dantas.

José Alves Rangel Pena Viana.

Joaquim Lôbo de Alarcão.

João Antonio de Araujo Guimarães.

Mariano Barbosa de Sá.

Marcos José Marins.

Manoel Martins de Athaide.

Marcelino José das Chagas.

Olaria de fabricar telhas e tijólos.

José Gonçalves Bastos.

Nicoláu José Rodrigues.

FREGUESIA DE MARAPICÚ

Subdelegado:

Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

Substitutos:

1.o José Carlos da Silva Pinto.

2.o Antonio Dias Texeira.

3.o José Rafael de Souza Pereira.

4.o Bernardo José Soares.

5.o Laureano José da Silva.

Escrivão.

Antonio Dionísio Alves Pereira.

Juizes de Paz.

1.o João Pereira Ramos de Azeredo Couto.

2.o José Antonio da Costa Velinças.

3.o Camilo José de Souza.

4.o Domingos José Claro.

Escrivão.

Antonio Benício Alves Pena.

Fiscal Suplente.

Antonio Pires de Moraes.

Vigilante.

Antonio Rafael de Souza.

Vigário Colado.

Padre Antonio de Santa Maria Madalena.

Coadjutor.

Padre Domingos Penedo.

Sacristão.

José Maria da Costa.

Professores Particulares.

Antonio José Américo.

Antonio Rafael da Silva.

José Caetano de Almeida e Silva.

Comissão encarregada pelo governador para as obras da Matriz.

1.º Bernardo José Soares.

2.º Vigário Antonio de Santa Maria Madalena.

Fazendeiros e proprietários de Engenho de Açúcar e Aguardente.

Tenente-Coronel: Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Morgado de Marapicú, Moço Fidalgo com fazenda de criação de gados.

Brigadeiro Francisco de Paula Manso Sayão.

Marques de Itanhaem.

Fazendeiros proprietários de café.

Tenente-Coronel Francisco Lemos de Faria Pereira Coutinho, Morgado de Marapicú, Moço Fidalgo.

Marques de Itanhaem.

Tenente Albino da Costa Nunes.

Bernardo Antonio Alves.

Custódio João Pinto de Miranda.

Francisco Pinto de Miranda.

Tenente-Coronel Justino João Pereira.

Viúva do Tenente Inácio Luiz de Sá Freire.

José da Costa Nunes.

Cônego José Antonio da Costa Valença.

Inácio da Costa Nunes.

Joaquim José Cardoso.

João Pedro Alexandrino e Silva.

Joaquim Pereira Barbosa.

José Maria de Melo Filho.

José de Souza Oliveira.

D. Luiza Carolina de França.

Alferes Luiz João e Vargas Dantas.

Manoel Gonçalves Cruz.

D. Maria Inácia da Silva Pamplona.

Ricardo Antonio de Araujo.

Fazendeiros de Café.

Antonio Joaquim do Carmo.

Antonio Ribeiro Junior.

Tenente Dionísio João da Costa Junior.

Higino Corrêa Barbosa.

José Gonçalves Cruz.

Joaquim José Ribeiro.

José Rafael de Souza Pereira.

José Antonio Chaves.

Alferes João da Costa Nunes Sobrinho.

Capitão José Carlos da Silva Pinto.

Joaquim Rodrigues da Silva.

Alferes José Maria da Lapa e Silva.

Lauriano José da Silva.

Alferes Laurindo José da Silva.

D. Lauriana Maria da Conceição.

Tenente Manoel Pimenta de Sampaio Moraes.

Capitão Miguel José da Silva.

Ricardo José de Souza

Sabino José Ribeiro.

Lavradores.

Tenente Antonio Dias Teixeira Junior.

Antonio Pires de Moraes.

Antonio da Costa Nunes.

Antonio Benício Alves Pena.

Antonio Joaquim de Brito.

Bonifácio Manoel de Araujo.

Enoch José de Araujo.

Joaquim da Costa Franco e Almeida.

José Joaquim de Oliveira Morim.

José Pinto de Miranda.

João Francisco da Silva.

Joaquim Moreira de Brito.

Lino da Silva Braga.

Luiz da Costa Nunes.

Laurindo Antonio Barbosa.

Manoel José de Melo.

Manoel José Corrêa.

D. Maria Teresa de Jesus.

Sabino José da Costa Chaves.

Teófilo José Ribeiro da Silva.

Negociantes Brasileiros.**Capitalistas:**

Bernardo José Soares.

José de Souza Oliveira.

Laureano José da Silva.

De Café, Fazendas e Molhados:

Antonio Joaquim Pereira Flôres.

Bernardo José Soares.

Domingos João Cloes.

Francisco Antonio Suzano.

José Bernardino Corrêa Vasques.

José Alves Barbosa.
Jacinto Mascarenhas Neves Quintela.
Luiz José Ramos Drumond.

Negociantes Estrangeiros.

Antônio da Cunha Gil da Silveira.
Antônio João Ferreira Monteiro.
Bento Augusto Gomes Monteiro.
Francisco Vicente da Costa.
João Teixeira da Fonseca Portugal
João Antônio Proença.
Joaquim Antônio da Silva Camarinha.
José Carvalho Ribeiro Silva.
Manoel de Souza Teixeira Bastos.
Manoel Joaquim Pereira.
Manoel Joaquim Pinto.
Querino de Souza Barbosa da Rocha.
Vitorino José da Silva.

Alfaiates:

Antônio Rodrigues dos Santos.
Bento José Mariano.
Isidoro José da Cunha.
Manoel Francisco Vilela.

Aguardenteiros:

Brigadeiro Francisco de Paula Manso Sayão.
Manoel Joaquim Pereira Pinto Sayão, Botas.
Francisco José de Matos.
Manoel Dias de Andrade.

Açougues:

André Pereira Barbosa.
Joaquim Antônio da Silva Camarinha.
Manoel Francisco Vieira.

Mestre de Açúcar:

Francisco José de Matos Silva.

Boticário:

Clementino José Brandão.

Carpinteiros:

Antônio José Cardoso.
Antônio Moreira de Souza Azambuja.
Esteriano Nunes de Araujo.
Florindo José Neri.
João José de Almeida Dias,
José Ribeiro da Silva.
João Antônio de Souza.
José da Silva Menezes.
Veríssimo José Rodrigues.

Curtidor de Couro.

José dos Santos Coutinho.

Entalhador.

Manoel Teodoro de Oliveira.

Ferreiros.

Antônio Pedro Ferreira.
Antônio Francisco de Almeida.
Manoel Pereira Ramos.
Quintiliano José Gonçalves.

Ferrador:

Francisco de Paula Anastácio.

Marceneiro:

Vicente Ferreira Muniz.

Pedreiros:

Joaquim José Vitorino.
Felicio Pereira.
Felixberto Pereira.
Felimino José da Assunção.
Zeferino da Costa Souza.

Pintor:

Jorge Sila.

Padarias:

Joaquim Antônio da Silva Camarinha.
Bartholomeu da Silveira.

Seleiros

José Maria Lisboa.
Luiz Cabral de Siqueira.
Rufino José de Moura.

Freguesia e Santo Antônio de Jacutinga.**Sub-delegado**

Francisco Pereira de Bulhões Carvalho.

Substitutos:

- 1.º Antônio José de Carvalho.
- 2.º José Pereira de Bulhões Carvalho.
- 3.º João Rodrigues de Matos.
- 4.º Francisco Xavier de Moura.
- 5.º João Dias Machado.
- 6.º José Francisco de Oliveira e Sá.

Juizes de Paz.

- 1.º Emigdio Barbosa de Mattos.
- 2.º José Pereira de Bulhões de Carvalho.
- 3.º João Dias Machado.
- 4.º José Francisco de Oliveira e Sá.

Escrivães.

- 1.º José Bernardino Corrêa Vasques

Oficiais de Justiça.

- 1.º Firmino Francisco da Silva Teles.
- 2.º Cândido José de Castro.

Fiscais:

José das Chagas Ribeiro.
José Dias Fraga

Médicos.

Dr. João Francisco da Costa Thibáu.
Dr. Manoel Antônio Ferreira Mendonça.
Cosme de Menezes Coutinho (cirurgião).

Boticário.

Antônio José de Carvalho.

Fazendeiros de cana.

Bento Luiz de Oliveira Braga.
Barão de Bonfim, fidalgo da Imperial Casa, guarda roupa de S. M. I.
Francisco Pereira Bulhões Carvalho.
Bernardo Joaquim da Costa.
Tomaz Dionisio de Castro.
Dr. João Francisco da Costa Thibáu.
Bento Pereira de Bulhões Carvalho.
João Afonso da Costa.
Antônio José de Carvalho.
Tiago José da Costa.
Brigadeiro Francisco de Paula Amancio Saião.

Fazendeiros de Café e Mandioca.

Francisco José Soares.
José Rodrigues Vilares.
Venâncio José de Melo.
José Pereira de Bulhões Carvalho.

Francisco Xavier de Moura.
Antônio Pedro Alexandrino da Silva
João Antônio Soares.
Custódio José Ferreira.
João Pereira de Farias.
João Dias Machado.
Manoel Pinto de Miranda.
José Pinto Vilas-Boas.
Emigdio Barbosa de Matos.
José Francisco de Oliveira de Sá.
José Moreira.
Bento Antônio de Fonseca.
Miguel de Souza Moura.
Joaquim José Dias.
Pedro José Lopes.
Francisco Antônio de Assis e Souza.
Braz de Souza Dias de Moura, Major.
Antônio dos Santos de Andrade Rosa.
D. Maria Angélica de Souza Moura.
Inácio Cândido de Moura.
Marcelino José de Almeida.
Manoel de Moura Alves.
José Soares da Silva.
D. Catarina Maria de Jesus.
Serafim Cerino dos Santos.
João José de Souza.
José do Egito Bastos.
Domingos José de Oliveira.
Francisco Gonçalves Craveira.
José Joaquim Ribeiro.
Anacleto da Silva de Andrade Rosa.
José Duarte Filgueira.
Eugênia de Araujo Vidigal.
Bento Rodrigues Fortes.
Manoel Gomes dos Santos.
Virgílio de Caspede Barbosa.
Joaquim de Sant'Ana Ramos de Piriquito.
Cosme de Menezes Coutinho.
Antônio Soares da Silva.
Francisco da Costa Mineiro.
José Joaquim de Oliveira.
João Rodrigues de Matos.
José Afonso da Costa.
Manoel Afonso da Costa.
Jacinto José Cabral.
Antônio da Silva Amaral.
Luiz de Souza Amaral.
Francisco Joaquim Pimenta.
Luiz da Silva Cabral.

Antônio José de Freitas.
José Antônio Campos.
José Inácio de Macedo.

Negociantes.

Carvalho, Junior & Companhia.
Antônio Baptista Gonçalves.
Antônio Marcial & Companhia.
Joaquim Mariano de Moura Neto.
Antônio Alberto Barcelos.
Joaquim José Dias.
Gregório dos Santos Barbosa.
Manoel Dias de Menezes.
José Viana.
José Soares da Silva.
Serafim Rabelo e Guimarães.
Valério José da Costa,
José Francisco de Oliveira e Sá
José Narciso de Miranda.
Luiz Ferreira de Almeida.
Manoel Baltazar Barroso.
Bento José Carneiro.
Fidelis Rodrigues.
Elisiária Rosa de Jesus.
Francisco de Paula da Costa Barros Saião.
Antônio Pacheco Canto da Silveira.
Tomaz Dionísio de Castra.
João Agostinho Pereira de Magalhães.
José Vasques Guedes Pinto.
Joaquim Manoel Alves de Araujo.

Oleiros.

Fazenda de São Bento.
Oiteiro (telhas).
Fazenda de Baixo.
Fazenda do Conde.
Conselheiro Francisco José Alves Carneiro.
Carvalho Junior & Companhia.
Herdeiro da falecida D. Frutuosa Perpétua de Queiroz Malheiro.
Barão de Bonfim.
O Dr. João Francisco da Costa Thibáu.
João Dias Machado.
O Comendador Bento Luiz Coutinho de Oliveira Braga.
Jacinto José da Fonseca.
Dr. Manoel Antônio Ferreira de Mendonça.

Escolas de primeiras letras.

Professôr Público.
José Tomaz da Cruz Pereira.

Escolas particulares.

Antônio Pimenta de Sampaio Moraes.
Francisco Manoel da Costa e Sá.
Luiz João da Fonseca.
Luiz Lôbo de Alarcão.

Ferreiros.

Antônio José de Miranda.
João Pereira da Silva.

Alfaiates.

Antônio Ferreira da Silva.
José Joaquim da Silva.
Joaquim José Pereira.
Tomaz Henrique Maciel.
João Pinto.

Hospedarias.

Inácio Francisco do Amaral.
Antônio Batista Gonçalves.
Gregório dos Santos Barbosa.

Padarias.

Antônio José de Carvalho.
Antônio Pacheco Canto da Silveira.
Gregório dos Santos Barbosa.

FREGUESIA DE MERITI**Juízes de paz.**

- 1.º Manoel Pires da Silveira.
- 2.º João Antônio dos Santos.
- 3.º Silvano Antônio da Silveira.
- 4.º Antônio Dias Teixeira Pimenta.

Escrivão.

João da Mata Coutinho.

Sub-delegado.

Silvano Antônio da Silveira.

Substitutos.

- 1.º Antônio Dias Teixeira Pimenta.
- 2.º Manoel Pires da Silveira.

Escrivão.

João da Mata Coutinho.

Inspetores de quarteirão.

- 1.º José Bernardo Alves.

- 2.º Vicente Carvalho de Oliveira.
- 3.º Pedro Pires da Silveira.
- 4.º Antônio Rodrigues Torres.
- 5.º João Soares de Proença.
- 6.º Germano Corrêa da Conceição.
- 7.º João Tomaz Cardozo.

Oficiais de justiça.

João Francisco de Paula.
Manoel das Chagas de Jesus.
Eduardo da Costa Ribeiro.

Fiscal.

Augusto da Costa Barreto.

Suplente.

Frederico da Costa Barreto.

Guarda-fiscal.

Hermogenio Dias Cardoso.

Professor público de instrução primária.

Capitão Augusto da Costa Barreto.

Vigário Encomendado.

João Gomes Marcos dos Santos.

Médico.

Dr. Alexandre José do Amaral Silva Guimarães.

Boticário.

José Gonçalves da Cruz.

Fazendeiros de moer canas e principais lavradores de cafés e mandiocas e proprietários.

Antônio Felix Cabral de Melo Palmeiras.
D. Alexandrina Cândida dos Santos Viana.
Condessa de Sarapui.
Herdeiros de Frutuosa Felicidade Perpétua.
Pedro Antônio Teles Barreto de Menezes.
Antônio Joaquim Gonçalves.
João Getúlio Monteiro de Mendonça.
Ambrósio de Souza Coutinho.
Carvalho & Rocha.
Bernardo Garcia de Azeredo Coutinho, medalha da G. I. da Baía.
D. Lulza Claudina de Azeredo Coutinho.
Miguel Rodrigues Côrtes.
Possidenio dos Santos Silva.
D. Clara Augusta de Bulhões Coutinho.
João Antônio dos Santos.
João Vicente da Silva.
José da Costa Barros.
Francisco Xavier do Amaral.
D. Maria Luiza do Espírito Santo Pires da Silveira.
D. Ana Teodora Mascarenhas Barros, Engenho Velho.

José da Costa Barros.

Negociantes.

Antônio Lopes Ferraz.
Bento José Barbosa.
Domingos Francisco Rodrigues da Silva.
Francisco Moreira dos Santos.
Francisco Teixeira Pinto Cruz.
Francisco da Silva Veloso.
Ferreira & Braga.
Joaquim Pinto Lôbo.
Julio da Costa Leite.
José Plácido Soares.
Joaquim de Matos.
Joaquim Rodrigues Côrtes.
José Ferreira de Sá.
José Ferreira Pires.
Lúcio dos Santos Cunha.
Manoel Inácio Pimentel.
Manoel Dias da Silva.
Manoel José Pereira.
Manoel Alves de Almeida.
Ricardo de Souza Peixoto.

Hospedarias.

Antônio Teles Bittencourt.
Amália Jacinta de Caro.

Padarias.

João de Souza Alves Guimarães.

Loja de alfaiate.

Antônio José Câmara.

Tanoarias.

João Domingues Corga.
Manoel Alves de Almeida.
José Pinto da Mota.

Funileiros.

Antônio José de Araujo.

Loja de barbeiro.

Manoel José Mendes.

Aguardenteiro

Faustino José do Nascimento.
Lucas de Deus Evangelista.
Inácio dos Reis Soares de Proença.
João Inácio da Assunção.
Antônio José Messias.
Francisco Joaquim de Lemos.
José Francisco de Lemos.

O Poder Executivo Iguaçuano

O chefe do Poder Executivo municipal, hoje prefeito, foi durante muito tempo representado pelo presidente da Câmara.

Ao se instalar a Câmara de Iguaçu em 1833 coube a FRANCISCO MARTINS VIANA os primeiros cuidados de administração do Município.

Viana pretendeu, como primeiro problema, promover o saneamento da região, conseguindo a vinda de uma comissão de sanitaristas para a Vila de Iguaçu. Foi, aliás, a instalação desta comitiva uma das causas da extinção da Vila, quando foi desapropriada com as chaves da Municipalidade (arrombamento) a casa de um agricultor, vazia há algum tempo.

Dêste fato e de outros valeram-se os povos de Inhomirim, que não se conformando em pertencerem a Iguaçu, conseguiram a extinção da Vila, cujo território foi dividido em duas partes, uma anexada ao de Vassouras e outra ao de Magé, repartindo-se entre os arquivos delas os livros e papéis da comarca suprimida.

Extinta a Vila, FRANCISCO JOSÉ SOARES o futuro Comendador Soares muito trabalhou para a sua restauração e por isso mereceu a presidência da Câmara em 1837, ano da restauração, até 1844.

Ao Comendador Soares deve-se grande parte do calçamento da desaparecida Vila de Iguaçu, que até hoje existe, a melhoria do pôrto e a instalação de chafariz da Vila para o qual concorreu D. Pedro II. Foi um dos fundadores da Sociedade Popular Iguaçuana, criada ao tempo da guerra do Paraguai.

O grande rival do Comendador Soares foi INÁCIO ANTÔNIO DE SOUZA AMARAL, futuro Barão de Guandú, que em 1855, como presidente da Câmara, teve destacada atuação no combate ao Cólera morbo.

Diversas vezes foi, o Barão de Guandú, presidente da Câmara, salientando-se sobretudo a administração de 1864, quando determinou melhoramentos em Maxambomba, recentemente erigida sede da freguesia que era anteriormente do arraial de Santo Antônio de Jacutinga.

Guandú caracterizava-se pelo grande empenho em seus desejos (veja carta de Barão de Pati ao Barão de Guandú, pag. 64).

Uma prefeitura notável foi a de JOAQUIM INÁCIO DO NASCIMENTO FARIA pelo que representou em progresso ao então pequeno arraial de Maxambomba. Em 1856 Nascimento Faria, como presidente da Câmara, recebia D. Pedro II em Queimados (veja inauguração a Estrada de ferro Pedro II, pag. 19).

Nascimento Faria promoveu melhoramentos de diversas estradas. FRANCISCO PINTO DUARTE, Barão de Tinguá, foi outro grande da Câmara. O doador dos mananciais de água para o Rio de Janeiro foi um dos fundadores da Sociedade Popular Iguaçuana e organizador, com o Comendador Soares, das festas de grande pompa realizadas

na Vila de Iguaçu de 10 a 20 de abril de 1870 comemorando a vitória do Brasil sobre o Paraguai.

O Barão de Tinguá teve como administrador do Município duas fases áureas: uma que culminou em 1868 e outra em 1885, caracterizadas ambas com o melhoramento de estradas.

DR. PEDRO TELES BARRETO DE MENEZES: foi outro ilustre presidente da Câmara. Regulamentou o lançamento e arrecadação do imposto predial transferida ao Município pela constituição do Estado (artigo 94) e que era até então conhecida pelo nome de Décima Urbana. Em sua administração, 1892-1894, deferiu o requerimento de Carlos Frederico Castelo Branco, que pediu uso e gozo de uma via férrea ligando a margem da Estrada de Ferro Central do Brasil aos limites do município de Petrópolis e passando pela Vila de Iguaçu; a substituição que mandou fazer do encanamento d'água, de chumbo para ferro na Vila de Iguaçu, empreitada que foi realizada por Elpidio José Soares Guimarães; construção de pontes no Morro das Moendas, feitas pelos empreiteiros Machado Nunes & Irmão; pontes no rio Moquetá e na estrada da Posse, feitas por Francisco Carlos da Silva Pinto.

Foi na prefeitura de Pedro Teles que se deu a rumorosa anulação por lei da eleição do capitão Augusto Monteiro Paris; a inauguração do primeiro trem do suburbio a Maxambomba, a iluminação pública a querosene feita por Nicolau Maria Cheef;

O atêrro do Brejo do Largo em São João de Meriti (em frente à Matriz); o pedido da instalação da parada da Estrada de Ferro Rio Douro em Heliópolis; a criação de escolas no Capim Melado (S. Bento), no Riachão (Morro Agudo) e no Passa Vinte (Queimados) nomeando para as mesmas os professores Manoel Jesuino Coimbra de Macêdo, José da Costa Drumond e Januário da Costa Côrtes, respectivamente.

A prefeitura sob a presidência do DR. JOAQUIM TAVARES GUERRA foi tumultuada. A receita e despesa, muito acrescida com o imposto predial, era estimada em Rs. 127:264\$225, para a época, elevada quantia.

Tavares Guerra, além de político esclarecido era homem de grande coração e atendia sempre que possível aos que iam suplicar do Governo Municipal, cercando-se em pouco tempo de funcionários que exploravam sua bondade.

Deve-se a Tavares Guerra a canalização de água em Maxambomba. Seu governo, iniciado em 1895, foi interrompido pela sua renúncia em 22 de dezembro de 1898 (quando obtinha no entanto o prestígio da reeleição).

DR. JOSÉ PEREIRA PORTO SOBRINHO foi dos presidentes da Câmara um dos mais enérgicos. Tomava atitudes algumas vezes drásticas, não importando a quem iria atingir.

Sua administração, de 1899 a 1902, caracterizou-se por inquéritos realizados entre funcionários da Procuradoria. (Veja página 78).

A prefeitura CORONEL ALFREDO CESAR SOARES lutou com dificuldades, nos anos de 1900, 1904 e 1905, de ordem financeira; o orçamento da receita que era no tempo de Tavares Guerra de mais de cento e vinte e sete contos de réis, passou em 1903 para Rs. 122:618\$508, em 1904 para Rs. 117:591\$066 e em 1905 Rs. 100:379\$632.

Contudo Alfredo Soares estabeleceu regimentos internos regulando os serviços dos empregados da Câmara, os impostos sobre sepulturas, o lançamento e arrecadação de impostos predial, do abastecimento d'água os impostos sobre aferição, sobre guia, ocupação do solo, talho de gado consumo de aguardente, etc., e pôde promover a conservação de estradas, esgotamento de pântanos e águas estagnadas e realizar outras obras públicas.

No princípio do século a prefeitura áurea foi a de BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA E MELO JÚNIOR.

Bernardino de Melo foi um dos mais esclarecidos e dinâmico presidentes da Câmara. Urbanizou Maxambomba alinhando suas ruas mal traçadas e construiu a sede da Prefeitura. Sem majorar os impostos e com uma receita de Rs. 102:654\$351 foram inúmeras obras de melhoramentos no Município como aberturas de estrada, de rodagem construção de pontes, drenagem de rios, abertura de valas de saneamento, construção do jardim da praça 15 de novembro (Ministro Seabra, 14 de dezembro ou Liberdade) e inauguração de luz elétrica, à fiscalização pessoal que exercia nos diversos setores da administração.

Após Bernardino de Melo deve ser destacada a prefeitura MANOEL REIS. Caracterizou esta prefeitura: derrubada de antigos casarões e pequenas avenidas, como medida sanitária; limpeza de valas no combate ao impudismo: reforma de Paço Municipal; criação de escolas municipais. Manoel Reis alertou a Câmara Municipal sobre o pretenso direito da Estrada de Ferro Central do Brasil de retirar das cachoeiras as águas de que carecia, deixando ao povo iguaçuano apenas as sobras. Sua atividade em prol do Município foi, contudo, muito maior como Deputado Federal do que como prefeito.

Outra prefeitura que se destacou foi de ERNESTO FRANÇA SOARES, caracterizando-se pela derrubada dos prefeitos nomeados pelos Estados, quando o Executivo era da competência da Câmara (veja pág. 68). Durante administração surgiu a gripe espanhola, que foi enérgicamente combatida por ele (veja pág. 25).

OTÁVIO ÁSCOLI teve destacada atuação como prefeito nos anos de 1924 - 1926, quando empreendeu pequenas obras de conservação. Se Áscoli não deixou uma obra monumental, fez contudo o trabalho que menos aparece, porém mais necessário: o da conservação.

Após seu governo o CORONEL JOÃO TELES DE BITENCOURT destacou-se como administrador que distribuiu equitativamente as obras públicas pelos distritos.

O CORONEL ALBERTO SOARES DE SOUZA E MELO, eleito para o período 1930 - 1932, não completou seu mandato em razão da vitória dos revolucionários de Getúlio Vargas. Encontrando a prefeitura com um déficit, começou logo a saldar os compromissos desta. Pela resolução número 249 de 9 de fevereiro de 1929 o prefeito João Teles de Bitencourt contraia um empréstimo de Rs. 2.500:000\$00 com juros de 9,5% ao ano, resgatáveis em 10 anos e destinado à canalização da água da Cachoeira dos Caboclos.

O Coronel Alberto Melo demonstrou desde o início ser um gran-

de administrador. Faltou-lhe tempo, no entanto, para realizar o que pretendia.

A revolução de 1930 derrubava Alberto Melo do Governo Municipal, que passou a ser respondido, de outubro a princípios de dezembro, pelo CORONEL CARLOS MATOS.

Quando Carlos Matos respondia pelo expediente a prefeitura foi assaltada por cidadãos iguaçuanos tendo à frente o Sr. Getúlio Moura (veja Revolução Iguaçuana.)

SEBASTIÃO DE ARRUDA NEGREIROS inicia a prefeitura em 19 de dezembro de 1930 levando-a até 1935.

Seu governo caracterizou-se, nesta época, por dar grande importância à conservação das estradas de rodagem. Muitas foram retificadas ou melhoradas com sistemas de valas. Entre as principais que receberam grandes melhoramentos citam-se: Nova Iguaçu - Anchieta, Madureira-Cabuçu, Morro Agudo - Austin, São João - Caxias, São João - Nilópolis, Rio Petrópolis - Magé, Santa Branca - Bonfim, Ipiranga, Plínio Casado, Guimbu, Santa Rita, São Bento, Atura, Xerém, Riachão e Passa Vinte.

Construiu inúmeras pontes, aumentou a rede de iluminação pública, substituiu encanamentos que já eram de pequeno diâmetro e não atendiam às necessidades do consumo d'água; captou o rio da Cachoeira aumentou a rede de esgotos, desobstruiu rios e calçou diversas ruas.

Seu trabalho de administração abrangeu todo o Município, tendo sido esta a época de maior desenvolvimento das obras públicas.

Em sua administração realizou-se a construção do Hospital de Iguaçu.

A prefeitura RICARDO XAVIER DA SILVEIRA apresentou obras de conservação, ampliação da rede de abastecimento de água e regulamentação de ensino.

Prefeitura notável foi a de BENTO SANTOS DE ALMEIDA que muito embora de pequena duração (11/10/1943 - 24/12/1945) deixou, contudo, obra imorredoura como o fato de ter contratado com o Estado a Construção do Grupo Escolar em terreno que adquiriu pela Prefeitura e doou a este.

Nomeado por ato do Governo do Estado em 24/2/1945, tomou posse como prefeito GETULIO BARBOSA DE MOURA, que, apesar de administrar o Município apenas oito meses, promoveu o aumento da rede de iluminação em Mesquita, o prolongamento da rua Bernardino de Melo e a construção do Mercado Municipal.

Em novembro de 1945 começa a prefeitura MANOEL AUGUSTO DA SILVA, fazenda reparos na estrada da Posse, Plínio Casado e Madureira.

Manoel da Silva embargou o varejo que se instalou no 'alto da ponte de Nova Iguaçu por considerá-lo prejudicial ao movimento de passageiros, abrindo com isto uma acalorada questão judiciária.

Em 15 de fevereiro de 1946 o chefe do Executivo foi PAULINO DE SOUZA BARBOSA. Em sua prefeitura foi iniciado o calçamento da rua Rangel Pestana. Chuvas torrenciais prejudicaram as obras desta prefeitura, cujo prefeito demitiu-se, sendo substituído em 9 de abril de 1947

por HUMBERTO BEIRUTE. Beirute promoveu a maior captação de águas do rio Cachoeira.

A 17 de outubro de 1947 SEBASTIÃO DE ARRUDA NEGREIROS volta à prefeitura, realizando a estrada Nova Iguaçu - Morro Agudo à margem da Central do Brasil, melhoramentos de abastecimentos d'água com a empreza Epaminondas Lemos, construção do cemitério N. S. das Graças, em Mesquita e instalação do Ginásio Monteiro Lobato.

Em fevereiro de 1951, LUIZ GUIMARÃES inicia sua prefeitura governando o Município com dificuldades de ordem política até 1954.

Empreendeu obras de esgotos em diversas localidades, construiu pontes, conservou estradas, pavimentou ruas e substituiu o encanamento do rio Douro, passando o abastecimento do rio da Cachoeira a ser exclusivo de Mesquita.

Em 1955 foi eleito prefeito do Município ARY SCHIAVO. Nesta prefeitura foram criadas escolas, aumentada a rede de iluminação, calçadas ruas, ampliado o sistema de esgotos, remodeladas praças públicas, construídos reservatórios de água, conservadas estradas, colocadas placas indicativas de logradouros e assinado o contrato dos telefones automáticos.

Após este período volta pela terceira vez como prefeito do município, o DR. SEBASTIÃO DE ARRUDA NEGREIROS.

UM AUDACIOSO JUIZ

Tratando-se de um austero, vigoroso, irredutível juiz que procurava a verdade acima de tudo, não nos permitiremos divagar em sonho poético do passado desta grande terra iguaçuana.

Se não, fecharíamos os olhos e, lá pelos anos de 1845 imaginá-riamos, na praça da Vila de Iguaçu, despreocupadas, felizes, um bando de crianças e rapazes em alegres folguedos.

Os pirralhos, dois de 3 anos eram Elói e Conrado. Outros, com 7 e 11 anos, eram João Antônio, Francisco e Venâncio. Os maiores, com 18, 26 e 27 anos, mais sérios, mas ainda despreocupados, Francisco José João e Francisco Duarte.

Havia paz em Iguaçu; havia paz no Brasil. O iguaçuano Caxias já proclamara o fim da guerra dos Farrapos. A História, descansaria um pouco, descuidada também daquelas crianças alegres na Vila de Iguaçu. Como viviam e como se chamavam, mesmo estas crianças?

Oh! não importa...

Só mais tarde valerá a pena dizer à senhora História que Elói, é Elói dos Santos Andrade que ensinou ao Brasil: A tuberculose é curável; que Conrado, é Conrado Jacob Niemeyer Neto, fundador do Clube de Engenharia; que João Antônio, é João Antônio de Barros Junior, um audacioso juiz; que Francisco, é Francisco Rangel Pestana, obreiro da República; que Venâncio, é Venâncio José de Oliveira Lisboa, o Visconde de São Vicente, presidente da Bahia e da Paraíba; que Francisco José, Francisco José Soares, foi deputado provincial; que João Manoel Pereira da Silva foi fundador da Academia Brasileira de Letras e evitou um conflito entre o Brasil e Portugal; que Francisco Pinto Duarte, o Barão de Tinguá, deu ao Rio de Janeiro o maior presente, a mais cristalina água para matar sede.

Não! Não permitamos que a História perturbe agora aqueles alegres iguaçuanos. Voltemos ao presente para tratar de João Antônio de Barros Junior, um audacioso juiz.

Barros Junior? Quem foi, perguntará o Brasil. Foi um juiz audacioso que soube transferir seus problemas a quem lhe criava. Escreveu «Traços Biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa» Jovita? Barros Junior riria... Esquecida como ele... Mas ele escreveu mais. De parceria com Fagundes Varela publicou «Uma noite no cemitério». Não ficou aí, imprimiu «Uma fisionomia acadêmica», biografia; «Emílio», romance; «Sensitivas»; «Olga», poesia e ainda há obras suas, inéditas, no Paraná, aguardando quem as publique.

Barros Junior, fundador do primeiro jornal iguaçuano, chamado «O Libertador», um dos mais notáveis juizes que teve até hoje o município de Iguaçu, sua terra natal, quando a senhora História o descobrirá ficará como o mais audacioso juiz do Império do Brasil.

Numa época em que os juizes não tinham as garantias da efetividade e da irremovibilidade dele, contundente, atingia o governo imperial nos seus mais profundos alicerces. Abolicionista, aproveitava as sentenças para libertar escravos sempre que podia. E sabia devolver os

problemas que lhe criavam . . .

Certa vez, ameaçado de morte por um senhor de engenho por lhe libertar 2 escravos, fez o seu testamento, responsabilizando-o por sua morte e mandou entregá-lo, lavrada em escritura pública, o testamento. Conclusão: o senhor de engenho destacava escravos para proteger a vida de Barros Junior... Referia-se a monarquia com estes termos: «É preciso acabar com a monstruosidade deste poder que pretende fazer de um homem pecável um homem deus.» Os jornais que fundou, como o «Libertador» ou o «Operário de Liberdade» já traziam, no próprio título, o combate.

Barros Junior, juiz em Iguaçu, onde viu findar o Império; em Jaú, em Estrêla, além da promotória, foi desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Paraná.

Atingiu, com seus artigos e sentenças, profundamente as patentes da Guarda Nacional, cuja existência combatia, malgrado em Iguaçu estarem sediados os 24.º e (9.º Batalhões de Infantaria daquela milícia. Combateu os títulos fidalgos nobiliárquicos e os de portadores de Comendas, apesar de sua dileta filha ter-se casado com Bernardino José de Souza e Melo Jr., filho de um Comendador.

Em seu jornal, republicano, colaborou seu amigo Rangel Pestana, combatendo com ele o Império e a escravidão.

Contra todos os preconceitos de castas sociais, de cor, contra todas as acomodações de um juiz do Império, contra toda a situação de amizade dos senhores de engenhos, Barros Junior foi o mais audacioso juiz daquele tempos!

A Revolução Iguaçuana

14 de dezembro de 1930 - A revolução de 30 propagou a filosofia do direito de pensar e opinar na escolha dos dirigentes do povo cuja vontade não poderia ser anulada pelos manejos políticos.

Deste entendimento, Nova Iguaçu, pelos seus líderes revolucionários, estava disceminada.

A junta governativa que secretamente fôra constituída para dirigir o município nos últimos dias da revolução de 30 era composta por: Dr. Alberto Nunes Brigagão, Dr. Getúlio Barboza de Moura, Dr. Manoel Reis, Dr. Cledon Cavalcante, Pantaleão Rinaldo, Coronel Nicolau Rodrigues da Silva, Silvio Martins de Azeredo, Pereira Junior, José Pedro Cardoso e Silvio Guimarães.

O sargento Roberto Cabral fez ver a diversos membros da Junta Governativa de Iguaçu que o problema revolucionário não poderia estar na dependência de tantos indivíduos e que era necessário atribuir-se ao Sr. Silvio de Azeredo a autoridade como delegado especial.

Vencida a revolução, não se verificou grande perturbação na vida social iguaçuana salvo em Nilópolis, onde a população depredou o Nilópolis - Jornal, tendo atirado à via pública pelas janelas móveis e utensílios que arderam em fogueira, arrancaram o busto do senador Paulo de Frontim e mais algumas prisões feitas pelo tenente Achilles com algumas medidas tomadas pelo capitão Hermenegildo dos Santos, da Segurança Pública.

O Interventor Federal no Estado do Rio, Prof. Plínio Casado, a conselho do político Manoel Reis nomeou para prefeito de Iguaçu o Dr. Sebastião de Arruda Negreiros. Este ato desgostou a alguns políticos, membros da Junta Governativa iguaçuana que pretendiam a prefeitura para o Dr. Getúlio Barboza de Moura, que obteve a desistência do Sr. Abílio Mota, terceiro candidato à prefeitura, em seu favor.

Uma comissão de senhoras foi ao Palácio do Ingá protestar contra a nomeação de Arruda Negreiros.

Getúlio Moura, encontrando-se com Plínio Casado no Café Simpatia, no Rio, declarou a este que o povo de Iguaçu iria obstar a posse de Arruda Negreiros marcada para 14 de dezembro.

O sargento Roberto Cabral tomou a chefia militar da revolução iguaçuana.

Na madrugada de 13, Roberto Cabral vai ao destacamento policial em Iguaçu e, acordando o sargento declara a este que a cidade achava-se toda cercada, aconselhando-o, ele que nada tinha com assuntos políticos, a deixar a cidade afim de realizar uma diligência, ao que o sargento atendeu. Depois de deixar trancadas as armas, levando a chave, foi o sargento para a localidade de Estrêla cumprir uma ordem que recebera por escrito do delegado Silvio de Azeredo, ignorando ser falsa a assinatura daquele delegado.

O sargento Roberto Cabral apoderou-se então de onze mosquetões Mauser, sem munições, que estavam na delegacia largadas pelos patrulhadores legalistas da Central do Brasil.

Armados com esses mosquetões desarmados um grupo de indi-

viduos seguiu o sargento Cabral que se foi juntar a outro grupo, vindo da casa de Getulio Moura, tendo este a frente.

Um pequeno destacamento, comandado pelo Sr. Pereira Dias, mais conhecido por Zico, prendeu o coronel Nicolau Rodrigues da Silva e outras pessoas.

O sargento Cabral dispôs seus mosqueteiros pelos principais pontos da cidade, instalando na esquina das ruas Marechal Floriano e Nilo Peçanha uma velha metralhadora, que já não funcionava mas, cujos movimentos em leque periodicamente feitos, punham em correria curiosos e gaiatos que se reuniam novamente.

Getulio Moura lavrava uma áta com outros revolucionários e apossava-se da prefeitura.

O sargento Cabral vai buscar em casa o Prefeito Interino, coronel Carlos Matos, levando-o à prefeitura sob pretexto de que lhe iriam fazer uma manifestação popular.

O coronel Carlos Matos é recebido na escadaria da prefeitura por uma salva de palmas que foi iniciada pelo sargento Cabral.

No interior da prefeitura toma, o prefeito interino, conhecimento da razão de sua presença ali, declarando que não tinha autoridade para transmitir o cargo de prefeito ao Sr. Getulio Moura, no que os presentes lhe perguntaram se quando êle inaugurou os retretos dos Srs. Getulio Vargas, Antônio Carlos e João Pessoa. naquela mesma sala, possuía autoridade para isso.

Ante a insistência é dada ao Sr. Getulio Moura a autoridade de prefeito.

Tudo ia em paz quando o destacamento do sargento Cabral encontrou-se com um pelotão comandado por um tenente que acabava de desembarcar.

O sargento Cabral, dando alto aos seus homens desarmados, apresenta-se ao tenente, ouvindo dêste que tomara um trem errado, devendo ir para São João e não para Iguaçu.

Cabral declara ao tenente que a sua chegada foi providencial pois que estavam tramando, contra o Sr. Getulio Moura, uma emboscada.

O tenente apresenta-se ao Sr. Getulio Moura e passa-se às suas ordens.

Tendo chegado ao conhecimento das autoridades a revolução de Iguaçu foram enviadas forças de exército comandadas pelo coronel Sotero de Menezes.

Logo após, chega o delegado militar do Estado do Rio major Braga Mury, o chefe de policia fluminense, capitão Olímpio de Carvalho Borges e o primeiro delegado auxiliar Carlos Lussange.

A policia fluminense apreendeu em poder dos revoltosos onze mosquetões, dois fuzis, dois revólveres, uma pistola, uma metralhadora, espadas, etc.

Foram prêsos o Sr. Getulio Moura e o sargento Roberto Cabral.

Aberto o inquérito pela policia fluminense, na primeira delegacia auxiliar, depôs o Sr. Getulio Moura, assistido pelo seu advogado dr. F. Bittencourt Junior, tenente revolucionário da coluna Gwyer.

Inquirido se ignorava ser crime apossar-se à força do governo, respondeu o Sr. Getulio Moura que ignorava, porque fôra isto que vira fazer o seu chefe dr. Getulio Vargas...

Não Haverá Conflito Entre Brasil E Portugal

Na metade do século XIX o Brasil sofreu uma crise econômica. Surgiram, em diversas localidades, centenas de notas falsas.

Tal era a quantidade que, em uma compra que fez o governo de 3 notas pagas 2 eram falsas... Foi, parece a primeira grande inflação brasileira...

A pesar de altos prêmios não se descobriam os falsários.

A êste tempo, era nosso ministro em Portugal Antônio Menezes Vasconcelos de Drumond, violento jornalista e antigo redator de «O Tamboio», que havia sido dedortado para a Europa por ordem de Pedro I.

Drumond envia um dia ao ministro dos Estrangeiros, Paulino José Soares de Souza, um officio no qual delatava seguirem para o Brasil de uma fábrica localizada na Aldeia Galega, quantidades de Paioes e Chourições fabricados não só com carne de porco mas, também, com carnes de cabrito, cavalo, cão e gato mortos por doenças como até mesmo de carne humana de indigentes!

Os jornais do Rio de Janeiro logo trataram do caso em manchetes o que fez com que os jornais portugueses atacassem violentamente o nosso ministro plenipotenciário.

Antônio Atouguia, ministro dos estrangeiros de Portugal, exigiu imediata explicação ao insulto a Portugal. Os jornais portugueses deixavam entender que tal situação poderia fazer estalar uma guerra entre Portugal e Brasil.

A situação era gravíssima. Mas Drumond não arrefeceu suas acusações, ao contrário, apontou a fábrica que manufaturava com aqueles tipos de carnes, «corrompidas, adulteradas, envenenadas», por este inqualificável proceder de avariza. e de imoralidade».

Adiantava mais, estranhava que «a nação portuguesa se ofendesse com este insulto pois, no entanto «de Portugal o Brasil tem sido inundado com moéda papel falsa. exportada por portugueses, em navios portugueses».

Fabricar e passar moéda falsa, confinua Drumond, — são crimes de pena capital, e, todavia, o Brasil tem sofrido muito com semelhante falsificação e nunca atribuiu a nação portuguesa os crimes que a este respeito cometem alguns portugueses.

E., todavia, o Brasil tem-se visto, com uma fortuna pública e particular muito comprometida com a falsificação que em Portugal se faz de sua moéda circulante.

Portugal suspendeu as relações com a diplomacia brasileira, instruindo o ministro português no Rio de Janeiro, José de Vasconcelo e Souza, para que este exigisse do governo brasileiro a imediata destituição do ministro brasileiro. A situação era delicadíssima, tanto mais que a rainha que governava Portugal era a brasileira D. Maria II, irmã do imperador do Brasil.

Paulino Soares não destituiu, como esperava o governo português, a Drumond. O governo luso dá então passaporte a Vasconcelos Drumond fazendo com que o Brasil considere o ministro José Vasconcelos e Souza persona não grata, embarcando-o para Portugal.

Com a morte da rainha brasileira que reinava em Portugal as relações tornaram-se piores, ainda. Foi quando o Deputado João Manoel Pereira da Silva, grande amigo de Paulino José Soares, como presidente da Assembléia fluminense muito se batia pela restauração da Vila, terra natal d'ele Pereira da Silva, apresentou um estudo para restabelecimento das relações dos dois países e uma solução para o caso dos moedeiros falsos. Baseado nos estudos de Pereira da Silva, D. Pedro V de Portugal assina com o Imperador do Brasil um tratado de repreenção e punição ao crime de falsificação de papel moeda e papéis de crédito com circulação legal nos dois países, quando feito em território do outro.

Portugal fez uma devassa nos moedeiros falsos. Tão satisfeito ficou o rei de Portugal com o bom entendimento entre os dois países e com os esforços de João Manoel Pereira da Silva que o cumulou de honrarias, concedendo-lhe a grande comenda da Ordem de S. Bento de Aviz.

E o Brasil passou a dever a um iguaçuano, que foi, aliás o primeiro presidente da província do Rio de Janeiro, que deu Iguaçu, a paz e harmonia entre os dois países.

Não haveria mais conflito entre Portugal e o Brasil.

Quatrocentos Alqueires por Cem contos de Reis

Chama-se de eucumeno as regiões da terra em que é possível a vida humana e enacumeno aquelas em que a vida é impraticável.

Examinadas as razões do enacumeno surge em primeiro plano, a ausência de água.

É o elemento principal e indispensável para a fixação do homem. A beleza do Rio de Janeiro só foi escolhidas para povoamento porque ali os portugueses encontraram água.

E, como fizessem umas casas de pedras na margem de um riacho de água potável, e como tivessem armaduras de placas imbricadas, como escamas de sardinhas, os índios lhe chamaram de Acarioca de Acari-Sardinha e oca-casa de pedra.

O rio também chamado Acarioca, depois Carioca, e que acabou por denominar quem por ali nascesse, era um pequeno riacho que pouco atenderia a muito leal e heróica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

O tempo passou, o Rio cresceu e a água secou. O problema foi, continuou, sendo e até hoje é, paradoxalmente angustiante.

Precisa-se de água para o Rio!

Foi a grande preocupação dos homens públicos. Um dos projetos, foi o da autoria de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, de captar as águas do rio Maracanã.

Mas, o Rio tinha sede, o governo de Pedro II publicava o «Compram-se terras regadas por água potável para abastecimento da corte».

Certo dia, o conselheiro Luiz Antônio da Silva Nunes apresentou ao governo o seguinte requerimento:

«Senhor - Dizem o Dr. Francisco de Assis de Almeida e sua mulher D. Mariana Isabel de Lacerda e Almeida, Francisco José Alves de Lima e sua mulher D. Rosa Lôbo de Almeida Lima, Joaquim José e sua mulher D. Luiza Mariana do Espírito Santo, José Alves de Macêdo e sua mulher D. Mariana Soares de Castro, José da Rocha Chaves e sua mulher D. Ana de Jesus Rocha, o Dr. Manoel Peixoto de Lacerda e Werneck e sua mulher D. Evelina Teixeira de Macêdo Werneck, D. Ana Antonia de Jesus e D. Maria Isabel do Nascimento, residentes os dois primeiros em Vassouras e os outros em Sant'Ana de Palmeiras, município de Iguaçu, que tratando o governo de vossa majestade imperial de fazer aquisição para o estado dos diversos terrenos junto ao Rio São Pedro, necessários para que tenha lugar a canalização e abastecimentos da água para esta corte e sendo suplicantes proprietários de grande parte destes terrenos, vem oferecê-los ao governo, pelo preço razoável que se ajustar mediante acôrdo com os suplicantes e tendo-se em vista os preços pelos quais tem, o governo de V. M. feito aquisição de terrenos e vertentes em condições idênticas para o mesmo fim».

Estes terrenos com mais de 400 alqueires foram vendidos por 100 contos de reis. Mesmo na época quantia irrisória para tal área.

Foram acrescidos com os terrenos doados por Francisco Pinto

Duarte, futuro Barão de Tinguá, e todos eles rezavam em suas escrituras que eram transferidos para o governo imperial com a finalidade de servirem para o abastecimento de água da Córte.

Aqueles cem alqueires foram o princípio das águas iguaçuanas rolando para o atual Estado da Guanabara. Começam as adutôras.

Em 1877 são captadas as águas do rio São Pedro, com os mananciais: Superior e Inferior, para, pouco depois, em 1880, serem encanadas as águas do Rio D'ouro cujos principais aguadouros são: Limeira, Honório, Soldado Nery, Santo Antônio, e Douro, que se vão engrossar com as nascentes de Sabino e Augusta.

Já em 1893 era a adutôra do Tinguá inaugurada com as fontes: Barrelão, Macuco, Serra Velha, Esperança, Comprido, Bacurubú e Ponta.

Em 1908 nova adutôra recolhe as águas do Xerem nos mananciais: Paraíso, Alvo, Perpétua, J. Pinto e Xerem, para, logo em 1912, mais uma adutôra juntar as águas da Mantiquira nos mananciais: Fazenda, Meio, Ribeiro, Mantiquira, Guerra e Aniceto.

Bem mais tarde, em 1940, o Rio vai canalizar as águas de Ribeirão das Lajes para voltar com a segunda adutôra de Lajes em 1948.

É em 1957 que são servidas para o Rio as águas do Guandú, com trabalhosas estações de tratamento e elevatória.

Passam em território iguaçuano essas 8 grandes adutôras. A de São Pedro encontra-se com a de Rio D'ouro para se juntar com a de Tinguá em Vila de Cava. Estas três adutôras vão se encontrar com mais duas, a de Xerem e de Mantiquira em Belford-Roxo, daí seguindo as cinco para o Pedregulho, na Guanabara.

As duas de Lajes e a do Guandú, seguem para o Rio cortando o extremo oeste do Município Iguaçuano.

Fato interessante é o problema criado com a mudança da capital para Brasília. A água foi cedida para o abastecimento da capital do império (depois passada a república com seus direitos e deveres).

Agora que Brasília é a capital, e a água iguaçuana não poderá subir o planalto, parece haver uma inversão de direitos.

O povo iguaçuano, que «morre de sede», não terá direito a esta água, nascida quase toda em seu território, que passa em encanamentos que ele tem apenas o direito de pisar?

Como custou caro a este povo aqueles cem alqueires de terra...

Fêz Iguaçu Justiça ao seu Monarca?

No combate às idéias, é sempre doloroso atingir, às vezes profundamente, os autores ou depositários delas!

Quantas vezes, gente tão boa, é sacrificada por um ideal...

Em nossa vida de professor verificamos que nossos educandos, empolgados com a magnanimidade, a honradez a justiça e a cultura de Pedro II, recebem a lição da República como uma enorme traição ao velho monarca.

Pedro, aquela criança que teve uma infância sem a felicidade que até as crianças pobres sentem na liberdade, e que assim foi pelo do Brasil.

Pedro, aquela criança que viu arrancarem-lhe o pai, desterrado.

Pedro, o maior orfão do Brasil, cuja infância foi sacrificada dentro dos brochados e dos setins, para o bem da Pátria.

Este Pedro que, em toda a sua longa vida de reinado, apenas desejou o bem de seu país e dos brasileiros, foi o mesmo Pedro que apesar de expulso da Pátria, quando, num modesto quarto, sentindo a morte aproximar-se, pediu que lhe dessem um travesseiro com terras do Brasil, para nele morrer!

E a República foi proclamada por Deodoro da Fonseca, aluno pobre do Colégio Militar a quem Pedro II mandara dar gratuidade...

Tão injustiçado foi o monarca expulso, que o próprio Mestre, a quem caberia mostrar que a República é uma forma de governo mais humana, faz um minuto de silêncio em respeito ao velho imperador do Brasil que, embora Imperador, foi o mais liberal e democrata entre todos os posteriores presidentes.

Quanta amargura teria o monarca em seu coração, quando foi exilado!

Oh! Iguaçu, onde estavas tu, que deixaste amargurado este homem bom, cujo destino, ao fim de sua vida, foi-lhe tão cruel?

Terias tu, ó gloriosa terra, sido insensível àquele que foi bom e justo e que, agora, expulso da própria, pátria que amou e bem serviu, leva o coração cheio de amargor?

Cruzaste os braços, Iguaçu? Não suavizaste a dor do monarca?

Teria sido água ou fel que jorrou de teu belo chafariz, em Iguaçu, que ele, Pedro II, lá mesmo, subscreveu 10 contos para embeleza tua Vila?

Não, Iguaçu! Não podias ser indiferente!

E o grande João Manoel Pereira da Silva, já aos 70 anos, troveja a sua voz, com o direito de pensar e dizer, que sempre teve, em defesa do bom monarca, para que lhe fôsse feita justiça!

E Francisco Luiz Soares de Souza e Melo, proprietário das fazendas de Madureira, Tinguá, Morro Agudo e S. José; e Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, 3.º nome, Conde de Aljezur, tenente-coronel comandante do 7.º Corpo de Cavalaria, com sede na Vila de Vila de Iguaçu, haveriam de acompanhar o grande monarca ao exílio!

Descendência Do Comendador Soares

Publicou o Jornal do Comércio de 3 de agosto de 1873:

«Mal enxugado o pranto pela perda de um ente querido, que foi sempre o guia e amparo de nossa vida, o nosso coração se abre diante daqueles que emprestaram todos os seus desvê-los para arrancá-lo das garras da morte.

Deus, porém quis chamar a si a alma do Comendador Francisco José Soares, espôso, avô e sôgro dos abaixo assinados.

Entre tantos e tão dedicados amigos que o acompanharam em tôdas as crises da moléstia, e aos quais votamos um culto de amizade e simpatia, não podemos deixar de especializar os nomes dos Ilmos. srs. Drs. Joaquim José de Oliveira, Amaro Manoel de Moraes e Jacinto Soares Rebelo, o Rev. vigário Antonio de Santa Maria Madalena e aos Ilmos. Srs. Antonio José de Faria Machado, Joaquim Paulo de Azevedo, Joaquim dos Santos Leal de Almeida, Bento Marinho, Comendador Antonio Joaquim Soares e sua esposa D. Amália Pessoa Soares, em casa sa dos quais estava o falecido durante alguns dias de sua enfermidade e aí recebeu o agasalho de bons e dedicados parentes. Finalmente votam gratidão sincera a tôdas as pessoas que tanto tem sentido esse lamentável acontecimento, e igualmente às que lhe deram provas exuberantes de amizades na missa de sétimo dia, distinguindo-se os Ilmos. Srs. Dr. Pedro Teles, os advogados Joaquim Coêlho Marinho e Antonio José de Castilho. Pedimos, pois, a êsses conspícuos cidadãos para aceitarem as homenagens do nosso reconhecimento.

D. Carlota Joaquina Soares

Francisco José Soares Filho

Antonio José Soares

Joaquim José Soares

D. Cipriana Maria Soares de Melo

Francisco Luiz Soares de Souza e Melo

Bernardino José de Souza e Melo

Manoel Luiz de Souza e Melo. Iguacu, 3 de Agosto de 1873»

Há, entre os velhos papéis da família Soares um significativo epítáfio que fez o Dr. José Maria do Couto para a viuva e filhos inscreverem na sepultura do Comendador Soares:

«Venerandas cinzas do Comendador Francisco José Soares

N. a 10 de Novembro de 1798

F. a 20 de julho de 1873

Aqui repousa das mundanas lides

O pai modelo, o marido exemplo

O sincero amigo, que de amor sem termo

Em nossas almas levantou um templo.

A sua alma justa, coração grandioso

Tesouro infindo de paternal bondade,

Tributam, gratos, cara esposa e filhos

Sincera, firme, paternal saudade».

O Comendador Francisco José Soares nascido em Portugal a 19 de novembro de 1798, falecido a 20 de julho de 1873 em Morro Agudo, município de Iguacu, casado com D. Carlota Joaquina Soares, filho de José Soares Pereira e D. Maria Angélica Soares, neto (paterno) de José Soares da Rocha e D. Joana Pereira, (materno) de José Soares da Mota e D. Maria Soares de Jesus, deixou a seguinte geração:

Filhos

- Do Comendador Francisco José Soares e de D. Carlota Joaquina Soares
- 1 - Coronel Francisco José Soares Filho, casado com D. Francisca Carolina da Silva Soares
 - 2 - Comendador Antonio José Soares, casado com D. Joaquina da Silva Soares
 - 3 - Maria Angélica da Soares de Melo, casada com o Comendador Manoel Luiz de Souza e Melo
 - 4 - Cipriana Maria Soares de Melo, casada com o Comendador Bernardino José de Souza e Melo
 - 5 - Comendador Joaquim José Soares, casado com Francisca Carolina Soares

Netos

Filhos do Coronel Francisco José Soares Filho e de D. Francisca Carolina da Silva Soares

- 1 - Coronel Alfredo Cesar Soares, casado com Carlota da Silva Soares
- 2 - Coronel Ernesto França Soares, com Maria Nascimento Soares
- 3 - Coronel Olímpio Soares, casado com Marcolina da Rocha Soares
- 4 - Francisca Carolina Soares, casada com o Comte. Joaquim José Soares
- 5 - Francisco José Soares Neto
- 6 - Capitão Eugênio Augusto Soares, casado com D. Carolina Orteman Soares
- 7 - Horácio Soares
- 8 - Alvaro Soares
- 9 - Julia Soares, casada com o Tenente Vicente Quirino da Rocha
- 10 - Capitão Onofre Geraldino, casado com Leonor da Costa Pereira Soares
- 11 - Ernestina Soares
- 12 - Capitão Edmundo Henriques Soares casado, com Lidia da Silva Soares
- 13 - Eulina Soares, casada com Dr. Francisco Torres de Oliveira
- 14 - Idalina Soares, casada com o Capitão Godofredo Caetano Soares
- 15 - Capitão Lafaiete Soares, casado com Francisca Alcoba Soares
- 16 - Cipriana Soares
- 17 - Hortência Soares casada com Sebastião Guimarães de Freitas
- 18 - Maria Emilia Soares

Netos

Filhos do Comendador Antonio José Soares e D. Joaquina da Silva Soares

- 19 - Capitão Francisco Benjamim Soares, casado com Terezo de Faria Soares
- 20 - Carlota da Silva Soares, casada com
- 21 - Luiza da Silva Soares, casada com Coronel Alfredo Cesar Soares
- 22 - Paula da Silva Soares, casada com Carlos Carlos Carneiro
- 23 - Capitão Honório Antonio Soares, casado com Lauro de Castro Pereira Soares
- 24 - Lidia da Silva Soares, casada com o Capitão Edmundo Henrique Soares
- 25 - Albertina da Silva Soares, casada com o Tenente Homério Pereira de Melo
- 26 - Capitão Joaquim Gemini Soares, casado com Adelia Sales Teixeira Soares
- 27 - Antonio Gemini Soares
- 28 - Capitão Artur José Soares, casado com Dalila Soares
- 29 - Capitão Godofredo Caetano Soares casado com Idalina Soares
- 30 - Herminia da Silva Soares, casada com o Tenente Tomás de Castro Pereira
- 31 - Georgina da Silva Soares, casada com o Tenente Frederico de Castro Pereira
- 32 - Tenente Mário Antonio Soares
- 33 - Colatino Augusto Soares
- 34 - Tenente Cleofas José Soares, casado com Maria das Dores Soares

25 - Francina da Silva Soares, casada com o Coronel Alberto Soares Souza e Melo
Netos

Filhos do Comendador Manoel Luiz de Souza e Melo e de D. Luiza Angélica Soares e Melo.

- 36 - Maria Soares de Souza e Melo
- 37 - Manoel Luiz de Souza e Melo Filho
- 38 - José Soares de Souza e Melo
- 39 - Dr. Francisco Soares de Souza e Melo

Netos

Filhos do Comendador Bernardino José de Souza e Melo e de D. Cipriana Maria Soares e Melo

- 40 - Bernardino José de Souza e Melo Filho
- 41 - Jacinto Manoel de Souza e Melo
- 42 - Coronel Henrique Augusto Soares de Melo casado com Francisca Madeira da Silva Melo
- 43 - Artur Soares de Souza e Melo
- 44 - Alzira Augusta Soares de Melo
- 45 - Etelvina Soares de Souza e Melo
- 46 - Coronel Bernardino José de Souza e Melo Jr. casado com Joaquina de Barros Melo
- 47 - Cipriana Soares de Souza e Melo
- 48 - Coronel Alberto Soares de Souza e Melo, casado com Francisca Soares de Melo

Netos

Filhos do Comendador Joaquim José Soares e de D. Francisca Carolina Soares

- 49 - Joaquim José Soares Filho, casado com Jane Davi Soares
- 50 - Elvira Soares
- 51 - Cesarina Soares
- 52 - Major Francisco José Soares Neto, casado com Durvalina de Moraes Soares
- 53 - Euclides José Soares
- 54 - Tancredo José Soares
- 55 - Manoel José Soares
- 56 - Mário José Soares
- 57 - Beatriz Soares
- 58 - Cesar José Soares
- 59 - Licinia Soares, casada com Joaquim Meier de Paiva
- 60 - Aristides Soares, casado com Etelvina Fortes Soares
- 61 - Horácio José Soares

Bisnetos

Filhos do Coronel Alfredo Cesar Soares e de D. Carlota da Silva Soares

- 1 - Tenente Alfredo Cesar Soares Filho, casado com Olimpia Bueno Soares
- 2 - Laura da Silva Soares
- 3 - Albertina da Silva Soares

Bisnetos

Filhos do Coronel Alfredo Cesar Soares e de D. Luiza da Silva Soares

- 4 - Capitão Antonio José Soares Neto, casado com Laura dos Reis Soares
- 5 - Tenente Virgílio Soares, casado com Maria Barboza Soares
- 6 - Dinorah Soares, casada com o Coronel Alberto Soares de Souza e Melo
- 7 - Enéas Soares
- 8 - Marieta Soares
- 9 - Tenente Alcides Guanabara Soares, casado com Juraci Soares de Melo
- 10 - Carlota Soares, casada com o Capitão Alvaro Soares de Souza e Melo
- 11 - Francisca Soares
- 12 - Gilberto Soares
- 13 - Maria Soares
- 14 - Luiz Cesar Soares, casado com Sílvia de Faria Soares

15 - Irene Soares, casada com Assis da Costa Rodrigues

Bisnetos

Filhos do Coronel Ernesto França Soares e de D. Maria do Nascimento Soares;

- 16 - Tereza França Soares, casada com o Coronel Francisco Paes Leme
- 17 - Tenente Ernesto França Soares, Filho casado com Maria da Conceição Soares
- 18 - Capitão Nelson França Soares casado com Brígida Gomes França Soares
- 19 - Capitão Otávio França Soares, casado com Carmina França Soares
- 20 - Tenente Marcionílio França Soares
- 21 - Alvaro França Soares
- 22 - Maria José França Soares, casada com o Capitão Mario de Moura Almeida
- 23 - Humberto França Soares
- 24 - Zaira França Soares
- 25 - Tenente José França Soares, casado com América do Norte França Soares

Bisnetos

Filhos do Capitão Eugenio Augusto Soares e de D. Carolina Orteman Soares

- 26 - Carlos Orteman Soares
- 27 - Eugenio Orteman Soares
- 28 - Osvaldo Orteman Soares, casado com Iracema da Fonseca Soares

Bisnetos

Filho do Tenente Vicente Quirino da Rocha e de D. Julia Soares da Rocha:

- 29 - Zelina Maria Soares da Rocha

Bisnetos

Filhos do Capitão Onofre Geraldino Soares e de D. Leonor da Costa Pereira Soares

- 30 - João da Costa Pereira Soares, casado com Venina Soares
- 31 - Nair da Costa Pereira Soares, casada com Manoel da Rocha Goulart
- 32 - Onofre da Costa Pereira Soares, casado com Lucília Pereira Soares
- 33 - Delmar Pereira da Costa Soares
- 34 - Hilda da Costa Pereira Soares
- 35 - Sílvia da Costa Pereira Soares
- 36 - Dejanira da Costa Pereira Soares
- 37 - Orlando da Costa Pereira Soares, casado com Otília Soares

Bisnetos

Filhos do Capitão Edmundo Henrique Soares e de D. Lídia da Silva Soares

- 38 - Edmundo Soares Filho
- 39 - Nestor Soares, casado com Evangelina Trigueiro Soares
- 40 - Andréa Soares
- 41 - Eugenio Soares, casado com Magdalena Baroni Soares
- 42 - Elzira Soares
- 43 - Ubaldo Soares
- 44 - Lucília Soares, casada com Onofre da Costa Pereira Soares
- 45 - Saul Gemini Soares
- 46 - Samuel Gemini Soares, casado com Enedina Barros Caulino Soares
- 47 - Aramães Soares

Bisnetos

Filhos do Dr. Francisco Torres de Oliveira e de D. Eulina Soares de Oliveira

- 48 - Herondina Soares de Oliveira, casada com Joaquim Soares Neto
- 49 - Alvaro Soares de Oliveira
- 50 - Zilda Soares de Oliveira, casada com Ten. Thales Vilas Bôas
- 51 - Hercília Soares de Oliveira
- 52 - Euridice Soares de Oliveira, casada com Henrique Moreira
- 53 - Agenor Soares de Oliveira
- 54 - Odília Soares de Oliveira, casada com Mário Moreira
- 55 - Otácilio Soares de Oliveira

Bisnetos

Filhos do Capitão Lafaiete Soares e de D. Francisca Alcoba Soares

- 56 - Amélia Alcoba Soares, casada com Francisco Mourão
- 57 - Flávio Alcoba Soares
- 58 - Laércio Alcoba Soares, casado com Marília Bittencourt Soares
- 59 - Helvecia Alcoba Soares, casada com José Guedes
- 60 - Hugo de Alcoba Soares
- 61 - Maria José Alcoba Soares

Bisnetos

- Filhos de Sebastião Guimarães de Freitas e de D. Hortência Soares de Freitas
- 62 - Celeste Soares de Freitas, casada com o Dr. Alfredo de Souza Mendes
 - 63 - Celina Soares de Freitas casada com Aristóteles de Azevedo
 - 64 - Hernani Soares de Freitas, casado com Graziela Pôrto Freitas
 - 65 - Olivia Soares de Freitas, casada com Celso Gonçalves Filho

Bisnetos

- Filhos do Capitão Francisco Benjamin Soares e de D. Tereza de Faria Soares
- 66 - Joaquina de Faria Soares, casada com Bento Vasconcelos
 - 67 - Laurinda de Faria Soares
 - 68 - Francisco de Faria Soares, casado com Sebastiana de Andrade Soares
 - 69 - Renato de Faria Soares, casado com Sebastiana Soares
 - 70 - Julieta de Faria Soares, casada com Jorge Paulo Soares

Bisnetos

- Filhos de Carlos Carneiro e de Paula da Silva Soares
- 71 - Carlos Soares Carneiro casado com Amélia Carneiro
 - 72 - Delmar Soares Carneiro, casada com Angelo Giovani

Bisnetos

- Filhos do Ten. Honório Pereira de Melo e de D. Albertina da Silva Soares
- 73 - Albertina Soares de Melo, casado com João de Souza Melo
 - 74 - Alcebiades Soares de Melo, casado com Laura Pereira de Melo

Bisnetos

- Filhos do Tenente Artur José Soares e de Dalila Soares
- 75 - Nair Soares
 - 76 - Aurea Soares, casada com Lúcio Leite
 - 77 - Alaide Soares, casada com o Ten. Eugenio Freire
 - 78 - Artur Soares, casado com Silva Soares
 - 79 - Osvaldo Soares
 - 80 - Nilton Soares

Bisnetos

- Filhos do Cap. Godofredo Caetano Soares e de D. Idalina Soares
- 81 - Sinésio Caetano Soares, casado com Bráulio da Cruz Soares
 - 82 - Atualpa Soares
 - 83 - América do Norte Soares, casada com o Ten. José França Soares
 - 84 - Waldemar Soares
 - 85 - Sarah Soares
 - 86 - Ceres Soares
 - 87 - Osvaldo Soares
 - 88 - Abelardo Soares

Bisnetos

- Filhos do Ten. Tomaz de Castro Pereira e de D. Herminia Soares Pereira
- 89 - Noêmia Soares Pereira
 - 90 - Waldemira Soares Pereira
 - 91 - Mário Soares Pereira casado com Margarida Pimenta Pereira
 - 92 - Maria Madalena Soares Pereira
 - 93 - Manoel Soares Pereira
 - 94 - Humberto Soares Pereira
 - 95 - Sebastião Soares Pereira
 - 96 - Antonio Soares Pereira

- 97 - Iracema Soares Pereira, casada com Djalma de Oliveira Junqueira
- 98 - Alceu Soares Pereira
- 99 - Índia Soares Pereira
- 100 - Otaviano Soares Pereira
- 101 - Ary Koermes Soares Pereira
- 102 - Altair Soares Pereira

Bisnetos

- Filhos do Ten. Frederico de Castro Pereira e de Georgina da Silva Soares Pereira
- 103 - Manfredo Soares Pereira, casado com Albertina Alves Pereira
 - 104 - Edésio Soares Pereira casado com Corina da Costa Pereira
 - 105 - Georgina Honorina Soares Pereira

Bisnetos

- Filhos do Ten. Cleofas José Soares e de Maria das Dores Soares
- 107 - Itacy Soares
 - 108 - Waldir Soares

Bisnetos

- Filhos do Cel. Henrique Augusto Soares de Melo e de D. Francisca Madeira da Silva Melo

- 109 - Henrique Augusto Soares Filho, casado com Alice Silveira Corrêa de Melo
- 110 - Silvio Soares de Souza e Melo
- 111 - Cap. Alvaro Soares de Souza e Melo, casado com Carlota Soares de Melo
- 112 - Alcebiades Soares de Souza e Melo
- 113 - Dr. Francisco Luiz Soares de Souza e Melo, casado com Etelvina Nunes Melo
- 114 - Ulisses Soares de Souza e Melo
- 115 - Olivia Soares de Melo
- 116 - Cecília Soares de Melo, casada com Manoel da Costa Simões
- 117 - Otilia Soares de Melo, casada com José Bastos
- 118 - Izaura Soares de Melo
- 119 - Mário Soares de Souza e Melo

Bisnetos

- Filhos do Cel. Henrique Augusto Soares de Melo e de Maria Madalena de Brito Melo

- 120 - Alirio Soares de Melo, casado com Maria de Lourdes Melo
- 121 - Cenira Soares de Melo, casada com Osvaldo de Almeida
- 122 - Zilda Soares de Melo
- 123 - Diva Soares de Melo
- 124 - Ulisses Soares de Souza e Melo
- 125 - Odelia Soares de Melo
- 126 - Zélia Soares de Melo
- 127 - Adail Soares de Souza e Melo

Bisnetos

- Filhos do Comte. Felipe Nery Cabral de Menezes e de D. Alzira Soares de Melo Menezes
- 128 - Alzira Rosa de Melo Menezes, casada com Honório Pinto Pereira de Magalhães

- 129 - Elza Melo Menezes de Castilho, casada com o Comte. Luiz Claudio de Castilho.

Bisnetos

- Filhos do Cel. Bernardino José de Souza e Melo Junior e de Joaquina de Barros Melo

- 130 - Dr. Américo Vespucio de Barros Souza e Melo
- 131 - Dino de Barros Souza e Melo
- 132 - Dr. Dino de Barros Souza e Melo
- 133 - Alarico de Barros Souza e Melo, casado com Elvira Soares de Melo
- 134 - Zara de Barros Souza e Melo
- 135 - Edilberto de Barros Souza e Melo
- 136 - Dina de Barros Souza e Melo, casada com Antônio Bernardes de Freitas
- 137 - Kilda de Barros Souza e Melo

Bisnetos

Filhos do Cel. Alberto Soares de Souza e Melo, casado com Francina Soares e Melo
 138 - Alberto Soares de Souza e Melo Junior
 139 - Edgard Soares de Souza e Melo, casado com Rafaela de Souza Melo
 140 - Dr. Décio Soares de Souza e Melo, com Margarida Pinheiro Machado e Melo
 141 - Juracy Soares de Melo, casada com o Ten. Alcides Guanabara Soares
 142 - Nancy Soares de Melo

Bisnetos

Filhos do Cel. Alberto Soares de Souza e Melo e de D. Dinorah Soares de Melo
 143 - Alberto Soares de Souza e Melo Junior
 144 - Aracy Soares de Melo
 145 - Alberto Soares de Souza e Melo Filho, casado com Regina Pereira de Melo
 146 - Sidney Soares de Souza e Melo, casado com Ilka Lemos de Melo
 147 - Ary Soares de Souza e Melo
 148 - Moacyr Soares de Souza e Melo
 149 - Cipriana Soares de Melo
 150 - Zeny Soares de Melo
 151 - Luiza Soares de Melo
 152 - Bernardino Soares de Souza e Melo
 153 - Acy Soares de Melo
 154 - Jacy Soares de Souza e Melo
 155 - Dinorah Soares de Melo
 156 - Dilson Soares de Souza e Melo

Bisnetos

Filhos de Joaquim José Soares Filho e de Janes Soares
 157 - Joaquim José Soares Neto, casado com Horondina Tôrres de Oliveira

Bisnetos

Filhos do Major Francisno José Soares Neto e de Durvalina de Moraes Soares
 158 - Antônio de Moraes Soares
 159 - Claunice de Moraes Soares casada com José Caldeora
 160 - Zaira de Moraes Soares, casada com Antenor Martes Mafra
 161 - Danilo de Moraes Soares
 163 - Arlete de Moraes Soares

Bisnetos

Filhos do Major Francisco José Soares Neto e de Naidéa de Moraes Soares
 164 - José de Moraes Soares
 165 - Maria Eunice de Moraes Soares
 166 - Danilo de Moraes Soares

Bisnetos

Filhos de Joaquim Meier de Paiva e de Licinia Soares
 167 - Wilson Soares de Paiva
 168 - Ivete Soares de Paiva
 169 - Beatriz Soares de Paiva

Trinetos

Filhos do Ten. Alfredo Cesar Soares Filho e de Olimpia Bueno Soares
 1 - Silvia Soares, casada com Gentil de Carvalho
 2 - Silvio Soares, casado com Jandira Pereira Soares

Trinetos

Filhos do Cap. Antônio José Soares Neto e de Laura Reis Soares
 3 - Osvaldo dos Reis Soares
 4 - Diva dos Reis Soares
 5 - Antônio dos Reis Soares
 6 - Geraldo Reis Soares

7 - José dos Reis Soares
 8 - Sebastião dos Reis Soares

Trinetos

Filhos do Ten. Virgílio Soares e de Maria Barboza Soares
 9 - Dulce Barboza Soares, casada com Marcelo Alves Junior
 10 - Thales Barboza, casado com Tenirdes Barboza Soares
 11 - Elza Barboza Soares
 12 - Déa Barboza Soares
 13 - José Barboza Soares
 14 - Delarcy Barboza Soares
 15 - Luiz Barboza Soares

Trinetos

Filhos de Luiz Cezar Soares e de Silvia Faria Soares
 16 - Luiza Alexandrina de Faria Soares
 17 - José Luiz de Faria Soares
 18 - Silvio de Faria Soares
 19 - Maria Silvia de Faria Soares

Trinetos

Filhos de Assis da Costa Rodrigues e de Irene Soares
 20 - Alfredo Soares Rodrigues
 21 - Maria Soares Rodrigues

Trinetos

Filhos do Cel. Francisco Paes Leme e de Tereza França Soares
 22 - 1.º Ten. Francisco Ernesto Paes Leme
 23 - Maria Paes Leme

Trineto

Filho do Cap. Nelson França Soares e de Brígida Gomes França Soares
 24 - Gilson Gomes França Soares

Trinetos

Filhos do Cap. Otávio França Soares e de Carminda Menezes Soares
 25 - Rubens França Soares
 26 - Lucília França Soares

Trinetos

Filhos do Cap. Otávio França Soares e de Eulalia França Soares
 27 - Ivan França Soares
 28 - Haroldo França Soares

Trinetos

Filhos do Ten. José França Soares e de América do Norte França Soares
 29 - José Ernesto França Soares
 30 - Maria da Glória França Soares

Trineto

Filho de Oswaldo Orteman Soares e de Iracema da Fonseca Soares
 31 - Maria da Penha Orteman Soares

Trinetos

Filhos de João da Costa Pereira Soares e de Etelvina Soares
 32 - Zilah Pereira Soares
 33 - Adelaide Pereira da Soares
 34 - Georgete Pereira Soares

Trinetos

Filhos de Onofre Soares Filho e de Lucilia Soares
 35 - Ciro Pereira Soares

- 36 - Fabiano Pereira Soares
37 - Gilso Pereira Soares

Trineto

Filho de Orlando da Costa Pereira Soares e de Otilia Soares
38 - Bruno Pereira Soares

Trinetos

Filhos de Nestor Soares e de Evangelina Trigueiro Soares
39 - Side Trigueiro Soares
40 - Nice Trigueiro Soares

Trinetos

Filhos de Eugenio Soares e de Madalena Baroni Soares
41 - Marina Soares
42 - Roberto Soares
43 - Ruy Soares
44 - Ernesto Soares
45 - Edmundo Soares
46 - José Soares
47 - Epaminondas Soares
48 - Gabriel Soares

Trinetos

Filhos de Joaquim José Soares Neto e de Herondina de Oliveira Soares
49 - Ayrton de Oliveira Soares
50 - Helio de Oliveira Soares
51 - Rozane Alberto de Oliveira Soares
52 - Fernando de Oliveira Soares

Trineto

Filho do Ten. Thales Vilas Bôas e de Zilda Tôres de Oliveira
53 - Paulo Cezar de Oliveira Vilas Bôas

Trinetos

Filhos de Henrique Moreira e de Euridice Oliveira Moreira
54 - Ecy de Oliveira Moreira
55 - Dyrce de Oliveira Moreira
56 - Irdis de Oliveira Moreira
57 - Edyr de Oliveira Moreira

Trinetos

Filhos de Mário Moreira e de Odília de Oliveira Moreira
58 - Marília de Oliveira Moreira
59 - Ieda de Oliveira Moreira
60 - Otto de Oliveira Moreira

Trinetos

Filhos do Dr. Francisco Morão e de Amélia Alcoba Soares Mourão
61 - Amélia Soares Morão
62 - Sônia Soares Morão
63 - Walter Soares Morão
64 - Ewaldir Soares e Morão

Trineto

Filho de Laercio Alcoba Soares e de Marília Bittencourt Soares
65 - Sérgio Bittencourt Soares

Trinetos

Filhos de José Guedes e de Helvecia Soare Guedes
66 - Max Soares Guedes
67 - Marcio Soares Guedes

Trinetos

Filhos do Dr. Alfredo Souza Mendes e de Celeste Soares de Souza Mendes
68 - Lúcia Souza Mendes
69 - Amaury de Souza Mendes
70 - Ivan de Souza Mendes
71 - Geraldo de Souza Mendes
72 - José de Souza Mendes
73 - Murilo de Souza Mendes

Trinetos

Filhos de Aristóteles de Azevedo e de Celina Soares de Azevedo
74 - Nêya Soares de Azevedo
75 Tel Soares de Azevedo

Trineto

Filho de Ernani Soares de Freitas e de Graziela Pôrto de Freitas
76 - Galeno Soares de Freitas

Trinetos

Filhos de Bento Ferreira de Vasconcelos e de Joaquim de Faria Soares
77 - Bento Soares de Vasconcelos
78 - João Soares de Vasconcelos

Trinetos

Filhos de Francisco Faria Soares e de Sebastiana de Andrade Soares.
79 - Marieta Jandira Soares, casada com Franklin Humberto
80 - Maria de Lourdes Soares, casada com Ladislau Santana
81 - Ayxha Faria Soares
82 - Mário Faria Soares, casado com Natercia Alves Soares
83 - Terezinha Faria Soares
84 - Evaldo Faria Soares
85 - Elza Faria Soares
86 - Nancy Faria Soares
87 - Lucy Faria Soares
88 - Iara Faria Soares
89 - Iary Faria Soares

Trinetos

Filhos de Renato Faria Soares e de Sebastiana Soares
90 - Clarice Soares
91 - Tereza Soares
92 - Maria Soares
93 - Antonio Soares

Trinetos

Filhos de Jorge Paulo Soares e de Julieta de Faria Soares
94 - Jurema Soares
95 - Otácilio Soares
96 - José Soares

Trinetos

Filhos de Carlos Soares Carneiro e de Amélia Carneiro
97 - Carlos Soares Carneiro Neto
98 - Amélia Soares Carneiro

Trinetos

Filhos de Rafael Angeli e de Delmar Soares Angeli
99 - Oswaldo Soares Angeli, casado com Maria da Glória Angeli
100 - Olga Soares Angeli, casada com Renato Moraes

Trinetos

Filhos de João de Souza Melo e de Albertina Soares de Melo
101 - Jofre Souza Melo
102 - Indayá Souza Melo

Trinetos

103 - Jurema Souza Melo

Trinetas

Filha de Rômulo Melo de Oliveira e Albertina Soares de Melo
104 - Alda Melo de Oliveira

Trinetos

Filhos de Alcebiades Soares de Melo e de Laura Pereira de Melo

105 - Gutemberg Pereira de Melo
106 - Wilson Pereira Melo
107 - Geraldina Pereira Melo
108 - Cleofas Pereira Melo
109 - Neide Pereira Melo

Trinetos

Filho de Lúcio Leite e de Aurea Soares Leite

110 - Laércio Soares Leite

Trinetos

Filhos de Artur Soares Filho e de Silvia Carvalho Soares

111 - Murilo Júlio de Carvalho Soares
112 - Mirtes de Carvalho Soares

Trinetos

Filhos de Mário Soares Pereira e de Margarida Pimenta Pereira

113 - Hélio Pimenta Pereira
114 - Celina Pimenta Pereira
115 - Mário Pimenta Pereira
116 - Edir Pimenta Pereira

Trinetos

Filhos de Manfredo Soares Pereira e de Albertina Alves Pereira

117 - Frederico Alves Pereira
118 - Américo Alves Pereira
119 - Lêda Alves Pereira
120 - Léa Alves Pereira

Trinetos

Filhos de Edésio Soares Pereira e de Corina Soares Pereira

121 - Georgina da Costa Pereira
122 - Ruth Costa da Pereira
123 - Zaira da Costa Pereira
124 - Edésio da Costa Pereira

Trinetas

Filhas de Antônio Soares e de Nádri Ribeiro Soares

125 - Terezinha de Jesus Ribeiro Soares
126 - Wanda Alaide Ribeiro Soares

Trinetos

Filhos de Henrique Augusto Soares de Melo Filho e de Alice Corrêa de Melo

127 - Venícius Corrêa de Melo, casado com Léa de Melo
128 - Lígia Corrêa de Melo
129 - Olímpio Corrêa de Melo

Trinetos

Filhos de Alvaro Soares de Souza e de Carlota Soares de Melo

130 - Alaôr Soares de Souza Melo
131 - Carmen Soares de Melo
132 - Clarice Soares de Melo

Filho do Dr. Francisco Luiz Soares de Souza e Melo, casado com Etelvina Nunes Melo

133 - Francisco Melo Filho

Trinetos

Filhos do Dr. Francisco Luiz Soares de Souza e Melo e de Alzira Melo

134 - Aladyr Soares de Souza e Melo
135 - Alayr Soares de Souza e Melo

Trinetos

Filhos de Manoel da Costa Simões e de Cecília de Melo Simões

136 - Walter de Melo Simões
137 - Waldir de Melo Simões
138 - Cecília de Melo Simões
139 - Neleza de Melo Simões
140 - Darcy de Melo Simões
141 - Wanda de Melo Simões
142 - Léo de Melo Simões

Trinetos

Filhos de José Bastos e de Otilia de Melo Bastos

143 - Isolete de Melo Bastos
144 - Milton de Melo Bastos
145 - Francisca de Melo Bastos
146 - José de Melo Bastos

Trinetos

Filhos de Oswaldo de Almeida e de Cenira de Melo Almeida

147 - Carlos de Melo Almeida
148 - Henrique de Melo Almeida

Trinetos

Filhos de Honório Pinto Pereira de Magalhães e de Alzira Rosa Melo de Menezes Magalhães

149 - Honório Pinto Pereira de Magalhães Filho
150 - Gualter Maria Menezes de Magalhães
151 - José Geraldo Menezes de Magalhães
152 - Luiz Felipe Menezes de Magalhães
153 - Helio Gerson Menezes de Magalhães
154 - Maria Helena Menezes de Magalhães
155 - Tereza Celeste Menezes de Magalhães

Trinetos

Filhos do Comte. Luiz Claudio de Castilho e de Elza de Melo Menezes Castilho

156 - Nirce Maria Menezes de Castilho
157 - Ercio Claudio Menezes de Castilho
158 - Celia Nidia de Menezes Castilho
159 - Jorge Silvio Menezes de Castilho

Trinetos

Filhos de Alarico de Barros Souza e Melo e de Elvira Soares de Melo

160 - Eunice Soares de Melo
161 - Zarinha Soares de Melo
162 - Dino Barros Souza e Melo

Trinetos

Filhos de Antonio Bernardes de Freitas e de Dina Melo Freitas

163 - Sidney Melo de Freitas

- 164 - Dayse Melo Freitas
165 - Dirce Melo Freitas
166 - Dely Melo Freitas

Trinetos

Filhos de Edgard Soares de Souza e Melo e de Rafaela de Souza e Melo

- 167 - Alciro Soares de Souza e Melo
168 - Dylcéa de Souza e Melo

Trineta

Filha do Dr. Décio Soares Souza e Melo e de Margarida Pinheiro e Melo.

- 169 - Yalú de Souza Melo

Trinetos

Filhos do Ten. Alcides Guanabara Soares e de Juracy Melo Soares

- 170 - Darcy de Melo Soares
171 - Alcides Melo Soares
172 - Francinha de Melo Soares
173 - Dinah de Melo Soares
174 - Lucy de Melo Soares
175 - Dilma de Melo Soares
176 - Alfredo de Melo Soares

Trineto

Filho de Alberto Soares de Souza e Melo Filho e de Regina Pereira de Melo.

- 177 - Dilson Pereira de Souza e Melo

Trineto

Filha de José Caldeira e de Claunice Soares

- 178 - Marise Soares Caldeira

Tetraneto

Filho de Gentil de Carvalho e de Silvia Soares de Carvalho

- 1 - Carlos Alberto Soares de Carvalho

Tetraneto

Filho Venicius Corrêa de Melo e de Léa de Melo

- 2 - Nydia de Melo

Tetranetos

Filhos de Franklin Humberto e Marieta Jandira Soares Humberto

- 3 - Adayl Soares Humberto
4 - Otayr Soares Humberto
5 - Waldir Soares Humberto
6 - José Maury Soares Humberto
7 - Walter Soares Humberto

Tetranetos

Filhos de Ladislau Santana e Maria de Lourdes Soares Santana

- 8 - Francisco Ruy Soares Santana
9 - Roberto Soares Santana

Tetraneto

Filhos de Mário de Faria Soares e Natheréia Alves Soares

- 10 - Jacy Alves Soares

Tetraneta

Filha de Renato de Moraes e de Olga Soares Angeli

- 11 - Neide Soares Angeli

Tetraneta

Filha de Marcelo Alves Júnior e de Dulce Soares Alves

- 12 - Déa Soares Alves

Este levantamento foi feito para 1933, ano do centenário do município. Em 1980, já ultrapassavam de 1.000 os descendentes diretos do Comendador Soares.

Carlos Pereira - o maquinista

Nos tempos da pacata Maxambomba não havia qualquer tipo de diversão para as crianças desta terra, salvo um ou outro circo que por aqui abarracava.

Nova Iguaçu pecou sempre pelo minguado de suas praças, que fazem, nas cidades do interior, a infância mais feliz.

Havia, contudo, uma motivação muito singular para a pequenada: era a 370.

Tratava-se da locomotiva do maquinista Carlos Pereira, aqui residente, grande amigo da petizada.

Diariamente, a 370 apitava quando surgia nas proximidades do K-11, como um toque de alegria para a criançada.

Bem distante ainda da estação o maquinista parava o trem, o qual se apinhava de meninos.

Era uma alegria esfusante!

Em alguns minutos enfeitavam a locomotiva de flôres e ramagens, com risos e algazarra.

Carlos Pereira, feliz, descia, para acariciar a meninada e fazer a imprescindível vistoria nos enfeites.

Após prolongado sinal de partida, com tôda garotada amontoada na locomotiva, seguia vagarosamente o trem, com gritos de alegria, que se perdiam no bater do sino e apito da máquina.

Em frente à estação, onde não parava, pessoas curiosas vinham assistir à passagem da 370.

Próximo à igreja de Santo Antônio a máquina estacionava para breve despedida.

Desciam as crianças e partia, o trem, todo enfeitado, com seu maquinista acenando à elas que esperavam, ainda alegres, vê-lo desaparecer nos fins dos trilhos, para o lado de Morro Agudo...

Professor Augusto Monteiro Paris

O Prof. Augusto Monteiro Paris nasceu a 29 de setembro de 1859, na cidade de Resende, Est. do Rio de Janeiro, foi uma das tradicionais figuras de Maxambomba.

Leccionou no Brejo, hoje Belford Roxo, e em Maxambomba hoje Nova Iguaçu, nomeado pelo Governo da Província do Rio de Janeiro.

«Fundou nesta cidade em 1875, o Colégio Paris, com autorização do então diretor de Instrução, Conselheiro Josino do Nascimento Silva de cujo jubileu em 1925 existe uma placa de bronze comemorativa com os seguintes dizeres:

«XII de Maio, 1875 - 1925

Placa comemorativa à passagem do jubileu profissional do egrégio professor Augusto Monteiro Paris, homenagem do povo iguaçuano».

Durante esse período preparou 5935 alunos de ambos os sexos sendo um terço feminino e dois terços masculino

Exerceu ainda, durante o tempo de seu magistério, os cargos de Agente do Correio local, Delegado de Polícia por diversas vezes, Vereador pelo 1.º Distrito.

Político militante presidiu inúmeras mesas eleitorais e reuniões da Antiga Guarda Nacional, da qual foi nomeado tenente pelo Imperador D. Pedro II e promovido a major do 13.º Batalhão de Cavalaria pelo Dr. Manoel Ferraz de Campos Sales então Presidente da República.

Ex-Secretário da Irmandade de Santo Antônio de Jacutinga, muito trabalhou por ela. (Poliantéa).

O Prof. Augusto Monteiro Paris, pela sua moral, pelo seu trabalho e dedicação ao ensino iguaçuano foi nomeado pelo Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Superintendente do Ensino no Município de Iguaçu.

Em Belford Roxo, localidade onde residiu e leccionou o Prof. Augusto Monteiro Paris, foi-lhe prestada significativa homenagem dando-se ao maior Grupo Escolar daquela região, o seu nome.

Dedicado, durante tantos anos, ao ensino neste Município, apresentava-se aos últimos anos do seu magistério, esgotado.

Suas últimas aulas foram dadas vestido de fardão da Guarda Nacional, a qual muito se honrava, e carregando, marcialmente, a enorme espada.

Augusto Paris é um desses nomes que não podem ser esquecidos como um abnegado da causa do Ensino.

Faleceu em 2 de janeiro de 1935, no Rio de Janeiro.

Livros de Iguaçuanos

Poucos sobre Iguaçu, ou escritos em Iguaçu. Mais de Iguaçuanos. Sobre tudo no fim do século passado, bastantes.

Comparando com o princípio deste século, escreviam mais os iguaçuanos...

Bem verdade que poderiam ser considerados iguaçuanos, quiza, mais que outros, os que aqui durante longos anos deram, ao município, o que melhor possuíam ou possuem, -m esforço e dedicação.

Relacionamos, pois, como justiça, obras de «Iguaçuanos importados», que são:

Obras de Leopoldo Machado: Idéias, Iluminação, Guerra ou Farisaísmo, Consciência, Para frente e para o alto, Para o alto, Ide e pregar, Caravana da fraternidade, Teatro espiritualista, Teatro da mocidade, Julga leitor por ti mesmo, Sensacional polêmica, Doutrina inglória Pigmeus contra gigantes, Nada lhe é no momento maior O natal dos cristãos novos, Observações e sugestões, Cruzada do Espiritismo de vida e Cientismo e Espiritismo.

Obras de Newton Gonçalves de Barros: Manso como as pombas e Primeiro a trave de teus olhos.

Obra de José Jambo da Costa: Poésias.

Obra de Tereza da Graça Madeira Pereira: O ensino de piano.

Obra de Alvaro Noronha da Costa: Estudo Farmaco-químico de Ácido Beta - (4 - Hydroxi - 3,5 - de - iodo-fenil) Alfafenil - propionico.

Obra de Jarbas Cordeiro: Serpentes de sons.

Propriamente, livros de iguaçuanos natos, podemos arrolar os seguintes:

Obra de Altair Pimenta de Moraes:

Vitória de Samotrácia

Obras de Deoclécio Dias Machado Filho?

A sombra dos laranjais

Iguaçu, terra de gente ilustre.

Obra do Desembargador Antônio de Barros Junior:

- Uma Fisionomia Acadêmica
- Emilio, - romance
- Sensitivas, poésias
- Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa
- Uma noite no cemitério, em colaboração com Fagundes Varela
- Olga, poema
- (Possue ainda trabalhos inéditos)

Obras de Rangel Pestana:

Projetos de constituição dos E. U. do Brasil — Rio 1890.
O Partido republicano na Província de S. Paulo — Rio 1877.
Discurso na Assembléa Provincial 13 de março de 1882.
Nota republicanas.

A reação e os novos partidos

A política do Marechal Floriano Peixoto — Rio 1898.

Obra do Marquês de Itanhaen

- Reflexões para servirem de esclarecimento ao parecer da Comissão de Contas
- Contas dadas á Assembléa Legislativa.

Obras de João Manoel Pereira da Silva

- Varões Ilustres do Brasil durante os tempos coloniais. 1858
- História da Fundação do Império Brasileiro 1864 - 1868
- Segundo período do Reinado de Pedro I. 1871
- Curso de História dos descobrimentos e a Colonização do diferentes Estados Americanos. 1876
- História do Brasil de 1831 a 1840. 1879
- Nacionalidade, Língua e literatura de Portugal e do Brasil. 1884
- Cristóvão Colombo e o descobrimento da América. 1892
- A História e a Legenda. 1892 - 1894
- Quadros da História Colonial do Brasil. 1894
- Memórias de meu tempo. 1895 - 1896
- Considerações sobre a poesia épica e a poesia dramática.
- Obras literárias e políticas. 1862
- La literature Portugaise, son passé et son état actuel. 1865
- Felinto Elisio e sua época. 1891
- Situation politique et économique du 1, Empire du Brasil. 1865
- Discursos Parlamentares. 1870
- O aniversário D. Miguel. 1828
- Jerônimo Corte Real, crônica do século XVI. 1840
- Manuel de Moraes, crônica do século XVII. 1866
- D. João de Noronha, crônica do século XVIII.
- Aspásia.
- Gonzaga, poema.
- Região, amor e Pátria.
- Memória do segundo Reinado

Obras de Francisco Soares de Souza

- Impressões de minhas viagens. Paris 1890
- Excursão na Itália. Paris 1890

Obra de Bernardino José de Souza e Melo

- Discursos Parlamentares. Anaes da Assembléa Legislativa no E. do Rio

Obras de Joaquim Eloi dos Santos Andrade

- Função Glicogenética do Fígado
- Física pulmonar
- A tuberculose é Curável
- Profilaxia social da lepra no Brasil
- Serões de Almargem
- Grandeza e decadência da Província do Rio de Janeiro
- Paralelo entre a revolução Francesa e a Ingleza
- A escravidão
- Lúcia Vergueira
- O caçador de dotes
- O primeiro imperador
- A filha de Luiz V
- O império

Obra de Manoel Reis

- A gaivota

Obra de Américo Vespucio de Souza e Melo

- Galeria Fluminense

Maxambomba, Feira dos Atravessadores

Aureliano Restier Gonçalves, em notável trabalho para o Departamento de História e Documentação do Distrito Federal (1952) sobre Carnes Verdes em S. Sebastião do Rio de Janeiro, traz memória das rendosas transações no mercado que se fazia em Maxambomba.

Transcrevemos os trechos que disto nos dão notícia:

Nos meses de julho e agosto formavam-se as boiadas. Pelos invios sertões, os boiadeiros andavam a reunir o gado. Até alcançarem o termo dessa longa e penosa jornada, esses homens de coragem inaudita, tinham de enfrentar inúmeros perigos ao atravessarem as desertas regiões e caudalosos rios de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, aonde eram trazidos os rebanhos às invernações. Dai depois da engorda, descia o gado, cortando diferentes caminhos, para a grande feira de Maxambomba. Era nesse lugar o primeiro contacto da produção com o consumo, cujo agente principal era o boiadeiro, servindo, também, de intermediário entre o criador e o invernista.

- o -

Com as estradas de ferro, começou o transporte a ser feito em carros apropriados. Em 1878, esse serviço estava sendo explorado por Joaquim Arsênio Cintra da Silva, que se encarregava de embarcar as boiadas em determinados pontos ou paradas das estradas e desembarcá-las em Maxambomba. Deficiente, ainda em fins do século passado, esse transporte veio a melhorar nesses últimos anos, atendendo, hoje, a requisitos de higiene, presteza e segurança.

- o -

A Ilma. Câmara, em 11 dedezembro de 1875, criou novas posturas, que obrigavam a invernação, na imperial fazenda de Santa Cruz ou no Realengo de Campo Grande, de todo o gado, que se destinasse ao Rio de Janeiro, para consumo da sua população, e, bem assim, que somente num desses lugares, fôsse levada a efeito a sua venda pelos criadores ou boiadeiros.

O marchante — ou por ele qualquer outra pessoa que adquirisse gado em outros pontos seria considerado atravessador e, como tal, processado e punido severamente. Com essa medida, quis a Ilma. Câmara chamar, de novo à sua direta fiscalização a feira do gado destinado ao Município Neutro, o que durante anos, se fez no povoado de Vicente de Carvalho e de onde, por influência dos comissários, foi transferida para o distrito de Maxambomba, na província fluminense, livre, por conseguinte, da severa vigilância da Ilma. Câmara. Nessa antiga localidade prosperou bastante a mercância do gado, atingindo, já em 1880, a soma de sete mil contos anuais. Aí, afastados, por completo, o criador e o boiadeiro, puderam, à vontade, os marchantes, praticar conluíus ou venda particular, em que auferiam lucros fabulosos. Eram cobrados 3% sobre as vendas feitas a crédito, com faculdades de prazos longos para os pagamentos, que redundavam, sempre em descontos de 1% sobre as contas, em favor dos comissários. Tomaram vulto essas negociatas, contra as quais protestavam os criadores. Em 1880, a Ilma. Câmara, depois de um estudo apurado da situação, e no intuito de garantir os interesses da produção e do consumo, fundou a FEIRA LIVRE DO GADO BOVINO DO RIO DE JANEIRO, em Santa Cruz.

- o -

Figuram, em documentos de 1889, informes interessantes a respeito das raças bovinas selecionadas na região mineira de Passos e São Sebastião do Paraíso, onde grande desenvolvimento tinha tido a pecuária.

Das invernações dessa importante zona criadora vinham para a feira de Maxambomba numerosas boiadas, pertencentes, na maioria, aos ricos invernistas Mello e Souza (pai e filho)

- o -

De 1852 até 1855 tivemos como marchantes Francisco José de Melo e Souza, José Machado Ferreira e o francês Rainaud, que conseguiram grandes fortunas. Para Mello e Souza vinham consignadas mensalmente, cerca de cinco mil cabeças de gado vacum.

Assuntos Iguaçuanos na Primeira Câmara Municipal do Rio de Janeiro

Após a lei de 1º de outubro de 1828 que extinguiu o antigo Senado da Câmara, empossou-se a 16 de janeiro de 1830 a primeira Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

A região iguaçuana esteve até 1833 (Veja pags. 30 e 31) sob a legislação desta ilustre Câmara, esclarecida e laboriosa.

Transcrevemos os assuntos iguaçuanos de 1830 e 1831, deixando outras ao segundo volume, chamando atenção em dois fatos interessantes para um detalhado estudo: um encontrado na 68ª Sessão de 11 de agosto de 1830 (pag. 134) onde o pae do iguaçuano fundador da Academia Brasileira de Letras, João Manoel Pereira da Silva, dá o primeiro passo para a urbanização do antigo Porto do Feijão de Iguaçu, que mais tarde chamou-se Vila de Iguaçu; e outro encontrado nas Sessões 32ª, 41ª, 42ª, 47ª, 50ª, 55ª, 68ª, de 1831 (pags. 137 e 138) que trata de uma curiosa destituição de cargo, já empossado, do Escrivão de Juiz de Paz de São João de Merety que se chamou Francisco José da Silva Quadros...

5ª Sessão em 23 de janeiro de 1830

O Snr. Pinto propôs para (Fiscal) do Pillar o Cap.m. José Gomes Chaves »
« A Comissão julga serem os mais aptos os seguintes ... Pillar:
Fiscal Joaquim Bernardes de Barcellos, Supplente o Cap.m. José Gomes Chaves »

6ª Sessão em 3 de fevereiro de 1830

« o de (ofício) José Antonio Glz. que pede ser Escrivão de Juiz de Paz da Freguesia de Iguaçu »

8ª Sessão em 6 de fevereiro de 1830

« O de (ofício) Manoel Antonio de Oliveira q. pede ser o Capitão de Matto da Freguesia de Iguaçu. Foi a Comissão »

« Passando-se a outra parte da Ordem do dia o Snr. Presidente propôs para Fiscal da Freguesia de Marapicú Manoel Gomes de Oliveira, para Supplente Dionisio José da Costa, e para Escrivão do Juiz de Paz Antonio da Costa Soares »

9ª Sessão em 8 de fevereiro de 1830

« O de (ofício) José Antonio Glz pedindo 8 dias de espera para apresentar os docum.tos q. mostram habil a servir o Officio de Escrivão do Juiz de Paz da Freguesia de Iguaçu. Foraõ concedidos »

10ª Sessão em 10 de fevereiro de 1830

« Foraõ introduzidos e prestaraõ Juramento (...) e o Juiz de Paz da Freguesia de Inhomirim Vicente José de Almeida Vidal »

11ª Sessão em 11 de fevereiro de 1830

« Sendo introduzidos pelo Porteiro da Câmara Municipal prestaraõ Juramento e se deo posse ... Escrivão de Juiz de Paz da Freguesia de Inhomirim Manoel Bento da Silva. »

12ª Sessão em 13 de fevereiro de 1830

« Foraõ ao Procurador para informar, o de (requerimento) Paulo Francisco Maciel pedindo seja nomeado José Ferraz de Teives para fazer a medição de suas terras na Freguesia do Pillar de Iguaçu. Foi indeferido. »

« e o de José Antonio Glz. pedindo ser Escrivão do Juiz de Paz da Freguesia de Iguaçu » O Snr. Cunha pedindo a palavra disse que tendo esta Câmara nomeado para Fiscal da Freguesia do Pillar a Joaquim Bernardo de Oliveira Barcellos que estava eleito Juiz de Paz da mesma Freguesia, e não sendo compatível o exercício dos seus empregos elle offerencia a Proposta seguinte. Proponho para Fiscal da Freguesia do Pillar a Antonio José da Silva, lavrador residente no lugar da posse. Paço da Câmara Municipal, 13 de fevereiro de 1830. O Vereador Cunha. E tendo o Snr. Costa Guimarães requerido q. a proposta fosse a Comissão assim se venceo. »

13ª Sessão em 15 de fevereiro de 1830

Entrando-se na 1ª parte da Ordem do dia o Snr. Leite leo o seguinte parecer - A Comissão parece não haver inconveniente em q. seja nomeado para Fiscal da Freguesia do Pillar o Cidadão Antonio José da Silva em lugar de Joaquim Bernardo de Oliveira Barcellos, que se acha eleito Juiz de Paz da mesma Freguesia, e não pode conjuntamente exercer ambos os lugares »

17ª Sessão em 25 de fevereiro de 1830

« Foraõ introduzidos e prestarão juramento e tomaraõ posse o juiz de Paz da Freguesia de Jacotinga Rodrigo José Guedes Pinto, e o Supplente Francisco Inocencio de Souza Coutinho, o juiz de Paz da Freguesia de Merety Vicente de Souza Coutinho, e o Supplente Silvano Antonio da Silveira »

18ª Sessão em 27 de fevereiro de 1830

Entrando na ordem do dia: foraõ introduzidos e, prestaraõ juram.tº, e tomaraõ posse (...) e o Supplente do Juiz de Paz da Fregª. de Inhomirim Antonio Carlos de Almeida »

19ª Sessão em 1º de março de 1830

« Passando-se a Ordem do dia foraõ introduzidas pelo Porteiro, prestaraõ juram.tº e se deo posse ao Escrivão do Juiz de Paz da Piedade de Iguassu Jozé Antonio Gonçalves. »

20ª. Sessão em 3 de março de 1830

« Entrando-se na ordem do dia; prestou juram.tº e tomou posse o Escrivão de Juiz de Paz da Freguezia de Santo Antonio de Jacotinga Jozé Corrêa Vasques »

24ª. Sessão em 11 de março de 1830

Foraõ introduzidos, prestaraõ juram.tº e tomaraõ posse o Juiz de Paz da Freguezia da Piedade de Iguassu Bento Antonio Moreira Dias, e o Supplente Domingos Francisco Ramos »

25ª. Sessão em 13 de março de 1830

« Foraõ introduzidos, prestaraõ juram.tº e tomaraõ posse o Supplente de Fiscal da Fregª. do Pillar Joze Gomes Chaves »

27ª. em 17 de março de 1830

O Snr. Preze abriu a Sessão, e lida a Acta antecedente foi approvada. Leo-se o Officio do Marquez de Quixeramoby emq. pede ser dispensado de cargo de Juiz de Paz da Freguezia de Marapicú paraq. fora eleito visto q. como Gentil Homem deve residir na Côte. Ficou dispensado e mandou-se participar pª remetter o Diploma »

28ª. Sessão em 20 de março de 1830

« O Snr. Prezide consultou a Camara se deveria-se antes de entrar no expediente dar posse a hum Juiz de Paz que se achava na sala immediata, e sendo approvado foi introduzido, prestou Juramento, e tomou posse o Juiz de Paz da Freguezia do Pillar de Iguassu Carlos Jozé Moreira »

30ª Sessão em 27 de março de 1830

« O Officio do Juiz de Paz da Freguezia de Merety emq. participa ser-lhe necessario esta por algum tempo na cidade, eq. tendo passado a jurisdicção de Supplente, este declarou q. pr. incomodado não podia exercer as funções de Juiz de Paz. Mandou-se officiar ao Supplente para justificar o impedimento continuando no entanto no exercicio de seo cargo. O Officio do Juiz de Paz da Fregª. do Pillar participando não poder entrar em exercicio por falta de Escrivão. Mandou-se anunciar pelos Periodicos os lugares q. se deviaõ prover afim de q. apparecessem os Pertendentes. O Officio do mesmo Juiz de Paz emq. se nomeie outro Fiscal aª aquella Fregª. visto ser o actual seo capital inimigo. Foi inferido pr. não terem contacto as duas auctoridades. »
« Foraõ introduzidos, prestaraõ Juram.tº e tomaraõ posse o Juiz de Paz da Fregª. de Marapicú Leocádio Pamplona Corte Real (...) o Fiscal da Fregª. do Pillar Antonio Joze da Silva »

32ª. Sessão em 3 de abril de 1830

« O requerim.tº de Antonio Glz. Vieira emq. pede ser Escrivão do Juiz de Paz da Fregª. do Pillar. Foi a Comissão q. apresentasse o urgente parecer Foi prezente a Comissão o requerim.tº de Antonio Glz. Vieira emq. pede ser Escrivão de Juiz de Paz da Fregª. do Pillar. A Comissão julga o Supplente apto pª. este emprego pelas informações q. tem a resp.tº deste Pertendente »
« foraõ introduzidos prestaraõ juram.tº e toniaraõ posse o Supplente do Juiz de Paz da Fregª. do Pillar Joaq.m. Bernardo de Oliveira Barcellos. o Escr.ªm Antonio Glz. Vieira, e o Escr.ªm do Juiz de Paz da Fregª. de Marapicú Antonio da Costa Soares »

33ª Scssão em 24 de abril de 1830

O Officio de Juiz de Paz Supplente da Fregª. de Merety apresentando certidão de seo estado de molestias, e pedindo ser dispensado do exercicio emq. se acha pela auzencia do Juiz de Paz. Mandou-se officiar ao segundo Supplente para tomar posse » « Tendo falecido nesta Cidade o Supplente de Juiz de Paz da Fregª. do Pillar Joaquim Bernardo de Oliveira Barcellos he de necessidade q. a Camara Municipal faça chamar o seu immediato em votos pª tomar posse do referido emprego Paço da Camara Municipal 24 d' abril de 1830. O vereador Ribeiro Cunha » « Costa em votação foi unanim.te approvada »

34ª. Sessão em 26 de abril de 1830

O Officio de Juiz de Paz da Fregª. do Pillar participando ter falecido o Supplente do Juiz de Paz d'aquella Fregª. Joaquim Bernardo de Oliveira Barcellos. Mandou-se participar q. estava a Camara inteirada eq. se tinhaõ dado as providencias »

35ª. Sessão em 28 de abril de 1830

« o requerim.tº de Candido Luiz da França Antunes do Amaral pedindo ser Escrivão de Juiz de Paz da Fregª. de Merety » « ... posse e Fiscal da Fregª. de Sto. Antonio de Jacotinga Joze Maria de Mello »

37ª. Sessão em 8 de março de 1830

Candido Luiz de França Antunes do Amaral requer o lugar de Escr.ªm de Juiz de Paz da Frega. de S. Joaõ de Merety; ajunta docm.tº de ter servido Solicitador do nº da Caza da Suplicação, jurou a Constituição do Imperio e ajunta folha corrida: parece a Comissão estar nas circunstancias de ser deferido o seo requerim.tº »

38ª. Sessão em 10 de maio de 1830

« O de (requerimento) Ignacio de Souza Pimenta requerendo emprego de Escram de Juiz de Paz da Frega. de S. Joaõ de Merety, indeferio-se por estar ja provido o lugar »

39ª. Sessão em 12 de maio de 1830

O de (officio) Manoel Antonio da Sª Mendes Supplente do Juiz de Paz da Frega. de Marapicú participando não poder vir prestar o juram.tº e tomar posse do emprego pª q. fora eleito em razão de se achar enfermo protestando faze-lo logo q. se ache restabelecido. ficou a Camara Inteirada » « Foi introduzido prestou juram.to e tomou posse o Suplente de Juiz de Paz da Frega. de S. Joaõ de Merety o R.do Antonio Alz. Monteiro. Foi tão bem introduzido, prestou juram.to e tomou posse de Escrivão de Juiz de Paz da mesma Freguezia Candido Luiz de França »

45ª. Sessão em 26 de maio de 1830

« O Officio do Fiscal da Frega. de Jacotinga participando não poder principiar as suas correições por falta de ajuda e do Porteiro »

46ª. Sessão em 9 de junho de 1830

« ... informações sobre escollas, remetidas pelo Fiscal da Frega. do Pillar Joaõ Anto. de Carvº. emq. pede ser dispensado deste Cargo pelas suas graves molestias »

« O Offo do Fiscal da Frega. do Pillar emq. participa ser necessario consentar as estradas q. conduzem pa Serra acima e pondera o inconveniente q. encontra no modo de fazer as correições. A Comissão de representação. O Offo do Juiz de Paz Suple da Frega de Merety emq. haja huã Postura q. prohiba aos taverneiros comprar coiza alguã aos escravos, »

e estranhas q. sejam remetidas as Posturas aos Juizes de Paz p.^a as adoptarem querendo. Resolveo-se q. fosse o Off.^o a Comissão de Postura e se declarasse ao mencionado Supple q. deverião ser cumpridas as Posturas adoptadas pela Câmara, e q. as instruções oferecidas pelo Advogado da Câmara sobre o modo de se fazer o jugam.^{to} das Multas p.r violação de Posturas, heq. tinhaõ sido remetidas aos Juizes de Paz p.^a q. as adoptassem se quizessem »

47a. Sessão em 12 de junho de 1830

« E o Off.^o de Supl. do Juiz de Paz da Freg.^a do Pillar João Ant.^o de Carvalho, em q. pede ser dispensado deste Cargo pelas suas graves molestias, eq. taõ bem tinha ficado adiado na m.m.^a Sessão. Foi-lhe concedida a escusa contra o voto do Snr. Costa Guies e mandou-se officiar ao immediato em votos »

49a. Sessão em 16 de junho de 1830

« para Supplente do Fiscal da Freg.^a de Iguassú - Manoel José Pereira »

50.^a Sessão em 19 de junho de 1830

« A informação do Fiscal da Freg.^a de Inhomirim sobre as Escollas da sua Freg.^a Foi o Off.^o remetido a Comissão, resolveo-se q. officiasse ao Fiscal p.^a q. informasse mais circumstam.te »

52a. Sessão em 23 de junho de 1830

« As inf.es dos Juizes de Paz das Freg.^{as} de Marapicú, e Iguassu, edo Fiscal da Freg.^a de Jacutinga sobre Escollas das suas Freg.^{as}. Forão a Comissão respectivas. » O Snr. Cunha fez a seguinte Proposta - Proponho p.^a Fiscal da Freg.^a de S. João de Merety o Tenente Jozé Pires da Silvr.^a, para seu Supplente Felipe Reiz Fortes »

56a. Sessão em 5 de julho de 1830

Foi introduzido, prestou Juram.^{to} e tomou posse o Supplente do Juiz de Paz da Freg.^a do Pillar Joze Gomes Chaves »

57a. Sessão em 7 de julho de 1830

« Leo-se o requerim.^{to} de Manoel Gomes de Oliveira emq. pede ser dispensado de acceitar o Cargo de Fiscal da Freg.^a de Marapicú. Foi concedida a escusa. » O Snr. Prezide propoz q. fosse nomeado Fiscal da Freg.^a de Marapicú o Supplente da m.m.^a Freg.^a Dionisio José da Costa e foi unanimemente aprovado » « Achando-se vago o lugar de Supplente do Fiscal da Freg.^a do Pillar p.r passar pa. Supple do Juiz de Paz q. estava no exercicio do d.^o Emprego: Proponho a Tomaz Luiz da Rocha, e morador no Coito »

61a. Sessão em 17 de julho de 1830

« A informação do Fiscal da Freg.^a de Inhomirim sobre as Escollas da sua Freg.^a Foi a Comissão respectiva. »

66a. Sessão em 4 de agosto de 1830

O « Officio do Fiscal da Freg.^a do Pillar pedindo esclarecimentos a respeito de algumas duvidas q. encontra no cumprim.to de seos deveres, e q. se declare quem ali deve receber as multas por violação de Posturas. Ficou adiado, resolvendo-se q. o Proc.dor estabelecesse n'aquella Freg.^a hum agente » « ... prestou Juram.^{to} e tomou posse o Supple do Juiz de Paz da Freg.^a de Marapicú Manoel Antonio dos St.^{os} Mendes »

68a. Sessão em 11 de agosto de 1830

« A representação de Miguel Joaquim Pereira da Silva pedindo q. haja alinhamento nos Edificios feitos no Porto do Feijão Freg.^a de Iguassú. Resolveo a Câmara q. se officiasse ao Fiscal q. do se lhe remetessem as Posturas pa q. applicasse ao Porto do Feijão e Prospecto da Cid. e na parte q. fosse compativel, votando contra os Snr.es Costa Guies e Nepomuceno. »

69a. Sessão em 14 de agosto de 1830

O Snr. Nepomuceno apresentou a seg.te declaração de voto - Declaro q votei contra a decisão a resp.t^o doq. se determinou sobre o arruam.to do Porto do Feijão som.te na parte do q. se acha determinado nas Posturas acerca do pé direito q. devem ter os predios ali edificados »

70a. Sessão em 18 de agosto de 1830

« O de Manoel Domingues da Cruz participando q. Manoel Joze Ferreira está fazendo hua varanda sobre a estrada do Feijão comq. tira a vista aos predios lateraes. Resolveo a Camara q. na falta do Fiscal podiaõ os queixosos chamar o infractor perante o Juiz de Paz »

74a. Sessão em 4 de setembro de 1830

« O Off.^o do Supple do Juiz de Paz da Freg.^a de Inhomirim participando que tendo entrado em exercicio no impedimento do Juiz de Paz acha-se actualmente impossibilitado de continuar a servir. Resolveo a Câmara que justificasse por documentos »

76a. Sessão em 15 de setembro de 1830

« O Officio do Suple do Fiscal da Freg.^a de Iguassu emq. participa q. comparecerá a tomar posse logo q. lhe permita o seo estado de saude ».

77a. Sessão em 18 de setembro de 1830

« O requerim.^{to} de Manoel Joze Ferre.^a pedindo a conservação da varanda q. edificou na sua Casa da Freg.^a de Iguassu, pois sendo o Juiz de Paz d'aquella Freg.^a Juiz Comissário n'aquella cauza deve de necessidade julgar conforme a determinação da Camara. Resolveo-se q. requeresse ao Juiz de Paz p.r ser o proprio p.^a julgar infracções de Postura, e não Juiz Comissionado pela Camara, pois della não recebia ordem alguã » « ... Foi introduzido, prestou juram.^{to} e tomou posse o Fiscal da Freguezia de Iguassu. Feliciano Joze de Carvalho »

84a. Sessão em 9 de outubro de 1830

« O Officio do Supplente do Juiz de Paz da Freg.^a de Merety Silvano Antonio da Silveira participando achar-se em estado de poder entrar no exercicio de seo Cargo. Ficou a Camara inteirada ».

87a. Sessão em 23 de outubro de 1830

« O do Fiscal da Freg.^a do Pillar propondo Gaudencio dos Santos Massa e Candido Lopes de Almeida (para Guardas Municipaes) » « O requerim.^{to} de Domingos Joze dos Santos, emq. pedia ser dispensado do Cargo de Suplente do Juiz de Paz da Freguezia de Inhomirim por ja não existir n'aquella Freg.^a »

89a. Sessão em 27 de outubro de 1830

« ... e do Fiscal da Freg.^a da Jacutinga propondo Manoel Fernandez, e Joze Pereira da Silva (para Guardas Municipaes) »

2a. Sessão extraordinária em 9 de dezembro de 1830

« O Officio do Fiscal da Freg.^a do Pillar em q. participava q. só alguns Taverneiros na sua Freg.^a matavaõ gado em occasiões de festas. Resolveo-se q. os fizesse tirar licença obrigando-os a pagar 320 rs. por cada rez q. matassem »

2.^a Sessão em 22 de janeiro de 1831

« Leo-se Officio do Fiscal da Freg.^a de Iguassu emq. propunha Guardas Municipais, e pedia esclarecim.^{to} sobre vários objetos p.^a o bom desempenho de suas obrigações. Ficou adiado »

4.^a Sessão em 26 de janeiro de 1831

« ... foi introduzido prestou juramento, e tomou posse o Fiscal Supplente da Pied.^a de Iguassu Manoel Jose Pereira »

6.^a Sessão em 31 de janeiro de 1831

« Officio do Fiscal da Freg.^a de Iguassu q. tinha ficado adiado na Sessão de 22 de Corre. Foraõ approvados os Guardas Municipais propostos e resolveo a Câmara q. o Fiscal declarasse se os donos dos Portos vendião alguns generos ou tão somente os recebião em deposito »

13.^a Sessão em 23 de fevereiro de 1831

« A informação da Freguesia do Pilar sobre as representações do Juiz de Paz, e Moradores d'aquella Freg.^a Resolveo a Camara conceder ao Fiscal a demissão pedida, louvando-se seos bons serviços a actividade. » « Tomou posse o Guarda Municipal da Freguezia de Jacutinga Joze Pereira da Silva »

14.^a Sessão em 2 de março de 1831

« Tomou posse o Guarda Municipal da Freguezia de Jacutinga Manoel Fernandes d. Santo Espirito »

20.^a Sessão em 14 de março de 1831

« O requerimento de Joze Pires da Silveira pedidindo ser dispensado do Cargo de Fiscal de Merety. Foi dispensado » « O Snr. Presidente fez a seguinte Proposta Havendo-se escusado o Fiscal da Freg.^a de S. João de Merety proponho para substituir o lugar deste ao Tenente reformado Manoel Jordaõ da Silva que alem de outros requesitos tem o de morar no centro do districto. »

22.^a Sessão em 23 de março de 1831

« Os Officios dos fiscaes das Freg.^{as} de Jacutinga, e (...) apresentando a relação das obras necessarias em suas Freg.^{as}. Foraõ o Comissão de Contratos »

23.^a Sessão em 26 de março de 1831

« O requerim.^{to} dos moradores da Freg.^a de Pillar pedindo a nomeação de hum Fiscal. Ficou adiado. »

29.^a Sessão em 30 de abril de 1831

« O Officio do Fiscal da Freg.^a de Jacutinga emque pedia peritos, e padões para as correições. » « O dos Lavradores da Freg.^a do Pillar emq. pediaõ se mandasse concertar a estrada de comunicação para os pontos do Armazem e Estrella. Foi aos fiscaes do Pillar e Inhomirim para informarem ouvindo por escrito os Proprietarios dos terrenos por onde passa a dita estrada. O de Candido Luiz da Fonseca Antunes pedindo pelas suas molstias ser mudado de Escrivão do Juiz de Paz da Freg.^a de Merety p.^a Escrivam do Juiz de Paz da Freg.^a da Ilha do Governador. Foi ao Juiz de Paz de Merety para informar. »

30.^a Sessão em 4 de maio de 1831

« e igualmente a informação do Juiz de Paz da Freg.^a de Merety sobre o

requerim.^{to} de Candido Luiz da França Antunes depois de alguãs observações houve a Camara porbem nomear Sebastião da Cunha Lopes para Escrivão do Juiz de Paz da Ilha do Governador e resolveo que Candido Luiz da França Antunes declarasse no prazo de 8 dias se queria continuar no Officio de Escrivão do Juiz de Paz de Merety »

32.^a Sessão em 14 de maio de 1831

« o de Cândido Luiz da França Antunes emq. declarava q. não podia continuar no exercicio de Escrivam. do Juiz de Paz de Merety. Foi-lhe concedida a demissão e mandaraõ-se afixar Editais para apresentarem-se os pertendentes a aquelle lugar » « o de Fran.^{co}. Jozé da Silva Quadros pedindo ser Escrivam. do Juiz de Paz de Merety ficaraõ adiadõs »

« o de Joaquim José Coitinho pedindo licença para continuar com a sua Botica em Iguassu. Concedeo-se ». « o Sr. Costa Guim.^{es} fez a seg.te Proposta - sendo da privativa attribuição desta Camara nomear Escrivaeas para os Juizes de Paz deste Municipio, e contando ter-se auzentado o Escrivam. do Juiz de Paz de São João de Merety Há mais de 6 mezes semq. todavia o respectivo o participasse como cumpria faze-lo a esta Camara; pois q. a Lei lhe não confere autoridade para taes nomeações alem do interim. Proponho q. se extranhe a aquelle Juiz sua omissão; (omissão q. lhe he punida pelo Artigo 129 do Codigo) eq. se mande ao Fiscal afixar Editaes nos quais faça saber estar aquelle Escrivão demittido de seo Emprego »

36.^a Sessão em 31 de maio de 1831

« O Officio do Fiscal de Merety propondo Candido da Silva Jordaõ e Fortunato Joze Dias para Guardas Municipaes. Foraõ approvados ».

37.^a Sessão em 4 de junho de 1831

« O Officio do Juiz de Paz da Freg.^a do Pillar emq. participava q. não havia Fiscal n'aquella Freg.^a ».

41.^a Sessão em 21 de junho de 1831

« O Officio do Juiz de Paz da Freg.^a de Marapicú q. por aquelle Juizo não tem havido condemnações por infrações de Postura. Adiado o expediente entrou em discussão o requerim.^{to} de Francisco Joze da Silva Quadros q. tinha ficado adiado na Sessão de 19 de maio p.p. e depois de alguãs observações foi nomeado Escrivão de Juiz de Paz de Merety ».

42.^a Sessão em 23 de junho de 1831

« O Snr. Nepomuceno apresentou a seguinte declaração - Declaro q. me não achei prezente as deliberações da Camara na Sessão de 21 do corrente nos objectos q. se tratavaõ desde o Officio do Juiz de Paz de Marapicú, desde a decisão de Escrivão do Juiz de Paz de Merety por estar ocupado por ordem da Camara a fazer o parecer da Comissão sobre os cortes das ruas »

44.^a Sessão em 30 de junho de 1831

« O de (requerimento) Simplicio José da Fonseca pedindo por Aforam.^{to} o terreno q. occupava a Guarda da Ponte de Merety. Mandaraõ-se apresentar os titulos comque possuia as benfeitorias existentes no terreno »

45.^a Sessão em 2 de julho de 1831

« Tomou posse o Fiscal suplente da Freg.^a de Marapicú Ricardo Antonio de Araujo ».

47.^a Sessão em 7 de julho de 1831

« O Snr. Prezidente fez a Proposta seguinte - Achando-se vago os lugares de Fiscal e Suplente do dito na Freguesia do Pillar proponho para Fiscal a Romaõ Jozé da Fonseca e para Suplente a Francisco de Paula Ribeiro ». « Tomou posse o Escrivão do Juiz de Paz da Freg.^a de Merety Francisco Joze da Silva Quadros »

49ª Sessão em 12 de julho de 1831

« O Officio do Fiscal da Freg.^a de Jacotinga apresentando a relação das Cazes de Negocios de sua Freg.^a Foraõ a Comissão de Contas. » « Havendo o Fiscal da Freg.^a de Santo Antonio de Jacotinga remettido ao ex Procurador varios autos de infração de Posturas q. ainda foraõ julgados, requeiro q. se recomende ao Procurador que tome Conhecim.^{to} deste negocio informando a Camara do seo resultado. Paço da Camara Municipal 12 de julho de 1831 - Braga » « Tomou posse o Guarda Municipal da Freg.^a da Piedade de Iguassu Antonio da Costa e Silva, e Porteiro Joaquim Ferreira Guim.es. »

50ª. Sessão em 14 de julho de 1831

« O Officio do Escr.^{am.} do Juiz de Paz de Merety Francisco Joze da Silva Quadros participando q. o Juiz d'aquella Freg.^a não lhe quiz dar posse nem cumprir o seo diploma » « Tomou posse o Fiscal da Freg. do Pillar Romaõ Joze da Fonseca »

51.a Sessão em 19 de julho de 1831

« e o do (officio) Fiscal do Pillar propondo Joze Candido de Abreo e Francisco Delfino. Foraõ approvados »

52.a Sessão em 23 de julho de 1831

« Outro (officio) participando ter recebido de seo antecessor os autos remettidos pelo Fiscal de Jacotinga. Ficou a Camara inteirada »

54.a Sessão em 30 de julho de 1831

« O de (requerimento) Cipriano Jose Soares pedindo licença p.^a matar gado na Freg.^a do Pillar: e o de Miguel Guerhar pedindo p.^a ter talho de carne no Porto da Estrella. Concedeo-se pagando cada hum 20\$000 rs. pr. ano, e 320 rs. por cada vez q. matassem alem de huã p.^r semana » « O de Clementino Joze Grandaõ pedindo licença p.^a abrir Botica na Freg.^a de Iguassu. Concedeo-se »

55.a Sessão em 6 de agosto de 1831

« Teve 2.^a leitura o Officio do Escrivão do Juiz de Paz de Merety q. tinha ficado adiado em Sessão de 14 de julho passado e resolveo-se q. se representasse ao Governo pedindo esclarecim.^{to} »

58.a Sessão em 16 de agosto de 1831

« O de (officio) Diogino Joze da Silva pedindo licença p.^a ter huã Fabrica de Fogueteiro, e vender polvora na Freg.^a de Iguassu » « e q. particularm.te informe o estado emq. se achão os autos de infracções feitas pelo Fiscal da Freg.^a de Jacotinga. Braga »

63.a Sessão em 1.º de setembro de 1831

« O de (requerimento) Joaõ Nepomuceno pedindo licença p.^a hum talho de carne na Freg.^a da Piedade de Iguassu »

65.a Sessão em 6 de setembro de 1831

« Tomaraõ posse os Guardas Municipaes da Freg.^a de S. Joaõ de Merety Fortunato Jose Dias e Candido Jose da Sa »

68.a Sessão em 27 de setembro de 1831

« Outro (officio) da Sec.^a de Estado dos Negocios da Justiça de 16 do cor.^{re} participando q. o Juiz de Paz de Merety havia legalm.te recuzado o Escrivão nomeado por esta Camara. Ficou a Cama inteirada »

71.a Sessão em 6 de outubro de 1831

« O Officio do Fiscal de Iguassu apresentando a relação das Cazes de negocio de sua Freg.^a »

Febre, o Grande Espantalho . . .

Se muitos fatores dificultaram o desenvolvimento de Iguazu, dois foram os principais: febres e a fama destas febres . . .

Outros lugares, tão atingidos como Iguazu, pela maleita, não se fêz tanto alarde destas febres e o progresso vingou mais rapidamente.

Esta fama era explorada, as vezes, com efêmera vantagem.

Véspera de instalação do município, na 70ª. Sessão da câmara do Rio, em 16-7-1833, o Juiz de Paz (que depois foi presidente da câmara de Iguazu e que teve grandes dificuldades na sua instalação porque o Juiz de Paz do Rio não comparecia a Iguazu, com medo das febres) noticiava:

70ª SESSÃO DA CÂMARA DO RIO DE JANEIRO EM 16-7-1833

Leo-se o officio seguinte do Juiz de Paz de Iguassu e resolveo a Camara q. se transcrevesse n' acta — Ilm.^o Snr: Como órgão do Povo desta Freg. levo ao conhecimento de V. S.^a para apresentar a os Illustres Membros dessa respeitavel Camara, os seus, e meus sinceros agradecimento pelas providencias com que nos socorrerão na actual crise da peste q. flagela, enviando-nos Proffessor de Saude, Boticarios e Boticas, e pela bellissima escolha que o Provd.^{or} de Saude. O Snr. Estevão Alves de Magalhães com os Snrs. José Pinto de Souza e José M.^a Tavares q. tão promptos se tem prestado em toda e qualquer ora do dia, e da noite sem os affligir a grande concorrência dos doentes em receberem remédios, e não se a visita-los por longe q. seja, com amor aos pobres, e philantropia e ao mm.^{os} tempo e com muita felicidade. a q. tenho a por na presença de V. S.^a esperando para estes felizes todo o amor de Pay.

Deos guarde a V. S.^a Iguassu 9 de julho de 1833.

Ilm.^o Snr. Dezd.^{or} Franc.^o Gomes de Campos. Presidente da Camara da Corte.

Franc.^o Mz Vianna. Juiz de Paz

Ornavã a personalidade do cirurgião José Pinto de Souza a prontidão e o zelo. Documentos atestam, com rara clareza, o interesse que o louvado benemérito dos povos de Iguazu dava a seus atos.

Afastou rápido os flagelos da peste que assolou a nossa região e, sem demora, com a mesma prontidão e igual zelo requereu à câmara do Rio do que vencera no mes de junho . . .

71ª SESSÃO DA CÂMARA DO RIO DE JANEIRO EM 18-7-1833

Leo-se a infô. do encarregado da contabilidade a cerca do reg.^o de José Pinto de Souza em q. pedia opagamento do q. vencera no mez de junho pp. como Cirurgião encarregado do tractamento dos doentes da Freg.^a de Iguassu resolveo-se a vista da informação do Snr. Provd.^{or} de Saude q. o Procurador pagasse 160 \$rs.

FALAM OS DOCUMENTOS...

Matoso Maia Forte, o historiador da terra fluminense, assegura que a primeira reunião da Câmara de Iguaçu realizou-se em 27 de junho de 1833. Diz Matoso Maia, textualmente:

«Competia á Câmara do Rio de Janeiro prover sobre a instalação da nova vila. Segundo a legislação e os usos da época cabia-lhe ter providenciado sobre a eleição dos sete edis, apurando-as e proclamando os eleitos. Tais formalidades devem ter sido preenchidas, porque a Câmara de Iguaçu, celebrando sua primeira sessão em 27 de junho de 1833, dava existência á vila...»

Os primeiros livros de atas da câmara de Iguaçu acham-se perdidos. Acreditamos estarem em Magé ou em Vassouras que devem tê-los recebidos conforme mandava o decreto que extinguiu Iguaçu. Fomos àquelas cidades mas, dispondo de pouco tempo, não completamos as pesquisas. Achamos, contudo, nas atas daquela época da câmara do Rio de Janeiro, importantes informações que abalam as asseverações de Matoso Maia. Assim, na 68ª. Sessão realizada em 11 de julho de 1833, encontra-se:

«O Snr. Presidente propoz que no dia 29 do corre. mez tivesse lugar a posse da C. Municipal da Vª. de Iguassu. foi unanime, aprodo.

E mais:

«O Secretario que se lhe mandasse fornecer um livro para ... e outro para as da (atas) Nova Villa de Iguassu»

Como a primeira sessão poderia se realizar em 27 de junho se os vereadores do Rio iriam dar posse aos da Vila em 29 de julho?

E, ainda mais, o Secretario, na sessão de 11 de julho, pedia livro de ata para Iguaçu?

Também na 69ª. sessão realizada em 13 de julho de 1833 lê-se:

«Officio do cidadão Bento Luiz Coutinho de Oliveira Braga novamente pedindo recusa do Cargo de Vereador da Câmara Municipal de Iguassu. Concedeo-se contra os votos dos Snrs. Brito, Teixeira, Torres e Magaes».

É de se notar, também, que na 70ª sessão da Câmara do Rio leu-se um officio do Juiz de Paz de Iguaçu, datado de 16 de julho, e portanto posterior a data que Matoso Maia confere a primeira sessão da Vila, onde o mesmo dá conta de trabalhos prestados por professor de saúde e boticários. Note-se, (Veja o capítulo: Febres, o grande espantinho) que o Juiz de Paz (nomeado pela Câmara do Rio, a quem dá obediência) é Francisco Martins Viana, que foi posteriormente presidente da recém creada Vila de Iguaçu.

Parece haver uma notícia anacrônica...

Os documentos falam...

Um grande documento da — História Iguaçuana —

Ao ser instalada a Vila de Iguaçu, desde as primeiras sessões realizadas na Câmara dos vereadores, a vida política do Município faria rumorosa história.

Dos primeiros vereadores que foram eleitos: Inácio Antonio do Amaral, Antonio Ferreira Neves, Feliciano José de Carvalho, Francisco Martins Viana, Domingos Francisco Ramos, Carlos José Moreira Barbosa e Bento Antonio Moreira Dias, os dois últimos já não compareciam as primeiras sessões.

Alguns eleitos desistiam antes mesmo da instalação da Câmara (Veja o capítulo: Falam os documentos).

As primeiras preocupações edis foram os subsídios dos empregados da Câmara. Assim, logo foram arbitradas, em vultuosas quantias (para a época) os honorários de Secretário porteiro e ajudante, respectivamente em 600\$000 Rs., 500\$000 Rs. e 150\$000 rs.

Com tais gastos ficariam os funcionários, logo ao primeiro ano, sem receberem seus pagamentos, não fosse o gesto do vereador Antonio Ferreira Neves que os supriu. A afilação, a receita maior do recém creado município, rendeu, em hasta publica, 400\$000 Rs. no primeiro ano e 504\$000 Rs. no segundo. Além da afilação, as receitas outras que foram de quitanda e carnes verdes, com poucas mais, não totalizavam mais que a primeira.

Mas a Câmara preocupava-se, sobretudo, com o provimento dos cargos e logo surgiram calorosas discussões sobre os de Juiz Municipal e de Órfãos. Este foi ocupado por José Martins Viana de Castro, irmão de Francisco Martins Viana, e aquele não aceito pelos esclarecidos da terra, ficou com um humilde lavrador.

Os povos de Inhomirim, integrantes do Município, não se sujeitaram às autoridades da Vila. No primeiro ano somente dois vereadores compareciam regularmente as reuniões: Francisco Martins Viana e Antonio Ferreira Neves. No segundo ano, dos vereadores eleitos, apenas o infatigável Francisco Martins Viana, comparecia, promovendo, contudo, a presença de substitutos.

Quando Inhomirim, fazendo carga, conseguiu a extinção da Vila, a Câmara estava representada por um vereador eleito, Francisco Martins Viana, presidente interino, e compunha-se mais dos substitutos João Manoel de Oliveira, Manoel Pimenta Sampaio, José Joaquim de Alarcão, Francisco José Soares, José Antonio Carrollos de Carvalho e José Joaquim de Azeredo Coutinho.

Quando, no entanto, na época da extinção, o município parecia uma débil organização política, resurge das cinzas, como uma poderosa Fênix!

A população iguaçuana faz, pelo advogado João José Noronha, (veja pag. 33) uma representação à Câmara, em 18 de maio.

A Câmara recorre à justiça do Imperador em uma reclamação encaminhada à Câmara Geral que a devolve em 8 de julho por não ser de sua competência.

Não esmorece, esta Câmara ad-hoc, e apresenta à Assembléia Legislativa, na presidência de Paulino José Soares de Souza, uma detalhada exposição de motivos, que vai assinada pelo persistente Francisco Martins Viana e os demais vereadores substitutos.

É esta peça, UM GRANDE DOCUMENTO DA HISTÓRIA IGUAÇUANA, que transcrevemos nas páginas seguintes, atualizada a ortografia, para maior compreensão dos leitores.

Exmo. Sr.

Sendo portador reconhecido, e já proclamado pelos nossos cidadãos que o artigo 2.º da lei de 13 de abril, do corrente ano, de Assembléa Legislativa da Província, sujeita aos habitantes das freguesias que formam este Município a uma pensão extraordinária qual a de recorrerem nas suas necessidades cívicas e judiciárias as Vilas de Vassouras e Magé, pelo fato da extinção da Vila de Iguaçu destruindo-se assim umas das importantes vantagens dos Povos, que são pelo sistema Federal e' que eles entendem um dos fins no complexo das Leis de Direito Civil Pátrio, devendo sempre ocupar a mente dos Legisladores desde as Assembléas Gerais até as Municipalidades, e neste sentido legando desejando seus cidadãos seus poderes aos Deputados a bem de que na feitura das Leis atendam sempre os constituintes as comodidades de seus constituintes um objeto presumível a necessidade da Reforma da Constituição, que criou as Assembléas Provinciais e deu um sentido mais amplo às atribuições das Câmaras Municipais: é claro Exmo. Sr. que a Câmara Municipal de Iguaçu devia necessária vacilar sobre o passo, que tem a dar no cumprimento das Portarias de V. Excia. datadas uma de 30 de abril, e outra de 16 de julho, e contudo Exmo. Sr. que ela conheça qual os seus deveres na pronta execução das ordens de V. Excia. também não deixa de conhecer a obrigação que tem de ponderar a V. Excia. digo, aos governantes os obstáculos, que se encontram na prática das Leis, assim pois entendendo a Câmara Municipal ela vai expor a V. Excia. o seguinte:

A comodidade dos habitantes do Município um dos deveres a que estão ligadas as Comarcas Municipais pelo artigo 40 e 71 da Lei do 1.º de outubro de 1828 (o que a Câmara Municipal de Iguaçu é obrigada a promover enquanto durar sua vida política) em virtude da qual e para sua observância eleita, e colocada por seus concidadãos vai ser destruída e alterada no seu Município e ela a representar um papel bem desairoso qual a de má procurada seja qual for a divisão que queira fazer nos distritos de sua Municipalidade uma vez que tem a fazer entre Magé e Vassouras, acarretando além disso sobre seus membros toda a qualidade de imprecações e a nota que os inabilitara de poderem jamais serem eleitos. A freguesia de Marapicú ocupa pouco mais ou menos um litoral de S. a N. de oito a dez léguas entre as freguesias pelo lado do S. Campo Grande, e curato de Santa Cruz pelo do N. Santa Ana do Pirai e Vassouras. Tem de largura em partes três, e em outras quatro à cinco léguas, pelo lado Leste confina com as Freguesias de Jacutinga e Iguaçu e da parte do Oeste com o Município de Tagoai e S. João do Príncipe. A fração desta freguesia que está mais ao N. e N. O. é só a que menos pesado seria a encravação no Município de Vassouras tendo de subir contido pela má serra de Santa Ana, ou pela do Rodeio com uma ponte a cair no lugar chamado Volta Redonda no rio Guandú, e uma estrada não cultivada carecendo além disso conduzir em seu barracão para não dormirem ao relento e mantimentos para se não sustentarem de água ardente e bananas, únicas coisas que mais efetivamente se encontram nas vendas por isso mesmo que sendo rica em produtos agrícolas abastada a classe dos lavradores em geral os Povos delas não precisarão mais que destas vantagens não poderão gozar todos os que tem de mendigar recursos, ou que vão exercer empregos.

Segue-se a freguesia de Jacutinga, sua extensão do S. ao N. pelo menos de cinco a seis léguas confina ao S. com a freguesia de Meriti ao N. com uma parte da freguesia de Marapicú e de Iguaçu, terá de largura entre três e meia a quatro léguas, nos diferentes pontos une-se pelo lado de Leste com a freguesia do Pilar cuja divisão é do Rio S. Bento; a Oeste com Marapicú. Seus moradores ou não de atravessar esta freguesia para seguir pela estrada do Rodeio (segundo suas diferentes localidades) ou toda de Iguaçu para seguir pela estrada do Comércio na serra do Tinguá, ou pela de Santa Ana todas de imensa distância, além das objeções já apontadas, uma vez designada para Vassouras. A freguesia de Iguaçu compreende um terreno de S. a N. de 3 léguas e meia; confina pelo S. com a freguesia de Jacutinga, ao Norte com as altas serras Tinguá e Werneck. Terá de largura de 5 a 5 léguas e meia, e' dividida pelo Leste com a freguesia do Pilar, e a Oeste a freguesia de Jacutinga, o trânsito para Vassouras e' pelas estradas já ditas, Tinguá e Santa Ana. A do Pilar ocupa um litoral de S. ao N. de seis léguas, e' dividida pelo S. pela Bahia do Rio de Janeiro, pelo N. as Serras do Coito e continuação da Estrêla, lhe serve de baluarte, terá de largura três léguas e meia, divide-se como a freguesia de Inhomirim a Leste, e a Oeste a de Iguaçu a separa. Não pode ser que se pratique uma injustiça manifesta ser unida à Vassouras e poder-se unir a Mage?

De certo que não, por quanto além da longitude e notar-se os mesmos inconvenientes que Vassouras tem, e com insuficiências de remédios por isso que essa Vila talvez com mais justiça deva ser extinta: acresce o exemplo de Inhomirim que sendo destinado para fazer parte integrante do Município de Iguaçu, os Povos requereram com as dificuldades que encontraram nessa medida foram atendidos e a-membrados ao Município de Magé. Resta, Exmo. Sr. a freguesia de S. João de Meriti: sua situação topográfica oferece o máximo das dificuldades quer se olhe para um quer para outro lado.

Ela forma o pedestal das freguesias descritas com pouca diferença nas freguesias extremas, Marapicú e Pilar. Ocupa o litoral de 6 a 7 léguas de Leste a Oeste pela parte de Leste e divide a Baía do Rio de Janeiro a oeste a serra de Gerici-nol e a freguesia do Campo Grande. Terá de largura de S. ao N. de um quarto de légua a duas horas e meia ou três confina ao S. com a freguesia de Irajá e Campo Grande, ao N. com a freguesia de Jacutinga a simples contemplação esta tarefa apresenta dificuldades, e a Câmara Municipal de Iguaçu Exmo. Sr. não se acha habitada para empreender um trabalho que será julgado por V. Excia. e do qual resultará inconvenientes que sem dúvida não de ser levados ao conhecimento de V. Excia. ou do Corpo Legislativo com justas increpações aos membros da Municipalidade de Iguaçu. Se todos os concidadãos tivessem bebido nas fontes de Platão, e de Aristóteles, constituindo-se assim Filósofos e Filantrópicos, dúvida nenhuma teríamos a empreender essa tarefa não só porque eles se achavam habilitadores para julgar com precisão dos nossos trabalhos como porque verdadeiros cidadãos amigos da Pátria todos os sacrifícios lhe seriam gratos.

A vista pois Exmo. Sr. do que acabamos de expor a V. Excia. cumpre decidir não só porque mais habilitado pelos reconhecidos talentos, e por efeito de sua autoridade como porque a lei assim o determina e muito razoável parece por isso que sendo a Câmara de Iguaçu, a sofredora não deve ser contemplada no número de Município interessados.

Sobre tudo Exmo. Sr. assaz lastimar a Câmara Municipal de Iguaçu, e com ela o Povo do seu Município, a colisão em que se acham entre o dever de respeitar e obedecer a lei, e os prejuízos e incômodos (talvez não considerados por nossos Legisladores) que tem de sofrer, não só para remediar as suas precisões judiciárias como quando houverem de prestar cada um de seus concidadãos o contingente necessário para o serviço de sua Pátria, e em tempos que o sucesso diário nos mostra quando não tragam o ódio, o despeito, e a indignação dêste ou daquele partido, traz infalivelmente o nenhum aprêço deles.

Bem quizeramos Exmo. Sr. ver operada a Reforma da nossa Constituição de uma maneira que bem satisfizesse nossas peculiares necessidades e não estando ainda bem habilitados os brasileiros para abraçarem sem oposição as disposições das leis e sendo também evidente que não poucas convirá, não deverem algumas ser executadas, cumpria que a autoridade do Governo da Província fôsse mais ostensiva, por isso que no período de dez meses que decorre de uma e outra reunião das Assembléas Provinciais a execução de uma lei defeituosa pode trazer consigo males insanáveis nas Províncias: os homens são os que fazem as leis, o erro é partilhar do homem.

Por último Exmo. Sr. desculpe V. Excia. as nossas faltas, elas não tem sido por erro de vontade e sim o entendimento, e forçoso é confessar a V. Excia. que os males que se lhes atribuem talvez não seja, bem fundado: difícil e sem dúvida a empreza de dirigir e representar Povos, e maior é o de satisfazê-los na época presente!

E se de fato existem erros, por um lado os membros que hoje representam essa Municipalidade, além de não ser a escolha do Povo sem dúvida não foram os que a colocaram nas dificuldades e por outro lado as febres paralizaram suas funções. Como crer Exmo. Sr. que hoje os cidadãos se sujeitem aos emprêgos com o intuito de fazer mal sem nenhuma recompensa? V. Excia. melhor conhece o estado do nosso edificio social. Deus guarde a V. Excia. muitos anos. Paço da Câmara Municipal de Iguaçu em 13 de agosto de 1835 Francisco Martins Viana. Presidente interino - João Manoel de Oliveira, Manoel Pimenta Sampaio, José Joaquim de Alarcão, Francisco José Soares, José Antonio Carrollos de Carvalho, José Joaquim de Azeredo Coutinho.

O EDUCADOR DO POVO

Iguaçu, pelos seus ilustres filhos, esteve presente a todos os quadros da nacionalidade.

Martim Corrêa de Sá, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, frei Francisco de Santa Tereza de Jesus Sampaio, Marquês de Itanhaen, João Manoel Pereira da Silva, Luiz Alves de Lima e Silva, Joaquim Eloi dos Santos Andrade, Conrado Jacob de Niemeyer Neto, João Antonio de Barros Junior, e outros iguaçuano, foram modelos nos campos de suas atividades.

Muitos, além dessas atividades fundamentais, foram jornalistas e políticos. Se o Brasil, entre as centenas, procurar qual foi o jornalista e político por excelência, a escolha recairá, certamente, no filho do secretário da Câmara da Vila de Iguaçu, Jacinto Pestana que, além de secretário era também, partidário de orfãos, contador, distribuidor nos feitos da justiça e agente do Correio da velha Iguaçu.

Foi, sem dúvida, este cidadão, chamado Francisco Rangel Pestana afilhado do Comendador Francisco José Soares, que, já aos 20 anos, fundava o jornal Timbira, o jornalista por excelência.

Sua grande fama de conferencista, frequentando os grêmios literários da Corte e de S. Paulo, vinha-lhe mais das publicações destas conferências que fazia.

Colaborou, com frequência, n.º "A Época" e no "Futuro" e aos 24 anos, a convite de Zacarias de Góes, redigiu Diário Oficial.

Fundou a Opinião Liberal de grande sucesso e o Correio Nacional.

Advogou brilhantemente, publicando defesas e acusações em A Gazeta.

Com a morte de seu pai, João Jacinto, que deixou a Vila de Iguaçu, consternada, libertou todos os seus escravos em Iguaçu e os de sua esposa, que possuía propriedades em São Paulo.

Lecionou Português e, partidário da instrução isolada, inaugurou um colégio para meninas em S. Paulo, onde fundou o jornal «A Província de São Paulo», hoje «O Estado de São Paulo» um dos maiores diários da América do Sul.

Deputado várias vezes, fez parte do triunvirato que governou São Paulo nos primeiros períodos da República.

Depois de João Manoel Pereira da Silva, foi o segundo iguaçuano a governar a antiga província do Rio de Janeiro.

O antigo colaborador de Barros Junior, no primeiro jornal iguaçuano, «O Libertador», considerado um dos maiores propagadores, com ele, das idéias Abolicionistas e Republicanas, Rangel Pestana, pode ser, mui justamente escolhido o patrono dos jornalistas.

Desde Iguaçu, onde recusou o apoio na política do Comendador Francisco José Soares por ser republicano, contrárias às idéias deste, Rangel Pestana se mostrou de grande independência, recusando também o cargo do Supremo Tribunal, por não se deixar envolver em compromissos políticos que fariam calar o jornalista.

Foi Senador e Presidente do Banco da República, nunca, no entanto, deixando o jornal.

Os jornalistas poderiam elegê-lo seu patrono mas, neste modesto trabalho de imagens sobre sua terra natal vamos dar ao filho do secretário da Câmara de Iguaçu um título ainda não conferido:

Ao iguaçuano Francisco Rangel Pestana, que fundou a primeira escola particular gratuita, mantida às suas expensas, para que seja exemplo aos homens abastados ajudar a instruir os menos favorecidos da sorte;

Ao iguaçuano Francisco Rangel Pestana, que esclarecia honestamente o povo, não aceitando situações de fortuna, para não mentir a este povo;

A este corajoso que enfrentou, o poder e a fortuna para informar e instruir, um título, que parte da terra em que nasceu:

FRANCISCO RANGEL PESTANA, O EDUCADOR DO POVO!

ÍNDICE ONOMÁSTICO 1.º VOLUME

A

Abrantes, Marquês de, 40
 Abreu, Coronel Júlio de, 57
 Adauges, Pe. Eliseu Augusto, 29
 Aguiar, João Moreira de, 84
 Alarcão, José Rendon de Luna Quebedo, 37
 Alarcão Joaquim Lôbo 20, 87
 Alarcão, Luiz Lôbo, 22, 95
 Albuquerque, Dr. Adolfo Gomes 57
 Albuquerque, Antonio de 39, 63
 Alcantara Amador Pedro de, 85
 Aljezur, Conde de, veja Coutinho, Fco. de Lemos de Faria Pereira
 Almeida, Antonio Francisco de, 91
 Almeida, Antonio Joaquim P. de, 20
 Almeida, Bento Santos de, 101
 Almeida, Cenira de Melo, 123
 Almeida, Francisco de Assis de, 109
 Almeida, Fernando Mendes de, 57
 Almeida, Henrique de Melo, 123
 Almeida, João Manoel de, 86
 Almeida, Joaquim dos Santos Leal, 112
 Almeida, José Joaquim de, 81, 89
 Almeida, Marcelino Antonio de, 94
 Almeida, Marcelino José de, 93
 Almeida, Manoel Alves de, 97
 Almeida, Miguel Joaquim de, 52
 Almeida, Capitão Mário de Moura 115
 Almeida, Salustiano Alves de, 117, 123
 Alvarenga, Antonio Carlos Caldas de, 22
 Alvarenga, Tomé Corrêa de, 8, 9
 Alves Sobrinho, Augusto Francisco, 84
 Alves, Déa Soares, 124
 Alves, Bernardo Antonio, 88
 Alves, Dulce Soares, 124
 Alves, Júnior® Marcelo, 124
 Alves José Bernardo, 95
 Alves Manoel de Moura, 93
 Alves Júnior Marcel, 119
 Amaral, Antonio da Silva 93
 Amaral, Francisca Xavier de, 96
 Amaral, Inácio Antonio de Souza, 13, 16, 30, 64, 80, 86, 98
 Amaral, Inácio Francisco, 95
 Amaral, Joaquim José de, 86
 Amaral, Luiz de Souza, 93
 Amaral, Comendador Souza 13
 Amaro, 2.º Visconde de Santo, 17
 Américo Antonio José, 22, 88

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

Amorim, Elisa Maria do, 16
 Anastácio, Francisco de Paula, 91
 Anchieta, José de, 10
 Andrade, Ana de Araujo e, 37
 Andrade, Francisco de Araujo e, 37, 38
 Andrade, Francisco de Freire de, 9
 Andrade, Jesuina Gertrudes de, 75
 Andrade, Joaquim Eloi dos Santos, 75, 103, 128
 Andrade, Joaquim Pedro de, 20,
 Andrade, Inácio de, 47,
 Andrade, Maria de, 47,
 Andrade, D. Maria José de Paiva, 86,
 Andrade, Manoel dos Santos, 75,
 Andrade, Manoel Dias de, 90,
 Andrade, Manoel Freire de, 9,
 Angeli, Delmar Soares, 121,
 Angeli, Neide Soares, 124,
 Angeli, Maria da Glória, 122,
 Angeli, Olga Soares, 121, 124
 Angeli, Osvaldo Soares, 121,
 Angeli, Rafael, 121,
 Anjos, Manoel Vieira dos, 69,
 Anjos, Frei Miguel dos, 58,
 Antunes, Antonio de Souza, 52,
 Araujo Antonio José, 97,
 Araujo, Benifácio Manoel de, 89,
 Araujo, Enoch José, 89,
 Araujo, Estulano Nunes de, 90,
 Araujo, Manoel Alves de, 94,
 Araujo, José Manoel Antonio de, 83,
 Araujo, D. Manoel de Monte Rodrigues de (Conde de Irajá) 29,
 Araujo, Maria José de, 16,
 Araujo, Ricardo Antonio, 88,
 Assunção, João Inácio da, 97,
 Assis, José Maria Machado de, 10,
 Assunção, Felismino José da, 91,
 Assunção, José Estanislau da, 20, 83
 Ascoli, Otávio, 100,
 Athayde, Manoel Martins de, 87,
 Autoguaia, Antonio, 107,
 Avelar, Ribeiro, 43, 58
 Azambuja, Antonio Moreira de Souza, 90,
 Azeredo, Maria de Melo Coutinho e, 37,
 Azeredo, Silvino Martins de, 105,
 Azevedo, Aristoteles de, 116, 121

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

Azevedo, Celina Soares de, 121,
 Azevedo, Joaquim Paulo, 112,
 Azevedo, Neya Soares de, 121,
 Azevedo, Tel Soares, de, 121,

B

Baldy, Napoleão José Adriano, 22, 52
 Barbacena, Visconde de, 54,
 Barbalho, Jerônimo, 8
 Barbosa, Antonio, 49,
 Barbosa, Antonio Joaquim, 80, 82
 Barbosa, André Pereira, 90,
 Barbosa, Bento José, 97,
 Barbosa, Carlos José Moreira, 30,
 Barbosa, Domingos, 47,
 Barbosa, Feliciano José dos Santos, 83,
 Barbosa, Francisco Lopes, 83,
 Barbosa, Gregório dos Santos, 94, 95
 Barbosa, Higino Corrêa, 88,
 Barbosa, Joaquim Pereira, 88,
 Barbosa, José Alves, 90,
 Barbosa, Laurindo Antonio, 89,
 Barbosa, Luiz Pereira, 20,
 Barbosa, Paulina de Souza, 101,
 Barbosa, Thales, 119
 Barbosa, Virgílio Cespede, 93,
 Barcelos, Antonio Alberto de, 94,
 Barcelos, D. Joana, 56,
 Barreto, Capitão Augusto da Costa Almeida, 22, 80, 96
 Barreto, Frederico da Costa, 96,
 Barreto, Maria Augusta da Costa Almeida, 22
 Barros, Ana Teodora Mascarenhas, 96,
 Barros, Cristovão de, 18, 39, 58
 Barros, Joaquina Amélia de Oliveira de, 71,
 Barros, José da Costa, 96, 97,
 Barros Jr. João Antonio de, 24, 71, 103, 104, 127
 Barros, Manoel Baltazar, 94,
 Barros, Marcelino da Costa, 47, 58,
 Barros, Newton Gonçalves de, 127,
 Barroso, Cerespedião, 20
 Bastos, Pe. Alfredo da Silva, 29
 Bastos, Antonio José Vieira, 83,
 Bastos José Gonçalves Ferreira, 87,
 Bastos, Francisca de Melo, 123,
 Bastos, Isolete de Melo, 123,
 Bastos, Joaquim Gonçalves, 84, 85, 86
 Bastos, José, 117, 123,
 Bastos, José do Egito, 93,
 Bastos, José Gonçalves, 86,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

B

Bastos, José de Melo, 123,
 Bastos, Manoel de Souza Teixeira, 90
 Bastos, Manoel G. 20,
 Bastos, Milton de Melo, 123,
 Bastos, Otilia de Melo, 123,
 Beltrão, Maria Angelina, 41,
 Beirute, Humberto, 102,
 Benevides, Salvador Corrêa de Sá, e 8, 9,
 Bezerra, Agostinho Barbalho, 8, 9,
 Bezerra, Luiz Barbalho, 8,
 Bittencourt, Antonio Teles, 97,
 Bittencourt, João Teles, 100,
 Boaventura, Fortunato, 44,
 Botelho, Simão, 58,
 Braga, Amália do Couto, 22,
 Braga, Comendador Bento Luiz Coutinho de Oliveira, 92, 94,
 Braga, Lino da Silva, 20, 89,
 Braga, Luiz Coutinho de Oliveira, 86,
 Braga, Otávio Ribeiro Faria, 57,
 Braga, Teodoro José Joaquim, 84,
 Bragança, Maria Isabel de, 16,
 Brandão, Clementino José, 90,
 Branco, Frederico Castelo, 98,
 Branco, Gabriel Ferreira, 22,
 Brant, Pedro Caldeira (Conde de Iguacu), 16, 47,
 Brant, Ildefonso de Oliveira Caldeira (Visconde de Gericinó), 16,
 Brito, Antonio Joaquim, 89,
 Brito, Joaquim Moreira, 89,
 Brito Manoel Antonio Alves, 81, 82, 86
 Brigagão Alberto Nunes 105,
 Bueno, Francisco de Moraes da Silva, 83,
 Bougainville, 15,

C

Cabral, Jacinto José, 20 93,
 Cabral, Luiz da Silva, 93,
 Cabral, Capitão Miguel, 47,
 Cabral, Tenente Roberto, 105,
 Caetano, Joaquim José, 84,
 Caldas, Honório Francisco, 63,
 Caldeira, Antonio da Silva, 12,
 Caldeira, Marise Soares, 124,
 Caldeira, José, 118, 124,
 Calixta, 6, 7,
 Calmek, 10,
 Câmara, Antonio José, 97,
 Câmara, José Maciel Gago da, 20, 80,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

C

Camargo, José Maria Pires, 20,
 Camarinha, Joaquim Antonio da Silva, 47, 52, 90, 91
 Campêlo, Antonio Quitêrio da Silva, 69,
 Campos, Felipe de Almeida, 84,
 Campos, Joaquim Isidoro da Silva, 81,
 Campos, José Antonio, 94,
 Cândido, Paula, 13,
 Canto, Antonio Francisco do, 30,
 Cardal, Maria do, 44,
 Cardoso, Antonio José, 90,
 Cardoso, Ernesto, 57,
 Cardoso, Hermógenes Dias, 96,
 Cardoso, João Tomás, 96,
 Cardoso, Joaquim José, 88,
 Cardoso, José Pedro, 105,
 Cardoso Neto Tomé, 69,
 Carmelo, Pe. Antonio, 29,
 Carmo, Antonio Joaquim do, 88,
 Carneiro, Amélia Soares, 121,
 Carneiro, Amélia, 116, 121,
 Carneiro, Bento José, 94,
 Carneiro, Carlos, 113, 116,
 Carneiro, Carlos, Soares, 121,
 carneiro, Delmar Soares, 116,
 carneiro, conselheiro Francisco José Alves, 94,
 carneiro, conselheiro Manoel Alves, 58, 84,
 carneiro, Manoel Antonio Rodrigues, 84,
 Carc, Amalia Jacinta de, 97,
 carvalho, Antonio José de, 92, 95,
 Carvalho, capitão Bento Pereira de Bulhões 8, 20, 29, 92
 Carvalho, Carlos Alberto Soares de, 124,
 Carvalho, Domingos Ribeiro de, 83,
 carvalho, Domingos carolino de, 20,
 carvalho, Feliciano José de, 30, 141,
 carvalho, Francisco Pereira de Bulhões, 20, 80, 91, 92
 carvalho, Franklin cordeiro de, 57,
 carvalho, José Pereira de Bulhões, 92,
 carvalho, Hermogênio Dias de, 80
 carvalho, Isabel Pereira de, 36,
 carvalho, José Antonio carrollos de, 141, 143,
 carvalho, José Pereira de Bulhões, 92,
 carvalho, Manoel Gonçalves de, 85,
 carvalho, Silvia Soares de, 124,
 Casado, Plínio, 105,
 Castilho, Antonio José de, 81, 112,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

C

Castilho, Célia Nidia Menezes de, 123,
 Castilho, Elza Melo Menezes de, 117, 123,
 Castilho, Ercio Claudio de Menezes de, 123,
 Castilho, Jorge Silvio Menezes de, 123,
 Castilho, Luiz Claudio de, 117, 123
 Castilho, Nirce Maria Menezes de, 123,
 Castro, Antonio de, 85,
 Castro, Candido José de, 92,
 Castro, Capitão Francisco Xavier, 5,
 Castro, José Martins Viana de, 141,
 Castro, Mariana Soares 109,
 Castro, Tomás Dionisio de, 92, 94,
 Cavalcanti, Cledon, 105,
 Chagas, Frei José Mauro, das, 18,
 Chagas, José Targino das, 22,
 Chagas, Marcelino José das, 84, 87,
 Chaves, Antonio Guedes, 51, 83, 84
 Chaves, Salerno José da Costa, 89,
 Chaves, Jospe da Rocha, 109,
 Chaves, José Antonio, 89,
 chefe, Nicolau Maria, 98,
 claro, Capitão Domingos José, 20, 52, 87
 clerc, Jean François Du, (Capitão de Fragata), 4, 5,
 cloes, Domingos João, 89,
 coelho, Manoel Inácio de Andrade Souto Maior Pinto (Marquês de Itanhaen), 17, 21, 38, 40, 41, 88, 144
 coelho, Maria, 36,
 conceição, Germano Corrêa da, 96,
 conceição, Laureana Maria da, 89,
 conceição, Rita Maria, 69,
 constança, 6 e 7,
 cordeiro, Jarbas, 127,
 Corga, João Domingues, 97,
 corrêa, Alfredo Alves da Cunha, 22,
 corrêa, Maria Agueda, 69,
 corrêa, Luiz, 83,
 corrêa, Manoel José, 89,
 corrêa, Miguel Francisco, 84, 85,
 Cortes, Joaquim Rodrigues, 97,
 Cortes, Januário da costa, 22, 52, 99
 Cortes, Miguel Rodrigues, 96,
 Costa, Alvaro Noronha da, 127,
 Costa, Antonio J. P. da, 20, 86,
 Costa, Capitão Dionisio José da, 20, 29, 88
 Costa, Bernardo Joaquim da, 92,
 Costa, João Vicente da, 90,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

C

Costa, Francisco Vicente da, 90
 Costa, João Afonso da, 20, 92
 Costa, João Dantas da, 85
 Costa, Joaquim Fernandes da, 85
 Costa, Joaquim Francisco da, 85
 Costa, José Afonso da, 93
 Costa, José Jambo da, 127
 Costa, José Maria da, 88
 Costa, Luiz Antonio da, 47
 Costa Manoel Afonso da, 20, 93
 Costa, Tiago José da, 92
 Costa, Valério José da, 94
 Coutinho, Joaquim José da, 13
 Coutinho, Ambrósio de Souza, 96
 Coutinho, Capitão Bento do Amaral, 5
 Coutinho, Bernardo Garcia de Azeredo, 96
 Coutinho, Clara Augusta de Bulhões, 96
 Coutinho, Clarindo Vargas de Azeredo, 20, 80, 83, 86
 Coutinho, Clemente de Azeredo (Senhor de Itauna), 36
 Coutinho, Cosme de Menezes, 92, 93
 Coutinho, Domingos de Azeredo (1.º do nome), 36
 Coutinho, Domingos de Azeredo (2.º do nome), 36
 Coutinho, Francisco de Lemos de Faria Pereira (1.º do nome), 22, 37
 40, 41, 42, 44, 144
 Coutinho, Desembargador Francisco de Lemos de Faria Pereira (2.º do nome) 38, 44
 Coutinho, Francisco de Lemos de Faria Pereira, (3.º do nome), 17, 20,
 21, 38, 45, 47, 74, 87, 88
 Coutinho, Francisco Inocência Souza, 133
 Coutinho, Helena de Andrade Souto Maior, 37
 Coutinho, Helena Josefa de Andrade Souto Maior, 37
 Coutinho, João Pereira Ramos de Azeredo, 20,
 Coutinho, João da Mata, 95
 Coutinho, Desembargador João Pereira Ramos de Azeredo, 26, 40, 41,
 31, 44
 Coutinho, José dos Santos, 91
 Coutinho, José Joaquim de Azeredo, 80, 141, 143
 Coutinho, Joaquim José, 137
 Coutinho, Luiza claudiana de Azeredo, 96
 Coutinho, Manoel J. 20
 Coutinho, Marcos de Azeredo, (1.º do nome), 36
 Coutinho, Marcos de Azeredo (2.º do nome) 36
 Coutinho, Vicente de Souza, 133
 Couto, José Maria do, 112
 Couto, João Pereira Ramos de Azeredo, 87

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

C

Couto, Manoel Tomas de, 84
 Couto, Tomé Alvares Moreira do, 36
 Cubas, Braz, 58
 Cunha, Antonia Tenreiro da, 36
 Cunha, Antonio Pinto Coelho da, 38
 Cunha, Isidoro José da, 90
 Cunha, Lúcio dos Santos, 97
 Cunha, Maria Carolina Pinto Coelho da, 38, 45
 Cunha, Maria da, 43
 Craveiro, Francisco Gonçalves, 93
 Cristo, Jesús, 29
 Cruz, Francisco Teixeira Pinto, 97
 Cruz, João Martins, 83
 Cruz, José da Costa, 83
 Cruz, José Gonçalves, 20, 52, 88
 Cruz, Manoel Domingues da, 135
 Cruz, Manoel Gonçalves, 88

D

Dantas, José Maria, 87
 Dantas, Alferes Luiz João e Vargas, 88
 Darnein, Georges, 15
 Delfino, Francisco, 138
 Dias, Antonio Moreira, 30
 Dias, Antonio Machado, 81
 Dias, Bento Antonio Moreira, 36, 141
 Dias, Engracia Flavia de Macedo Oliveira, 22
 Dias, Fortunato José, 138
 Dias, João José de Almeida, 90
 Dias, Joaquim José, 80, 93, 94
 Dias, Pereira, 106
 Dinis, Antonio Alves, 20
 Drumond, José da Costa, 99
 Drumond, Luiz José Ramos, 52, 90
 Drumond, Antonio de Vasconcelos de, 107
 Duarte, Antonio Pinto, 47, 72
 Duarte, Delfim Pinto 47
 Duarte, Francisco Pinto (Barão de Tinguá) 17, 30, 47, 55, 72, 82, 84, 98, 103, 110
 Duarte, Alferes Luiz Pinto, 20
 Duclerc, 39
 Duperrey, 15
 Durão, Ozarias Pereira da Silva, 20, 47

E

Espirito Santo, Luiza Mariana, 109

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

E

Espindola, Manoel José de Souza, 85
 Evangelista, Lucas de Deus, 97
 Eu, Conde, 61
 Expilly, Charles, 6

F

Faria, Francisco Inácio do Nascimento, 19, 98
 Faria, Francisco de Lemos de, 36
 Faria, Joaquim Inácio do Nascimento, 20, 81, 82
 Faria, João Marquês de, 85
 Faria, João Pereira de, 93
 Faria, Manoel Pereira Ramos de Lemos, e 37
 Faria, Rocha, 26
 Fazenda, Vieira da, 10
 Feitosa, Jovita Alves, 103, 127,
 Felipe, José, 47
 Fernandes, Antonio José, 86
 Ferraz, Antonio Lopes, 97
 Ferreira, Antonio Pedro, 91
 Ferreira, Antonio Vicente, 69
 Ferreira, Custódio José, 93
 Ferreira, João, 43
 Ferreira, João de Veras, 43
 Ferreira, Manoel José, 83, 135, 136
 Ferreira, Marquiza, 8
 Ferreira, Rufino José, 57
 Figueira, José Mendes, 52
 Filho, Celso Gonçalves, 116
 Figueiredo, Manoel José Mendes, de, 52
 Figueira, José Duarte, 93
 Fisquet, 15
 Flóes, Antonio Joaquim Pereira, 89
 Flores, João José, 82
 Fluminense, Maximiano da Silva Campos, 82
 Fonseca, Bento Antonio da, 93
 Fonseca, Deodoro, da 11
 Fonseca, Jacinto José da, 94
 Fonseca, Luiz João da, 22, 95
 Fonseca, Romão José da, 137, 138
 Fonseca, Simplicio José da, 137,
 Fontes, Antonio Joaquim da Silva, 22
 Fontes, Marquês da, 40,
 Forte, José Matos e Maia, 43, 140,
 Fortes, Bento Rodrigues, 93,
 Fortes, Felipe Rodrigues, 135,
 Fortes, José R. dos, 20,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

F

Fraga, Padre José Cardoso da, 47,
 Fraga, José Dias, 92,
 França, Candido Luiz de, 134,
 França, Luiza Carolina de, 88,
 Freire, Eugênio Inácio Luiz de Sá, 47, 88,
 Freitas, Alvaro José de, 83, 94,
 Freitas, Antonio de, 19,
 Freitas, Antonio Bernardes de, 117, 123,
 Freitas, Celeste Soares de, 116,
 Freitas, Celina Soares de, 116,
 Freitas, Dayse Melo, 124,
 Freitas, Dely Melo, 124,
 Freitas, Dina Melo, 123,
 Freitas, Dyrce Melo, 124,
 Freitas, Ernani Soares de, 121,
 Freitas, Galeno Soares de, 121,
 Freitas, Graciela Pôrto, 116, 121,
 Freitas, Hortência Soares de, 116,
 Freitas, Ernani Soares de, 116,
 Freitas, Manoel Antonio Barbosa de, 84,
 Freitas, Olivia Soares de, 116,
 Freitas, Sebastião Guimarães, 113, 116,
 Freitas, Sidney Melo, 123,
 Freycenet, 15,
 Frontin, Paulo de, 57, 70, 105,

G

Guedes, José, 116,
 Gaia, Afonso de, 43,
 Geraldino, Onofre, 113,
 Gil, Francisco José Bernardes da Silva, 81, 82,
 Giovani, Angelo 116,
 Gomes, Antonio Teixeira, 69,
 Gomes, Basílio José, 19,
 Gomes, Inácio, 47,
 Gomes, João Antonio de Souza, 12,
 Gomes, Joaquim Monteiro, 83,
 Gomes, Padre Joaquim da Serra, 48,
 Gomes, Jerônimo Rodrigues, 33,
 Gomes, Luciano, 47,
 Gonçalves, Antonio Batista, 94, 95,
 Gonçalves, Antonio Joaquim, 96,
 Gonçalves, Joaquim Antonio Pereira, 83,
 Gonçalves Junior, José, 20,
 Gonçalves, José Antonio, 132,
 Gonçalves, José Joaquim, 83, 84,
 Gonçalves, Luiz José, 85,

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

G

Gonçalves, Quintiliano José, 91
 Gonçalves, Pedro Gaspar Major, 20
 Gonçalves, Tomé, 69
 Goulart, Manoel da Rocha, 115
 Gouvêa, Francisco Gonçalves de, 69
 Graham Maria, 15
 Grandão, Clementino José, 52, 138
 Guriento, Francisco, 78
 Guadalupe, José Maria, 69
 Guedes, José, 120
 Guedes, Helvecia Soares, 120
 Guedes, Marcio Soares, 120
 Guedes, Max Soares, 120
 Guerhar Miguel, 138
 Guerra, Dr. Joaquim Tavares, 49, 59, 99
 Guimarães, Dr. Alexandre José do Amaral Silva, 96
 Guimarães, Antonio de Araujo, 83
 Guimarães, Elpidio José Soares, 98
 Guimarães, Francisco Alves, 84
 Guimarães, Capitão João Antonio de Araujo, 87
 Guimarães, João de Souza Alves, 97
 Guimarães, Joaquim Ferreira, 138
 Guimarães, Antonio Teixeira, 83
 Guimarães, Luiz, 51, 102
 Guimarães, Serafim Rabelo e, 94
 Guimarães, Silvio, 105

H

Haddad, José, 54
 Homem, Domingos Machado, 57
 Howard, Isaac, 19
 Humberto, Adayl Soares, 124
 Humberto, Franklin, 121, 124
 Humberto, José Maury Soares, 124
 Humberto, Ctayr Soares, 124
 Humberto, Marieta Jandira Soares, 124
 Humberto, Waldir Soares, 124
 Humberto, Walter Soares, 124

I

Itanhaen, Marques de Veja Coelho Manoel Inácio de Andrade Souto Maior
 Pinto,

J

Jacutinga, (Pai) Luiz José Alves, 86
 Jacutinga, Filho, Luiz José Alves, 86
 Jardim, Gaspar Pereira de Carvalho e, 36

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

J

Jesus, Catarina Maria de, 93
 Jesus, Elisiaria Rosa de, 94
 Jesus, Frei Agostinho de, 18
 Jesus, Frei Francisco de, 58
 Jesus, Inácia Maria de, 69
 Jesus, Manoel das Chagas de, 96
 Jesus, Maria Soares de, 113
 Jesus, Maria Inácia de, 69
 Jesus, Maria Tereza de, 89
 Jesus, Perpétua Maria de, 69
 Jesus, Rosa Maria de, 69
 Jesus, Tereza Maria de, 69
 João VI 18, 41, 77
 Jerdão, Candido da Silva, 137
 Jorge, Francisco Pereira, 47
 Jorge, Manoel José Caetano, 82
 Junqueira, Djalma de Oliveira, 196

K

Kidder, Daniel Parrish, 14, 22

L

Lacerda, D. Pedro Maria de, 19
 Lamego, Alberto, 72
 Laranjeira, Antonio, 59
 La-Place, 15
 La - Salle, 15
 Leal, José Joaquim da Cunha, 85
 Leal, Maria Gertrudes Vieira, 22
 Leal, Modesto, 52, 62, 68
 Leite, Auréa Soares, 122
 Leite, Padre Antonio Mota, 43
 Leite, França e, 25
 Leite, Julio da Costa, 97
 Leite, Laércio Soares, 122
 Leite, Lucio, 122
 Leme, Tenente Francisco Ernesto Paes, 119
 Leme, Coronel Francisco Paes, 119
 Leme, Garcia Rodrigues Paes, 86
 Leme, Maria Paes, 119
 Leme, Pedro Dias Paes (Marquês de S. J. Marcos) 16, 56
 Lemos, Francisco Paes, 115
 Lemos, Francisco de, 111
 Lemos, Francisco Joaquim de, 97
 Lemos, João Pereira, 47

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

L

Lemos José Francisco de, 97
 Leite, Lucio, 116
 Lemos, Micaela Pereira de Faria e, 16, 46
 Lemos, Micaela Joaquina Pereira de Faria e, 37
 Lima, Antonio Ferreira de Souza, 84
 Lima, Francisco José Alves, 109
 Lima, Rosa Lôbo de Almeida, 109
 Lisboa, Dr. Arrojado, 57
 Lisboa, José Maria, 91
 Lisboa, Dr. Venancio José de Oliveira, 103
 Lisboa, Victor José Duarte, 81
 Lôbo, Joaquim Pinto, 97
 Lôbo, Dr. Luiz Alves de Souza, 12, 20, 82
 Lopes, Antonio Martins, 86
 Lopes, Pedro José, 93
 Lopes, Sebastião da Cunha, 137
 Loureiro, Antonio Maris de (Padre) 36, 43
 Loureiro, Diogo Marins de, 36
 Loureiro, José Pereira de, 83, 94
 Luiz V, 128
 Luna, Ana de Alarcão e, 37
 Luna, Ana de Alarcão e (2.ª do Nome) 38
 Luna, Ana Rosaura Rita de Alarcão e, 37

M

Mabillon, 10
 Macedo, Antonio Pereira 96
 Macedo, Alferes Candido Luiz Teles de, 20
 Macedo, José Alves, 109
 Macedo, José Inácio, 94
 Macedo, Manoel Juvencio Coimbra de, 98
 Macedo, Paula Rangel (1.º do nome) 36
 Macedo, Paula Rangel de, (2.ª do nome), 36
 Macedo, Tomé Rodrigues, de, 84
 Machado, Antonio José Faria, 112
 Machado, Filho, Dr. Deoclecio Dias, 127
 Machado, Francisco, 85
 Machado, Inácio de Andrade, 37
 Machado, João Dias, 92, 93 94
 Machado, Joaquim José, 87,
 Machado, Sobrinho, José Luiz, 86
 Machado, Luiz de Barcellos, 43
 Machado, Leopoldo, 127
 Maciel, Padre Antonio, 47
 Maciel Apolinário Capitão, 47
 Maciel, Tomás Henrique, 95

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Maciel, Belchior Ponte, 37
 Maciel, Paulo Francisco, 133
 Madalena, Padre Antonio de Santa Maria, 29, 58, 87, 88, 112
 Mafra, Antenor Martes, 118
 Magalhães, Estevão Alves de, 139
 Magalhães, Alzira Rosa Melo de Menezes, 123
 Magalhães, Gualter Maria Menezes de, 123
 Magalhães, Helio Gerson Menezes de, 123
 Magalhães, Honório Pinto Pereira de, 117, 123
 Magalhães, José Geraldo Menezes de, 123
 Magalhães, João Agostinho Pereira, 94
 Magalhães, Luiz Felipe Menezes de, 123
 Magalhães, Maria Helena Menezes de, 123
 Magalhães, Tereza Celeste de Menezes de, 123
 Maia, Antonio Ribeiro, 85
 Maior, Helena de Scuto Maior (viuva da Pedra) 37
 Maior, Helena Andrade Souto (1.ª do nome) 36, 40, 44, 46
 Maior, Helena de Andrade Souto (2a. do nome) 36
 Maior, Helena de Andrade Souto (3a. do nome) 36
 Maior, Inácio de Audrade Souto (1º. do nome) 37, 38, 40
 Maior, Inácio de Andrade Souto (2.º do nome) 37
 Maior, Brigadeiro Inácio de Andrade Souto (3.º do nome) 21
 Maior, José de Andrade Souto (senhor de Jericim) 37
 Maior, Maria de Andrade Souto, 33
 Malheiro, Frutuosa Perpétua de Queiroz, 94
 Maria II, D. 107
 Marinho, Bento 112
 Mariano, Bento José, 90
 Marinho, Hérculo Máximo, 22
 Marinho, Joaquim Coelho 81, 112
 Marins, Marcos José de, 87
 Marins, Manoel de, 43
 Marins, Maria de, 36
 Martins, Antonio José, 82
 Mazza, Gaudêncio dos Santos, 135
 Matos, Carlos 101, 106
 Matos, Emidio Barbosa de, 92, 93
 Matos, Francisco José de, 90
 Matos, João Caetano de, 87
 Matos, João Rodrigues de, 92, 93
 Matos, Joaquim de, 97
 Matos, Luiz José da Costa, 81
 Matos, Monoel de Azevedo, 61
 Máximo, Lourenço, 84
 Medeiros, Joaquim Pinto de, 85

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Meireles, Casemiro, 54
 Meireles, Joaquim Alves, 81
 Melo, Acy Soares de, 118
 Melo, Adayl Soares de Souza, 117
 Melo, Aladyr Soares de Souza e, 123
 Melo, Aladyl Soares de Souza, 122
 Melo, Alayr Soares de Souza e, 123
 Melo, Alarico de Barros Souza e, 117, 123
 Melo, Alberto Soares de Souza e, 114, 118
 Melo, Albertina Soares de, 116, 121, 122
 Melo, Coronel Alberto Soares de Souza e, 55, 100, 101
 Melo, Junior Alberto Soares de Souza e, (B 138) 118
 Melo, Alberto Soares de Souza e, (B 143), 118
 Melo, Moméro Pereira de, 113
 Melo, Filho, Alberto Soares de Souza e, (B 145), 113, 114, 118, 124
 Melo, Alberto Soares de Souza, 112, 118
 Melo, Alcebiades Soares (B 74) 116, 122
 Melo, Alcebiades Soares de Souza, (B 112), 117
 Melo, Alciro Soares de Souza e, 124
 Melo, Alice Corrêa de, 122
 Melo, Alice Silveira Corrêa, 117
 Melo, Alirio Soares de, 117
 Melo, Capitão Alvaro Soares de Souza, 114, 117, 122
 Melo, Alzira, 123
 Melo, Alzira Augusta Soares de, 114
 Melo, Américo Vespúcio de Barros Souza e, 44, 117, 128
 Melo, Aracy Soares de, 118
 Melo, Artur Soares de Souza e, 114
 Melo, Ary Soares de Souza e, 118
 Melo, Bernardino José de Souza, 71, 112, 113, 114, 118, 128
 Melo, Junior, Bernardino José de Souza e, 49, 71, 100, 114
 Melo, Junior, Coronel Bernardino José de Souza e, (N 46) 100, 114
 Melo, Carlota Soares de, 117, 122
 Melo, Carmen Soares, 122
 Melo, Cecilia Soares de, 117
 Melo, Cenira Soares de, 117
 Melo, D. Cipriana Maria Soares de, 71, 112, 114
 Melo, Cipriana Soares de, 114, 118
 Melc, Clarice Soares de, 122
 Melo, Clemente Pereira de Azeredo Coutinho de, 37
 Melo, Gleofas Pereira, 122
 Melo, Dr. Décio Soares de Souza, 118, 124
 Melo, Dilson Pereira de Souza e, 124
 Melo, Dilson Soares de Souza e, 118
 Melo, Dina de Barros Souza, 117
 Melo, Dr. Dino de Barros Souza e (B 132) 117

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Melo, Dino de Barros Souza e (B 162) 123
 Melo, Dinorah Soares de, 118
 Melo, Diva Soares de, 117
 Melo, Dilecia de Souza e, 124
 Melo, Edgard Soares de Souza e, 118, 124
 Melo, Edilberto de Barros Souza, 117
 Melo, Elvira Soares de, 117, 123
 Melo, Etelvina Nunes, 117, 123
 Melo, Etelvina Soares de Souza e, 114
 Melo, Eunice Soares e, 123
 Melo, Luiz Soares de Souza, 111
 Melo, Francisca Madeira da Silva, 114, 117
 Melo, Francina Soares e, 118
 Melo, Francisca Soares de, 114
 Melo, Filho Francisco, 123
 Melo, Francisco Soares de Souza e, 114
 Melo, Francisco Luiz Soares de Souza (N 39) 50, 74, 112, 117, 123
 Melo, Geraldina Pereira, 122
 Melo, Gutemberg Pereira, 122
 Melo, Coronel Henrique Augusto Soares de, 114, 117, 132
 Melo, Ilka Lemos de, 118
 Melo, Honório Pereira de, 116
 Melo, Henrique Castrioto de Figueiredo e, 62
 Melo, Indayá Souza, 121
 Melo, Brigadeiro Inácio Luiz Madeira de, 77
 Melo, Izaura Soares de, 117
 Melo, Manoel José Luiz, 113
 Melo, Jacinto Manoel de Souza e, 34, 86, 114
 Melo, Jacy Soares de Soares de, 118
 Melo, Jurema de Souza, 122
 Melo, Francisco Soares de Souza e, 133
 Melo, João de Souza, 116, 121
 Melo, Joaquina de Barros, 117
 Melo, Jofre de Souza, 121
 Melo, José Maria de, 133
 Melo, Filho, José Maria de, 88
 Melo, José Dias de, 20, 29
 Melo, José Soares de Souza e, 114
 Melo, Juraci Soares de, 114, 118
 Melo, Kilda de Barros Souza e, 117
 Melo, Laura Pereira de, 116, 121
 Melo, Léa de, 122, 124
 Melo, Ligia Corrêa de, 122
 Melo, Luiza Soares de, 118
 Melo, Manoel Luiz de Souza, 114
 Melo, Comendador Manoel Luiz de Souza e, 74, 113

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Melo Filho, Manoel Luiz de Souza e, 112, 113
 Melo, Manoel José de, 89
 Melo, Manoel P. de, 20
 Melo, Margarida Pinheiro Machado, 118, 124
 Melo, Maria Angélica Soares de, 113
 Melo, Maria Coutinho de, 36
 Melo, Maria Madalena de Brito, 117
 Melo, Maria de Lourdes, 117
 Melo, Maria Soares de, 113
 Melo, Maria Soares de Souza, 113, 114
 Melo, Mário Soares de Souza e, 117
 Melo, Moacir Soares de Souza e, 118
 Melo, Nancy Soares de, 118
 Melo, Neide Pereira, 122
 Melo, Nydia de, 124
 Melo, Odilia Soares de, 117
 Melo, Olimpio Corrêa de, 122
 Melo, Olivia Soares de, 117
 Melo, Otilia Soares de, 117
 Melo, Rafaela de Souza e, 118, 124
 Melo, Regina Pereira de, 118, 124
 Melo, Sidney Soares de Souza e, 118
 Melo, Silvio Soares de Souza e, 127
 Melo, Ulisses Soares de Souza e, 117
 Melo, Venâncio José de, 29, 92
 Melo, Venicius Corrêa de, 122, 124
 Melo, Yalú de Souza, 124
 Melo, Wilson Pereira, 122
 Melo, Zara de Barros Souza e, 117
 Melo, Zarinha Soares de, 123
 Melo, Zelia Soares de, 117
 Melo, Zeny Soares de, 118
 Melo, Zilda Soares de, 117
 Mendes, Alfredo de Souza, 116, 121
 Mendes, Amaury de Souza, 121
 Mendes, Antonio dos Santos, 135
 Mendes, Celeste Soares de Souza, 121
 Mendes, Geraldo de Souza, 121
 Mendes, Ivan de Souza, 121
 Mendes, Pe. José Bernardo, 29
 Mendes, José de Souza, 121
 Mendes, Lucia de Souza, 121
 Mendes, Manoel José, 97
 Mendes, Manoel Antonio da Silva, 134
 Mendes, Murilio de Souza, 121
 Mendonça, Ana Casemira Furtado de, 38

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Mendonça João Getulio Monteiro de, 96
 Mendonça, Manoel Antonio Ferreira, 92, 94
 Menezes, Alzira Rosa de Melo, 117
 Menezes, Alzira Soares de Melo, 117
 Menezes, Comendador Antonio Teles Barreto de, 26, 58
 Menezes, Artur de Sá e (Capitão General), 40
 Menezes, Comendador Felipe Neri Cabral de, 117
 Menezes, Francisco Teles Barreto, 26
 Menezes, José da Silva, 90
 Menezes, Manoel Dias de, 94
 Menezes, Manoel Teles Barreto de, 26
 Menezes, Pedro Teles Barreto de, 49, 59, 99
 Menezes, Pedro Antonio Teles Barreto de, 26, 96
 Mentzingen, Guilherme de, 47
 Mesquita, Francisco José de (Conde de Bonfim) 12
 55, 92, 94
 Mesquita, Jerônimo José de (1.º Barão de Mesquita)
 16, 55, 57
 Mesquita, (2.º Barão) 16, 55
 Mesquitela, José Cardoso, 83, 84
 Messias, Antonio José, 97
 Mineiro, Francisco da Costa, 93
 Miranda, Custódio José Pinto de, 88
 Miranda, Francisco Fernando Carmelo Pinto de, 38 88
 Miranda, José Narciso de, 94
 Miranda, Manoel Pinto de, 89, 93
 Miranda, Manoel Rodrigues de, 81
 Mis, Francisco, 47, 58
 Monte, Antonio Gomes de, 47
 Monteiro, Antonio José, 95
 Monteiro, Bento Augusto Gomes, 90
 Monteiro, Oliverio Pereira, 22, 49, 76
 Monteiro, Paulo Pereira, 69
 Monteiro, Umbelino Borges, 33, 81
 Monteiro, Tomás Ferreira, 47
 Moraes, Ana Maria Pedrosa de, 69
 Moraes, Antonio de Oliveira, 52
 Moraes, Antonio Pires de, 87, 89
 Moraes, Honório Pimenta de Sampaio, 22, 95
 Moraes, Pedro Antonio de, 82
 Moraes, Althayr Pimenta de, 127
 Moraes, Francisco de Castro (Governador), 4, 18, 39
 Moraes, Gregório de Castro, 5, 38
 Moraes, Manoel de, 128
 Moraes, Matias de Castro, 38
 Moraes, Ten. Manoel Pimenta de, 89

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Mores, Renato, 124
 Morão, Amélia Alcoba Soares, 120
 Morão, Amélia Soares, 120
 Morão, Ewaldir Soares, 120
 Morão, Francisco, 120
 Morão, Sônia Soares, 120
 Morão, Walter Soares, 120
 Moreira, Dirce de Oliveira, 120
 Moreira, Ecy de Oliveira, 120
 Moreira, Edyr de Oliveira, 120
 Moreira, Duridice de Oliveira, 120
 Moreira, Henrique, 115, 120
 Moreira, Iêda de Oliveira, 120
 Moreira, Irdis de Oliveira, 120
 Moreira, João Manoel Marques de Oliveira, 82
 Moreira, José, 93
 Moreira Manoel Joaquim, 84
 Moreira, Manoel de Oliveira, 120
 Moreira, Mario, 120
 Moreira, Tomé Alves de Couto, 37
 Moreira, Tomé Alvares de Couto, 36, 46
 Moreira, Odilia de Oliveira, 120
 Moreira, Otto de Oliveira, 120
 Moret, Horácio da Gama, 19
 Morim, José Joaquim de Oliveira, 89
 Mota, Abilio, 105
 Mota, Geraldo Luiz da, 52
 Mota, José Soares, 113
 Mota, José Pinto, 97
 Moura, Adelaide de, 22
 Moraes, Amaro Manoel, 112
 Moura, Antonio Dias de, 82
 Moura, Antonio M. Alves de, 20
 Moura, Tenente Antonio Marinho de, 47
 Moura, Major Braz de Souza Dias de, 93
 Moura, Francisca de Paula Adelaide de, 75, 82
 Moura, Francisco Xavier de, 20, 92, 93
 Moura, Baibosa de, 101, 105, 106
 Moura Neto, Joaquim Mariano de, 94
 Moura, Inácio Cândido de, 93
 Moura, Isaias José de, 85
 Moura, Tenente Manoel Álvares de, 20
 Moura, Maria Angélica de Souza, 93
 Moura, Miguel de Souza, 20, 93
 Moura Páscoa Maria de Oliveira, 86
 Moura, Rufino José de, 91

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Moraes, Renato 121
Moura, Getúlio Barbosa de, 101, 105, 106
Mourão, Francisco 116
Mourão, João Ferreira, 83
Musch. Pe. João, 2, 29, 34
Muniz, Vicente Ferreira, 91

N

Nascimento, Faustino José de, 97
Nascimento, Joaquim Pereira de, 81
Nascimento, Maria Isabel, 109
Nascimento, Modesto Ezequiel, 82
Nascentes, Antenor, 63
Nascentes, Capitão Francisco de Veras, 47
Negreiros, Sebastião de Arruda, 53, 59, 65, 69,
101, 102, 105
Neiva, Soares, 57
Nery, Florindo José, 90
Neto, Joaquim José, 118
Neves, Antonio Ferreira, 30, 141
Niemeyer, Conrado Jacob, 11
Niemeyer Neto, Conrado Jacob, 11, 103, 144
Noronha, Ayres Saldanha Coutinho Matos de, 40
Noronha, João de, 128
Noronha, João José de, 33, 141
Nunes, Tenente Albinio da Costa, 88
Nunes, Antonio da Costa, 89
Nunes, Inácio da Costa, 88
Nunes Sobrinho, João da Costa, 20, 89
Nunes, José da Costa, 88
Nunes, Luiz Antonio do Silva, 109,

O

Oliveira, Alda Melo de, 122
Oliveira, Alvares Soares de, 115
Oliveira, Antonio Inácio de, 69
Oliveira, Antonio Pereira de, 81
Oliveira, Agenor Soares de, 115
Oliveira, Antonio Ribeiro de, 82
Oliveira, Frei Bernardino de, 58
Oliveira, Domingos José de 93
Oliveira, Euridice Soares, 115
Oliveira, Eulina Soares de 115
Oliveira, Francisco Torres de, 113, 115
Oliveira, Hercília Soares, 115
Oliveira, Herondina Soares de, 115
Oliveira, Herondina Tôres de, 118

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

O

Oliveira, Isabel Corrêa de 69
Oliveira, João Corrêa de, 69
Oliveira, João Manoel Marques de, 80, 141, 143
Oliveira Filho, João Manoel Marques de, 52
Oliveira, Joaquim Francisco de, 82
Oliveira, Joaquim José de, 20, 47, 52, 112
Oliveira, José Francisco de, 80
Oliveira, José Joaquim de, 93
Oliveira, José de Souza, 88, 89
Oliveira, Manoel Gomes de, 132, 134
Oliveira, Manoel Luiz de, 47
Oliveira, Manoel Teodoro de, 91
Oliveira, Maria do Cardal Ramalho de, 37
Oliveira, Maria Luiza de, 69
Oliveira, Odilia Soares, 115
Oliveira, Otacilio Soares de, 115
Oliveira, Rômulo Melo de, 122
Oliveira, Sebastiana Corrêa de, 69
Oliveira, Vicente Carvalho de, 96
Oliveira, Zilda Soares de, 115
Oliveira, Zilda Torres, 120
Otoni, Cristiano Benedito, 19

P

Paes, Garcia Rodrigues, 69
Paiva, Beatriz Soares de, 118
Paiva, Joaquim Meir de, 118
Paiva, Ivete Soares de, 118
Paiva, Wilson Soares de, 118
Palmeiras, Antonio Felix Cabral de Melo, 96
Palmeiras, Barão, 16
Pamplona, Maria Inácia da Silva, 88
Paranhos, José Maria da Silva, 4
Paris, Tenente Augusto Monteiro, 49, 76, 98, 126
Paris, Maria Rita Monteiro, 22
Paris, Ten. Paula Francisco, 22
Paula, João Francisco de, 96
Peixoto, Ricardo de Souza, 97
Pedro I, 15, 16, 41, 77
Pedro II, 12, 17, 19, 21, 33, 38, 41, 55, 73
Pedro V, 74, 98, 108, 111, 126
Patrocínio, José, 59
Peçanha, Nilo, 57
Pena, Antonio Benício Alves, 87, 89
Penedo, Padre Domingos Lourenço da Cruz, 22, 87
Pereira, Albertina Alves, 117, 122

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

P

Pereira, Alceu Soares, 117
 Pereira, Altair Soares, 117
 Pereira, Américo Alves, 122
 Pereira, Antonio Soares, 116
 Pereira, Antonio Dionísio Alves, 87
 Pereira, Ari Koermes Soares, 117
 Pereira, Celina Pimenta, 122
 Pereira, Carlos, 125
 Pereira, Corina da Costa, 117
 Pereira, Corina Soares, 122
 Pereira, Domingos Fernandes, 36
 Pereira, Edésio da Costa, 122
 Pereira, Edésio Soares, 117, 122
 Pereira, Edir Pimenta, 122
 Pereira, Felício, 91
 Pereira, Felisberto, 91
 Pereira, Fortunato José, 87
 Pereira, Ten. Frederico de Castro, 113
 Pereira, Frederico Alves, 122
 Pereira, Frederico de Castro, 117
 Pereira, Georgina da Costa, 122
 Pereira, Georgina Honorina Soares, 117
 Pereira, Helio Pimenta, 122
 Pereira, Heliodoro de Lima, 85
 Pereira, Herminia Soares, 116
 Pereira, Humberto Soares, 116
 Pereira, Índia Soares, 117
 Pereira, Iracema Soares, 117
 Pereira, Joana, 113
 Pereira, João Alvares, 43, 57
 Pereira, João da, 20
 Pereira, Joaquim José, 95
 Pereira, José Soares, 113
 Pereira, José Justino, 52
 Pereira, José Rafael de Souza, 52, 87, 88
 Pereira, José Tomaz da Cruz, 22, 94
 Pereira, Coronel Justino João, 88
 Pereira, Léa Alves, 122
 Pereira, Lêda Alves, 122
 Pereira Junior, Lourenço José, 83
 Pereira, Manoel Joaquim, 90
 Pereira, Manoel José, 97, 134, 135, 136
 Pereira, Manoel Soares, 116
 Pereira, Margarida Pimenta, 116, 122
 Pereira, Maria Madalena Soares, 116
 Pereira, Mario Pimenta, 122

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

P

Pereira, Mario Soares, 116, 122
 Pereira, Manfredo Soares, 117, 122
 Pereira, Noemia Soares, 116
 Pereira, Otaviano Soares, 116
 Pereira, Ruth da Costa, 122
 Pereira, Sebastião Soares, 116
 Pereira, Ten. Tomaz de Castro, 113, 116
 Pereira, Tereza da Graça Madeira, 127
 Pereira, Zaira da Costa, 122
 Pereira, Junior, Ten. José Timóteo, 20
 Pessoa, Manoel Alvares dos Santos, 83, 84
 Pestana, Francisco Rang-l, 74, 103, 104, 144
 Pestana, João Jacinto, 80, 81, 82, 144
 Petit, Thonars Abel du, 15
 Pilar, Barão de Veja Sayão, Mota, 16
 Pimenta, Antonio Dias Teixeira, 20, 95
 Pimenta, Francisco Joaquim, 93
 Pimenta, Inácio de Souza, 59, 134
 Pimentel, Manoel Inácio, 97
 Pinoti, Mario, 62
 Pinto, Capitão Aires, 47
 Pinto, Francisco Carlos da Silva, 98
 Pinto, João de Andrade, 80
 Pinto, José C. da Silva, 20, 52
 Pinto, Joaquim Alves, 69
 Pinto, Capitão José Carlos da Silva, 87, 89
 Pinto, José Vasques Guedes, 94
 Pinto, Manoel Joaquim, 90
 Pinto, Rodrigues José Guedes, 133
 Pires, Antonio Cardoso, 83
 Pires, José Ferreira, 97
 Piriquito, Joaquim de Santana Ramos de, 93
 Rizarro, Monsenhor, 43
 Pombal, Marquês de, 42
 Portela, Francisco, 12, 62
 Porto Sobrinho, José Rodrigues, 49, 59, 78, 83, 99
 Porto, Pe. Manoel da Silva, 29
 Porto Sobrinho, José Pereira Rodrigues, 25
 Portugal, Antonia Joaquina de Ataíde, 37, 38
 Portugal, João Teixeira da Fonseca, 90
 Prestes, Luiz Carlos, 26
 Proença, Inácio dos Reis Soares de, 97
 Proença João Antonio, 90
 Proença, João Soares de, 96

Q

Quadros, Francisco José da Silva, 137, 138

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

Q

Quintanilha, Antonio Ferreira, 43
 Quintela, Jacinto Mascarenhas Neves, 90

R

Rafael, Antonio, 80
 Raia, 34
 Ramalho, Teodora Higina Arnalt do Rivo, 38, 41
 Ramos, Domingos Francisco, 30, 141
 Ramos, Inácio Pereira, 86
 Ramos, Manoel Francisco, 86
 Ramos, Manoel Pereira, 36, 40, 44, 46, 91
 Rangel, José Frutuoso, 80, 81, 82
 Real, Leocádio Pamplona Côrte 134
 Real Jerônimo Côrte, 120
 Rego, Severino Francisco de, 80
 Reis, Frei Baltazar dos, 58
 Reis, Manoel, 57, 76, 100, 105, 128
 Reis, Plácido dos, 58
 Rabelo, Jacinto Soares, 112
 Ribeiro, Antonio, 20, 88
 Ribeiro, Augusto Francisco Alves, 83
 Ribeiro, Claudina Custódia, 22
 Ribeiro, Eduardo da Costa, 96
 Ribeiro, Francisca Matilde Pinto, 41
 Ribeiro, João Antonio da Costa, 33
 Ribeiro, João Barbosa, 25
 Ribeiro, José das Chagas, 80, 92
 Ribeiro, José Joaquim, 93
 Ribeiro, Sabino José, 89
 Ribeiro Junior, Alferes Antonio, 52
 Risso Neto, Carlos, 68
 Rocha, José Soares, 113
 Rocha, Julia Soares, 115
 Rocha, Luiz da, 134
 Rocha, Manoel José Coelho da, 59
 Rocha, Monteiro da, 42
 Rocha, Ana de Jesus, 109
 Rocha, Quirino de Souza Barbosa da, 90
 Rocha, Tomás Luiz da, 135
 Rocha, Vicente Quirino da, 113, 115
 Rodrigues, Alfredo Soares, 115, 119
 Rodrigues, Assis Costa, 115, 119
 Rodrigues, Custódio Joaquim, 85
 Rodrigues, Fidelis, 94
 Rodrigues, Francisco da Costa, 83, 86
 Rodrigues, Manoel dos Santos, 69
 Rodrigues, Maria Amália de Paula, 22

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

R

Rodrigues, Maria Soares (T 21), 119
 Rodrigues, Nicolau José, 87
 Rodrigues, Veríssimo José, 90
 Rosa, Anacleto da Silva de Andrade, 93
 Rosa, Antonio da Rocha, 47
 Rosa, Antonio dos Santos de Andrade, 93
 Rugendas, João Mauricio, 60

S

Sá, Antonio de, 86
 Sá, Candido José de, 138
 Sá, Francisco Manoel da Costa e, 22, 95
 Sá, Isabel Corrêa de, 4
 Sá, José Ferreira, 97
 Sá, José Francisco de Oliveira, 92, 93, 94
 Sá, Tenente-General Martins Corrêa, 4, 5, 49, 144
 Sá, Mariano Barbosa, 87
 Sá, Mem de, 18, 39 58
 Sá, Salvador Corrêa de, 4
 Sá, Tomé Corrêa de, 43
 Sayão, Francisco da Costa Paula Barros, 20
 Saint - Adolphe, J. O. R. Milliet de, 32, 48, 49
 Saint - Hillaire, Augusto de, 15
 Salles, Manoel Ferraz de Campos, 126
 Sampaio, Bento Pinto Ribeiro Pereira da, 29
 Sá, Frei Francisco de Santa Tereza de Jesus, 77, 144
 Sampaio, Manoel Pimenta, 141, 143
 Sampaio, Maria Isabel Pimenta de, 32
 Sampaio, Sebastião Cardoso, 9
 Sansonne, Pe. Vicente Maria, 29
 Santana, Francisco Rui Soares, 124
 Santana, Ladislau, 121, 124
 Santana, Roberto Soares, 124
 Santana, Maria de Lourdes Soares, 124
 Santis, Pe. Pêulo A. de, 29
 Santo, Ana Maria do Espirito, 69
 Santo, Manoel Fernandes do Espirito, 136
 Santos, Alexandre da Silva, 86
 Santos, Antonio Rodrigues dos, 90
 Santos, Antonio da Silva, 83
 Santos, Reverendo Antonio Teixeira dos, 29
 Santos, Bento Ferreira dos 86
 Santos, Cândido José dos, 80
 Santos, Desidério da Silva, 85
 Santos, Hermenegildo dos, 105
 Santos, Francisco Moreira dos, 97
 Santos, João Gomes Marcos dos, 96

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME (Continuação)

Santos, João Antonio dos, 20, 95, 96
 Santos, Joaquim José dos, 82
 Santos, José M. dos, 20
 Santos, José Manoel Caetano dos, 81
 Santos, Manoel « Mis » dos, 47, 59
 Santos, Manoel Gomes dos, 93
 Santos, Marquesa dos, 16
 Santos, Serafim Cerino dos, 93
 São Bento, Frei Leandro de, 58
 Sarapuhi, Condessa de, 16, 96
 Sardinha, Domingos Nunes, 43, 58, 59
 Sayão, Francisco de Paula Amancio, 88 90, 92
 Sayão, Tenente - Coronel Francisco Paula Barros, 47, 99
 Sayão, Miguel Anastácio C. B. 20, 47
 Sayão, Mota (Barão de Pilar), 60
 Schiavo, Ary, 102
 Seabra, Pedro Dias, 84
 Silva, Pe. Alfredo Barbosa da, 29
 Silva, Antonio Ferreira de, 95
 Silva, Antonio José Caetano da, 80
 Silva, Antonio Rafael da, 88
 Silva, Antonio Soares da, 93
 Silva, Arnaldo Monteiro da, 83
 Silva, Barbara da, 36
 Silva, Candido José da, 138
 Silva, Carlos José da, 85
 Silva, Diogenio José da, 85
 Silva, Domingos Francisco Rodrigues da, 97
 Silva, Domingos Pereira da, 36
 Silva, Francisco José da, 57
 Silva, Francisco José de Matos, 90
 Silva, Francisco de Paula, 20, 86
 Silva, Garcia Mascarenha dos Santos, 22
 Silva, João Caetano de Almeida e, 88
 Silva, João Ferreira da, 95
 Silva, João José Pereira da, 84
 Silva, João Francisco da, 89
 Silva, João Gomes da, 36
 Silva, João Manoel Pereira da, 11, 103, 108, 111 127, 144
 Silva, João Maria da Lapa e, 89
 Silva, João Pedro Alexandrino e, 88
 Silva, João Vicente da, 96
 Silva, Joaquim Cardoso da, 86
 Silva, Joaquim Coutinho de, 82
 Silva, Joaquim Rorrigues, 89
 Silva, José Bonifácio de Andrade e, 41, 77
 Silva, Joaquim Pereira da, 29,
 Silva, Jose Caetano de Almeida e, 22

ÍNDICE ONOMÁSTICO DO 1.º VOLUME

Silva, José Carvalho Ribeiro da, 90
 Silva, José Ferreira da, 51, 84
 Silva, Josino do Nascimento, 126
 Silva, José Ribeiro da, 90
 Silva, José Soares da 93
 Silva, Laureano José da, 20, 89
 Silva, Laureano Pinto da, 82, 89
 Silva, Alferes Laurindo José da, 37, 89
 Silva, Luiz Alves de Lima e, 16, 23, 103, 144
 Silva, Manoel Dias, 97
 Silva, Miguel Joaquim Pereira da, 134
 Silva, Manoel Augusto da, 101
 Silva, Manoel Bento da, 133
 Silva, Maria Francisca, 36
 Silva, Maria Luiza de Santana e, 86
 Silva, Maria Virginia da, 49
 Silva, Capitão Miguel José da, 20, 89
 Silva, Miquelina Rosa da, 22
 Silva, Coronel Nicolau Rodrigues da, 105, 106
 Silva, Possidênio dos Santos, 96
 Silva, Teófilo José Ribeiro da, 89
 Silva, Virginia Maria da, 22
 Silva, Vitorino José da, 90
 Silveira, Antonio da Cunha Gil da, 90
 Silveira, Antonio Pacheco Canto da, 94, 95
 Silveira, Bartolomeu da, 91
 Silveira, Felício Antonio da, 20
 Silveira, Joaquim José da, 85
 Silveira, José Pires da, 20, 134, 135, 136
 Silveira, Maria Luiza do Espirito Santo Pires da, 96
 silveira Manoel Pires da, 20, 95
 silveira, Pedro Pires da, 20, 96
 silveira, Ricardo Xavier da, 101
 silveira, Major silvano Antonio da, 95, 133, 135
 simões, Manoel da Costa, 117, 123
 siqueira, José Manoel da, 85
 siqueira, Luiz Cabral da, 91
 soares, (Descendentes de Francisco José soares, da
 pagina 113, à pagina 126)
 soares, Coronel Alfredo Cesar (N 1), 99, 100, 113
 soares, Antonio da Costa, 132
 soares, Comendador Antonio José, 47, 112, 113
 soares, Ernesto França 25. 47. 62. 68. 100. 113. 115
 soares, Alferes Bernardo José, 20. 52. 87. 88. 89
 soares, Francisco José, 25. 29. 30. 31. 32. 33. 47. 50
 64. 74. 80. 92. 98. 112. 113. 118. 141. 143
 soares Neto, Maj. Francisco José, 25. 29. 113. 114. 118
 Soares, João Antonio, 28. 47. 93

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME

A

Aclamação, Estação da, 19
Actura, 67, 101
Alentejo, 60, 69
Alvo, aguadouro, 110
Anchieta, 65, 66, 101
Andradas, rua dos, 4
Aniceto, aguadouro, 110
Antonio, ferrador, rancho de, 11
Antonio Vaz Viçoso, rua, 4
Arcozelo, 56, 64
Augusta, aguadouro, 110
Automovel Club, Estrada, 66
Austin, 50, 66, 101
Avelar, 64

B

Bacurubú, serra, 72, 110
Bahia, 18, 103
Bangu, 65
Barão de Javary, 56
Barbacena, 61
Barbosa (I), fazenda de, 47, 59
Barbosa, (II), fazenda, 47
Barrelão, aguadouro, 110
Bastos, ribeirão dos, 11
Belém, 51
Belford Roxo, 39, 49, 54, 65, 66, 110, 126
Benfica, fazenda, 47
Bernardino de Melo, rua, 34
Boa Esperança, fazenda, 47
Bomfim do Riachão - Veja Comendador Soares
Botafogo, 7
Brasília, 110
Brejo, fazenda de, 47
Brejo, Veja Belford Roxo

C

Cabuçu, 61, 101
Cabuçu, Engenho de, 36, 46
Cabral, fazenda de, 47
Cachoeira (I), fazenda da, 12
Cachoeira, (II), fazenda da, 47
Cachoeira, 48
Cachoeira, rio, 101
Cachoeira de Baixo, ribeirão, 11
Cachoeira Grande, ribeirão, 11

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

C

Carioca, largo da, 4
Carril Melharamentos de Iguaçu, 57
Castelo, morro de, 4, 5
Catumby, Cemitério de, 16
Campo de Santana, quartel de, 18
Campo Grande, 65, 142, 143
Cambary, fazenda de, 47
Calhamaço, Veja Belford Roxo
Cachoeira, rio, 65
Cava, Veja José Bulhões
Chatuba, 55
China, 74
Cobras, Ilha das, 18
Coelho da Rocha, 66
Coimbra, Universidade de, 36, 37, 40, 41, 44
Coito, serra de, 142
Colégio Militar de Portugal, 37, 40
Comendador Soares, 16, 28, 47, 50, 66, 99, 101, 125
Comércio, Estrada de, 12, 56, 61, 69
Conceição, (I), fazenda, 47
Conceição, (II), fazenda, 47
Conceição, (III), fazenda, 47
Conceição, morro da, 4
Coqueiros, 66
Corcovado, morro de, 14
Covanca, fazenda da, 47, 59
Cluny, abadia de, 10

D

Desterro, caminho de, 5
Desterro, morro de, 5
Direita, rua, 4, 5
D'ouro, rio 110
Duque de Caxias, município de, 23, 26, 58, 59, 67, 101

E

Eden, 70
Engenheiro Neiva, Veja Nilópolis
Espanha, 60
Espírito Santo, Estado de, 8
Estados Unidos da América, 14
Estrada de Ferro Rio D'Ouro, 66, 76
Estrada de Ferro D. Pedro II, 49, 50, 52, 55, 56, 62
Estrêla, Vila, de, 53, 60, 104, 105
Estrêla, Porto da, 12, 14, 23, 56, 60, 138
Evaristo da Veiga, rua, 5

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação.)

F

Faial, ilha de, 36
Favela, morro da, 57
Fazenda, aguadouro, 110
Feijão, estrada de, 135
Feijão de Iguaçu, porto, Veja Vila de Iguaçu
Filadelfia, cidade, 14
Fogo, Chacara do, 4
França, 72

G

Galega, aldeia, 60, 107
Galinhas, ribeirão das, 11
Gama, engenho de, 36
Geral, serra, 11
Gericinó, fazenda de, 47, 59
Goiana, Vila, 8
Goiás, 60, 76, 129
Greta, ribeirão das, 11
Guanabara, Baía de, 10, 11, 39, 56
Guanabara, Estado, 72, 110
Guandú, rio, 31, 46, 110, 142
Guandú, Engenho de, 40, 46
Guandú - sapê, rio, Veja Lages, ribeirão das
Guandú - de Sena, rio, Veja Santana, rio
Guaratiba, 141
Guerra, aguadouro, 110
Guimbú, Estrada de, 55, 101

H

Heliópolis, 51, 99
Honório, aguadouro, 110

I

Iguaçu, Engenho. Veja São Bento de Iguaçu, fazenda
Iguaçu, freguesia, 20, 43, 53, 134, 135, 136, 137, 138
139, 141, 142, 143
Iguaçu, município de, 19, 30, 31, 32, 33, 40, 41, 44
45, 46, 47, 55, 65, 66, 67, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82
83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96
97, 141, 142, 143
Iguaçu, Vila de, 6, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 22, 23
24, 27, 31, 32, 33, 43, 45, 51, 53, 56, 61, 62, 69, 71
72, 73, 74, 75, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 98, 99, 103
111, 139, 141, 142, 143

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação.)

I

Iguaçu, rio, 6, 10, 14, 48, 58, 61, 72
Imbariê, 23
India, 74
Inglaterra, 73
Inhomirim, freguesia de, 23, 32, 43, 53, 69, 134, 135
136, 137, 138, 142, 143
Inhomirim, rio, 58
Irajá, 41
Itaguaí, rio
Itaguaí, Vila de, 31, 142
Itália, 73
Itaúna, engenho de, 36, 40, 46
Itinga, Veja Eden
J. Pinto, aguadouro, 110

J

Jacutinga, 29, 48, 54, 72, 78, 98
Jacutinga, fazenda de, 55
Jacutinga, freguesia de, 53, 91, 92, 93, 94, 95, 134
135, 126, 137, 138
Japão, 74
Japeaçaba, Veja Comendador Soares (Morro Agudo)
Japeaçaba, fazenda de, 16, 47
José Bulhões, 51, 66, 110

K

K 11, 34, 125

L

Lages, ribeirão das, 31, 110
Lemos, fazenda de, 47
Lessa, 36
Limeira, aguadouro, 110
Lisboa, 41, 44, 60
Livramento, fazenda de, 47
Livramento, 48
Londres, 14

M

Macacú, 25
Macucu, aguadouro, 110
Madureira (I), fazenda de, 47
Madureira (II), fazenda de, 47, 74
Magé, município de, 10, 14, 23, 53, 67, 98, 101, 142, 143
Madureira - Cabuçu, estrada, 65
Mantiquira, 110
Mar, serra de, 12

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

M

Maracanã, 109
 Maranhão, capitania de, 40
 Marapicu, 8, 20, 31, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 46,
 49, 51, 65, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 134, 135, 136, 137
 138, 142, 143
 Marechal Floriano Peixoto, rua, 34, 50
 Mata Cavalos, caminho de, 5
 Mutambó, Veja Mesquita
 Mato Grosso, 129
 Maxambomba, (Veja também Nova Iguaçu) 3, 3,
 19, 29, 45, 48, 49, 50, 54, 62, 63, 71, 76, 98, 99, 101, 125, 129
 Maxambomba, fazenda de, 43, 47, 48, 49
 Meio, aguadouro, 110
 Mesquita, 3, 50, 55, 65, 102
 Miguel Pereira, 64
 Minas Gerais, 18, 39, 55, 60, 61, 64, 129
 Minas Novas, 60
 Monte Arará, fazenda de, 47
 Monte Belo, fazenda de, 47
 Moreira, Vila de, 36
 Morro Agudo Austin, estrada, 50
 Morro Agudo, Veja Comendador Soares
 Morro Agudo, fazenda de, 47, 50, 74
 Morro Agudo-Queimados, estrada, 50
 Morro da Moenda, 66, 99
 Munich, 77

N

Narvila, convento, 37
 Nilópolis, 55, 56, 57, 59, 65, 67, 76, 101
 Niterói, 53
 Nossa Senhora da Ajuda, fazenda da, 47, 59
 Nossa Senhora da Candelária do Rio de Janeiro,
 freguesia, 37
 Nossa Senhora da Conceição, capela, 43
 Nossa Senhora da Conceição da Cachoeira, capela, 43
 Nossa Senhora da Conceição do Pantanal capela, 43
 Nossa Senhora da Conceição de Sarapu, 43
 Nossa Senhora do Desterro da Pavuna, fazenda de,
 47, 59
 Nossa Senhora da Estrêla, igreja, 58
 Nossa Senhora do Livramento, capela, de 43
 Nossa Senhora da Madre de Deus, capela, 43
 Nossa Senhora das Neves, capela, 43
 Nossa Senhora do Pilar, igreja, 43
 Nossa Senhora do Rosário, capela, 43, 58

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

N

Nova Iguaçu-Anchieta, estrada, 65
 Nova Iguaçu (Veja também Maxambomba) 2, 19, 27,
 34, 35, 49, 50, 57, 62, 65, 66, 67, 78, 104
 Nova Iguaçu, município, 22, 23, 25, 28, 46, 53, 68, 76
 Nova de São Pedro, ribeiro, 47

O

Orgãos, serra dos, 14, 15, 60
 Otum, rio, 11

P

Paço, largo de 26
 Paiol, rio, 51
 Palácio, rua do, 4
 Palmeiras, fazenda de, 16
 Palmeiras, ribeirão das, 11
 Pantanal, 48
 Passa Vinte, 99, 101
 Passos, 129
 Paraiba, 103
 Paraiba, rio, 11
 Paraiba do Sul, freguesia 40
 Paraíso, aguadouro, 110
 Paraguai, 30, 72, 98, 99
 Paris, 6, 60, 73, 74
 Paraná, 103, 104
 Paty de Alferes, 51, 56, 64, 69
 Paty de Alferes, freguesia, 23, 40, 69
 Pau Grande, 43
 Paués, engenho de, 40, 46
 Pantaneais do Rio Guandú, engenho dos, 46
 Paraíso, Veja Eden
 Pavuna, arraial, 59
 Pavuna, freguesia, 16
 Pavuna, casal, 11, 17
 Pedras Brancas, ribeirão das, 11
 Pedregulho, reservatório de, 110
 Pernambuco, 37
 Perpétua, aguadouro, 110
 Pérsia, 74
 Petrópolis, 98, 101
 Petrópolis, museu de, 21
 Piedade porto da, 14
 Piedade de Iguaçu, Veja Iguaçu, freguesia de,
 Pilar de Iguaçu, freguesia de, 16, 31, 43, 48, 49, 53,
 58, 61, 67, 69, 134, 135, 136, 137, 138, 142, 143

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

P

Pilar, porto de, 12, 56, 58, 61, 69
 Pilar, rio, 61
 Piranga (I), fazenda 47
 Piranga (II), fazenda, 47
 Pinditiba, engenho do, 36
 Plínio Casado, estrada, 65, 101
 Ponta, aguadouro, 110
 Porto, 36, 40
 Porto, engenho de, 47
 Portugal, 22, 40, 41, 44, 45, 58, 73, 74, 107
 Posse, estrada da, 101
 Posse, fazenda da, 43, 47
 Posse, (II), fazenda da, 47
 Posse, ribeirão da, 11
 Prainha, 4
 Presidente Dutra, rodovia, 62
 Presidente Vargas, avenida, 4
 Preto, rio, 64
 1º de março, rua, 4, 5
 Provedor, fazenda do, 72

Q

Queimados, 19, 50, 51, 56, 98
 Quilombo, ribeirão de, 11
 15 de novembro, praça, 26

R

Rangel Pestana, rua, 101
 Resende, 126
 Retiro, 76
 Riachão, estrada de, 28, 50
 Riachuelo, rua do, 5
 Ribeiro, aguadouro, 110
 Rio Branco, território de, 10
 Rio Grande do Sul, 26
 Rio de Janeiro, 4. 6. 7. 8. 9. 14. 15. 18. 31. 36. 37.
 39. 40. 41. 42. 44. 48. 54. 73. 107. 109
 126 129
 Rio de Janeiro, estado, 16, 106
 Rio de Janeiro, província, 12, 13, 14, 32, 33, 45 55,
 107, 108
 Rio, Petrópolis, estrada, 66
 Roça de Alferes, 63
 Rodeio - Paty, estrada, 56
 Rodeio, 56, 142
 Rosa, fazenda do, 47
 Rosaly, Vila, 66
 Rosário, igreja do, 4
 Rússia, 74

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

S

Sabino, aguadouro, 110
 Sacra família, freguesia, 40, 56
 Santa Branca, Bonfim, estrada, 67, 101
 Santa Branca, freguesia, 40, 56,
 Santa Branca, fazenda, 47
 Santa Cruz, 65, 129
 Santa Helena, fazenda, 47
 Santa Rita, 66, 101
 Santa Rita de Cassia, capela 43, 58
 Santa Tereza, morro de, 5
 Santana, rio, 11, 43
 Santana, serra de, 11, 142
 Santana das Palmeiras, 11, 49, 56, 64
 Santana do Pirai, 142
 Santiago, forte, 8
 Santo Antonio, aguadouro, 110
 Santo Antonio, Campo de, 4
 Santo Antonio, capela de, 43
 Santo Antonio de Jacutinga, igreja, 2, 29
 Santo Antonio de Jacutinga, freguesia, Veja Jacu-
 tinga, freguesia de
 Santo Antonio do Mato, fazenda, 47
 Santos, 7
 São Bento, 18
 São Bento, estrada de, 66, 101
 São Bento, morro de, 4
 São Bento, mosteiro de, 18, 58
 São Bento, rio, 142
 São Bento de Iguaçu, fazenda, 18, 39, 58
 São Bernardino, fazenda, 55
 São Conrado, capela de, 11
 São Diogo, engenho de, 8
 São Domingo, igreja, 4
 São Joaquim, fazenda, 47
 São João de Merety, freguesia de, 12, 16, 20, 26, 31,
 43, 47, 48, 49, 58, 59, 69, 95, 96, 97, 99, 101, 130, 132,
 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138.
 São João do Príncipe, 142
 São José, fazenda, 40
 São Mateus, Veja Nilópolis
 São Mateus, (I), fazenda de, 12
 São Mateus, (II), fazenda de, 47, 49
 São Mateus, estrada, de 57
 São Paulo, 7, 8, 37, 74, 144
 São Pedro e São Paulo da Paraíba, freguesia, 61
 São Pedro, rio, 11, 110
 São Pedro, rua 4
 São Sebastião, forte de, 5, 9

ÍNDICE DAS LOCALIDADES DO 1.º VOLUME (Continuação)

S

São Sebastião do Paraíso, 129
 São Vicente, capitania de, 36
 Saracuruna, rio, 43
 Sarapuí, 48
 Saude, morro da, 57
 Saveiros, porto dos, 48
 Sé, freguesia da, 4
 Sepetiba, baía de, 46
 Soldado Nery, aguadouro, 110

T

Taboleiro, fazenda de, 72
 Taipu, ribeiro, 47
 Thibau, fazenda, 47
 Tinguá, fazenda de, 47
 Tinguá, serra de, 11, 56, 110
 Tipuera, fazenda da, 47
 Tomás Fonseca, rua, 50
 Tomazinho, 66, 76
 Trairaponga, Veja São João de Merety
 Tres Corações, 66
 Turquia, 74

U

Ubá, 11
 Uruguaiana, rua, 4

V

Vala, fosso da, 4
 Valença, 56
 Vassouras, 11, 64
 Vassouras, município de, 53, 56, 98, 142, 143
 Velha, serra, 72, 110
 Verde, vila, 45
 Viana, 61
 Vicente de Carvalho, 129
 Viuva, serra da, 11
 Volta Redonda, 142

X

Xerem, 101
 Xerem, rio, 110

W

Werneck, estrada de 11
 Werneck, serra, 142

Y

Ypiranga, estrada, Veja Piranga



